

Património e Tradições da freguesia de Ginetes e lugar da Várzea – Ilha de São Miguel

Dissertação de Mestrado

José Manuel Rodrigues Frias

Mestrado em

**Património, Museologia e
Desenvolvimento**



Património e Tradições da freguesia de Ginetes e lugar da Várzea – Ilha de São Miguel

Dissertação de Mestrado

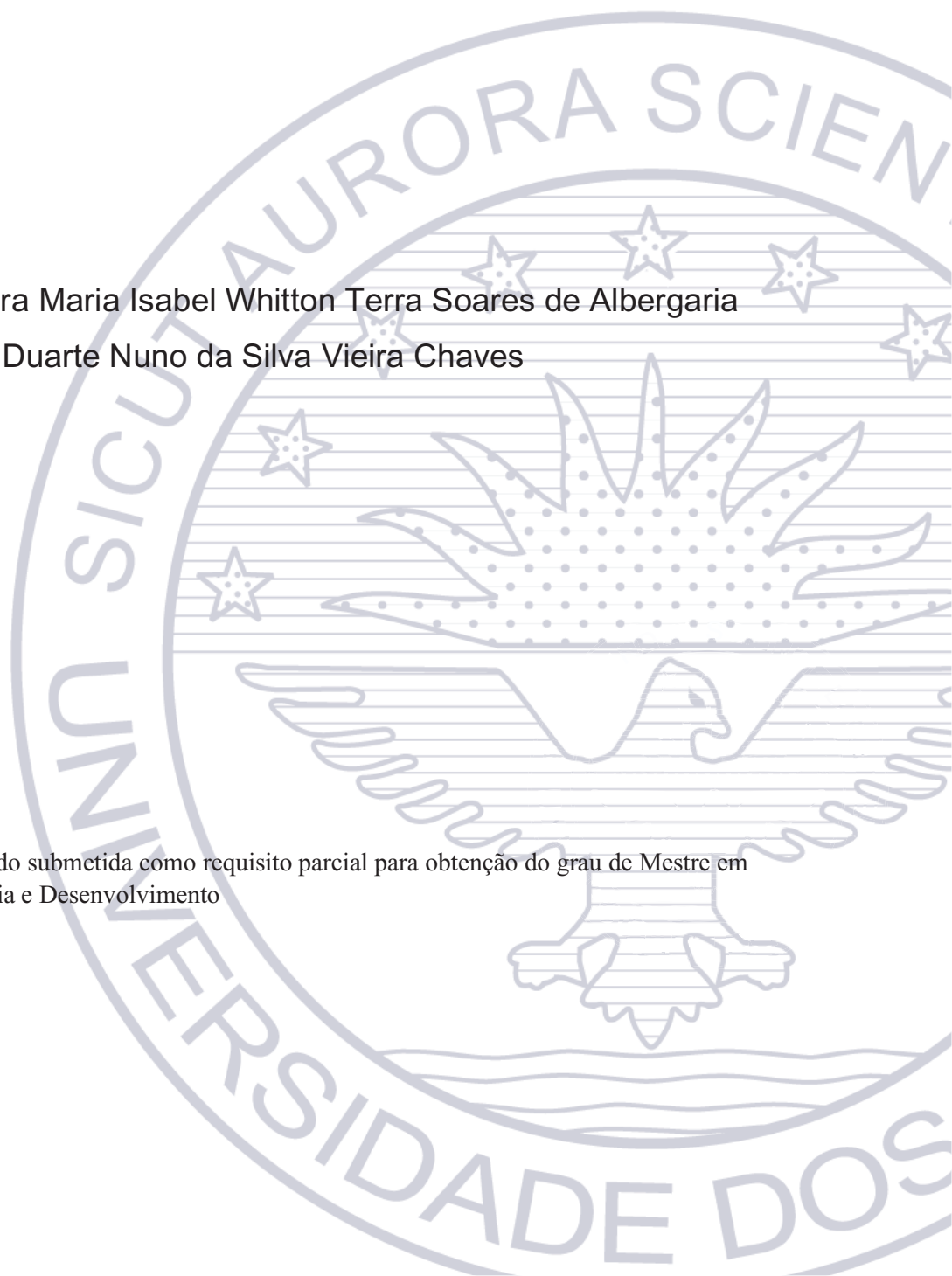
José Manuel Rodrigues Frias

Orientadores

Professora Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria

Professor Doutor Duarte Nuno da Silva Vieira Chaves

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento



AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai para os meus orientadores, a Doutora Isabel Albergaria e para o Doutor Duarte Chaves, pois sem a sua orientação, ajuda e paciência seria impossível chegar a este resultado final.

Este trabalho não seria possível sem a ajuda da Junta de Freguesia de Ginetes, a Comissão Fabriqueira da Paróquia de São Sebastião e a Banda Filarmónica Minerva que concederam livre acesso aos seus arquivos para que se pudesse proceder à pesquisa da sua documentação. Estendo o meu agradecimento ao rancho de Romeiros de Jesus Maria José, à Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, à Biblioteca Arquivo e Museu da Universidade dos Açores, à Biblioteca Luís Silva Ribeiro, à Diocese de Angra do Heroísmo, ao Arquivo Municipal da Câmara de Ponta Delgada, à Secretaria Regional dos Transportes e Obras Públicas, à Secretaria Regional do Património Cultural e demais coletividades que ajudaram a trilhar o caminho nesta investigação.

O meu grande obrigado aos senhores Leopoldo Pavão, Adelino Trindade, José Rui, José Almeida, António Costa, Ricardo Diógenes, Luís Cordeiro e Carlos Jorge e à senhora Maria Pavão pela prestabilidade e paciência para partilharem e registarem o seu conhecimento das tradições que lhes são familiares.

Agradeço, também, a colaboração do Padre Marco Tavares pela permissão de fotografar a diversa imaginária da Igreja de Jesus Maria José.

Aos meus amigos que, sem o seu apoio, fariam com que a jornada fosse mais dura e difícil.

E por fim, aos meus pais, porque sem eles não conseguiria ter chegado tão longe.

RESUMO

Desde o início do povoamento da ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores, que a comunidade do lugar da Várzea, inicialmente, e da freguesia dos Ginetes, num momento posterior, originaram duas comunidades distintas e unidas, com cinco séculos de história e de evolução do seu património. Neste sentido, as tipologias de edifícios presentes nestas comunidades, com diferentes origens e utilidades, o extenso Património Móvel, no âmbito da imaginária, o qual está pouco estudado e inventariado, e um interessante leque de tradições, diferentes entre as populações, tornam indispensável a existência de um estudo que reflita o surgimento individual de cada objeto de estudo, e a sua evolução na linha do tempo que acompanha as mudanças na sociedade. Como prossecução de uma intensa investigação académica, esta Dissertação de Mestrado procura estudar e perpetuar a existência deste Património, através de um estudo monográfico exaustivo de documentação de vária índole, bem como o registo de produção de formato audiovisual, de diversos testemunhos por parte da comunidade local e, por fim, a sua divulgação às novas gerações e à comunidade de uma forma local.

ABSTRACT

Since the beginning of the settlement of the island of São Miguel, in the Azores Archipelago, the community of the place of Várzea, initially, and the parish of Ginetes, at a later moment, have been originated two distinct and united communities, with five centuries of history and evolution of their heritage. From this perspective, the types of buildings in these communities, with different origins and usefulness, the extensive Movable Heritage, within the scope of the imaginary, which is understudied and inventoried, and an interesting range of traditions, different among the populations, require the existence of a study that reflects the individual onset of each object of study, and its evolution throughout the timeline that follows the social changes. As a result of an intense academic research, this Master's Thesis aims to perpetuate the existence of the aforementioned Heritage, through an exhaustive monographic study of different kinds of documentation, as well as the audiovisual production from various testimonies given by the local community and, finally, its promotion to the newest generations and the community, in a local way.

Palavras-Chave: Ginetes; Várzea; Património Imóvel; Património Imaterial, Património Móvel, Inventário

Keywords: Ginetes; Várzea; Immovable Heritage; Intangible Heritage; Movable Heritage; Inventory

INDICE

INDICE	5
INTRODUÇÃO	7
Contexto e objetivos	7
Estrutura	8
Metodologia	9
Estado da arte	12
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	15
1.1 A origem e evolução toponímica de Ginetes e Várzea até ao século XXI	15
1.1.1 A demografia até ao século XXI	17
1.2 A economia.....	19
1.2.1 Trigo.....	19
1.2.2 Milho	20
1.2.3 Criação de gado e indústria dos lacticínios	20
1.3 Os Ginetes e a Várzea no século XXI.....	22
2. PATRIMÓNIO IMÓVEL	24
2.1 A igreja de São Sebastião.....	24
2.1.1 A primitiva ermida.....	24
2.1.2 A atual Paróquia de São Sebastião.....	25
2.1.2.1 As obras na Igreja de São Sebastião	26
2.1.2.2 A história da organização da Paróquia.....	32
2.1.2.3 Descrição arquitetónica.....	33
2.2 A Ermida de Nossa Senhora de Fátima.....	36
2.2.1 A origem.....	36
2.2.2 Descrição arquitetónica.....	37
2.3 Igreja de Jesus Maria José	39
2.3.1 A origem e a sua história.....	39
2.3.2 Organização da Igreja de Jesus Maria José	40
2.3.3 Descrição arquitetónica.....	41
2.4 Teatros do Espírito Santo	42
2.5 O Farol da Ferraria.....	44
2.5.1 A história do Farol da Ferraria	44
2.5.2 Descrição arquitetónica.....	46
2.6 O Património das Águas.....	49
2.6.1 Os fontanários.....	49
2.6.2 A Fonte do Sapateiro: o conjunto mais antigo de Ginetes	51
2.6.2.1 A lenda da Fonte do Sapateiro	52
2.7 A Moagem.....	53
2.7.1 Síntese da origem dos moinhos de vento	53
2.7.1.1 Caracterização dos moinhos de vento em São Miguel	54
2.7.2 A moagem elétrica nos Ginetes	57
2.7.3 A relação do povo com os Moinhos	59
3. PATRIMÓNIO MÓVEL.....	62
3.1 A Imaginária religiosa da freguesia de Ginetes.....	62
3.1.1 Descrição dos retábulos	65
3.2 A Imaginária religiosa do lugar da Várzea	68
3.3 Caracterização geral da imaginária.....	69
4. PATRIMÓNIO IMATERIAL	73
4.1 Práticas sociais, rituais e eventos festivos.....	73

4.2 A Banda Filarmónica Minerva	73
4.2.1 A origem das bandas filarmónicas.....	73
4.2.2 História da Banda Filarmónica Minerva: 1905-2019	74
4.2.3. A Banda Filarmónica Minerva e o seu envolvimento social em 2020	87
4.2.4 A Festa da Banda	89
4.3 O culto ao Espírito Santo nos Ginetes	90
4.3.1 Império de Pentecostes.....	92
4.3.2 Império de São João.....	92
4.3.3 Império da Trindade.....	94
4.3.4 Império de São Pedro.....	95
4.3.5 Império de Pentecostes, na Várzea	95
4.3.6. Organização das festividades nos Ginetes	96
4.4 As festividades do Curado da Várzea	102
4.4.1 A festa de São Lázaro	102
4.4.2 A organização da festa de São Lázaro	103
4.5 O rancho de Romeiros da Várzea	105
4.5.1 Origem e caracterização das romarias quaresmais	105
4.5.2 História dos romeiros nos Ginetes e Várzea	110
4.5.3 A caminhada de 2020.....	111
4.5.4 Caracterização do rancho de 2020	113
4.5.5 A visão interna dos romeiros.....	115
CONCLUSÃO.....	118
FONTES E BIBLIOGRAFIA	123
Artigos da imprensa periódica.....	123
Arquivos.....	123
Webgrafia.....	125
Fontes audiovisuais.....	126
Fontes orais	126
Fontes Impressas	127
Bibliografia	128
INDICE DAS FIGURAS	135
APÊNDICES	139
1. Tabelas	139
2. Apêndice Fotográfico.....	147
3. Outros apêndices.....	152
4. INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL	179
5. INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO MÓVEL	234
6. INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMATERIAL	352
ANEXO FOTOGRÁFICO.....	365

INTRODUÇÃO

Contexto e objetivos

A presente dissertação de mestrado intitulada “Património e Tradições da freguesia de Ginetes e lugar da Várzea – Ilha de São Miguel” foi realizada no âmbito do Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores sob orientação científica dos Professores Doutores: Isabel Soares de Albergaria e Duarte Nuno Chaves.

A área de estudo do Património Cultural tem como função, entre outras, a busca do conhecimento e valorização da identidade cultural de uma determinada comunidade, bem como a preservação da memória dos seus antepassados. Para o efeito, elaboram-se artigos, inventários e monografias, que sustentem a memória e as alterações ocorridas, através do tempo. A importância destes estudos sustenta-se no “[...] interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade”¹.

Esta área de estudos divide-se em três grandes grupos: o Património Imóvel, que estuda monumentos, conjuntos e sítios de importância histórica e artística²; o Património Móvel focado em objetos de diversos tipos que possuam importância comunitária ou artística e possam ser movidos de um espaço para outro, por fim, o Património Imaterial que está associado ao conhecimento humano na elaboração de trabalhos tradicionais ou na realização de rituais associados a alguma festividade e que “[...] constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva [...]”³.

Numa breve e sucinta contextualização, a freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, pertencentes ao concelho de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, apresentam uma variedade interessante de infraestruturas, objetos e tradições que ligam gerações da sua comunidade ao longo dos séculos. A necessidade de estudar, registar e entender este património, também serve para que a comunidade presente e futura, compreenda a importância que uma igreja, imagem, moinho ou tradição têm no local onde vive.

¹ Cf. Lei 107/2001 de 8 de setembro: artigo 2, ponto 3

² *Idem*: artigo 15, ponto 1

³ *Idem*: artigo 2, ponto 4

Os objetivos primordiais da dissertação, apresentada em formato monográfico passam por aprofundar o conhecimento das diferentes temáticas suprarreferidas, do ponto de vista histórico e do ponto de vista do registo da sua organização social na atualidade. Ao nível científico, este trabalho pretende colmatar a falta de sistematização de fontes históricas e patrimoniais sobre os Ginetes e a Várzea, dando, entre outros, importância às “histórias de vida”, através de registos audiovisuais de testemunhos da memória biográfica dos locais. Esperamos que este trabalho monográfico permita colmatar a falta de informação primária manuscrita, criando assim, uma organização da informação histórica, referente a estas duas centenárias localidades micalenses, potenciando um melhor entendimento do passado e um registo para memória futura do presente.

Estrutura

Posto isto, a estrutura da dissertação está dividida em quatro grandes capítulos. O primeiro é relativo à contextualização da freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, aquando do seu aparecimento, à realidade da economia e ao seu desenvolvimento demográfico até ao século XXI. O capítulo pretende apresentar a realidade histórica desta pequena localidade, no contexto próprio, de uma ilha portuguesa no meio do Oceano Atlântico e o modo como a sua evolução tem reflexo nos objetos e memórias materiais e imateriais subsistentes.

O segundo aborda o Património Imóvel existente em quatro subcapítulos. O primeiro subcapítulo individualiza o edifício da Igreja de São Sebastião, abordando a sua origem e a descrição de algumas obras significativas, bem como, um registo arquitetónico sobre o seu atual estado. O segundo subcapítulo trata do edifício da Ermida de Nossa Senhora de Fátima, localizada nos Ginetes, com foco na sua história e registo do seu edifício. O terceiro trata o templo da Igreja de Jesus Maria José do lugar da Várzea com as mesmas temáticas históricas e arquitetónicas supracitadas. O quarto subcapítulo conta a existência do Farol da Ferraria e aborda, muito brevemente, o seu projeto de musealização e a sua arquitetura. Por fim, o quinto subcapítulo retrata a moagem, mais especificamente na freguesia de Ginetes, com o registo dos Moinhos de Vento e da Moagem Industrial Elétrica, procurando entender o surgimento destes elementos, e da evolução tecnológica, e registando, da melhor forma possível, o património imaterial associado.

O terceiro capítulo trata do Património Móvel existente nos três templos supracitados, com especial atenção na imaginária e retábulos, procurando pormenorizar a sua história, caracterizando a sua tipologia e o seu atual estado de conservação.

O quarto capítulo e último insere-se no campo das tradições e dos costumes, com maior ênfase na investigação antropológica e de contato mais direto com a comunidade, subdividindo-se em três subcapítulos: o primeiro consiste numa abordagem geral aos Impérios do Espírito Santo nos Ginetes e na Várzea. O segundo debruça-se sobre o grupo cultural da Banda Filarmónica Minerva, expondo, detalhadamente, a sua história a partir do ano de 1905, aprofundando o seu modo de organização e funcionamento durante o século XXI da Banda e da Festa da Banda. O terceiro caracteriza e diferencia a Festa de São Lázaro, no lugar da Várzea, em relação às demais festividades religiosas presentes nos dois locais. Por fim, o quarto subcapítulo escrutina a origem, a tradição, organização e presente momento do rancho de Romeiros da Várzea.

Metodologia

A metodologia usada na construção deste trabalho académico foi a do tipo mista, que compreende o uso de métodos qualitativos e quantitativos em simultâneo. A escolha pressupõe a necessidade do uso de dados numéricos, que permitam uma correta caracterização e interpretação do património em estudo, o qual, em conjunto com a leitura bibliográfica existente, de fontes primárias e secundárias, permitiu chegar a conclusões acerca do seu surgimento e evolução ao longo do tempo, permitindo averiguar e corrigir possíveis erros que possam ter sido realizados noutras obras.

Para a obtenção de informação sobre o Património Imaterial procedeu-se à recolha de testemunhos de indivíduos que estavam inseridos na referida tradição, ou possuíam conhecimento inequívoco sobre a temática, sem descurar a leitura de bibliografia geral, e usando, quando possível os métodos quantitativos para uma melhor interpretação do acontecimento testemunhado.

Cada um dos elementos referenciados tem fichas de inventário individuais, presentes nos anexos. A construção de cada ficha de inventário tem como critério o uso das normas nacionais e obras de registo de inventário. As fichas do Património Móvel e Imóvel apresentam-se divididas em cinco campos: identificação, caracterização, historial, conservação e inventário. Nas fichas referentes ao Património Imaterial desaparece o

campo da conservação e aparece o campo relativo à associação. Todos os subcampos utilizados são diferentes e serão abaixo mencionados e explicados detalhadamente.

Os subcampos do Património Imóvel foram considerados a partir do documento *KIT 01 - Património Arquitetónico - Geral* coordenado por João Viera e Manuel Lacerda. Os primeiros subcampos são relativos à designação oficial do imóvel, ao seu tipo, à sua localização, ao seu atual proprietário, à sua utilização inicial e à sua utilização atual. O segundo campo da caracterização tem como subcampos a descrição arquitetónica detalhada de cada edifício. O campo das fontes e historial contém o subcampo relativo à bibliografia, e fontes associadas, e um pequeno resumo histórico. O terceiro referente à conservação permite especificar o atual estado de conservação, a especificação de problemas, ou ausência de problemas, e a última data em que este foi visualizado. De seguida, o campo designado anexo fotográfico que contempla uma a duas fotografias de detalhes importantes. O último campo é o de Inventário e contém os subcampos relativo ao nome do responsável do registo, um campo de notas e a data de registo da ficha.

O Património Móvel foi feito com base nos campos presentes na obra *Normas de inventário- Escultura: Artes Plásticas e Artes Decorativas* escrito por Maria João Vilhena de Carvalho. Os subcampos do campo da identificação possuem a denominação da peça, a instituição a que pertencem, a identificação da categoria e subcategoria, a escolha de descritores para cada elemento, a apresentação do número de inventário caso exista, a sua localização atual dentro do espaço, a forma de incorporação e a época dessa integração. Na caracterização especifica-se a descrição do elemento, de marcas ou inscrições existentes, a época/período cronológico de que data a construção do elemento, o material da sua construção, a técnica utilizada, a dimensão do objeto, o autor ou fabricante e o local de fabrico. Os subcampos dos campos de fontes e bibliografia, conservação, anexo fotográfico e inventário são exatamente iguais ao descrito nas fichas de inventário do Património Imóvel.

O Património Imaterial regista as tradições comunitárias ativas, bem como todas as tradições extintas, que fazem parte da mesma memória cultural e biográfica. Preocupámo-nos em realizar um estudo de recolha, apoiado nos métodos e guião de inventário, disponibilizado pelo Decreto de Lei nº 139/2009 e Portaria nº 196/2010, adaptados à necessidade do estudo. A identificação contém os campos da denominação da tradição relativa dada pela comunidade, o subcampo do domínio e categoria da tradição é preenchido com base nas opções da legislação supracitada e a localização onde é

realizada. O segundo campo é relativo à contextualização da manifestação imaterial no âmbito social, territorial, do período temporal de produção, à data anual de realização da tradição e, por fim, temos a transmissão, que detalha a forma como é transmitida dentro da comunidade. O campo seguinte, referente ao estado, contém os subcampos da atividade, onde se regista se está, atualmente, ativa ou inativa. O segundo subcampo refere-se a períodos conhecidos de interrupção ou do término da sua atividade. O quarto campo é referente à caracterização. Aqui encontra-se o subcampo da caracterização detalhada, no qual são descritos, o modo de organização, os eventos e restantes especificidades da tradição. O quinto campo é relativo à associação. Este é preenchido pelos subcampos referentes às ligações do Património Imaterial ao Património Imóvel e Móvel existentes, às sociedades abrangidas e, aos indivíduos ou instituições envolvidas, na sua organização. O sexto campo é o historial que contempla o resumo histórico e as fontes e bibliografia anexas. O próximo campo apresenta as ameaças enfrentadas atualmente pelas tradições ou os motivos que levaram à extinção da tradição. O oitavo campo da divulgação retrata as práticas comuns para a sua divulgação e acesso fora da comunidade. O penúltimo campo é o Anexo Audiovisual, do qual dois subcampos relativos a vídeos realizados sobre a tradição registada e, sobre o registo fotográfico. O décimo campo, denominado Inventário, contém o nome do coletor, observações e a data de registo.

No que concerne à escolha dos imóveis, peças ou tradições constantes nesta dissertação foram colocados como critérios: a história individual, o seu estado atual e, mais importante, a ligação à comunidade local. As questões de partida, para cada um deles, foram: como surgiram, que alterações foram realizadas durante o tempo, como se encontram na atualidade e, quando possível, por que se estruturaram ou organizaram da forma atualmente disposta.

As hipóteses de pesquisa que permitiram levar o estudo avante partem dos registos documentais acerca de Património Móvel e Imóvel, que se encontram nos Arquivos Paroquiais das Igreja estudadas, da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e da consulta de diversos órgãos governativos ou eclesiásticos que permitiram a consulta do material de que dispunham, fazendo com que surgisse informação original, que nunca tivesse sido tratada, e mencionada, anteriormente. Para além disso, ambas as localidades possuem indivíduos com grande conhecimento das manifestações imateriais escolhidas, tendo assumido, papéis preponderantes, quer na organização destas, durante

o século XX, quer fazendo parte delas, ainda, nos tempos presentes. Nalguns casos, estas pessoas estão em idades avançadas, o que torna oportuno e urgente, aproveitar a evolução tecnológica, para o registo audiovisual do seu conhecimento.

Este trabalho foi feito em contexto da pandemia COVID-19, o que alterou o planeamento inicial. O cancelamento de diversas manifestações culturais tradicionais impossibilitou o seu registo *in loco*, pelo que, em relação às manifestações tradicionais afetadas, o que foi feito foi uma descrição das mesmas, considerando a conceção do ritual, na memória popular. Posto isto, houve mudanças necessárias no cronograma pelo atraso na pesquisa bibliográfica, numa maior dificuldade de proceder aos registos de testemunhos e na dificuldade na ajuda das instituições supra referenciadas.

Relativamente às restantes dificuldades sentidas, preferimos mencioná-las, ao longo do estudo, em cada um dos elementos estudados, para uma melhor separação e compreensão das adaptações e problemas enfrentados.

Estado da arte

Na concretização da dissertação foi necessário, numa primeira fase, saber que obras foram escritas, por outros autores, acerca desta comunidade açoriana. A primeira grande obra está publicada na *Revista Michaelense*, através de um artigo intitulado: “Monographia dos Ginetes” do Pároco António Lopes da Luz, em 1909, assume especial importância por abordar dados de fontes primárias que desapareceram, ilustrar dados demográficos e históricos da comunidade e do património material. Este autor desenvolveu diversos outros artigos sobre as freguesias da costa sudoeste da ilha de São Miguel. No caso particular do artigo sobre os Ginetes, ele é de especial importância, uma vez que aborda dados de fontes primárias que desapareceram e ilustra dados demográficos e históricos da comunidade e do património material.

A segunda obra sobre esta localidade intitula-se: *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes* de Padre António Leite, de 2001, que utiliza alguma informação sobre a obra suprarreferida e adiciona informações de ocorrências e tradições que possuem maior importância no início do século XXI. Dá a possibilidade de entender e contextualizar diferentes acontecimentos, tais como o surgimento da Ermida de Nossa Senhora de Fátima e uma descrição sobre os Impérios do Espírito Santo, fazendo com que seja possível, enquanto fonte secundária, contextualizar lapsos históricos que carecem de documentação primária.

Devo ressaltar que há uma terceira publicação relativa à localidade de Ginetes, escrita por Nélia Câmara, patrocinada pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, que resulta num pequeno guia que possui, apenas, algumas informações úteis sobre as temáticas escolhidas como, por exemplo, para o Farol.

Existe, também, um livro que retrata, sumariamente, o património presente no lugar da Várzea, em consonância com a freguesia das Sete Cidades, intitulada “No 1º centenário da criação das escolas Várzea/Sete Cidades”, realizada pela Direção Escolar de Ponta Delgada e escrita por Rubens de Almeida Pavão, em 1987.

Em relação aos diferentes objetos de estudo escolhidos nesta dissertação, específico alguns dados utilizados, de forma mais concisa, para que se entenda a complexidade e a especificidade, que ocorreu a nível de trabalho de pesquisa, para a recolha de informação fidedigna, quer documental quer oral, para a confirmação de dados ou para trazer dados inovadores acerca dos diversos elementos aqui retratados.

Começo pelos três grandes edificadros religiosos, especificando a documentação, que me foi mais útil. Em termos documentais, a Igreja de São Sebastião é o edifício que mais conteúdo possui devido ao cruzamento de informação das duas primeiras obras referenciadas, e à utilização da informação documental encontrada no seu Arquivo, que descrevem grandes obras arquitetónicas, durante os séculos XX e XXI, não retratadas no livro de António Leite. Ao nível da arquitetura, foi encontrada diversa documentação, relativa a algumas obras, dos séculos XX e XXI, que permitiram uma descrição detalhada de algumas obras recentes que trouxeram as atuais características. Da informação documental relativa à Arte Sacra particularizo o “Livro da Fábrica de 1671 a 1828”, e a “Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Adicionaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” arquivados na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, que possuem diversos inventários, feitos de tempos em tempos, que permitem perceber a origem do culto de algumas imagens, tal como delimitar o período temporal da incorporação de imagens que não são mencionadas.

A Igreja de Jesus Maria José e a Ermida de Nossa Senhora de Fátima contêm pouquíssima informação primária disponível para consulta, sendo que parte da informação conseguida foi através das bibliografias gerais supracitadas

Em relação aos Moinhos de Vento desta localidade, a maior dificuldade é a inexistência de uma fonte oral credível, que tenha trabalhado, ou que se recorde com clareza do

período em que estes edifícios estavam em funcionamento, podendo recorrer apenas às memórias populares residuais. Devido a essa complicação, foi realizado uma investigação geral que permitisse enquadrar a origem dos Moinhos de Vento no mundo, em Portugal e nos Açores, das quais evidencio as obras *Moinhos de Vento dos Açores: Novo papel na sociedade contemporânea* de Luís Bettencourt, *Moinhos de vento: Açores e Porto Santo: notas de etnografia insular* de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Eanes e o estudo *Ofícios Antigos Subsistentes nas Ilhas dos Açores – Ilha de São Miguel* que é um projeto de recolha de testemunhos, efetuado nos anos 80, que contém uma recolha a um antigo dono e moleiro de moinhos de vento da freguesia de Ginetes. Auxiliado por estas obras, tentei entender que tipo de moinhos foram edificadas e como funcionavam. Relativamente à Moagem Elétrica, a investigação incidiu mais no testemunho dos donos originais da moagem dos Ginetes, de modo a obter uma explicação, em primeira mão, da origem e do funcionamento desta forma de moer, sendo que não foram encontradas obras de referência para este tipo de moagem específico.

O Farol da Ferraria, devido ao seu caráter militar, dificultou a obtenção de documentos para uma melhor descrição histórica do edifício. O artigo “O brio ao serviço do Património: os 108 anos do farol da Ferraria” de Sérgio Rezendes para o *Correio dos Açores*, a consulta de obras gerais sobre Faróis e um artigo na Revista da Armada sobre este Farol foram importantes para efetuar o seu registo histórico.

A tradição do Espírito Santo contém uma bibliografia mais generalizada, sem ser muito específica em relação à freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, pelo que o seu estudo se centrou na gravação de testemunhos, registo fotográfico e trabalho de campo para uma melhor obtenção de informação. Os Romeiros da Várzea têm uma base documental similar, porém o contexto histórico teve auxílio da obra *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. A Festa de São Lázaro da Várzea possui uma pequena síntese no livro supracitado de Direção Escolar e o *website* da localidade administrado por Luís Cordeiro, antigo membro da Comissão Fabriqueira da Igreja da Várzea, um dos organizadores do evento em 2020, que realizou um testemunho escrito para fins informativos para esta tese. Em relação à Banda Filarmónica Minerva, o estado da arte é mais rico com fontes encontradas no arquivo salvaguardado na Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores, e os Livros de Atas da Direção e da Assembleia, arquivados na sede desta instituição, sendo que foram realizados a recolha de testemunhos para ter uma perceção do momento atual e de como é organizada a festa anual da instituição.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 A origem e evolução toponímica de Ginetes e Várzea até ao século XXI

A Língua é um dos elementos essenciais do Património Cultural, por ser a forma como comunicamos, escrevemos e damos significado aos locais, objetos e eventos. Posto isso, iniciar o estudo sobre uma comunidade e o seu diverso Património deve iniciar-se pelo entendimento da sua toponímia e as mudanças ocorridas até à atualidade e compreender a sua ligação à comunidade residente.

O início do povoamento da ilha de São Miguel deu-se entre 1431 e 1432, com o lançamento do gado para o arroteamento dos terrenos, por ordem de Gonçalo Velho Cabral. A população colonizadora chegaria à ilha, a partir de 1440, através da ação de D. Pedro. Durante este período, o segundo diploma assinado por D. Beatriz, em 1474, a população na ilha de São Miguel era pouca para a sua dimensão geográfica⁴.

Para resolver o assunto, D. Beatriz atuou para que Rui Gonçalves da Câmara, filho segundo do Capitão do Funchal, comprasse a capitania de São Miguel a João Soares de Albergaria, tomando medidas imediatas para trazer mais população. Essas decisões tiveram sucesso, após a sua morte, que ocorre em 1497. Um dos sucessos das medidas foi a elevação de Ponta Delgada à categoria de vila, no ano de 1499⁵.

Uma das primeiras menções ao território pertencente aos Ginetes ocorre nas crónicas de Gaspar Frutuoso, que dá conta da existência deste local como recém-surgido com o nome de Lugar de São Sebastião. Posto isto, sabemos que a tutela deste território ficou sob a alçada da recém-vila de Ponta Delgada, em data aproximada a 1507, e teria nesta fase inicial cerca de 78 casas e 324 almas de confissão⁶. Por seu turno, a forma como a Várzea é mencionada denota de que a sua existência era anterior ao Lugar de São Sebastião, e nesta fase inicial de maior importância política. Porém, Gaspar Frutuoso insere-a na denominada freguesia de São Sebastião que era composta pelas duas localidades. Na leitura do Livro das *Saudades da Terra* não há menção a qualquer construção do âmbito religioso durante este período inicial.

O nome de Ginetes encontra-se inicialmente relacionado com o seu pico que se ergue sobranceiro à localidade e, passo a citar: “[...]chamado assim, ou por ele ter uma selada

⁴ Cf. *História dos Açores*, 2008, Vol. I: p. 71

⁵ *Ibidem*

⁶ Cf. Frutuoso, 2011: p. 181

no meio, como sela e diante por ser levantado como arcão de sela e detrás outro; e por ser assim selado no meio como genete, se chama pico dos Genetes, mais que (como outros dizem) por nele se criarem genetes.”⁷ Se Gaspar Frutuoso apresenta duas teorias para aquele que viria a ser o futuro nome da freguesia, a “*Monographia dos Ginetes*”, escrita pelo Padre António Lopes da Luz apresenta, no início do século XX, uma outra teoria, revestida de lenda, acerca desde pico. Esta lenda que conta que teria sido vendido a troco de um cavalo e de um barrete vermelho e que, por isso, teria sido concedido esse nome.⁸

A importância das duas localidades, ironicamente, parece ter sido invertida ao longo dos tempos. As cartas cartográficas de P. Duval d’ Abeville, provavelmente a meio do século XVII, e de Johannis Van Kulen, em data posterior a 1640, são as primeiras a dar conta da área geográfica de ambas as localidades com a denominação de *La Barzia* ou *La Bursia*, conforme a língua nativa do mapa. A situação repete-se ao longo dos mapas⁹ analisados, datados entre os séculos XVII e XVIII, que dão primazia ao nome da Várzea em detrimento dos Ginetes, sendo que apenas um deles somente da ilha de São Miguel.

Apenas os mapas referentes à ilha de São Miguel, durante o século XIX, já referenciam, separadamente, as localidades. A Várzea passa a ser descrita como lugar da Várzea, porém a nomenclatura de Ginetes aparece associada ao seu pico e, mesmo que seja referenciada separadamente deste, apenas por uma vez é ilustrado como nome da freguesia. A nível documental, de acordo com o Livro da Fábrica da igreja, de 1671 a 1828, a freguesia de Ginetes denominava-se freguesia de São Sebastião do Pico dos Ginetes na sua capa e primeiro documento, enquanto que o Livro de Atas da Junta da Paróquia, datado de 1908 a 1909, guardado na Junta de Freguesia de Ginetes, possui no primeiro fólio, de 2 de setembro de 1909, a denominação de Freguesia de São Sebastião de Ginetes.

Em suma, a Várzea manteve o seu nome, desde o seu aparecimento no século XVI, até aos dias de hoje, possuindo apenas uma alteração na cartografia referenciada ao nome do seu templo, e era o topónimo mais utilizado para identificar toda aquela área geográfica. Em relação à freguesia de Ginetes, a nomenclatura associada ao seu orago, ou ao pico, apenas desapareceu durante o século XX, passando a ser unicamente denominada como Ginetes.

⁷ Cf. Frutuoso, 2011: pp. 180-181

⁸ Cf. Luz, 1918: p. 45

⁹ Cf. Tabela 9, presente nos apêndices

1.1.1 A demografia até ao século XXI

Como mencionado acima, a localidade de Ginetes tinha inicialmente pouco mais de 300 almas de confissão. A recolha dos restantes dados, até início do século XX, encontra-se na monografia do Pe. António Lopes da Luz, que os recolheu de outras fontes e elaborou a estatística referenciada na tabela abaixo acerca da população residente nesta zona da ilha, que abarcava as populações de Ginetes, da Várzea e das Sete Cidades, quando esta foi anexada administrativamente ao antigo Lugar de São Sebastião.

Ano	Número de almas	Fonte
1580-1590	324	Gaspar Frutuoso: Livro IV Saudades da Terra
1695	840	Agostinho Mont'Alverne. Chronicas: p.32
1723	957	Archivo dos Açores. Vol I, p.312
1831	2206	Dicionário de Geografia Universal. TOMO II: p.450
1878	2206	Dicionário Popular
1880	1980	Dicionário Popular. Vol.VI: p.81

Fonte: Monographia dos Ginetes

O crescimento parece ter sido considerável até ao século XIX. Os dados apontam que esta zona foi crescendo gradativamente, como comprova a passagem de 324 almas de confissão, no começo do século XVI, para 840 pessoas no final do século XVII. No período entre 1695 e 1723, a população cresceu um pouco mais que a adição de 117 indivíduos.

Anos	Almas
1791 a 1800	1108
1801 a 1810	1250
1811 a 1820	1425
1821 a 1830	1425
1831 a 1840	1394
1841 a 1850	1746
1851 a 1860	1773
1861 a 1870	1443
1871 a 1880	1900
1881 a 1890	2294

Fonte: Monographia dos Ginetes

Porém, existiam algumas dúvidas do Pároco António Lopes da Luz, nomeadamente o valor apontado em 1878. Essas dúvidas eram resultado do seu trabalho de investigação,

que culminou numa tabela com dados das famílias, dos nascimentos, das habitações, da população total e dos óbitos das localidades de Ginetes, Lomba, Várzea e Sete Cidades. Segundo os dados por ele indicados acerca da população, o crescimento foi gradual durante grande parte do século XIX. Nos últimos 20 anos do século XIX, a demografia sofreu um aumento significativo e passou a rondar as 2000 mil pessoas. De notar que no cruzamento das duas tabelas, com dados integrados na mesma obra, os dados de 1831, presentes na primeira tabela, parecem tão exagerados, quanto os de 1878, fazendo com que os dados catalogados pelo Padre António Lopes da Luz pareçam ser mais credíveis, por acompanharem os valores do início do século XX.

Podemos considerar que o trabalho agrícola nestes terrenos devia ser considerável e rentável, sobretudo no século XIX, que não só traria, provavelmente, indivíduos de outras zonas da ilha, como faria com que as famílias se dispusessem a ter mais filhos, para que estes ajudassem no trabalho do campo.

Tabela 3 - População Residente nos Ginetes	
Anos	Residentes (Total)
1900	2375
1911	2165
1920	2126
1930	2224
1940	2479
1950	2497
1960	2766
1970	2435
1981	1331
1991	1288
2001	1267
2011	1378

Fonte: Recenseamento Geral da População

Durante a análise dos números relativos à demografia, referentes aos séculos XX e XXI, com base nos Recenseamentos Gerais da População, efetuados pelo Estado Português, entende-se que o elevado número de habitantes se deve à inclusão da população das Sete Cidades nos dados até ao ano de 1970. Posto isso, averigua-se que as Sete Cidades

possuíam por volta de 1000 habitantes e que, ao retirarmos este valor, a freguesia de Ginetes e lugar da Várzea andaria por volta dos 1100 a 1400 habitantes. Aliás, durante o período de 1981 a 2011, ou seja, 40 anos, a média populacional situava-se nos 1316 habitantes.

1.2 A economia

A freguesia de Ginetes e lugar da Várzea caracterizavam-se por ter grandes pastos à volta dos picos, na zona próxima ao mar e junto as moradias. A falta de documentação relativa aos primeiros séculos de povoamento açoriano não nos permite saber, com exatidão, a quantidade de produto cultivado em cada localidade. Porém, é fácil conceber que sendo uma região de terra fértil e, predominantemente, agrícola se tenha seguido as tendências de maior relevo na área da ilha de São Miguel.

1.2.1 Trigo

As primeiras grandes culturas nestas terras foram, seguramente, o pastel¹⁰ e o trigo. O cereal prevaleceu, devido à importância como fonte de alimento do povo, e os excedentes que permitiam a exportação para o Continente Português. Essa era a realidade de toda a ilha de São Miguel, nas suas primeiras décadas de povoamento. A produção do trigo beneficiou da queda do pastel, que lhe permitiu ter mais campos, onde fosse cultivado, apesar da sua intermitência, ao longo dos séculos, em ter boas colheitas. A sua importância era tal que, nos anos 80 do século XVIII, uma crise de produção levou centenas de famílias açorianas a emigrar.¹¹

Nestas terras de Ginetes, segundo o Mapa Geral da Produção de Grão que contemplava dados de toda a ilha de São Miguel, no ano de 1789, a produção de trigo foi de 7485 alqueires¹² e colocava a localidade como a 11º das 42 freguesias. Porém, nesse período, já compartilhava as terras com uma outra cultura muito mais predominante na época: o milho.

A queda do trigo como cultura primária ocorreu no século XIX, devido ao olhar da agricultura açoriana para novas culturas, às más práticas agrícolas e ao clima adverso. Em particular, a freguesia de Ginetes parece ter sido um local onde a quebra da cultura acabou

¹⁰ Cf. Frutuoso, 2011: p. 180

¹¹ Cf. *História dos Açores*, 2008, Vol. I: pp. 281-282

¹² Cf. Machado, 1994: p. 150

mais tarde, como comprova a doação de trigo à Paróquia no Livro de Receitas dos anos de 1958 a 1975 e a memória popular do cultivo de alguns pastos com o cereal.

1.2.2 Milho

O milho veio em sequência como o cereal de cultura de subsistência no arquipélago dos Açores¹³, em Oitocentos. Favorecido pela humidade da ilha de São Miguel pelo seu clima de chuvas repartidas, ao longo do ano, que o tornaram mais barato e propício ao cultivo. Economicamente favoreceu-se da crise do trigo, na década de 1780, o que levou ao aumento da sua produção. Utilizando os dados ilustrados no Mapa Geral da Produção do Grão, anteriormente citado, averiguamos que a produção de milho era de 30074 alqueires nos Ginetes, em 1789, sendo a oitava maior produção na ilha, o que a tornou a cultura do milho, a principal fonte económica da freguesia no século XVIII.¹⁴

A quebra do milho viria, essencialmente, da concorrência do milho americano em Portugal Continental e na ilha da Madeira, no ano de 1912. Na década de 30, novos Decretos-Lei viriam dificultar cada vez mais a exportação do milho e acabariam por estrangular a sua cultura, ao longo do século XX, até à sua inexistência para a exportação. Atualmente, o milho cultivado nas terras açorianas, e em particular na Várzea e nos Ginetes, é para fins de alimentação do gado.

1.2.3 Criação de gado e indústria dos lacticínios

A criação de gado bovino, suíno, ovino, caprino, equino, muar e asinino é uma prática, que advém desde os tempos iniciais do povoamento, sendo numa primeira fase para a subsistência dos povos. O seu tardio aparecimento como recurso para a exportação deveu-se à utilização das terras para pastoreio serem, simultaneamente, usadas para o cultivo das culturas, ao extremo parcelamento, à dispersão das terras, à falta de capitais baratos e à falta de crédito agrícola, que fizeram com que se desenvolvesse como negócio de exportação, apenas no século XX.

Esse desenvolvimento adveio da importação de gado bovino, nomeadamente, 14 diferentes raças para procriação, para carne e para extração do leite que começou a ser explorado com o aparecimento de pequenas indústrias para lacticínios.¹⁵ Veio, portanto, substituir a laranja, que não teve grande importância nos Ginetes e Várzea, como se denota na falta de quintas muradas onde este fruto fosse produzido. O desenvolvimento

¹³ Cf. *História dos Açores*, 2008, vol I: p. 280

¹⁴ Cf. Machado, 1994: p. 150

¹⁵ Cf. *História dos Açores*, 2008, vol II: p. 46

económico foi notório, considerando que a ilha de São Miguel foi na primeira metade do século XX, um dos locais com maior densidade pecuária a nível nacional.¹⁶

Por sua vez, a utilização do leite iniciou-se mais seriamente durante os anos 30, sendo que a década seguinte assistiu a alguns melhoramentos tecnológicos e reprodutores. As fábricas de leite acabariam por modernizar-se por completo após a 2ª Guerra Mundial o que ajudaria a vincar a monocultura da vaca assente na ilha de São Miguel. Tal facto fez com que se arroteassem imensos terrenos abandonados para pastagens, que vieram resolver problemas como a compra de ração e influenciou a venda da carne, que apenas podia ser vendida no verão.¹⁷ Os Ginetes e a Várzea apresentam-se como dito acima, como localidades com grandes extensões de pastos, sendo com certeza uma das principais fontes económicas durante o século XX, ainda mais com a fase descendente do milho. Infelizmente, não foi possível encontrar quaisquer dados quantitativos que ajudem a entender a dimensão da monocultura em ambas as localidades.

A Cooperativa de Santo Isidro¹⁸, originada em 1954, encontrava-se sediada nas Sete Cidades, ainda território administrativo de Ginetes, estando pouco tempo ativa devido à dificuldade em mudar as mentalidades. Posto isto, o crescente interesse das populações de Ginetes e Várzea ocasionaram o aparecimento da Cooperativa Agrícola de São Sebastião de Ginetes, em 1970, através de um pedido de extensão dos associados a toda aquela área territorial à direção da Cooperativa de Santo Isidro que foi aceite, trazendo vantagens aos associados de adquirirem por preços mais baixos as rações, os medicamentos, as ferramentas e outros produtos necessários. Também a sua parceria com a Unileite viria, ao longo do tempo, a melhorar a qualidade de vida dos donos das lavouras. Viria a extinguir-se em 1994, por desentendimentos, e surgiu a Agro-Ginetes que ainda hoje se mantém¹⁹.

Atualmente, nos Ginetes, existem cerca de 15 a 20 agricultores²⁰ que se dedicam em exclusivo à criação de vacas leiteiras e, esporadicamente, para a produção de carne. É a principal cultura realizada nesta zona da ilha de São Miguel no século XXI. Carece de

¹⁶ Cf. *História dos Açores*, 2008, Vol. II: p. 196

¹⁷ A produção do leite era realizada de inverno o que fazia o trabalho das fábricas ser sazonal. – Cf. *Ibidem*

¹⁸ Esta corporativa tinha como finalidades a venda de leite e derivados, transformação de leite, contribuir para o fomento técnico e económico das explorações agrícolas dos seus associados e defesa dos seus interesses e promover a sua instrução para a rentabilização com diversas iniciativas como conferências, parcerias com instituições oficiais e estabelecimento de bibliotecas. – Cf. Leite, 2001: pp. 323-334

¹⁹ *Idem*: pp. 324-343

²⁰ Recolha de testemunho de Ricardo Diógenes

melhores dados comprovativos devido a serem ilustrados em conjunto com todas as freguesias que compõem o concelho de Ponta Delgada.

Em abono da verdade, segundo fontes orais, as terras lavráveis dos Ginetes possuíram alguma produção, durante a primeira década do século XXI, da cultura da pimenta, que desapareceu, e da beterraba sacarina²¹, que diminui muito durante a segunda década. Hoje, as terras são maioritariamente utilizadas pelos poucos grandes produtores de gado, que possuem um grande número de animais, que daí fazem a sua subsistência, havendo pouca quantidade de pequenos produtores.

Porém, para além destas duas grandes culturas para exportação, os habitantes dos Ginetes e Várzea continuam a realizar a chamada agricultura de subsistência, como os seus antepassados, e cultivam árvores de fruto, hortaliças e até cultura de estufa para consumo próprio. Outra realidade bastante presente é a criação de animais para o consumo pessoal de ovos e a criação de suínos para carne.

1.3 Os Ginetes e a Várzea no século XXI

A freguesia de Ginetes e lugar da Várzea gozam, hoje, de uma realidade díspar daquela com que conviveram, durante grande parte da sua história, devido ao desenvolvimento dos transportes privados e públicos que vieram diminuir a distância entre as duas localidades vizinhas e a cidade de Ponta Delgada, permitindo uma diversificação de atividades profissionais dos seus habitantes.

Contudo, a freguesia de Ginetes possui uma centralidade de serviços essenciais, no lado sudoeste da ilha de São Miguel, importantes para todas as freguesias vizinhas. Destaca-se a existência de um Quartel de Bombeiros Voluntários, um Centro de Saúde e a Escola Básica de Ginetes que é frequentada, até ao 9º ano de escolaridade, por estudantes, oriundos da própria freguesia e das vizinhas Candelária, Feteiras, Mosteiros e Sete Cidades e ao estabelecimento da Rede Integrada de Apoio ao Cidadão.

Ao nível de atividades culturais e de ocupação dos tempos livres para a juventude, existe na freguesia dos Ginetes, para além da Banda Filarmónica Minerva, o Agrupamento de Escoteiros 1065 de São Sebastião, com atividade desde 1993.

²¹ Cf. Direção de Serviços de Agricultura e Pecuária: *Relatórios de Atividades 2009-2012*

A sua comunidade residente empregada, segundo os dados do Recenseamento Geral de 2001 e os Resultados Definitivos dos Açores, era de 478 trabalhadores diferenciados por grupos profissionais de acordo com a Classificação Nacional de Profissões de 1994.

Tabela 4 - População Residente empregada segundo grupos de profissões em 2001										
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Grupo 6	Grupo 7	Grupo 8	Grupo 9	Grupo 0 Forças Armadas	Total
8	9	25	31	51	81	94	49	125	5	478

Fonte: Censo Geral de 2001

Desta amostra quantitativa, é possível confirmar que a maioria das pessoas que trabalha inserida no Grupo 9, o qual diz respeito aos Trabalhadores Não Qualificados, ou seja, empregos que não possuem muitas habilitações literárias. Os outros grupos que se destacam são o Grupo 6 dos Agricultores e Trabalhadores Qualificados, da Pesca e da Floresta e o Grupo 7 dos Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices. Nestes dois grupos existem 175 trabalhadores.

É possível concluir que a tendência no começo do século XXI fez com que praticamente metade da totalidade das pessoas empregadas estivesse em trabalhos precários, provavelmente, à data com o 4º, 6º e 9º anos de escolaridade. Comprova-se, também, a prevalência da agricultura e igualmente nas áreas da indústria, construção e artífices, tal como está demonstrado no Grupo 7.

Infelizmente, não é possível cruzar estes dados com os de 2011, devido a não terem sido disponibilizados os dados individuais de cada freguesia e apenas ser possível averiguar os dados totais referentes ao concelho de Ponta Delgada.

2. PATRIMÓNIO IMÓVEL

2.1 A igreja de São Sebastião

2.1.1 A primitiva ermida

O atual templo cristão que fica localizado nos Ginetes não foi o primeiro edifício religioso que esta localidade possuiu. Durante o século XVI, encontra-se edificada uma pequena Ermida na zona da Lombinha²², aonde atualmente, se pensa restar as ruínas do pequeno portal em arco. A inexistência de documentação relativa ao orago deste edifício é compensada pela origem toponímica da freguesia associada ao Mártir São Sebastião, o que leva à quase certeza de este ser o seu padroeiro deste o século XVI.

A construção da ermida foi morosa, apontada a sua realização para o período entre 1521 e 1557²³, sendo a sua existência comprovada através de um livro de óbitos datado de 1576²⁴ que existiu no Arquivo Paroquial e, atualmente, conservado na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada²⁵. Segundo António Leite, “Só no interregno de 1568 a 1584, foi instituída a paróquia do Mártir São Sebastião de Ginetes, sendo a Ermida da Lombinha elevada à categoria da Igreja paroquial”²⁶.

Porém, a falta de um grande edifício religioso que levasse mais pessoas para a realização do culto religioso fazia com que a comunidade de Ginetes se locomovesse para a Igreja de Nossa Senhora das Candeias da Candelária, da qual a primitiva paróquia era sufragânea, e que é uma das mais antigas desta área da ilha de São Miguel.

O primeiro vigário, Gaspar Carvalho, paroquiou desde os anos anteriores a 1584 e terminou em 1603²⁷. O segundo foi Baltazar Gonçalves Ferreira que foi de extrema importância para o desenvolvimento religioso da comunidade dos Ginetes que continuou a evoluir demograficamente. A necessidade de um novo espaço que acolhesse os fiéis e o respetivo melhoramento das condições da casa paroquial e do próprio templo eram, agora uma necessidade, num tempo em que a sociedade era profundamente religiosa. Com Baltazar Gonçalves iniciou-se a tomada de medidas, que levariam à união dos diversos elementos necessários, para a concretização do atual edifício. Da antiga Ermida,

²² Cf. Figura 8, nos apêndices

²³ Cf. Leite, 2001: p. 47

²⁴ Cf. Luz, 1918: p. 59

²⁵ Cf. Acedido em Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada: Fundo Paróquia de Ginetes, Registo de óbitos, 1576 - 1911

²⁶ Cf. Leite: p. 48

²⁷ Cf. Frutuoso, 2011: p. 180

desconhece-se quanto tempo terá ficado de pé ou que outra finalidade teve, após a finalização das obras do edifício atual.

2.1.2 A atual Paróquia de São Sebastião

O Vigário Baltazar Gonçalves Ferreira era amigo de Aires Jácome Correia, dono do Pico dos Ginetes, como menciona Gaspar Frutuoso, e por intermédio dessa amizade, segundo se narra no seu testamento, fora-lhe doado dois alqueires de terra para as suas pretensões²⁸.

A construção do novo edifício iniciou-se em 1603 e prolongou-se até ao ano de 1635. Porém, um traslado, de documento único, do Livro de Provimientos e Visitação dos Ginetes, realizado pelo cura Gaspar da Costa Pavão a 26 de janeiro de 1644, contém a cópia de três textos distintos acerca da obra inicial que dão conta do estado do edifício da sua obra²⁹.

A primeira cópia desde traslado é de um pequeno texto da autoria do Bispo D. Pedro da Costa, que dá conta da ocorrência de vários tremores de terra sentidos na localidade, em data incerta, e que, por esse motivo, o povo deveria erguer uma capela-mor com um retábulo no meio para receber a imagem de São Sebastião. Para finalizar, aconselha também que se construa uma sacristia.

O segundo texto copiado foi do visitador Lopo Gil Fagundes. Dá conta de que devido aos tais tremores de terra, mencionados anteriormente pelo Bispo, o corpo da igreja havia caído, provavelmente, por estar ainda em construção. Revela que o povo tinha conseguido construir um novo corpo e, após isso, estava a mandar mudarem o local da Igreja para solo mais firme. Devido a este fato, este menciona a falta de armários, ornamentos, retábulos e da sacristia que faria com que toda a obra ficasse mais unida e firme. Acaba o seu documento a solicitar a ajuda do Bispo para que finalize a obra.

O terceiro texto foi escrito por Gonçalo Godinho dá conta de que a capela-mor era ainda inexistente³⁰, tanto no novo corpo da Igreja, como no que anteriormente caíra, e alertava para a obrigação do Bispado para que realizasse tal obra, devido ao facto desta Paróquia não possuir Fábrica «Grossa», ou seja, Fábrica Maior.

²⁸ Cf. Leite, 2001: p. 49

²⁹ BPAPD: Fundo Marqueses da Praia e Monforte, Cópia de capítulo do Livro de Provimientos e Visitações da Igreja de São Sebastião dos Ginetes, 26/01/1644.

³⁰ Este fato constitui uma excecionalidade no processo normal da construção de uma igreja, que, normalmente, construía atempadamente a capela-mor para que as missas pudessem ser celebradas.

Todos os textos foram realizados, levando em conta o seu conteúdo, antes da finalização da obra. Posto isto, pode facilmente presumir-se que a construção da igreja foi lenta e complicada, devido a causas naturais, e que os seus elementos arquitetónicos foram realizados em períodos temporais espaçados.

2.1.2.1 As obras na Igreja de São Sebastião

Segundo o Livro da Fábrica da igreja, escrito entre 1671 e 1828, foi possível entender de que forma e com que frequência foram realizados pequenos melhoramentos, concertos e obras, durante os séculos XVII a XIX.

No ano de 1667, a Igreja recebeu frontais de altar de madeira. Seis anos depois, temos a informação da necessidade de retelhar a capela e consertar as capelas. De 1673 a 1676, o altar-mor sofreu alguns concertos no frontal de altar, bem como, foram colocados novos foros de pano e revestimento em cal e realizaram-se outros pequenos arranjos. Apenas nos anos 80 do século XVII, ocorreram novos pequenos concertos de manutenção. Entre os mais importantes estavam o retelhamento do telhado em todo o corpo da Igreja.

Em 1713, foram novamente angariadas verbas para o retelhamento da Paróquia, devido a um sismo ocorrido nesse ano.³¹ Nos anos 20, nomeadamente em 1725, foram edificados os muros e banquetas do adro³². No ano de 1733, existiram reparações na Sacristia e nos Retábulos, com a colocação de novas folhas douradas na capela. Nesse mesmo ano, o frontal da capela recebeu frontais de linho. Nas quase três décadas seguintes, para além dos concertos normais, destaca-se o arranjo do soalho, a receção de novos frontais e castiçais.

Já no final deste século XVIII, entre os anos de 1774 e a virada de século, há apenas algumas peculiaridades ao nível dos materiais de alguns elementos que sofriam renovações, como demonstram as despesas de 1788 com os frontais do altar-mor a serem feitos com serafina, damasco e seda. Nos anos 90 do século XVII, denota-se mais pequenos arranjos, trocas de madeiras, pregos e a execução de nova pintura da capela-mor e do Santíssimo Sacramento.

O século XIX foi particularmente penoso para os Ginetes e as suas infraestruturas, com abalos durante o período de 1810 e 1811 que causaram alguns danos na Paróquia, e pelos quais veio um inspetor averiguar o estado da capela-mor. Foi necessário reedificar a Torre

³¹ Cf. Archivo dos Açores, 1982, Vol. IX: pp. 432-433

³² Cf. Luz, 1918: p. 112

Sineira no ano de 1811, anteriormente reconstruída em 1795 e, posteriormente, foi novamente reconstruída pela última vez em 1821.

O início das obras do coro e no soalho do adro ocorreu em 1840, realizando-se a substituição das escadas de madeira que levam à torre e coro por pedra no ano seguinte.³³ O lajeamento do adro foi apenas terminado no ano de 1854. Em 1862 e 1863³⁴, foi colocado um novo carrilhão de sinos na igreja. Para além disso, durante este século ocorreram o douramento e pintura do altar-mor e dos altares laterais da igreja.

O século XX contém mais fontes em relação às obras efetuadas no templo, por conta da investigação do Padre António Leite ao Arquivo Paroquial e do autor desta Dissertação. Parte da documentação que ele encontrou, não se encontra mais nessa localização ou noutra conhecida, tendo sido impossível averiguar as fontes primárias por ele consultadas.

A primeira grande obra da qual se tem conhecimento foi a construção da Capela de Nosso Senhor dos Passos³⁵, que se iniciou no dia 10 de novembro de 1926, e foi inaugurada a 19 de março de 1927 com um custo total de 6645\$790 escudos.

A segunda grande obra, relatada por António Leite na obra *Um Olhar de Observação sobre os Ginetes* dá conta da perda de documentação relativa a esta obra em específico, devido à sua eliminação pelo pároco da altura. Porém, através de outras fontes e de fotografias a que ele teve acesso, foi-lhe possível trazer até hoje uma imagem fiel ao antigo aspeto exterior da Igreja Paroquial.

A construção por ele mencionada decorreu em duas fases temporais diferentes, em finais dos anos 50. Na primeira fase, realizou-se a colocação de sobrado, o restauro dos altares, a limpeza da cantaria e o arranjo do adro que teve a ajuda financeira para a realização do projeto da Direção de Urbanização dos Açores, orientado pelo Engenheiro Diretor Afonso Ferreira de Abreu, e pelo Fundo do Desemprego das Obras Públicas em 18.000 mil escudos.³⁶ A obra teve início mais tarde do que o previsto, cerca de dois meses depois, a 3 de setembro de 1956, sendo finalizada a 15 de setembro de 1957, após um Engenheiro e o Presidente da Comissão Fabriqueira, Padre Evaristo Máximo do Couto, procederem a uma vistoria daquilo que fora efetuado, nomeadamente, trabalhos na cantaria,

³³ *Ibidem*: p. 95

³⁴ *Idem*

³⁵ Cf. Livro de Despesas e Receitas no ano de 23-4-1922 das Novas Imagens

³⁶ A comparticipação era de 20 mil, mas devido à lei possuía um desconto de 10 %. – Cf. Leite, 2001: p. 69

pavimentos, pintura dos sete altares e pinturas decorativas. Terá sido durante a primeira fase, de 1953-1955, que foi construído o lavatório presente na sacristia.

Porém, o Padre António Leite na sua investigação não encontrou qualquer menção a despesas. Todavia, relata que quando entrou na Igreja, logo após a saída do Padre Evaristo, as contas estavam com um saldo negativo de 150.000\$00 escudos e que no dossiê relativo a esta obra havia outros melhoramentos que fizeram as despesas aumentar. Posto isto, e para evitar qualquer problema que pudesse prejudicar o futuro da Paróquia, o Livro de Receitas e Despesas foi destruído pelo Padre Evaristo Máximo do Couto, poucos dias antes de morrer, conseguindo assim que a dívida fosse perdoada.

A segunda fase da construção teve como autor do projeto para o arranjo o Engenheiro Francisco Furtado Ponte e o orçamento pelo Agente Técnico da Engenharia João Mota de Melo. Foi orçada em 69.000\$00 escudos, onde o Estado participou em 27.600\$.00 escudos e estava previsto iniciar-se até ao dia 30 de junho de 1959. Porém, com a substituição do Pároco Evaristo pelo Padre António Leite a 15 de agosto de 1958, este último solicitou, por três vezes, a prorrogação do prazo à Direção de Urbanização dos Açores para saldar as dívidas da 1ª fase e conseguir receitas para início da segunda data proposta, sendo que apenas foi possível à terceira data que estava limitada até 31 de março de 1961, devido a um ultimato do Estado para uma eventual anulação da participação.

O padre António Leite realizou uma exposição ao Bispo Manuel Afonso de Carvalho sobre a situação, e este autorizou as obras de melhoramento previstas, colocando a imposição destas serem vistoriadas por um Ouvidor Eclesiástico competente. Posto isto, informou a Direção de Urbanização que as obras começariam a 28 de janeiro de 1961.

As obras começaram nesse mesmo dia e foram deitados abaixo os muros do adro que circundavam a igreja, nomeadamente, a frente e a lateral esquerda. A obra decorreu por 15 meses auxiliada pela mão-de-obra gratuita da população e a generosa quantia de 21.323\$50 escudos e através de peditórios e ofertas que, com a participação acima mencionada, pagou toda a remodelação que custou 46.163.50 escudos, quase menos 23.000\$00 escudos ao inicialmente orçado. Terminou a obra a 31 de dezembro de 1961 entregando-a à Comissão Fabriqueira a 2 de maio de 1962, após vistoria do Engenheiro Diretor, Aníbal da Costa Valente e do Presidente da Comissão Fabriqueira, António Leite.

A informação encontrada direciona para a existência de obras antes de 1981³⁷ compartilhadas pela Direção Regional do Orçamento e Contabilidade. A comparticipação foi dividida em nove parcelas com diferentes valores, entre os anos de 1981 e 1985, totalizando-se a ajuda do Governo Regional em 2.420.000\$00 escudos.

A obra sofreu diversas alterações profundas, sendo bastante intensa, já que promoveu a alteração da celebração da eucaristia para o Salão Paroquial durante uns dois ou três anos. Entre as mudanças, ocorreu a substituição da escadaria de madeira do altar-mor por pedra, a colocação do corredor de pedra na zona central e no vestíbulo de entrada. A pretensão seria proceder à mesma alteração na zona do Guarda Vento e do chão da Capela de Nosso Senhor dos Passos, que atualmente é assoalhado.

Outra grande modificação foi a do Altar do Coração de Jesus já que a memória popular recorda com alguma certeza o acontecimento. Em algum momento da segunda metade do século XX, este retábulo foi alterado para um altar de pedra queimada, retirada da pedreira do Pico do Cavalo, mas por ordem do Bispo de Angra sendo retirado. A solução, segundo conta o dossiê acima referido, foi da colocação do atual retábulo edificado para a Nossa Senhora da Boa Hora³⁸ que estava no batistério. Este contém, atualmente, um pequeno nicho e recebeu a antiga pia de pedra que fora encontrada na casa de José Jacinto Pereira, um residente da freguesia, em 1985, a pedido do pároco Manuel Pacheco Câmara.³⁹

Ocorreu ainda uma grande substituição do forro do teto e da sua estrutura em todo o corpo principal da Igreja, onde se promoveu o retelhamento com telhas do tipo chato da Lagoa. Para além disso, foi realizada a picagem de guarnições de barro com a limpeza da superfície e substituiu-se os vãos e as molduras. As paredes também sofreram mudanças, nomeadamente de segurança, com a colocação de uma cinta de travamento antissísmico. Realizaram-se novas pinturas, sem estar especificado a que objetos, mas provavelmente às paredes, altares e portas. Por fim, foi colocado uma peanha na parede frontal para a imagem de São João Batista.

Acrescenta-se que, através dos vários Livros de Receitas e Despesas, foi possível averiguar o modo dos ganhos da Paróquia e o modo de interação da sociedade com a

³⁷ Cf. Dossiê sem nome relativo às obras de 1985, presente no Arquivo Paroquial.

³⁸ De acordo com a investigação, baseado nas características dos retábulos e na história desta igreja, nomeadamente com a alteração do Retábulo de Nossa Senhora da Boa Hora do batistério para a atual localização e na menção do Padre António Leite na deslocação temporária da imagem de Nossa Senhora do Rosário para o Altar-Mor, estas imagens estarão, muito provavelmente, trocadas da sua localização original.

³⁹ Cf. Leite, 2001: p. 47

Igreja através de inúmeras doações em géneros e dinheiro essenciais para os pequenos e grandes arranjos. Durante os anos de 1958 a 2006, continuou a ser usual a existência de pequenas despesas como arranjos, pinturas de paredes e portas.

A última grande obra de restauro na paróquia de São Sebastião ocorreu no início do século XXI, sendo que o conhecimento de todo o processo é devido ao criterioso trabalho de organização e salvaguarda em dossiê próprio⁴⁰ por parte do Presidente da Comissão Fabriqueira da época, Alberto Ponte, que se encontra no Arquivo Paroquial de São Sebastião. É a primeira vez que esta obra é mencionada em bibliografia da localidade.

O início do processo deu-se a 10 de maio de 2000 com um pedido da Comissão à Direção Regional da Cultura para o envio de um técnico para avaliação do teto da capela-mor, que se encontrava degradado. Pouco tempo depois, o Diretor António Rui Mendonça Andrade assentiu ao solicitado. Foi enviada a Arquitecta Isabel Branco com o Engenheiro Luís Gomes, dono da firma escolhida para realizar o orçamento da empreitada, como dá conta o Presidente da Comissão a 12 de setembro de 2000.

O orçamento desta averiguação totalizou em 1.500.000\$00 escudos tendo levado à solicitação de financiamento por parte da Comissão, no dia 29 de janeiro de 2001, à Direção Regional da Cultura e ao Diretor dos Serviços do Património Cultural. A resposta foi dada pelo Diretor com a solicitação que fossem realizados registos fotográficos, descritivos e desenhados, pedido reforçado pela Secretaria da Habitação e de Equipamentos. Alberto Ponte enviou a documentação solicitada em maio de 2001, que obteve duas respostas distintas: negativa por parte da Direção Regional da Cultura e positiva pela Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos.

Em 2002, os valores convertidos passaram a ser em euros, e assim sendo a obra estava orçada em 71.841,31€ euros e o financiamento estatal⁴¹ acabou por ser de 24.939,31€ euros. Os pagamentos estavam divididos em parcelas de 36.000,00€ euros.

A firma de Luís Gomes foi a empresa que realizou todas as intervenções de reparação. Segundo o contrato⁴², foram realizadas medidas de prevenção no exterior e interior do edifício, nomeadamente: limpeza com jato de água, trabalho de carpintaria para fornecimento e colocação da armação na capela-mor, reparação do teto com placoplâtre,

⁴⁰ O dossiê, salvaguardado no Arquivo da Paróquia de São Sebastião, não possui título.

⁴¹ O valor disposto acima soma o subsídio inicial, assinado a 28 de junho de 2001, de 14.963,00€ euros e de um reforço financeiro de 9975,9€ euros, a 31 de março de 2005.

⁴² Acedido em Arquivo da Paróquia de São Sebastião: Fatura número 64 da Motelgê Luís Gomes

arranjo do arco em talha e conserto das janelas e portas, pintura dos altares com esmalte dourado, montagem do quadro elétrico, colocação de projetores e outros pequenos pormenores. Além disso, a Capela de Nosso Senhor dos Passos sofreu a remodelação com o mesmo material no teto, para além da limpeza e processo de envernizamento do pavimento, teto, balaustres, corrimões e portas e, por fim, fornecimento e montagem de lambril.

A obra foi concluída no final do ano de 2002 com uma eucaristia de celebração. O valor ultrapassou o calculado acabando em 87 161.1€ euros. O pagamento da totalidade deste foi feito de forma lenta sem solicitar mais ajuda financeira ao Governo Regional, mas obtiveram a ajuda de 5000 euros da Câmara Municipal de Ponta Delgada a 2 de janeiro de 2003. O restante foi angariado entre 2001 e 2003 com a organização de um Espetáculo do Palhaço Pezinho e dois Jantares de Natal. Saliente-se que tal só foi possível devido às facilidades dadas pela Moltagê Luís Gomes no pagamento e que a dívida ficou saldada a 12 de janeiro de 2004.

No dia 29 de novembro de 2006, foi realizada a reparação e atualização dos sinos da Igreja⁴³, após diversos pedidos da Comissão Fabriqueira, que alertava para o estado de deterioração em que estes se encontravam. Esta foi realizada em parceria com a empresa Jerónimo - A Fundição de Sinos de Braga, num contrato com o valor de 6000 € euros.

As alterações introduzidas foram no âmbito tecnológico com a vinda de um relógio computadorizado da marca Maestro, quatro martelos elétricos, motores de bombear e a instalação de uma antena recetora para rádio sincronização, com o relógio atómico de Frankfurt. As mudanças estruturais foram a colocação de um cabeçalho de madeira com ferragens em Inox 304, um par de mancais, uma asa postiça e uma bandaleira em Inox 304. Por fim, recebeu um badalo em aço metalizado para cada sino, no valor de 18.000.00€ euros. O valor da atualização foi debitado através da Junta de Freguesia e com doação popular.

Em 2007, o Padre Norberto José Toste Brum ofereceu o vitral de Jesus Cristo, durante a Festa de São João, que se encontra no batistério.⁴⁴

Por fim, em 2016, foi substituída a escadaria de madeira de acesso à capela-mor por uma de pedra e, por fim, foi realizado um novo púlpito de madeira forrado em pano

⁴³ Cf. APSS: Dossiê “Reparação dos sinos”

⁴⁴ Cf. APSS: Livro de “Visitas Paroquiais Tombo Ginetes [1995-...]”, fl.14

adamascado, com uma figuração central alusiva ao Espírito Santo, realizada pelo carpinteiro da freguesia das Furnas, José António Medeiros.⁴⁵

2.1.2.2 A história da organização da Paróquia

A Paróquia de São Sebastião possuiu diversas formas de administração, desde a sua criação. A primeira foi a existência de confrarias, que constituíam o processo normal dos templos açorianos, que ergueram as primitivas capelas e constituíram irmandades. Na fase inicial eram elas que encomendavam a imaginária inicial para as referidas capelas, instituíram os primeiros santos e construíram os altares.

Ao todo, foram quatro as confrarias⁴⁶ que existiram, a partir do século XVII, neste templo. Parte desta documentação já não se encontra no Arquivo Paroquial ou em qualquer outro Arquivo, sendo que a que nos chega está referida no trabalho, já mencionado, da autoria do Pároco António Lopes da Luz na *Revista Michaelense*.

A primeira irmandade foi a do Santíssimo Sacramento, que terá surgido em data anterior a 1638, logo após a fundação da edificação da Igreja, segundo constava num livro da Junta Paroquial de 1838.

A segunda foi a de São Pedro, que acabou por apenas ter documentação fidedigna entre 1713-1714, mas segundo António Lopes da Luz seria provavelmente tão antiga quanto a primeira e nunca possuiu estatutos ou mesários. Acabaria por ser extinta em 1843.

A Confraria das Almas também passou parte da sua existência sem qualquer mesário ou estatuto. Porém a ameaça de extinção do provedor do concelho, em 1809, fez com que os estatutos fossem redigidos e deu à dita Confraria mais alguns anos de vida. Acabou extinta no ano de 1832 e passou o seu ofício à Junta Paroquial, que seria ajudada pelo povo, nesses deveres.

A última e única legalizada desde a sua fundação e que deixou mais informações para a posteridade foi a Confraria de Nossa Senhora do Rosário. Foi fundada no dia 13 de junho de 1712, pelo Padre Joseph Ribeyro que incorporava a Companhia de Jesus, recebendo o Altar de Santo Antão⁴⁷ para as suas benevolências.

Esta confraria foi essencial para a manutenção da Igreja, quer em 1812, ajudando financeiramente as obras de restauro dos estragos provocados pelos sismos de 1810 com

⁴⁵ *Idem*: fls. 23-24

⁴⁶ Cf. Luz, 1918: pp. 84-93

⁴⁷ Cf. Ficha de Inventário do Património Móvel: pp. 260-261

o valor de 85.512\$ (Oitenta e cinco mil reis), quer também, entre os anos de 1881 e 1882, ao restauro do Altar de Nossa Senhora do Rosário. Acabaria extinta no ano de 1888.

Foi durante este século, no dia 27 de novembro de 1831, que surgiu a Junta da Paróquia que veio substituir as antigas Fábricas Menores e Maiores e, mais tarde, as Confrarias e que teve como primeiro regedor Bento Joaquim de Menezes.

2.1.2.3 Descrição arquitetónica

A Igreja de São Sebastião está localizada na Estrada Regional que liga a freguesia de Ginetes às restantes localidades vizinhas. No terreno da Paróquia possui a Casa da Catequese, a Casa Mortuária, o cemitério e o Salão Paroquial.

O acesso ao adro, ladeado por um muro do lado oeste até à traseira e pelos edifícios supracitados, é realizado por uma escadaria irregular que acompanha a diferença das cotas.

O corpo principal apresenta elementos em cantaria sobre as paredes brancas e está um pouco adiantado à torre sineira e ao batistério que o flanqueiam. O portal, terminando em arco abatido, está ladeado por duas pilastras salientes, na parede, e suportadas por duas consolas. Na parte central, acima do portal, as duas pilastras prolongam-se pelas laterais até ao frontão. A meio destas, uma pequena cornija e contém uma janela em formato de pêsego a meio. Na base existe um soco do qual partem os cunhais terminando em pináculos e unidos à base do frontão contracurvado. No tímpano está inserido um relógio e no vértice uma cruz.

O frontão em formato contracurvado tem um enrolamento em cada extremidade. A meio está uma pequena cruz e na base um relógio.

A torre sineira apresenta-se do lado leste da fachada, ligada ao corpo principal pelo soco em cantaria, também visível nas pilastras e na cornija. No topo, encontra-se uma balaustrada rematada por pináculos.

O interior da Igreja é de nave única coberta em três esteiras de madeira, com um retro coro curvado e uma capela-mor única e duas capelas colaterais e duas capelas laterais, uma em cada lado, com retábulos em talha de madeira folhada a ouro. Ambas as paredes do templo possuem quadros da Via Sacra. O lado do Evangelho, ou seja, o esquerdo, possui uma base de pedra junto à entrada do templo com a Imagem de São José, o púlpito em madeira com uma pomba do Espírito Santo entalhada no guarda-voz e dois retábulos

laterais, que tem as imagens de Nossa Senhora da Boa Hora e do Coração de Jesus. O lado da Epístola, ou seja, o direito, tem uma outra base de pedra que sustenta a imagem da Rainha de Santa Isabel e a meio da parede está a Capela de Nosso Senhor dos Passos, que contém dois altares com janelas envidraçadas emolduradas com elementos geométricos esculpidos em madeira, que albergam a imagem de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores e na predela estão as figuras de São Miguel Arcanjo e de Santo Antão. Na continuação da parede da Epístola, existem dois retábulos que integram a imaginária de Nossa Senhora do Rosário e de São Pedro.

A capela-mor contém no teto de abobada de meio canhão, na cartela central, duas molduras circulares, colocadas no mesmo eixo e sentido, com três setas, junto ao retábulo, e duas setas, junto à entrada da capela-mor, que alternam com uma decoração em formato de estrela estilizada de quatro pontas e uma moldura recortada com os lados maiores retilíneos e os menores em arco, a qual alberga a representação de uma pomba entre um resplendor radiado e de nuvens sob um fundo azul. Esta contém do lado do Evangelho a porta de acesso à Sacristia e do lado da Epístola a entrada para a cozinha e casa de banho. O retábulo do Altar-mor⁴⁸ é composto por ornamentação vegetalista, em talha dourada, e contém duas peanhas laterais que sustentam à esquerda a imagem de São Sebastião e à direita a de São João Batista. No nicho central, encontra-se a imagem de Jesus Cristo crucificado.

⁴⁸ Cf. Ficha de Inventário do Património Móvel: pp. 348-349

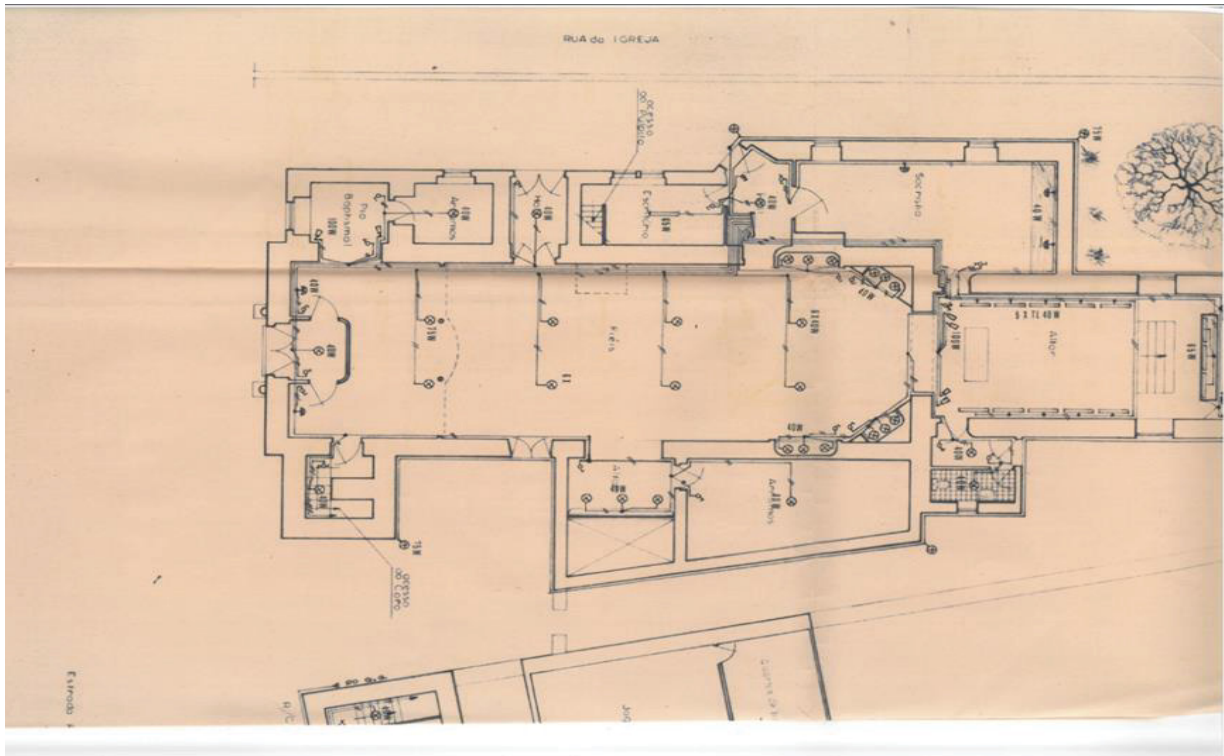


Figura 1: Planta da Igreja de São Sebastião de Ginetes
Fonte: Secretaria Regional da Educação e Cultura
1990

2.2 A Ermida de Nossa Senhora de Fátima

A principal dificuldade do estudo da Ermida de Nossa Senhora de Fátima decorreu do desaparecimento do dossiê, que continha o compilado histórico, mencionado no inventário geral de 2002 da Paróquia, e arquivado no Arquivo Paroquial da Igreja de São Sebastião, segundo a obra de António Leite. Toda a informação histórica descrita nesta dissertação foi elaborada com base na leitura feita pelo Padre António Leite a essa documentação. Para além disso, não foi encontrada mais nenhuma fonte primária relativa, à Ermida no referido arquivo Paroquial, ou em qualquer outra entidade governamental e eclesiástica consultada.

2.2.1 A origem

O terceiro templo, nos Ginetes, é a Ermida de Nossa Senhora de Fátima construída durante os anos 30 do século XX. A obra foi desejo particular do povo, nomeadamente de D. Leonor Ester Ferraz Bettencourt Leça, D. Elisa Augusta Paula e D. Helena Jácome Correia Chalupa que viriam a constituir a Comissão Organizadora da empreitada.

O início do procedimento foi conseguir a documentação para ser enviada ao Prelado Diocesano e obter a licença necessária para a edificação da Ermida. Os planos arquitetónicos da obra foram da autoria de Carlos Bettencourt Leça, médico municipal, tal como é referido pelo Padre António Leite.⁴⁹

A 17 de dezembro de 1931, foi aprovado o consentimento e entregue o alvará do Bispado ao Padre Evaristo Máximo de Couto, que o constituiu como Delegado Ouvidor com as funções de benzer, colocar a primeira pedra e salvaguardar a construção do edifício de acordo com as plantas aprovadas. As obras começaram sete meses depois, em virtude de problemas entre a Comissão e o Pároco, tendo sido a primeira pedra colocada a 10 de julho de 1932.

O local escolhido para a Ermida situa-se na Lomba do Bettencourt e foi oferecido por um emigrado no Brasil chamado Manuel Alves de Oliveira. Com o local escolhido e a primeira pedra colocada, os trabalhos mais intensos foram no final de agosto desse ano e ficaram a cargo de Manuel Sousa Cabral, mestre-de-obras.

A conclusão da obra ocorreu no mês de setembro de 1936 e foi entregue à Paróquia no dia 12 desse mesmo mês. No mesmo dia, chegou a imagem de Nossa Senhora de Fátima

⁴⁹ Cf. Leite, 2001: pp. 79-84

à Ermida, juntamente com outras pequenas imagens, e foi benzida. A cerimónia festiva teve considerável afluência de pessoas e a presença do Padre Silvino Raposo, antigo cura da Várzea, que proferiu um discurso acerca da Virgem, de ter sido realizada de uma procissão até ao adro da Ermida. Nesse momento, o Diocesano Evaristo Máximo do Couto, na sua função de Delegado, no meio das imagens colocadas em semicírculo no adro, benzeu e pregou um sermão. No dia seguinte, foi celebrada uma eucaristia, no novo edifício, pelo Pároco Silvino.

A obra foi suportada através da ajuda da comunidade, que realizou diversas actividades tais como através da venda de récitas particulares, rifas, bazares, festas infantis, desafios de futebol e, também, saraus musicais⁵⁰ na cidade de Ponta Delgada. O montante da obra ascendeu os 37.000\$00 escudos sendo que não foi pago de forma integral, ficando uma dívida de 2.800\$00 escudos. Posto isto, e após autorização do Padre, a Comissão permaneceu em funções até sanada a dívida e dissolveu-se após alcançado o objetivo.

A Ermida, segundo documento bispal de 18 de outubro de 1936, ficou em mãos a guarda, posse e uso das chaves do Vigário da Paróquia.

2.2.2 Descrição arquitetónica

A Ermida de Nossa Senhora de Fátima encontra-se no troço da Estrada Regional que liga a freguesia de Ginetes ao lugar da Várzea, sendo possível aceder a ela, através da Rua de Nossa Senhora de Fátima, que se conecta à Rua do Moio.

De acordo com o que podemos ver numa figura feita em azulejo azul pela Cerâmica Viera, o atual exterior do edifício é muito diferente do original. Primitivamente, havia um muro que ladeava o pequeno adro e uma escadaria mais estreita com acesso através de um pequeno portão. Alguns outros pormenores foram também adicionados ou removidos no corpo da construção.

Atualmente, uma grande escadaria dá acesso ao grande adro que circunda todo o corpo da Ermida que contém um muro à direita que o separa da rua e um conjunto de imagens não associadas de Nossa Senhora de Fátima, os três pastorinhos e uma ovelha relativa à “Aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos na Cova da Iria em 1917”. A entrada para o interior do edifício é realizada por uma porta axial, após a subida de três degraus, emoldurada por cantaria que suporta o lintel reto saliente. As laterais da fachada possuem

⁵⁰ O preço de um bilhete individual era de dez escudos, enquanto o familiar custava vinte escudos. – Cf. Leite, 2001: p. 82

dois cunhais, que sustentam dois pináculos triangulares brancos, e unem-se ao frontão contracurvado que remata uma cruz ao centro. Na base do tímpano está uma janela com a mesma moldura em cantaria do portal. Em ambas as paredes laterais, está uma janela de duas folhas emolduradas em cantaria.

A leste do edifício, significativamente recuada do corpo principal, encontra-se a sala de esmolas, que possui o formato retangular e tem por cima o olhal dos sinos terminando num grande pináculo branco triangular. Contêm cunhais em cada canto com pináculos triangulares brancos e, na zona inferior, está uma porta de moldura simples para acesso à sala de esmola.

O corpo interno da Ermida é constituído por nave única, com um retro coro acedido por uma escada em caracol junto à entrada. O altar-mor é aberto por um arco perfeito, entalhado em madeira envernizada.

O retábulo, colocado no altar-mor, possui um remate superior com duas arquivoltas. A arquivolta exterior contém nas extremidades um ornamento semicircular com a representação de ramos e de uma flor e possui ao centro uma outra representação de ramos e flor. O segundo semicírculo contém ripas de madeira. O terceiro semicírculo é similar ao superior.

Abaixo, as bases das quatro pilastras, que dividem o corpo do retábulo das arquivoltas, unem-se numa cornija contínua que atravessa todo o altar. A zona inferior do altar tem quatro pilastras encastradas, que possuem na base a representação de folhas e finalizam em dois semicírculos que dão a forma de um coração. As duas pequenas peanhas de madeira encontram-se no meio das duas pilastras e albergam a imagem do São Francisco Marto do lado do Evangelho e de Santa Jacinta Marto do lado da Epístola. O centro do altar tem um nicho em arco perfeito, envidraçado e ornamentado com diversos semicírculos entalhados ao redor dele, alberga a imagem de Nossa Senhora de Fátima. A zona inferior é dividida por duas cornijas, que atravessam todo o altar-mor, e contêm tiras cilíndricas, a meio, e na base inferior de cada pilastra. Abaixo fica a urna do altar e o sotobanco onde encosta o altar. Por fim, no lado da Epístola do altar-mor, encontra-se entrada interna da sala das esmolas com outras duas imagens de Santa Jacinta e de São Francisco. Não existe qualquer escada de acesso ao olhal dos sinos no corpo do edifício.

2.3 Igreja de Jesus Maria José

As dificuldades sentidas na investigação sobre a Igreja da Várzea foram grandes e devem-se, por um lado, ao não consentimento de aceder ao Arquivo Paroquial e, por outro, à pouca documentação disponível na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada. Foi também solicitada informação à Diocese de Angra do Heroísmo, à Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro e às Secretarias Regionais da Cultura e Obras Públicas que, infelizmente, não possuem qualquer informação histórica acerca de mudanças arquitetónicas e arquivo de plantas.

2.3.1 A origem e a sua história

A Igreja de Jesus Maria José nasceu como uma pequena ermida por concessão do Bispo Diocesano D. António Viera Leitão através de alvará no dia 22 de fevereiro de 1702, segundo consta da transcrição do documento original, realizado por Dr. António Ferreira Leite⁵¹.

O terreno foi doado por Maria de São Tiago, filha do Capitão Bartolomeu que residia nos Mosteiros, no dia 14 de agosto de 1701. O terreno foi cedido para dar lugar ao templo e à casa do Cura, que viria a desaparecer. A construção começou em 1703 e terminou no ano seguinte, tendo-lhe sido concedida permissão de celebrar a eucaristia nesse mesmo ano. Os sinos originais foram colocados no dia 22 de abril de 1704.

Em 1785, foi adquirido o retábulo⁵², que alberga a Sagrada Família ao Vigário da Matriz de Ponta Delgada por 25.000 réis (vinte e cinco mil reis) e forrou-se com madeira o Arco-Cruzeiro, que foi reconstruído, em 1786⁵³.

Em 1810, devido à atividade sísmica que assolou a zona, o edifício sofreu diversos danos no frontispício, que foi reconstruído oito anos depois. A torre sineira foi destruída e esperou pela caridade da população e iniciativa do Cura Padre Manuel Francisco Amaral para que, em 1875, fosse reerguida e recebesse um novo carrilhão de sinos. Porém, confrontando a informação da Junta Paroquial de São Sebastião, sobre este assunto, percebemos que foi realizada uma nova torre no ano de 1885⁵⁴ e recebeu aí um novo carrilhão de sinos. Em 1908, a capela-mor foi ampliada.

⁵¹ Cf. Leite, 2001: p. 149

⁵² Cf. Ficha de Inventário do Património Móvel: pp. 350-351

⁵³ Cf. Luz, 1918: p. 112

⁵⁴ *Idem*: p. 95

O atual adro foi construído em 1952 e, posteriormente, ampliado e remodelado entre 1990 e 1994⁵⁵ tendo criado o Jardim da Sagrada Família o qual, nos dias de hoje integra: um parque infantil, um coreto e o Salão Paroquial. Está, desde setembro de 2020, em processo de repavimento do piso e retirada dos canteiros.

No século XXI, temos uma placa fixada no exterior do templo que dá nota da troca dos sinos efetuada em 2008, durante o mandato de Padre Norberto Toste Brum⁵⁶, com um sistema computadorizado. Através do website “Várzea dos Açores”, sabemos que as obras mais recentes foram relativas ao retelhamento, ao revestimento de paredes interiores e exteriores, à rede elétrica, ao pavimento da nave e presbitério de madeira para pedra e pintura.

2.3.2 Organização da Igreja de Jesus Maria José

Esta Igreja possuiu uma confraria, a do Santíssimo Sacramento, que estaria separada da que estava estabelecida nos Ginetes e, como tal os seus próprios estatutos pelo qual elegiam apenas dois mesários que seriam os administradores da referida paróquia.

A Confraria é um dos exemplos que ilustra que apesar da ligação administrativa, que liga a freguesia de Ginetes ao lugar da Várzea, desde a génese de ambas, o templo da Várzea possuía e possui autonomia a nível do seu próprio curato desde a sua origem. O seu primeiro cura foi Lourenço Cabral de Melo, em 1704.

Registo que no Jornal *Diário dos Açores* de 20 de janeiro de 1920, dá a notícia que fora canonicamente criada uma paróquia no lugar da Várzea⁵⁷, com uma festa realizada para celebrar a criação da paróquia no dia 25 de janeiro de 1920. Essa notícia é confirmada por uma pagela encontrada em casa de uma residente do lugar da Várzea ao vasculhar objetos relativos ao seu passado e está salvaguardada por Luís Cordeiro⁵⁸. Segundo as informações, que constam do website “Várzea dos Açores”, administrado por Luís Cordeiro, em 2005, o Bispo D. António de Sousa Braga, alegando um erro no Anuário

⁵⁵ Cf. Figura 10, nos apêndices.

⁵⁶ Devido ao mau estado da placa transcrevo o que nela está escrito: “<Louvai o senhor com címbalos sonoros/Louva-o com címbalos retumbantes> (Salmo 150) Aos vinte e sete dias do mês de julho, Festa de Jesus Maria José, foram solenemente benzidos e inaugurados os sinos desta Igreja após trabalhos de restauro e automatização. Este restauro foi possível graças à generosidade, dedicação e envolvimento de toda a comunidade a quem se presta esta junta homenagem. / Várzea, 27 de Julho de 2008/ O Pároco/ Padre Norberto Toste Brum” - Cf. Figura 11, nos apêndices.

⁵⁷ Cf. Figura 150, nos anexos.

⁵⁸ Cf. Figura 153 e 154, nos anexos.

Católico da Igreja em Portugal, que atribuía à Várzea, uma paróquia, solicitou que fosse retirada essa informação. Atualmente é um curado.

2.3.3 Descrição arquitetónica

A pequena Igreja de Jesus Maria José possui um grande adro que pode ser acedido lateralmente, por uma rampa, ou pela dianteira através da escadaria. A fachada é composta por dois socos que sustentam duas consolas laterais, que encimam dois cunhais que coroam dois pináculos. O portal termina em arco, tendo o remate superior ornamentado com diversas molduras sobrepostas, encimado por duas pequenas volutas encastradas. Em cada lado, estão duas janelas emolduradas em cantaria com o formato de arco com um peitoril de pedra. A moldura do portal encima o frontão, que termina em linha contracurvada e contém uma cornija bastante fina sobre a janela central que possui, em cantaria, a moldura de um triângulo com o fundo branco.

A torre sineira de base quadrangular, localizada a leste do templo, eleva-se a dois pisos sem coruchéu e tem um parapeito no topo. Na base, possui um soco em cantaria e cunhais apilastrados, interrompidos por cornijas que enquadram a secção onde estão os olhais dos sinos, que sustenta quatro pináculos superiores nos cantos da balaustrada.

O templo é de nave única com o retro coro curvado terminado em linha curva. Possui duas bases de pedra nas paredes laterais junto da entrada, que suportam as imagens de Santo Amaro e de Santo Antão e contêm medalhões dourados com gravuras em relevo, representando a Via Sacra nas duas paredes. Na parede da Epístola, temos o batistério com a pia batismal e um pequeno espaço dividido por uma porta de vidro de correr onde se encontram diversas imagens⁵⁹. A parede do Evangelho possui um nicho, em arco, que alberga a imagem de Nossa Senhora de Fátima. As paredes laterais da capela-mor contêm dois grandes plintos, em madeira, que servem de base às imagens de Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria. O altar-mor é bastante simples, possuindo duas pequenas bases laterais que albergam a imagem de Nossa Senhora da Conceição e de São Lázaro e, no seu centro, um grande altar com um trono de três andares colocado no nicho central com a imagem do orago, a Sagrada Família.

⁵⁹ Cf. Fichas de Inventário do Património Móvel: pp. 301–325

2.4 Teatros do Espírito Santo

A freguesia de Ginetes e lugar da Várzea possuem quatro Teatros do Espírito Santo, também chamados *Triatos*. Estes pequenos edifícios, intimamente relacionados com os rituais festivos das Festas do Espírito Santo, possuem a função de, durante o ano, guardarem uma Coroa ou Bandeira relativa ao Império que integram. Nos Ginetes, estão três deles relativos aos Impérios de Pentecostes, da Trindade e de São Pedro e a Várzea possui mais um ligado ao seu Império de Pentecostes.

Antigamente e atualmente, cabe à pessoa nomeada como armador do Teatro cuidar dele ao longo do ano. Atualmente, essa função é desempenhada, esporadicamente, por pessoas confiáveis que ficam com as chaves em sua posse.

Os Teatros, apesar de pequenos, são estruturas embelezadas com um cuidado trabalho de cantaria nas suas fachadas sendo que acompanham algumas tendências da arquitetura religiosa da própria ilha onde se inserem. No caso de estudo, os edifícios são, maioritariamente, da primeira década do século XXI, sendo construções apoiadas pela Câmara Municipal de Ponta Delgada e pela Junta de Freguesia de Ginetes. Até há 3 anos, na área conhecida como a Casa do Monte, na Lomba dos Gagos, propriedade da família Raposo de Amaral, existiu um outro teatro que obedecia à tipologia tradicional⁶⁰ e que foi destruído já no século XXI dando lugar a um muro por vontade do atual proprietário do terreno.

O primeiro encontra-se na Rua do Moio, no fim da rua de Nossa Senhora de Fátima, sendo chamado de Teatro do Moio. O acesso é realizado por uma escadaria, nivelada por uma base de cimento que devido à diferença de cota. O edifício possui planta retangular e corpo único coberto por um telhado de quatro águas e emoldurado pelo soco e cunhais em silhar, pintada de cinzento. Na fachada abre-se uma porta de alumínio de dois batentes, divididos em oito vidros cada e termina em quatro vidros dispostos em leque. Contém uma cruz de pedra com a inscrição “J.N.R.I” no cimo da fachada. O interior guarda uma das Bandeiras e Cetro do Império de São Pedro. O edifício é pintado de branco, excetuando os detalhes em cantaria que são pintados a cinzento.

O segundo está situado na Rua da Canada. O acesso ao adro é feito por uma escada que nivela a diferença de cotas. A fachada contém uma porta de alumínio de uma folha, em formato de arco perfeito emoldurada em cantaria, ladeada por duas janelas com o mesmo

⁶⁰ Cf. Figura 152, nos anexos fotográficos

formato e moldura, com um peitoril de pedra. Contém, ainda, um soco, que encima dois cunhais laterais, em cada lado, que coroam dois pináculos e unem-se ao frontão curvado, que possui uma coroa esculpida no topo e um óculo de quatro folhas no tímpano. O soco estende-se pelos alçados laterais do edifício que possuem duas janelas, uma em cada lado, com o mesmo formato e moldura das janelas do frontispício. O edifício é pintado de branco, excetuando os detalhes em cantaria à vista.

O terceiro localiza-se na Lomba de Cima e é acedido por uma escada de quatro degraus, a meio de uma bifurcação viária, que dá acesso à porta de alumínio de dois batentes, emoldurada em cantaria, com formato de arco perfeito, os quais se dividem em oito vidros, terminando na bandeira do arco em quatro vidros dispostos em leque. O soco encima os cunhais laterais que suportam dois pináculos triangulares e conectam-se ao frontão triangular. Ambos os alçados laterais contêm uma janela de alumínio de dois batentes com seis vidros em cada, finalizando em quatro vidros dispostos em leque na bandeira do arco. O edifício é pintado de branco, excetuando a cantaria pintada a preto.

Por fim, o Teatro da Várzea encontra-se defronte da Igreja de Jesus Maria José. Está ladeado por um muro, do lado esquerdo, e por uma moradia do lado direito deixando apenas a visão do frontispício para a estrada. O seu acesso é realizado por dois degraus semicirculares. A fachada contém uma porta de alumínio, em formato de arco, com seis vidros e emoldurado em cantaria e duas janelas de alumínio com três vidros. O soco sustenta os dois cunhais laterais que se unem ao frontão triangular que encima a escultura de uma coroa do Espírito Santo e, por fim, contém um óculo no tímpano.

2.5 O Farol da Ferraria

2.5.1 A história do Farol da Ferraria

A necessidade de um Farol na Ponta da Ferraria surgiu pela falta de segurança existente na costa micaelense para os navegantes em alto mar. A 24 de outubro de 1816, ocorreu uma reunião na casa do desembargador, corregedor e intendente da Polícia, João José da Veiga com a presença do Patrão-mor, dos Arrais, dos Barqueiras e dos donos de barcos tendo sido realizados Autos de Declaração sobre a criação do Farol. O Auto regista a queixa de diversos pescadores e navegadores acerca de diversos naufrágios e de situações complicadas em alto mar, durante a noite, devido à falta de iluminação, e solicita a instalação de faróis que sirvam de guia para chegarem em segurança aos portos de Ponta Delgada e Vila Franca do Campo. A proposta é aceite e anunciam a necessidade de concorrerem para a construção de três faróis diferentes: um na torre da Matriz, um na ponta da Galera e, por fim, um na Ponta da Ferraria⁶¹.

Porém, a necessidade da época levou à realização de uma segunda reunião, a 5 de novembro do mesmo ano, com o desembargador supracitado e os cônsules das Nações Estrangeiras com o intuito de apresentar a proposta de edificação dos Faróis, em que o Farol da Ferraria é designado como “uma das pontas a oeste”, de modo a obter o apoio financeiro das embarcações estrangeiras que passavam pelos mesmos perigos e percas de embarcações. O apoio foi aceite e o dinheiro seria retirado do lucro que cada navio obtivesse⁶². Apesar do Farol ser uma realidade, apenas no final do século XIX, os documentos apresentam a forte necessidade da sua construção e as motivações económicas e humanitárias que a sua função teria no futuro.

Figurou, em seguida, no Plano Geral de Alumiamiento e Balizagem aprovado em 1883, como um Farol de 2º ordem⁶³ orçamentado em 21.014\$000 reis (vinte e um mil e catorze reis). No ano de 1891, o conselheiro Almeida de Ávila emitiu um parecer em que concordava com a construção do edifício, mas aconselhava que este fosse de 3ª ordem.⁶⁴

A construção avançou no final do século XIX e início do século XX, com as obras a serem classificadas de Interesse Nacional, suportadas pela Junta do Distrito Autónomo de Ponta

⁶¹ Cf. Canto, 1893: pp. 48-52

⁶² *Ibidem*

⁶³ Emissão de três clarões brancos em estado médio de transparência atmosférica de 25,5 milhas – Cf. Revista da Armada, Nº 382: p. 35

⁶⁴ Emissão de três clarões brancos em estado médio de transparência atmosférica entre 15 e 20 milhas. – *Ibidem*

Delgada⁶⁵ e fundado a 22 de outubro de 1901, de acordo com o Aviso aos Navegantes número 18, onde consta o seguinte: “Tendo terminado o período de experiências, deverá a luz do Farol da Ferraria começar a funcionar definitivamente a partir de 9 do próximo mês de novembro. As experiências mostraram o seguinte: 1. Que o alcance luminoso, que deve regular por 21,5 milhas, em estado médio de transparência atmosférica, chega a atingir a grandeza de 30 milhas no melhor estado de transparência [...]”.

Segundo a *Revista da Armada*, a torre foi erguida com 18 metros e 107 metros de altitude que é a mesma do atual Farol da Ferraria, em 2020. O sistema de ótico original deste Farol era um aparelho lenticular dióptrico catadióptrico girante⁶⁶ de 3ª ordem, um grande modelo de 500 milímetros de distância focal, com um candeeiro de nível constante, que foi posteriormente, substituído por incandescência de vapor de petróleo para criar a luminosidade. A rotação de ótica era, primariamente, realizada por uma máquina de relojoaria, com um alcance de 26 milhas.

Em 1946, ocorreram obras de reestruturação que levaram à troca do sistema ótico para um idêntico, mas com características diferentes sem serem especificadas quais fossem. No ano seguinte, o telefone da estação semafórica passou para o serviço do farol para transmissão dos boletins meteorológicos.

Este aparelho de comunicação era importante para o ofício do Farol e para toda a comunidade de Ginetes por ser o único na localidade e, assim, o único contato com o exterior, internamente e para o estrangeiro. A comunidade podia usufruir deste para contatar familiares emigrados através da marcação de uma hora e daí advinha a possibilidade de contar as boas e também as más notícias.⁶⁷

Uma década depois, o Farol foi eletrificado com a montagem de grupos eletrogêneos e passou a ser iluminado com uma lâmpada de potência de 3000 *watts* que teria, supostamente, o alcance de 45 milhas com o sistema de relojoaria⁶⁸ a realizar a rotação. Já no ano de 1974, foi criado um motor elétrico com o propósito de dar corda à máquina

⁶⁵ Cf. Câmara, 2012: p. 50

⁶⁶ O Farol dos Ginetes juntava dois diferentes estilos de sistemas de iluminação que acabam por se interligar. O sistema Dióptrico emprega vidro em que raios luminosos são refratados e o sistema Catadióptrico utiliza o vidro e o metal em que o raio luminoso reflete-se no interior antes de ser emitido. - Cf. Furtado, 2005: p. 34

⁶⁷ Cf. Câmara, 2012: p. 50

⁶⁸ A máquina de relojoaria usava o mesmo método de funcionamento dos relógios que utilizava um cabo metálico que se liga a um peso colocado numa das extremidades e que age como um pendulo propulsor. Este realizava um vai-vem entre as cinco e sete horas e fazia com que o sistema ótico fizesse de cinco a seis rotações num minuto – Cf. Furtado, 2005: p. 269

de relojoaria da autoria do chefe do Farol, Bettencourt Leça, para evitar as paragens que o farol sofria por falta de dar à corda e assim abandonar permanentemente a sala das máquinas⁶⁹.

Recebeu eletricidade da rede elétrica, em 1988, onde passou a trabalhar com uma lâmpada de 1000 *watts* e 120 *volts* e o sistema de rotação e a relojoaria foi substituído por motores de rotação elétricos.

Atualmente, o mecanismo está automatizado com um sistema módulo DF com características de 3 relâmpagos luminosos agrupados num período de 20 segundos com um alcance de 27 milhas. Não foi possível saber em que período ocorreu a atualização do sistema luminoso. Atualmente, a casa das máquinas foi abandonada, mas a antiga maquinaria foi mantida e está ainda presente no edifício, bem como na torre.

A partir de 2011, iniciou-se a visita aos faróis por iniciativa da Autoridade Marítima Nacional, após inúmeros pedidos que chegavam à Direção de Faróis, para dar a conhecer o património arquitetónico e científico e a vida imputada aos faroleiros do qual faz parte o Farol da Ponta da Ferraria.

2.5.2 Descrição arquitetónica

O Farol da Ferraria encontra-se edificado na Rua do Farol, com acesso através da Rua do Moio, e possui a leste uma antiga ponte elevada sobre uma ribeira, uma casa das máquinas e a casa dos faroleiros.

Contém um corpo principal de planta retangular com uma torre prismática integrada e dois corpos retangulares mais baixos e laterais. Possui uma fachada de dois pisos, virada para sudoeste, rebocada e pintada exceto na cornija retilínea, cunhais apilastrados e embasamento de cantaria decorado com um denteado decorativo no corpo principal. Tem duas portas de acesso central, uma a sul e uma a norte do edifício, emolduradas em cantaria, caracterizadas pelo remate superior retilíneo, mais grosso, com a transição ondulada para as laterais menos grossas. As janelas do primeiro piso, que percorrem o corpo principal, contêm a mesma moldura em cantaria com um remate superior em semicírculo e a base de pedra saliente. As catorze janelas do segundo piso, sete em cada lado da fachada, distribuídas por três à direita, três à esquerda e uma a meio, são caracterizadas pela moldura com um remate superior retilíneo com as ombreiras

⁶⁹ Cf. Requisição de um motor elétrico à direção de Faróis- Cf. Revista da Armada, Nº 382

recortadas e sem peitoril. As fachadas laterais do Farol possuem seis janelas: uma no alçado do corpo lateral, duas no primeiro piso e três no segundo piso, sendo estas últimas caracterizadas por duas janelas comuns que ladeiam uma janela menor.

Os corpos laterais, presentes na fachada norte, são idênticos e contém vãos com o perfil de lintel em arco abatido saliente encimado por o telhado de três águas e é acedido através de uma escadaria exterior. Cada um tem quatro janelas com o mesmo formato das janelas superiores. Duas ladeiam o portal e as outras duas ficam nas laterais. O corpo lateral oeste⁷⁰ contém um escritório e a leste uma oficina.

A torre é acedida por duas portas, uma do lado sul e outra no lado norte. Interiormente, possui uma escadaria em caracol, que se liga a uma pequena sala, a meio do caminho, e acede ao sistema luminoso, no topo. O corpo da torre possui uma janela, em cada alçado lateral, com o mesmo formato de molduras do piso superior do corpo principal e duas outras mais pequenas com molduras mais grossas e de remate superior retilíneo na sua fachada frontal. O topo é caracterizado pela guarda de cantaria vazada e é coroada pela cobertura envidraçada pintada de vermelho onde existe um catavento. A torre encontra-se adiantada em relação ao corpo principal e tem 18 metros de altura.

⁷⁰ Cf. Figura 155, nos anexos

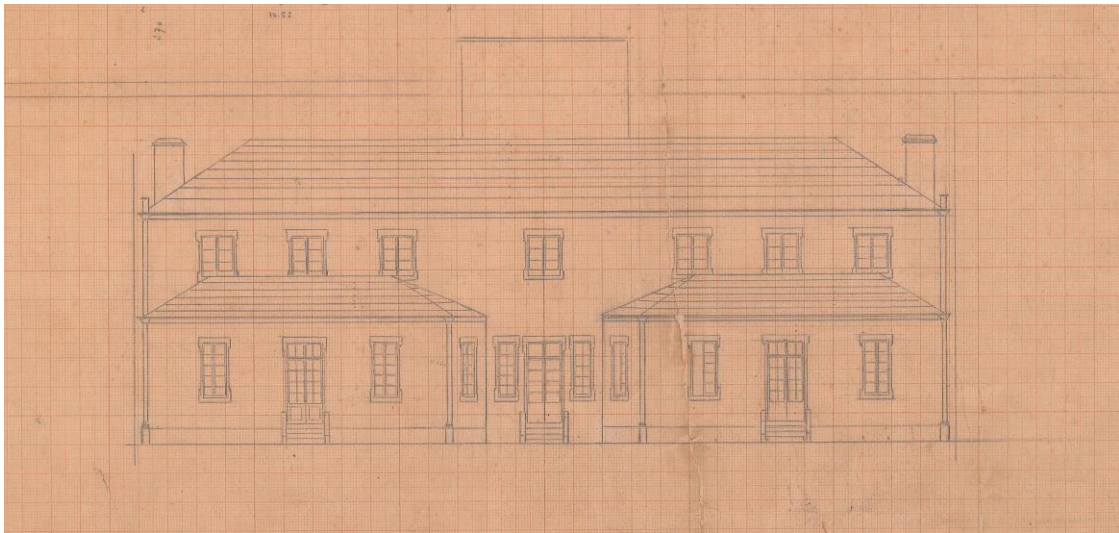


Figura 2: Rascunho da fachada sul do Farol da Ponta da Ferraria
Fonte: Secretaria Regional de Obras Públicas e Transportes
Ano desconhecido

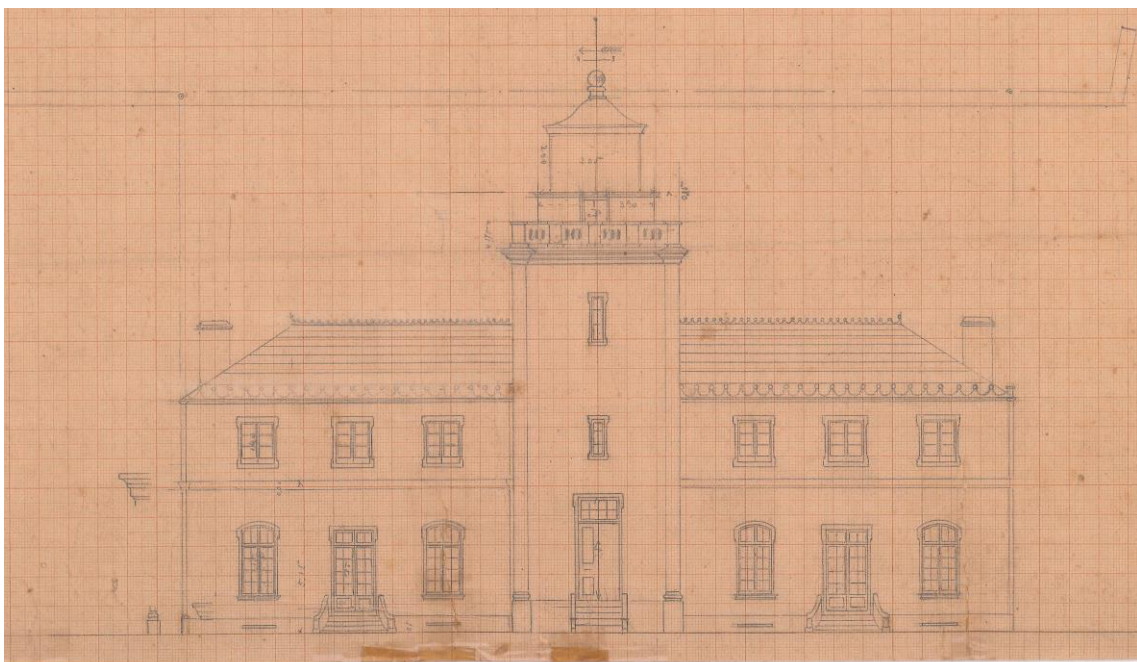


Figura 3: Rascunho da fachada norte do Farol da Ponta da Ferraria
Fonte: Secretaria Regional de Obras Públicas e Transportes
Ano desconhecido

2.6 O Património das Águas

As maiores dificuldades sentidas nesta temática foi a pouca informação disponível na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada e Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Ponta Delgada acerca da história individual de cada fontanário, pelo que optei por realizar um pequeno registo com a informação das suas placas e do seu estado em 2020.

2.6.1 Os fontanários

A água foi, desde sempre, um dos mais importantes elementos para o desenvolvimento de qualquer comunidade. Essa necessidade levou à criação das primeiras fontes, em São Miguel, no século XVI. As populações que não possuíam uma fonte, durante este período, buscavam água em nascentes de difícil acesso e o gado bebia, usualmente, de charcos naturais. A primeira alteração no abastecimento veio com a maior facilidade de captura de água das nascentes, que permitiu a criação de fontes no meio do mato para uso do gado, mudança essencial para a sua produção.⁷¹

A maior criação de aquedutos e fontanários, tanto dentro como fora das áreas habitacionais ocorreu na ilha de São Miguel durante a segunda metade do século XIX, derivado da ação da Monarquia Constitucional. Esta política foi de suma importância numa sociedade pobre e carecida de água potável para os afazeres quotidianos, especialmente com o surgimento dos fontanários com os seus lavatórios, entre o século XIX e XX, que se constituíram como um importante ponto de encontro para as mulheres casadas neste período⁷². As mudanças tecnológicas, entretanto, operadas, resultaram na transição dos canos de barro e ferro, que funcionavam com recurso à gravidade para canos sintéticos com pressão mecânica, durante o século XX⁷³, em conjunto com um gradual trabalho de canalização, para cada habitação. Com isso, deu-se o fim da função primária destes conjuntos arquitetónicos. Atualmente, mantém-se o seu reconhecimento estético e embelezamento das freguesias.⁷⁴

⁷¹ Cf. Sousa, 2008: p. 59.

⁷² *Ibidem*: pp. 59-60.

⁷³ Ainda que o autor se refira ao território de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, é natural que essas mudanças tecnológicas estivessem também a ser implementadas na ilha de São Miguel no mesmo período. - Cf. Brasil, 2018: p. 40

⁷⁴ *Idem*

Nos dias de hoje, existem nesta freguesia somente sete fontanários⁷⁵ sendo que três deles são um conjunto de fontanários e bebedouros e estão localizados em zonas predominantemente de acesso a pastagens.

Existe um pequeno fontanário na Lombinha de Cima que se encontra modificado e destruído, sem qualquer menção à sua datação ou construtor original. Apresenta uma bacia de pedra e chafariz semicircular, sem bica, colocados num edifício de formato quadrangular. À esquerda, estaria um pequeno bebedouro que foi coberto por cimento na parte superior.

Os primeiros fontanários datados foram dois, um na Lomba de Cima e outro na Lomba dos Gagos, ambos datados de 1816. O da Lomba de Cima foi construído por Nicolau Maria Raposo de Amaral e o segundo encontra-se nos terrenos da sua antiga Casa do Monte. O fontanário da Lomba de Cima tem o muro pintado de amarelo e é composto pela base, em cantaria à vista, de formato semicircular que contém o chafariz e a bacia semicircular. Já o da Lomba dos Gagos, possui bastantes ornamentos esculpidos em volutas, como flores e volutas, e tem uma grande bacia, que continha a água, que vinha por duas bicas.

Em 1858, Nicolau Maria Raposo de Amaral construiu próximo à habitação da sua propriedade apelidada de Casa do Monte, um bebedouro⁷⁶ em formato de arco ogival. Em 1889, constrói-se um segundo fontanário na Lomba de Cima, construído por entidades públicas, que possui o chafariz e bacia semicircular, à esquerda, e bebedouro dos animais, à direita, estando construído em conjunto com um depósito de água pintado de bege.

Encontra-se outro na Rua da Canada, erguido em 1898, pela Câmara Municipal e composto apenas pelo chafariz colocado numa parede com a base retangular e o alçado superior em semicírculo em alvenaria de pedra rebocada pintada a preto e branco. Outro está na Rua do Alqueive, edificado em 1916, caracterizado pelo corpo retangular encimado pelo remate superior triangular e o fundo pintado de azul que alberga o chafariz que está colocado numa base, em cantaria à vista, de formato retangular com a bacia do mesmo formato e bebedouro, à direita, pintado a azul com os cunhais, pilastras e cornijas a branco. Por fim, o Fontanário da Rua do Moio, erguido em 1941 pela Câmara de Ponta Delgada, é composto por um depósito pintado de bege com cunhais e duas cornijas

⁷⁵ Cf. Fichas de Inventário do Património Imóvel: pp. 207-220

⁷⁶ *Ibidem*: pp. 221-222

brancas e uma base com chafariz, também pintada de bege, de formato retangular encimado por uma cornija branca saliente curvada.

A Várzea não tem, atualmente, nenhum fontanário sendo que apenas resiste uma pequena bica colocada numa parede. Segundo o website “Várzea dos Açores”, já citado, “existiam cinco fontanários, que abasteceram água potável à população até finais da década de 50 do século XX, altura em que os Serviços Municipalizados concluíram a rede de distribuição de água pelo parque habitacional.” Estavam colocados na Rua do Além, na atual Estrada Regional, no extremo nascente da Rua da Igreja que ficava junto à Grota da Fonte e, por fim, um na Rua da Fonte.

Hoje, todos eles desapareceram, ficando uma pequena memória do fontanário na Rua da Fonte, que apenas contém a bica do chafariz.

2.6.2 A Fonte do Sapateiro: o conjunto mais antigo de Ginetes

A Fonte do Sapateiro encontra-se no fim da Rua da Canada seguindo um pequeno trilho de terra. Composta por um aqueduto com um portal em arco de pedra lavrada, que conduzia a água em canos de barro⁷⁷ para as fontes públicas, datada de 1638, como consta em inscrição no alto da entrada⁷⁸, dá aso a dois bebedouros em formato de L com duas pias de lavar a roupa, ainda, com buracos de antigas bicas.

Antigamente, existiam quatro pias de lavar a roupa e um chafariz neste local, mas durante os anos de 1990 foram retiradas duas pias e o chafariz para se construir os bebedouros de cimento que ali se encontram pela Junta de Freguesia de Ginetes. É desconhecido o paradeiro dessas peças, acreditando-se que uma delas foi colocada num dos jardins comunitários da freguesia.

A fama terapêutica desta água foi o principal atrativo para a vinda de muitos indivíduos no passado. A pureza da água em consonância com a beleza natural e o silêncio eram palco de conversas entre as mulheres e pelos homens no passado que a visitavam devido aos seus afazeres. Ainda que se desconheça a real origem do topónimo, esta fonte contém uma lenda a si associada que em muito explica o porquê de ser tão afamada.

⁷⁷ Cf. Figura 12, nos apêndices

⁷⁸ Cf. Ficha de Inventário do Património Imóvel: pp. 225-226

2.6.2.1 A lenda da Fonte do Sapateiro

A presente transcrição foi realizada a partir da obra *Açores, lendas e outras histórias* de Ângela Brum⁷⁹.

“Há muitos anos, um certo sapateiro, que vivia nos Ginetes teve de ir à cidade para resolver assuntos da sua vida [...]. Quando ia a sair de casa, a mulher, que sofria de doença dos intestinos, pediu-lhe que trouxesse um medicamento recomendado pela vizinha, pessoa de muita sabedoria.

Lá foi o sapateiro, calcorreando pelos difíceis caminhos até à cidade, onde já chegou muito cansado [...]

De repente, quando já estava perto de casa, veio-lhe à lembrança o remédio que a mulher lhe tinha pedido com tanto empenho. Ficou desorientado. Voltar outra vez à cidade parecia-lhe impossível, pois estava estafado da grande viagem que tinha feito a pé. Mas chegar a casa sem o remédio para a mulher, ainda se lhe afigurou mais difícil.

Quando estava nesta indecisão, passou por uma fonte, escondida entre abundante vegetação e uma ideia veio-lhe de repente. Encheu o garrafo na água que corria límpida da fonte e seguiu para casa entre o aliviado e o preocupado.

Ao chegar e depois da habitual pergunta “como te foi lá na cidade?” o sapateiro entregou o garrafo com o suposto remédio. Nos dias seguintes o garrafo foi-se esvaziando aos poucos porque a mulher, cheia de confiança, tomava as doses como a vizinha lhe tinha dito. Pouco a pouco a mulher do sapateiro começou a sentir-se melhor e o marido, vendo-a saudável e feliz, ganhou coragem e contou-lhe a história do remédio.

Depressa a notícia de que a água daquela fonte era medicinal espalhou-se pela freguesia e muitos passaram a bebê-la, acreditando que ficariam curados dos males que os afligiam.

Lembrando este acontecimento, passaram a chamar àquela nascente de água de Fonte do Sapateiro. [...]

⁷⁹ Cf. Brum, 1999: p. 72

2.7 A Moagem

2.7.1 Síntese da origem dos moinhos de vento

Os moinhos foram inventados pelos povos do Médio Oriente com a construção de pequenos moinhos manuais, com sistemas de tração animal, à roda de água e, por fim, o moinho de vento. Relata-se que o uso da força do vento na moagem ocorreu durante o século VII d.C., na Pérsia, ainda que com características completamente diferentes das dos Moinhos de Vento relatados neste trabalho. Na Idade Média, um pouco por toda a Europa, surgiram e difundiram-se estes pequenos edifícios, sendo que no século XV estabilizaram a sua presença.

Ganharam maior notoriedade na Península Ibérica durante o século XVII⁸⁰ devido aos grandes períodos de seca que prejudicaram o normal funcionamento dos moinhos de água, levando a uma provável expansão do moinho movido a vento. Em Portugal, terminariam por dominar os moinhos com tronco em alvenaria de pedra e cobertura giratória conhecidos como “Moinhos de Torre”.

A origem dos moinhos de vento, em solo açoriano, não é consensual entre os especialistas estando ainda em debate. Porém, segundo Luís Bettencourt, a época melhor aceite para o aparecimento das primeiras construções destes gigantes edifícios de pedra é o século XIX.⁸¹

A freguesia de Ginetes e lugar da Várzea não fugiu à tendência, pois como já foi referido, parte da sua riqueza era gerada, nos séculos XIX e XX, pelo cultivo conjunto de trigo e milho, por isso, os moinhos de vento foram uma importante inovação tecnológica, e um novo suporte económico, para ambas as populações, devido ao carácter predominantemente agrícola da economia.

Ao todo, estão edificados quatro moinhos nesta localidade: um no Pico do Cavalo, outro na zona da Canada, outro na Lombinha e um no Pico da Várzea. O primeiro será o mais novo, como evidencia a placa que contém o ano de 1905 no corpo do edifício⁸² e o da Lombinha surgiu em 1870⁸³, sendo provavelmente o mais antigo. O moinho presente na Rua da Canada⁸⁴ não possui nenhuma fonte que permita aferir a provável data da sua

⁸⁰ Cf. Bettencourt, 2008: p. 9

⁸¹ *Ibidem*: p. 10

⁸² Cf. Ficha de Inventário do Património Imóvel: pp. 198-200

⁸³ *Ibidem*: pp. 205-206

⁸⁴ *Ibidem*: pp. 201-202

fundação. Por fim, o da Várzea⁸⁵ aparece referenciado na obra de António Lopes da Luz, o que comprova que a sua construção já foi feita durante a segunda metade do século XIX, ou na primeira década do século XX, e teve como dono, João de Sousa Carreiro⁸⁶.

O término da atividade dos moinhos na localidade é incerto, mas deverá remontar ao período dos anos 50 a 60 do século XX. Deveu-se, essencialmente, ao aparecimento das moagens elétricas, hoje desativadas, em ambas as localidades. O simples facto de não se ter que esperar pela força do vento para a produção de farinha fez com que os moinhos de vento fossem consequentemente abandonados e deixados de lado pela sociedade agrícola. Hoje, não passam de meras recordações de um passado cada vez mais distante e esquecido com o passar das gerações.

2.7.1.1 Caracterização dos moinhos de vento em São Miguel

Das informações relativas aos moinhos e modo de vida dos moleiros na freguesia de Ginetes, encontramos a recolha de testemunho anexada à obra *Ofícios Antigos Subsistentes nas Ilhas dos Açores – Ilha de São Miguel*. No ano de 1985⁸⁷, foi realizada uma entrevista ao moleiro José Furtado de Medeiros, nascido em 1921 e filho do dono do moinho da Estrada de Cima, nos Ginetes, onde desempenhava o ofício de moleiro desde os 16 anos, primariamente no moinho de vento durante uns 30 anos e, depois, numa moagem do continente, como empregado.

A busca por uma descrição que me parecesse fiável encontrou eco no que que Luís Bernardo Leite Ataíde⁸⁸ desenha e descreve como o Moinho de Vento de São Miguel comum e, pelo que se pode observar, os moinhos de Ginetes e Várzea correspondem a essa estrutura comum caracterizados pelo corpo tronco cónico fixo em alvenaria de pedra, de dois pisos, rebocados e caiados com portas e janelas, coberto por uma cúpula giratória de madeira que era acionada por um rabo exterior de três caibros e fixo a três barrotes salientes da armação de jogo.

Apesar da similaridade dos edifícios descritos, bem como as duas portas de acesso serem frente uma à outra e terem a presença de uma ou várias janelas no piso inferior e superior, a ausência dos mecanismos e dos seus elementos, nomeadamente do piso superior, cúpula e do velame não permitem assegurar por completo a forma como eram estes moinhos nos

⁸⁵ Ibidem: pp. 203-205

⁸⁶ Cf. Luz, 1918: p. 49

⁸⁷ Cf. Acessível em: Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores: Almeida, Franz-Paul de (Coord), 1985: fl. 1339-1347

⁸⁸ Cf. Ataíde, 1928: p. 17

seus últimos anos de funcionamento em relação aos materiais internos e à forma da cúpula de cada um. Na ilha de São Miguel existiam dois tipos: a cúpula semiovoide em bico e os de cúpula oitavada piramidal.

A estrutura da cúpula é descrita na obra *Moinhos de Vento dos Açores* da seguinte forma: “Três travessões de igual calibre ligam, formando, no sector médio do moinho, uma grade quadrangular: no primeiro desses travessões, atrás, fica a chumaceira do espigão do mastro; no segundo, a meio, fica a chumaceira do espigão do veio do carrete, que nestes moinhos (como em todos os moinhos fixos) se situa rigorosamente no eixo do edifício; ao terceiro, à frente, liga-se a peça que reforça o apoio da chumaceira da saída do mastro; normalmente uns tirantes de ferro passados também entre as madres, e que as atravessam em toda a sua espessura atarraxados a elas, junto, atrás ou à frente, desses travessões, fazem de esticadores, que firmam ainda mais toda essa estrutura.”⁸⁹.

O acesso ao segundo piso era efetuado por uma escada de madeira, facto confirmado pelo moleiro José Furtado de Medeiros, junto a uma das paredes internas, e tinha a moenda composta por duas pedras circulares sobrepostas sendo a de baixo fixa e a de cima móvel, ficando sobre o mecanismo do motor interno. A cúpula e o soalho estavam suportados por dois barrotes de madeira denominados de dormentes que estavam ligados a um mecanismo chamado de guerreiro fixo, que ficava no solo, e tinha a companhia do tabuleiro ou caixão, que era a caixa que recebia a farinha, através de um conduto de madeira denominado por calha ou cano.⁹⁰

A zona externa era composta pela cúpula de madeira que estava encaixada ligeiramente abaixo do corpo com uma armação de metal no frechal do moinho que seria uma espécie de friso exterior. Da zona interior da cúpula para o exterior, saía o barrote central, que era o prolongamento da espia central da cúpula, caracterizado por duas peças pregadas a meia madeira e reforçadas com abraçadeiras de ferro e do prolongamento das espias salientes das madres, presos por cavilhas de metal, estariam dois “braços” presos em V que abriam à medida que subiam.

Segundo Luís Bernardo Leite Ataíde, era no rés-do-chão que o moleiro devia “manobrar” o velame. Este era, normalmente, composto por uma grade retangular caracterizadas por panos do mesmo formato, que se encontravam fixos nas carregadeiras e era constituída por réguas em sentido longitudinal pregadas em travessas perpendiculares e encaixado ao

⁸⁹ Cf. Bettencourt, 2008: p. 19

⁹⁰ *Ibidem*: p. 21

penal que era composto por um barrote que trabalhava em consola. Eram feitos quatro conjuntos que ficavam presos por abraçadeiras de ferro a cada braço da cruzeta, dois barrotes que atravessam a ponta saliente do mastro formando a cruz.⁹¹

Assim que o vento fazia o velame girar, uma grande roda de pedra dentada, denominada entregosta, rodava transmitindo essa mesma rotação a um carrete cilíndrico, chamado de carretel, que ligava o veio de ferro vertical fixado à mó superior, que girava sobre a mó de baixo e moia o trigo em farinha.

Existiam dois modos de travar o sistema do motor acima descrito. Não sobra qualquer vestígio que indique o modo de travagem em cada moinho destas localidades, nem mesmo é descrito pela recolha de testemunho anteriormente citado. Podia ser travado pelo sistema de roldana, ou de picota, que atuavam por intermédio de uma cinta de ferro que envolvia a entregosta e a apertava para a parar. A diferença estava no sistema que elevava a alavanca, presa na cinta e fixa a uma das madres. No primeiro sistema, funcionava com “simples tracção por meio de uma corda, à ponta solta do barrote alavanca que suporta uma pedra de grandes dimensões, com mais de cem quilos, presa a este por abraçadeiras de ferro”. O segundo “funciona por tracção à mesma ponta do barrote alavanca, por meio de uma segunda alavanca, o que o torna mais leve”⁹². Através do mecanismo de travagem é que o moleiro, observando o do produto moído, decidia se parava, ou continuava a moer, para dar o melhor trato à farinha.⁹³

De acordo com o moleiro José Furtado de Medeiros, o moleiro tinha de saber gerir muito bem os penais do Moinho em temporais, sob pena de se partirem, colocando-os sempre a favor do vento. Significa que em dias comuns esta atenção era necessária, para que ele pudesse tirar o melhor proveito possível da natureza. Essa mesma necessidade fazia com que este trabalhador tivesse de estar sempre disponível a qualquer dia da semana e a qualquer hora, laborando inclusivamente de noite.

Para realizar o trabalho de moer o grão, o moleiro colocava o grão dentro do batedor, longarina da quelha encostada ao veio vertical de secção quadrangular, que faz trepidar e provocava compassadamente a queda do grão⁹⁴ para o centro das mós. Quando o milho escasseava soava uma campainha sinalizando a necessidade de se colocar mais grão.

⁹¹ *Ibidem*: p. 22

⁹² *Idem*.

⁹³ Cf. Ataide, 1928: pp. 16-17

⁹⁴ Cf. Bettencourt, 2008: p. 73

As mós são o fator essencial para o resultado final. Primeiramente, uma delas era visível ao moleiro por não estar coberta, o que permitia que a pedra ficasse mais rugosa e que o calor se dissipasse. A rugosidade das mós era caracterizada de duas formas: amolgada, quando estava pouco áspera, e picada, quando estava mais áspera. A rugosidade transparecia na farinha, que saía mais fria, quanto mais áspera a mó estivesse e menos tempo levasse a moer e mais macia quando estava menos áspera e mais tempo levasse a moer. A duração era de, segundo o exemplo do moleiro, um alqueire de milho em cinco minutos com a pedra mais áspera e dez minutos com ela menos áspera. Acaba por ser uma diferença substancial no ritmo do trabalho.

Por fim, o tipo de milho influenciava o modo de trabalhar do moleiro e a forma como ele tinha de cuidar das mós. Segundo ele, o milho branco e os milhos moles aqueciam imenso as mós, principalmente os últimos, que levavam à necessidade de limpar as pedras para que a massa da farinha que ficava não tapasse os rasgos existentes que ajudavam na ventilação e no escoamento da farinha. Já o milho grosso não necessitava de tantas preocupações já que acabava por não aquecer muito.

2.7.2 A moagem elétrica nos Ginetes

Na Várzea havia, entre 1946⁹⁵ e 1980, uma moagem elétrica que se encontra devoluta.⁹⁶ A moagem elétrica, nos Ginetes, surgiu em 1963, por obra de Joaquim Carlos, pai de António Carlos e avô de Carlos José, sócio da empresa António Pedro Jorge & Filhos, Lda, situada na Rua da Arquinha, em conjunto com os seus dois irmãos que se dedicam à produção de farinha. Incluía uma moagem elétrica similar à que se encontrava nos Ginetes e que foi usada como referência para o estudo deste objeto do património industrial.

O negócio de família na freguesia de Ginetes iniciou-se num edifício junto à Estrada Regional, logo à entrada da freguesia, que ainda hoje, é apelidado de Moagem, apesar do seu encerramento há alguns anos. A tecnologia inicial da Moagem foi a da combustão a gás em que o “moleiro fazia um cigarro dum produto qualquer que introduzia numa cavilha e depois metia na cabeça do motor.”⁹⁷ Após isso, existia uma manivela, no volante do motor, que o moleiro rodava até dar ignição ao sistema que utilizava diversas correias para realizar a rotação das mós. Assim que o motor alcançava uma determinada

⁹⁵ Cf. Direção Escolar de Ponta Delgada, 1987: p. 82

⁹⁶ Cf. “Moinhos de Vento” in *website* “Várzea dos Açores”

⁹⁷ Recolha de testemunho de Carlos Jorge

temperatura, o homem passava a correia ligada à poli⁹⁸ do motor lentamente para a segunda poli que ligava às mós para que fossem lentamente acelerando.

A evolução na área dos motores elétricos como sistema de energia para as moagens foi sofrendo atualizações e o uso do motor elétrico de carrinha tornou-se geral, uma vez que permitia a ligação direta sem uso de correias e dentes.⁹⁹ A moagem elétrica utilizada nos Ginetes é dividida por duas zonas: uma superior e uma inferior. A superior é caracterizada por uma construção de madeira circular que alberga as duas mós chamada de saia¹⁰⁰, que no caso das moagens elétricas é coberta com um tampo superior. A inferior é constituída pela parte mecânica que contém motor ligado à transmissão de uma carrinha que se conecta à traseira de um camião que possui a função de limitar as rotações transmitidas para 150 rotações¹⁰¹ à parte superior do moinho.

A parte motora está unida à parte superior através do veio metálico que atravessa o meio das duas mós. Este veio faz girar ambas as mós, sendo a mó superior móvel e protegida por um aro metálico, para proteção, enquanto a inferior é fixa. Acima, está a moega, descrita também como abastecedor¹⁰², em madeira, com o formato quadrado com uma ligeira inclinação em rampa, nos quatro lados, que encaminha o milho para o funil de madeira conectando as mós e com uma abertura traseira para a colocação do milho e uma janela dianteira para o moleiro ir averiguando a quantidade.

A moagem possui a capacidade de efetuar qualquer tipo de farinha e, no caso da moagem elétrica em funcionamento na rua da Arquinha, é utilizada para o tipo 175 que se caracteriza por ser um pouco grossa e para o alimento de animais. Porém, caso o moleiro necessitasse criar uma farinha mais fina, bastava usar o pequeno volante dianteiro, colocado à frente da cobertura de madeira, que controlava a altura da mó superior relativamente à mó inferior. Neste processo, existe um elemento essencial que se chama bolacha de aço que é uma roda que controla a abertura da entrada do milho entre as duas pedras. Antigamente, após o processo de produção, a farinha saía da uma bica diretamente para um saco e, depois, para um peneiro para serem retirados os detritos.

Com auxílio da recolha de testemunho de Orlando Viveiros¹⁰³, dono de uma antiga

⁹⁸ Volantes dos motores

⁹⁹ Cf. Uac.bam: Almeida, Franz-Paul de (Coord),1985: fl. 4366

¹⁰⁰ *Idem*: fls.4362-4388

¹⁰¹ Segundo Carlos Jorge, qualquer tipo de Moinho tinha de produzir 150 rotações para o normal funcionamento e arranjar formas de “travar” rotações acima desse valor.

¹⁰² Recolha de testemunho de Carlos Jorge

¹⁰³ Cf. Uac.bam: Almeida, Franz-Paul de (Coord),1985: fls. 4362-4388

moagem elétrica nos Arrifes, sabemos que nestas moagens eram necessários alguns cuidados com as mós que devido ao trabalho e fricção diários acabavam por ficar lisas. Para as manter ásperas, os moleiros continham um utensílio apelidado de guindaste ou elevador de pedras, feito de madeira grossa e um veio em ferro com dois grampos do mesmo material na extremidade com o qual era possível subir a pedra para fora da saia.¹⁰⁴ Após isso, faziam os rasgos e sulcos na pedra, ou seja, os pequenos e grandes orifícios característicos da pedra, essenciais na qualidade de corte da farinha, através do processo da picagem.¹⁰⁵

2.7.3 A relação do povo com os Moinhos

As recordações deste passado dependente dos moinhos e das moagens para a economia local tende a cair no esquecimento com o passar das gerações. Porém, ainda existem habitantes que se recordam da época de atividade dos gigantes de pedra, como é o caso de Leopoldo Almeida Pavão, que trabalhou como agricultor em grande parte da sua vida.

Como referenciado anteriormente, os Moinhos de Vento nos Ginetes estão espalhados, sendo que praticamente toda a população de Ginetes e Várzea vive perto de um. Uma das histórias mais referidas pela voz popular e também pelo senhor Leopoldo é a forma como o moleiro, quando o velame do moinho possuía velocidade suficiente, para iniciar o processo de moagem, chamava a atenção dos agricultores. Descrito pelo senhor Leopoldo, o moleiro carregava consigo um búzio e colocava-se junto à porta do moinho donde tocava e fazia o som ecoar por muitos quilómetros. Alberto Ponte, habitante desta freguesia, descreve a memória desse momento em crónica para o jornal “Correio dos Açores” e cito: “Recordo-me ainda do som de um enorme “búzio” onde soprava o moleiro nos anos cinquenta que lá do alto anunciava de uma forma original, que se espalhava por toda a freguesia que estava pronto para receber o milho que seria transformado em farinha no movimento das enormes rodas de pedra que o triturava à velocidade do vento.”¹⁰⁶

Nesse momento, diferente do que se possa pensar pelo espaçamento, qualquer agricultor de qualquer zona dos Ginetes poderia encaminhar-se para qualquer moinho e colocar o seu milho para moer. Segundo a população, o moleiro era pago, essencialmente, com uma pequena percentagem do milho que podia depois vender em seu nome naquilo que ficou

¹⁰⁴ *Ibidem*: fl. 4372

¹⁰⁵ *Idem*

¹⁰⁶ Cf. Ponte, 2008: p. 34

conhecido como sistema de maquia¹⁰⁷, bastante comum neste ofício em Portugal Continental e Insular, e replicou-se em finais do século XX nas moagens elétricas.¹⁰⁸

A Moagem Elétrica possuía uma relação diferente, durante os anos 70 e 80, devido ao processo mais mecânico e industrializado. A população, caso quisesse moer o seu milho, tinha que esperar que o moleiro fosse numa carroça ou veículo motorizado percorrer as habitações da freguesia e levar o milho. Mais tarde, este era trazido de volta à habitação do agricultor. Com a modernização dos transportes particulares, nomeadamente carrinhas e tratores, durante os anos 90 e a primeira década do século XXI, é plausível que o milho fosse levado pelos próprios proprietários do produto à moagem.

A importância económica e alimentar destes edifícios, sejam eles de vento ou elétrico, era de suma importância numa freguesia pequena e pobre como a de Ginetes e Várzea já que, principalmente, no século XIX era a principal cultura na ilha de São Miguel e que veio a perder importância económica devido ao início da importação de milho estrangeiro e com o surgimento da criação bovina e do leite. Durante aquele período mais longínquo, enquanto o trigo servia para fazer o pão de trigo, alimento de luxo na época, o milho servia para fazer algum do pão normal e que também era uma das bases alimentares destes povos rurais que viviam muito longe da sociedade urbana de Ponta Delgada. Atualmente, em ambas as localidades, o milho de forragem serve para a produção de alimento animal sendo moído, no campo onde está plantado por uma máquina de silagem própria.

¹⁰⁷ Cf. Oliveira; Galhano; Pereira, 1983: pp. 493

¹⁰⁸ Cf. Uac.bam: Almeida, Franz-Paul de (Coord), 1985: fl. 4359



Figura 4: Moagem Elétrica presente na rua da Arquinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 5: Edifício da antiga Moagem Elétrica de Ginetes
Créditos fotográficos de José Frias
2020

3. PATRIMÓNIO MÓVEL

3.1 A Imaginária religiosa da freguesia de Ginetes

A primeira fonte primária que dá a conhecer parte deste património é o Livro da Fábrica, escrito entre 1671 e 1828, o qual permite-nos ter uma ideia de quais figuras católicas foram sendo veneradas e a parte integrante da história deste templo.

Para além da imagem de São Sebastião, por ser padroeiro desta Igreja, segundo a receita de 1725¹⁰⁹, temos a menção dos três altares: de São Pedro, de Santo Antão e de Santo António.

A primeira ideia da Imaginária existente é concedida através de um inventário realizado a 12 de abril de 1730¹¹⁰, para entrega de bens ao tesoureiro André Raposo Ferreira, onde segundo o documento, existiam duas imagens de São Sebastião, que estavam situadas altar-mor. Tínhamos, adicionalmente, um conjunto de pequenas imagens de Santo António, de São Pedro, de Santo Antão e de Nossa Senhora do Rosário que continha uma coroa de prata. Havia ainda uma imagem maior de São Pedro que estava guardada na sacristia.

Em 1745, houve um novo inventário que dava conta de haver duas novas imagens ao altar-mor, nomeadamente o de Nossa Senhora da Guia e de Nossa Senhora da Nazaré. A 19 de março de 1746 e a 26 de fevereiro de 1756¹¹¹, temos informação de que esta Imaginária mantinha e adicionava novas informações: a de São Sebastião possuía uma capa de damasco, setas e resplendor feitos em prata e, ambas as imagens femininas, tinham um menino feito de ouro, uma coroa e resplendor em prata.

A obra de António Lopes da Luz integra os registos da Imaginária, durante o século XIX, que permanece como a anotação mais antiga da compra de algumas das imagens, que hoje se encontram neste templo. Através de investigação no Arquivo Paroquial e no arquivo bibliotecário não foi encontrado qualquer documento mais recente de compra, ou doação, das imagens adquiridas, durante a época supracitada e a análise destas confirma serem do período indicado.

¹⁰⁹ Cf. BPARPD: Coleção Documentos dos Ginetes, Livro da Fábrica, 1671 a 1828, fl. 38

¹¹⁰ *Ibidem*: fl. 54-55

¹¹¹ *Ibidem*: fl. 59-59 v.

Primeiramente, as imagens de São Sebastião, iniciais foram perdidas em abalos ou furtadas. Essa conclusão chega-nos na forma de uma aquisição de uma nova imagem, em 1806¹¹², que permanece nesta Igreja há 204 anos e na ausência de uma segunda imagem. É provável que as atividades sísmicas no século XIX tenham sido a causa da perda da primeira imagem de todos os Santos Evocados. As novas imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São Pedro foram adquiridas e colocadas no seu altar, em 1867¹¹³, tendo ambas atualmente 153 anos.

A imagem de Nossa Senhora da Boa-Hora é de 1892. Chegou no mesmo período de construção do seu altar no Batistério. Tanto a imaginária como o retábulo foram oferecidos por Manuel Correia dos Reis, através de esmolas angariadas por ser mordomo do Império do Espírito Santo.

As restantes imagens referidas, do século XVIII, tiveram destinos diferentes. As imagens de Nossa Senhora da Guia e de Nossa Senhora da Nazaré já não são mencionadas em qualquer uma das obras ou documentação datada dos séculos XX e XXI, o que faz com que o seu fim, provavelmente, tenha sido ou a sua destruição, ou o seu roubo ou a mudança de localização. Por seu turno, existe ainda uma representação de Santo Antão, colocada na predela da capela de Nosso Senhor dos Passos, que devido ao facto de não ser mencionada uma nova imagem na obra de Padre António Lopes da Luz é, presumivelmente, a única figura do século XVIII resistente neste templo.

O século XX possui dois inventários, datados de 1907¹¹⁴ e de 1916¹¹⁵, que dão conta da existência de duas imagens, uma pequena e uma maior, de Nossa Senhora do Rosário com a manutenção das imagens de São Sebastião, de São Pedro, de Santo António, de Santo Antão, Nossa Senhora da Boa Hora e, adicionalmente, duas figuras do Menino Jesus no berço.

As figuras de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores¹¹⁶ foram colocadas na sua capela em 1926, aquando da inauguração desta, após quatro anos de construção.

¹¹² Cf. Leite, 2001: p.63

¹¹³ *Ibidem*: p. 61

¹¹⁴ Cf. BPARPD: Fundo Administração do Concelho de Ponta Delgada, “Copia autenticação do inventario da igreja de São Sebastião dos Ginetes” in Autos de Avaliação dos bens e rendimentos, 1907.

¹¹⁵ Cf. BPARPD: Fundo Administração do Concelho de Ponta Delgada, “COPIA- Junta da paróquia da freguesia dos Ginetes – Inventário da Paróquia dos Ginetes - Compreendendo Junta, igreja, paroquial e ermida da Varzea – 1916” in Autos de Avaliação dos bens e rendimentos, 1916.

¹¹⁶ Cf. APSS: Dossiê “Algumas Importâncias recebidas e despesas de 1922”

Em 1939, um novo inventário¹¹⁷ dá conta das mesmas imagens, com a única exceção, da não menção das imagens de Nosso Senhor dos Passos, de Nossa Senhora das Dores e da imaginária menor de Nossa Senhora do Rosário.

A partir deste período dos anos 40, a estatuária da Rainha Santa Isabel, segundo a placa colocada no seu plinto, foi oferecida pelo Exército português, aquando a sua presença, na freguesia de Ginetes durante o período da Segunda Guerra Mundial. Na segunda metade do século XX, foram, provavelmente, incorporadas as imagens de São João, São José e da Sagrada Família, que estão presentes no Inventário de 2002, salvaguardado nesta paróquia.

Houve a existência de um Altar das Almas, que desapareceu durante esta época e incluía os quadros de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Bonfim e de Coração de Jesus.¹¹⁸

No século XXI, a imagem de Santo António, através de fonte oral, foi furtada e nunca foi substituída. Esta informação confirma-se através da menção da sua imagem no Inventário da Igreja de São Sebastião de 2002 e, no facto de, já não estar presente há muitos anos neste templo.

A figura de São Miguel Arcanjo foi oferecida anonimamente à Igreja em 2019 e a primeira imagem de São José terá sido furtada, durante o século XXI, apesar da incerteza da memória popular. A atual imagem de São José terá sido substituída durante a primeira década do século XXI.

As imagens que não estão mencionadas na descrição arquitetónica são as imagens de Nossa Senhora de Fátima e do Imaculado Coração de Maria, que estão em sala anexa, com acesso pela Capela de Nosso Senhor dos Passos e uma figura denominada Nossa Senhora das Candeias, guardada na sacristia.

Por fim, o pequeno nicho do Batistério que integra a imagem da Sagrada Família, provavelmente, também do século XXI, já que não é mencionada pelo Padre António Ferreira Leite na sua obra. Para esta conclusão, cito a seguinte frase escrita na sua obra “[...] No entanto recentemente entenderam colocá-lo na Capela do Batistério, talvez por

¹¹⁷ Cf. BPARPD: Fundo Administração do Concelho de Ponta Delgada, “Auto de arrelamento e entrega dos Bens de Culto Católico da freguesia dos Ginetes de Concelho de Ponta Delgada á Corporação encarregada do mesmo culto na referida freguesia nos termos da Portaria publicada no Diário de Governo. II Serie Nº280 de 2 de Dezembro de 1939” in *Autos de Avaliação dos bens e rendimentos*, 1939.

¹¹⁸ Cf. BPARPD: “Junta de Paróquia de Freguesia de Ginetes in Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada” in *Autos Adicionaes e Inventário de Bens da Parochia de Ginetes*

ter sido São João que batizou Cristo no Rio Jordão[...]¹¹⁹ que remete para a colocação da imagem de São João Batista, neste local, sem dar conta da existência de outra imagem.

Em 2020, a Igreja de São Sebastião de Ginetes tem dezasseis imagens¹²⁰. As figuras de São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora do Rosário, Coração de Jesus, São Pedro, Nossa Senhora da Boa Hora, Nosso Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Santo Antão, São Miguel Arcanjo, Rainha Santa Isabel, São José e Sagrada Família têm descritas as suas atuais localizações na descrição arquitetónica da Igreja de São Sebastião.

Atualmente, a Ermida de Nossa Senhora de Fátima inclui, no seu interior, duas figuras pequenas de São Francisco Marto e Santa Jacinta Marto, colocadas nas peanhas junto ao altar-mor e outras duas imagens dos mesmos pastorinhos na sala de esmolos, que não tem informação de quando foram, ao certo, incorporadas. Em 2007, colocaram um grupo não agregado “Aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos na Cova da Iria em 1917” que contém as figuras de Nossa Senhora de Fátima, de Santa Jacinta, de Irmã Lúcia, São Francisco e uma ovelha¹²¹.

3.1.1 Descrição dos retábulos

Como suprarreferido no capítulo da Igreja de Jesus Maria José e na Ermida de Nossa Senhora de Fátima, ambos os edifícios possuem apenas um altar-mor. Posto isto, apenas a Igreja de São Sebastião possui quatro retábulos e denominá-los-ei pela imagem está na tribuna, de modo a ficar mais fácil compreender a sua descrição individual. Este subcapítulo serve como pequeno resumo para entendimento das características individuais de cada retábulo e da sua datação, funcionando em consonância com o descrito anteriormente nas obras da Igreja de São Sebastião.

Os altares de Coração de Jesus e de São Pedro apresentam semelhanças estruturais decorativas, provavelmente, pelo primeiro ser o antigo retábulo de Santo Antão que foi reconstruído em 1882¹²², tal como o segundo.

O Altar de Coração de Jesus caracterizado pelo retábulo, em formato de arco côncavo com o arco externo decorado por dois festões, que descrevem um semicírculo e ladeiam uma cartela de perfil contracurvado com um monograma com inscrição desconhecida. O arco é suportado por duas pilastras laterais, ornadas com dois festões que terminam numa

¹¹⁹ Cf. Leite, 2001: p. 64

¹²⁰ Cf. Fichas de Inventário Imóvel: pp. 235-280

¹²¹ *Ibidem*: p. 293-294

¹²² CF. Luz, 1918: p. 112

cornija reentrante e contínua. Incluí uma forma amendoada branca sobre uma glória dourada com feixes de luz flanqueado por dois ornados vegetalistas de recorte assimétrico no coroamento, encontrando-se separado pela cornija do corpo do altar composto por três tramos e uma tribuna. As laterais que antecedem os tramos laterais contêm um ornado vegetalista de recorte assimétrico e, na zona inferior, está outro pequeno ornado. Os tramos laterais simétricos são delimitados por duas colunas torsas, uma completamente dourada e outra pintada de branco com parras e uvas, que ladeiam a tribuna. Ambas as colunas formam um arco, que contém o seu remate superior no ático. A tribuna em formato retangular com um remate superior em semicírculo é emoldurada pela moldura de uma janela, em talha dourada, contendo no interior a decoração de feixes de luz atrás da imagem salvaguardada.

O banco é composto por duas secções. A primeira é a predela, composta por seis mísulas ornamentadas com flores de acanto e por três molduras centrais com ornados de inspiração vegetalista flanqueadas por duas mísulas menores. A segunda secção tem a continuação das seis mísulas. As duas que servem de base da coluna dourada têm a base acantonada e uma cobertura total em talha dourada na zona inferior e as outras duas mísulas com flores de acanto que são a base da coluna branca são caracterizadas pelas volutas laterais. O sacrário contracurvado encontra-se ao centro, sendo ornamentado por um par de volutas invertidas com a representação de folhagens e de dois pequenos festões que estão em cada um dos lados da porta do sacrário, de formato de arco que contem a reprodução de um resplendor. A mesa do altar possui diversos suportes de velas. A urna é caracterizada pelo tampo envidraçado sobreposto e caracteriza-se pelo formato ondulado com a base retangular. O altar é pintado de branco, excetuando as molduras e ornamentações em talha dourada.

O de São Pedro é bastante similar ao do altar de Coração de Jesus. A única diferença no arco externo é a cartela emoldurada por volutas com um ornado vegetalista. O ático também é similar, excetuando a inexistência do segundo semicírculo de festões. O mesmo estilo de cornija separa o ático do corpo. Este contém três tramos e uma tribuna, sendo exatamente igual ao descrito no Coração de Jesus. As diferenças são iniciadas na caracterização do banco que contém duas secções. A primeira é denominada de predela, contém seis mísulas acantonadas, sendo que entre o espaço entre as mísulas laterais está um ornado inspirado em flores de acanto. Na zona central, está uma moldura de cantos recortados, com o fundo branco, ladeada pelas duas pequenas mísulas centrais. A segunda

secção contém a continuação das mísulas e são, tal como no altar descrito, a base das duas colunas presentes no corpo. O sacrário é de formato reto com a porta, de formato em arco, está ladeado por duas mísulas em formato de voluta e alberga um hostiário. Todo o altar é pintado de branco, excetuando as molduras e ornamentações em talha dourada.

O retábulo de Nossa Senhora do Rosário é bastante diferente. Está inserido no recesso de um arco. O arco externo possui a representação de uma concha no topo e é decorado pelo ornado vegetalista, sendo suportado por duas pilastras, decoradas por representações de um cálice e festões que terminam numa cornija reentrante e contínua. O ático é composto por duas arquivoltas completas que sustentam no remate superior uma cartela de perfil contracurvado em que se lê “L M” com ornados vegetalistas. O corpo está separado do ático sendo dividido por três tramos. A tribuna, colocada no tramo central, contém o formato retangular com um remate em semicírculo no topo e com a moldura de uma janela na mesma cor. Esta possui um trono de um andar, com uma cruz em relevo na base, onde é colocada a imagem sendo ladeada por duas pilastras. O corpo central tem molduras retangulares com a zona superior em forma de seta e com a ornamentação vegetalista relevada nas pilastras divisórias, que delimitam os dois tramos laterais que contêm, na base, duas molduras recortadas com motivos recortados e decorados por motivos recortados em asa de morcego em recorte rocaille

O banco é composto por duas secções divididas por duas faixas horizontais sobrepostas. A primeira é a predela e contém um conjunto de três rosáceas em cada tramo lateral. Na zona central, encontra-se uma moldura maior e similar ornamentada por um par de volutas em cada extremidade e a reprodução de uma flor em motivos de ferragem. A segunda secção tem quatro mísulas com flores de acanto que delimitam os dois tramos laterais, estando entre elas, uma rosácea. Ao centro está um cálice, em relevo flanqueado, por dois ornamentos em voluta com folhagens. O altar assenta sobre o sotobanco. Contém uma urna com o tampo de vidro sobreposto. O retábulo é pintado de branco, exceto as molduras e ornamentações em talha dourada.

Por fim, temos o Retábulo de Nossa Senhora de Boa Hora que é caracterizado pelo formato de arco convexo. O arco externo é composto por molduras douradas de fundo branco no remate superior e nas pilastras que terminam por uma cornija contínua reentrante que separa o ático e o corpo. O altar é pintado de branco excetuando as molduras e ornamentações em talha dourada. O ático é formado por três arquivoltas espiraladas e ornadas com espigas unidas por três mísulas em leque cobertas por flores

de acanto. O corpo é composto por três tramos tendo ao centro uma tribuna. Os tramos laterais são delimitados pelas duas colunas torsas e contém uma moldura vertical com fundo branco. A tribuna é delimitada por uma fina moldura de uma janela, de formato retangular, com o remate superior semicircular, albergando, no interior, a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Abaixo dela, está um pequeno nicho com abertura retangular com uma moldura dourada do mesmo formato.

O banco do retábulo possui as quatro mísulas de flores de acanto onde assentam as colunas. Este contém duas pequenas molduras douradas laterais com o fundo branco e uma maior ao centro.

3.2 A Imaginária religiosa do lugar da Várzea

Da Igreja de Jesus Maria José, a informação histórica relativa à sua arte sacra é escassa. O conhecimento anterior ao século XX é praticamente inexistente, sendo impossível precisar como e quando é que as imagens foram incorporadas. O único dado anterior a esta data é a compra do altar da imagem da Sagrada Família, realizado no século XVIII e da menção da primeira imagem do orago. Provavelmente, tal como ocorreu na freguesia de Ginetes, os abalos sísmicos devem ter destruído a primitiva imagem da Sagrada Família aí existente. E a menção de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição ser legada à ermida, por volta de 1732.¹²³

No ano de 1907, as imagens que se encontravam no templo eram: uma da Sagrada Família denominada nos documentos por Jesus Maria José, uma de Nossa Senhora da Conceição, uma de Santo António e um Menino Jesus.

No inventário de 1916, anteriormente citado, temos a existência das mesmas imagens a que se adiciona uma segunda imagem de Jesus Maria José, uma Nossa Senhora da Boa Hora; uma de Santo Amaro, uma de Santo Antão, uma de São Sebastião e quatro Meninos Jesus. Continha ainda um quadro a Nossa Senhora do Carmo e outro da Via Sacra.

Segundo informação fornecida por Luís Cordeiro, no seu testemunho escrito¹²⁴, constata-se que as figuras do Imaculado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, presentes na nave do edifício foram oferecidas por Manuel dos Reis, emigrante nos Estados Unidos da América, no ano de 1958. Nesse mesmo ano, este mesmo emigrante organizou e patrocinou uma festa em devoção destas duas representações. Veio com a finalidade de construir uma Ermida nas suas terras junto ao Pico da Várzea, tendo comprado os

¹²³ Cf. Luz, 1918: p. 73

¹²⁴ Cf. Testemunho de Luís Cordeiro. pp. 163-165

materiais, mas essa Ermida nunca foi efetuada. As imagens acabaram por ser definitivamente entregues ao culto da Igreja de Jesus Maria José.

Em 2020, a Igreja tem dezasseis imagens, sendo que estão dispostas por vários suportes ou nichos havendo apenas o altar-mor. As imagens da Sagrada Família, de Nossa Senhora da Conceição, de São Lázaro Bispo, do Imaculado Coração de Maria, de Coração de Jesus, de Nossa Senhora de Fátima, de Santo Amaro e de Santo Antão têm a sua localização descrita no capítulo relativo à arquitetura deste edifício.

As restantes imagens estão salvaguardadas no batistério, nomeadamente uma imagem pequena e uma grande de Santa Teresinha, de Nossa Senhora da Apresentação, de Menino Jesus de Praga, de Santa Luzia, de Santo António, de Nossa Senhora de Fátima e outra imagem de Coração de Jesus.

3.3 Caracterização geral da imaginária

Os três edificadros religiosos possuem o total de quarenta e três imagens individuais. Na presente caracterização, o conjunto não agregado da Ermida consta dos dados como uma figura única apenas no campo da época.

Tabela 5 - Época da Imaginária	
Época	Contagem de Época
Desconhecido	5
Século XVIII	1
Século XIX	4
Século XX	11
Século XX/XXI	16
Século XXI	2

Ao analisar o campo da Época, uma pequena parte da Arte Sacra é uma incógnita quanto à sua época, em particular, a que reside na Igreja de Jesus Maria José, por carecer de documentação que ajude a entender o período de seis imagens, nomeadamente de Nossa Senhora da Conceição, Santo António e da Sagrada Família. As restantes são as representações de Nossa Senhora das Candeias e Jesus Cristo Crucificado, da Igreja de São Sebastião, que serão, presumivelmente, do século XVIII ou XIX pelas suas características e estado de degradação.

Quatro das imagens são centenárias ou bicentenárias tendo sido incorporadas no século XIX. Estas imagens são: as figuras de São Sebastião, São Pedro, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Boa Hora e a figura de Santo Antão, do século XVIII, todas elas presentes, na Igreja de São Sebastião.

A figura de Rainha Santa Isabel, Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos e a imagem de Nossa Senhora de Fátima da Ermida foram doadas e adquiridas durante o século XX. No mesmo período, das imagens da Igreja de Jesus Maria José sabemos que foram incorporadas as imagens de Santo Amaro, de Santo Antão, do Imaculado Coração de Maria, de Coração de Jesus e São Lázaro Bispo.

No século XXI, na freguesia de Ginetes, temos a incorporação da imagem de São Miguel Arcanjo. A Ermida recebeu o grupo escultórico não agregado, composto por cinco imagens individuais, representando a “Aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos na Cova da Iria em 1917” no ano de 2007.

Algumas figuras apresentam o seu período de incorporação e de manufatura desconhecido, porém através de investigação documental, da sua morfologia estilística, dos materiais de construção da figura comprovamos a sua contemporaneidade. O Inventário de 1939, último inventário datado do século XX de ambas as igrejas, ajuda a compreender que as imagens presentes, atualmente, nestas paróquias que não estavam mencionadas no documento supracitado tenham sido incorporadas durante este intervalo de tempo. No caso da Igreja de Jesus Maria José as imagens são as de Nossa Senhora da Apresentação, Menino Jesus de Praga, de ambas as figuras de Santa Teresinha, de Santa Luzia, a figura do Coração de Jesus que está no batistério e as duas imagens de Nossa Senhora de Fátima.

Pela análise do mesmo inventário, algumas imagens da Igreja de São Sebastião foram, provavelmente, incorporadas durante o século XX. A primeira menção da imagem de São João Batista é de que se encontrava no nicho do batistério da Igreja de São Sebastião, edificado em 1985, conforme escrito na obra de António Leite, realizada em 2001. A segunda é a de Coração de Jesus, mencionada na mesma obra. A imagem da Sagrada Família, por sua vez, não é mencionada nessa obra, sendo que surge pela primeira vez num inventário da Paróquia de São Sebastião, realizado por um grupo de jovens do programa de Ocupação de Tempos Livres (OTL), em 2002. As imagens de Nossa Senhora de Fátima e de Imaculado Coração de Maria, ambas imagens de culto durante o século XX, também não são mencionadas no livro do Padre António Leite e apenas aparecem

no Inventário de 2002. A presente imagem de São José será uma segunda figura do mesmo Santo, sendo que, segundo fonte popular, a primeira terá sido furtada e depois restabelecida, provavelmente, durante o século XXI.

Em conclusão, as pequenas imagens de Santa Jacinta Marto e São Francisco Marto, da Ermida de Nossa Senhora de Fátima, imagens de culto do século XX, tenham sido incorporadas numa destas épocas.

Materiais	Contagem
Gesso	5
Madeira	28
Porcelana	10

Das imagens estudadas, evidenciam-se três materiais diferentes: madeira, gesso e porcelana. A confecção em madeira, é o material mais usado estando presente em 28 das 43 imagens. Nos restantes materiais, a porcelana surge como o segundo material mais usado com 10 diferentes figuras. As restantes 5 foram realizadas em gesso e estão todas divididas em 3 imagens na Igreja de Jesus Maria José no lugar da Várzea e 2 na Ermida de Nossa Senhora de Fátima.

Subcategoria	
Escultura de Vulto	41
Imagem de Vestir de Perfil Anatómico	2

As imagens encontradas em todos os templos são caracterizadas por serem Esculturas de Vulto que correspondem a um volume de “[...] pelo menos a $\frac{3}{4}$ do volume real de um corpo ou de um objeto [...]”.¹²⁵ Por serem a forma mais comum de escultura de Arte Sacra, é normal que constitua a maioria da tipologia encontrada nesta localidade.

As únicas exceções são as imagens de Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos que são Imagens de Vestir de Perfil Anatómico¹²⁶. As suas características são a produção escultórica em vulto com a representação das imagens em pé, de joelhos ou sentadas com dimensões de escala humana, e reprodução da anatomia humana, sendo visível na sua volumetria, especificamente os seios da figura feminina. Possuem

¹²⁵ Cf. Carvalho, 2004: p. 20

¹²⁶ Cf. Chaves, 2020: pp. 274-275

vestimentas exteriores e interiores que cobrem os corpos escultóricos, contendo um tratamento policromático de tonalidade azul, por baixo das vestimentas, que cobre o peito, abdómen e pernas de ambas as figuras. Por fim, possuem ambas articulações bipartidas nos braços, olhos de vidro e cabeleiras com fios artificiais.

Estado de Conservação	Número
Deficiente	4
Regular	9
Bom	5
Muito Bom	25

Os critérios usados na decisão da categoria foram os seguintes: estado da policromia e estado da estrutura. Dividido em quatro estados de conservação denominados de Muito bom, Bom, Regular e Deficiente. O “Muito bom” refere-se a figuras que não apresentam qualquer problema significativo ou com problemas antigos bem resolvidos e quase invisíveis, o “Bom” é relativo a poucos problemas de policromia e estruturais, o “Regular” a problemas significativos nos dois estados citados e, por fim, o “Deficiente” quando a imagem está num estado crítico de conservação e necessita de uma ação de restauro urgente.

Em termos gerais, a Arte Sacra encontrada nos três templos estudados apresenta-se em bom estado, beneficiando de alguns recentes restauros, somente policromáticos e diminutos, ainda, pelo facto de serem relativamente recentes.

Quando aos casos mais graves são relativos a imagens mais antigas presentes na Igreja de São Sebastião, nomeadamente a de Nossa Senhora das Candeias, e três casos na Igreja da Várzea que necessitam de restauro com certa urgência. Alerte-se que as imagens com um estado de conservação regular já apresentam alguns problemas grandes, tais como perdas de policromia, problemas na madeira devido ao ataque de insetos e à perda de alguns elementos anatómicos.

4. PATRIMÓNIO IMATERIAL

4.1 Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Na freguesia de Ginetes há diversas festividades ao longo do ano. A primeira é o Dia de São Sebastião onde decorre uma Eucaristia e uma procissão com a imagem por algumas ruas da localidade. No dia de Páscoa ocorre a Procissão dos Enfermos. Decorrem as diversas festividades em honra ao Espírito Santo durante o período quaresmal.

A Festa de São João, organizada pela paróquia, ocorre durante o fim de semana mais próximo do dia 24 de junho, entre sexta e segunda-feira com comes e bebes e espetáculos musicais. As tradições religiosas iniciam-se no sábado com a efetuação da Recolha da Migalha e, durante a tarde, com uma procissão Recolha da Migalha e dos Andores. No sábado, decorre uma Eucaristia Solene com a integração da Profissão de Fé e, no final da tarde, uma procissão com o sermão dado no Pico das Camarinhas. Na segunda-feira decorre a Eucaristia do lavrador, em honra a Santo Antão, com uma procissão da sua imagem à volta do Largo do Tanque e, por fim, decorre o bodo de leite.

A última festividade é a Festa da Banda, no final de agosto.

4.2 A Banda Filarmónica Minerva

4.2.1 A origem das bandas filarmónicas

As bandas de música deram a conhecer-se aos açorianos durante a passagem de D. Pedro nos Açores, a 22 de fevereiro de 1832, para combater na guerra civil que assolava Portugal, e defender a sua filha D. Maria, sendo acompanhado por duas bandas de música: o Batalhão de Caçadores nº 5 e o Regimento de Infantaria nº18. As atuações, o desconhecimento da sociedade açoriana destes grupos e a sua ligação ao liberalismo dariam o mote para o aparecimento tardio da primeira banda filarmónica, em 1845: a Filarmónica Micaelense.¹²⁷

A fundação de bandas filarmónicas iniciou-se, um pouco por todas as ilhas, na segunda metade do século XIX e começo do século XX. Foram fundadas 180 filarmónicas deste 1845 e mais de metade ainda resiste. Onze delas ultrapassam os 150 anos de existência. No século XXI surgiram três bandas filarmónicas com a mais recente a ser de 2011.¹²⁸

¹²⁷ Cf. Cabral, 1985: pp. 11-46

¹²⁸ Cf. Andrade, 2020: pp. 207-218

As filarmónicas são, assim, embaixadores da cultura da sua freguesia, com uma importante função social, que pode ser testemunhada em todas as suas ilhas.

4.2.2 História da Banda Filarmónica Minerva: 1905-2019

O grupo filarmónico de Ginetes é, oficialmente, uma instituição fundada em 1906 por João Maria Raposo de Amaral. Porém, segundo documentação encontrada no arquivo da família, a primeira referência cronológica a uma Banda nos Ginetes é datada de julho de 1905¹²⁹ relativo à encomenda de alguns instrumentos. Este ato de ajuda repete-se continuamente o mesmo tipo de documentos em 1906, 1907, 1908 e 1910. Em carta de 12 de setembro de 1905, João Maria Raposo de Amaral registava que “Os negócios de músicas são uns trabalhos e tenho visto que pouca ou nenhuma importância pública tem nas freguesias”.¹³⁰ Esta ajuda financeira parece ter-se prolongado até ao ano de 1919¹³¹, segundo escreve Nélia Câmara, e os destinos da Banda terão, aparentemente, sido entregues a uma Comissão Instaladora.

Porém, segundo entrevista de José Carvalho de Almeida em 21 de março de 1946¹³², este relata que a fundação tinha sido realizada às “[...] expensas do Sr. José Maria Raposo de Amaral, que comprou os instrumentos e fardamentos e os ofereceu a uma direcção cujos componentes não constam das atas existentes [...]” e deve ajuda de outros homens influentes de Ponta Delgada. Para além da Banda dos Ginetes, importa referir que ajudou a Banda Relvense, uma banda de Rabo de Peixe e uma outra de Água do Pau¹³³. Com base nos textos, prova-se que foi benemérito da Banda ginetense, porém não que tenha sido o fundador desta instituição.

Desde período inicial, o Padre António Lopes da Luz escreve que “Desde há poucos anos existe uma boa Banda de música de rapazes bem-educados e disciplinados”. A informação do grupo é escassa durante os seus primeiros anos, sendo que o Padre António Leite consegue averiguar apenas o nome do seu primeiro Maestro: Maciel. O Doutor Carlos Bettencourt Leça, médico de profissão e residente desde 1898 na freguesia de Ginetes também orientou musicalmente a banda durante os primeiros tempos, devido ao seu conhecimento e gosto pela música.

¹²⁹ Cf. Uac.bam: Arquivo Raposo de Amaral, “Caixa”, 1903-1910, Fl. 189

¹³⁰ Cf. Uac. bam: Arquivo Raposo de Amaral “Copiador de Correspondência Expedida”, 1905, Fl. 105

¹³¹ Cf. Câmara, 2012: p. 29

¹³² Cf. “A Parada das Filarmónicas”. *Diário dos Açores* de 21 de março de 1946, n° 341: pp. 1 e 3

¹³³ Cf. Uac.bam: Arquivo Raposo de Amaral, “Conta Corrente B”, 1910, Fl. 49 e 187

Os primeiros estatutos, datados de 8 de janeiro de 1920¹³⁴, definiam a finalidade da Banda Filarmónica em cinco pontos essenciais: promover a boa saúde financeira e a estabilidade do grupo, conferir uma finalidade cultural e de agregação intelectual em prol da comunidade, com a organização de um gabinete de leitura ou a promoção de conferências. Este pequeno registo é o que resta dos primitivos estatutos desta filarmónica que se perderam pelo tempo.

A Banda Filarmónica Minerva carece de obras relativas à sua história, desde a data da sua fundação. Posto isto, havendo a oportunidade de consultar as atuais fontes escritas, criadas pelos homens e mulheres, que mantiveram o grupo filarmónico em atividade, optamos por registar todos os Presidentes da Direção Filarmónica, da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, bem como todos os eventos, atividades organizadas por si e com outras filarmónicas e, outras informações que se considerem pertinentes, para a história desta Banda Filarmónica. O livro de atas da Direção e da Assembleia Geral consultados iniciam-se em 1939 e continua, ainda, a ser escrito em 2020.

O ano de 1939 foi um pouco atribulado para a Sociedade Filarmónica Minerva¹³⁵, o primeiro nome com que é referenciada, já que foi eleita uma nova direção da Assembleia, primeiramente temporária, constituída por Manuel Paulinho de Medeiros, Manuel Ferreira Raposo e António José Ferreira para que se elegeisse Agostinho Furtado como Presidente da Direção e João Pavão de Faria como Presidente da Assembleia¹³⁶. As finanças da filarmónica, neste período, estavam a cargo do denominado Gerente da Filarmónica, que averiguava a condição e a necessidade de aquisição de novos utensílios musicais. Para tal, a forma de financiamento, segundo ata de 1944¹³⁷, era a contratação da Banda para diversos trabalhos, de acordo com o preço, que a pessoa designada para os arranjar conseguisse. Outras formas de adquirir dinheiro era a realização de bazares¹³⁸ ou a organização de espetáculos com a ajuda, por vezes, de dramaturgos. Neste período dos anos 30, a Banda possuía uma lista de associados a quem podia recorrer. A direção de Agostinho Furtado caracterizou-se pela melhoria da sede e a venda da música como

¹³⁴ Cf. Leite, 2001: p. 228

¹³⁵ Era chamada como Sociedade Filarmónica no primeiro ano, mas a partir desse ano é sempre denominado de Banda Filarmónica.

¹³⁶ Cf. Acedido em Banda Filarmónica Minerva: Ata nº 1, de 9 de julho de 1939 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹³⁷ Cf. BFM: Ata nº 58, de 9 de abril de 1944 – Livro de Atas da Direção

¹³⁸ Cf. BFM: Ata nº 60 de 11 de junho de 1944 - Livro de Atas da Direção

produto. através da compra de uma cinematográfica, que culminou com a venda de dois espetáculos cinematográficos¹³⁹.

Em 1943, por duas vezes, de acordo com o registo da Direção, alerta-se para a falta de músicos nos ensaios, que levou a um período de inatividade de um mês, entre 10 de outubro e 14 de novembro.

A primeira referência à participação deste grupo nas festas religiosas mais populares da freguesia, nomeadamente a de São João e a de São Sebastião, foi no ano de 1943, feita de forma gratuita, devido às festas serem custeadas pelo povo. Aconteceu o mesmo no dia 8 de julho de 1943, após pedido do Vigário cooperador do lugar da Várzea, para que o serviço da Banda fosse gratuito na festa do orago da igreja.

O convite para cooperação com outras Filarmónicas vizinhas também ocorria, neste período, como atesta a presença da Fundação Brasileira e da Harmonia Mosteirense¹⁴⁰, pertencentes à freguesia dos Mosteiros, onde eram angariados subsídios para que uma ou as duas beneficiassem dos ganhos.

A atual sede está edificada em terrenos de Tomaz Ivens Jácome Correia¹⁴¹, por arrendamento, sendo ocupada pelo grupo filarmónico desde 1946. A Filarmónica participou na Parada da Filarmónicas, aquando do IV centenário da cidade de Ponta Delgada.¹⁴² Este evento excepcional¹⁴³ partiu de uma ideia de Cícero de Medeiros, diretor do Jornal *Açores*, em declaração no seu jornal no dia 4 de abril de 1945. O encontro decorreu no ano seguinte, com a participação de 26 grupos filarmónicos que ensaiaram a solo e, apenas por uma vez em grupo, no dia 2 de abril no Relvão, sendo todos os grupos dirigidos por Francisco José Dias. O evento decorreu com enorme sucesso na Praça de 5 de Outubro com a interpretação do hino nacional “Portuguesa”, o Hino de Nosso Senhor dos Milagres e o Hino de Ponta Delgada, com grande afluência de pessoas.

O pedido de demissão¹⁴⁴ do grupo diretivo liderado por Agostinho Furtado ocorreu no dia 9 de junho de 1946, tendo este cessado as suas funções a 8 de setembro de 1946. A Direção seguinte é comandada por José Jacinto Pereira, que entra em atividade a 15 de

¹³⁹ Cf. BFM: Ata nº 20, de 9 de fevereiro de 1941 - Livro de Atas da Direção

¹⁴⁰ Cf. BFM: Ata nº 75, de 9 de setembro de 1945; Ata nº 76 de 14 de setembro de 1945 - Livro de Atas da Direção

¹⁴¹ Cf. BFM: Ata nº 80, de 10 de fevereiro de 1946 - Livro de Atas da Direção

¹⁴² Cf. BFM: Ata nº 81, de 10 de março de 1946 - Livro de Atas da Direção

¹⁴³ Cf. Cabral, 1985: p. 290

¹⁴⁴ Cf. BFM: Ata nº 84, de 9 de junho de 1946 - Livro de Atas da Direção

setembro de 1946¹⁴⁵, com o presidente da Assembleia Geral a ser José Alves Raposo de Oliveira. O Conselho Fiscal surgiu durante este período com o primeiro presidente a ser João Jacinto Ferreira. Uma das suas primeiras decisões foi em colaboração e com autorização da Assembleia Geral efetuar a compra de um novo fardamento para a Banda.¹⁴⁶ Foi convidada e aceite a presença do Banda Filarmónica nas festas do Senhor Santo Cristo, em Ponta Delgada, para tocar na procissão e num concerto.¹⁴⁷ Com este grupo dirigente, ocorre a participação em festas de diversas freguesias, como a da Fajã de Baixo.

No dia 12 de julho de 1950¹⁴⁸ ocorreu uma nova alteração dos corpos gerentes, com a Direção eleita a ser liderada por José Olivério de Sousa Cabral, a Assembleia Geral por Manuel José de Oliveira e o Conselho Fiscal por José Raposo Pimentel. Este período foi particularmente tenso para a Banda Filarmónica, com algumas injúrias por motivos políticos que afastaram o tesoureiro, posteriormente substituído, e o mestre local também abandonou a instituição. Como resolução, contrataram o mestre José Velho Quintanilha, residente nas Sete Cidades, com o transporte e alimentação a ser assegurado pela Direção. Devido aos problemas internos, os músicos estavam afastados e havia problemas em arranjar um regente para banda¹⁴⁹.

A 24 de julho de 1951, a Banda realizou um concerto no adro da Igreja¹⁵⁰ e participou na Festa do Espírito Santo na Várzea¹⁵¹, de forma gratuita, como agradecimento a um presente recebido por parte do irmão do mordomo do Império de São João, residente nos Estados Unidos da América.

Porém os problemas continuaram, com queixas acerca da assiduidade dos músicos, o que levou à necessidade da direção regente em alertá-los, sendo que a questão persistiu por algum tempo. O mau ambiente ficou visível aquando da ida do grupo às portas dos seus associados, prática normal para a receção de oferendas, que não ocorreu devido à não comparência dos músicos.¹⁵² Acabou a direção coordenada por José Olivério de Sousa Cabral por pedir a demissão.¹⁵³

¹⁴⁵ Cf. BFM: Ata nº 3, de 8 de setembro de 1946 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁴⁶ Cf. BFM: Ata nº 94, de 17 de abril de 1947 - Livro de Atas da Direção

¹⁴⁷ Cf. BFM: Ata nº 95, de 5 de maio de 1947 - Livro de Atas da Direção

¹⁴⁸ Cf. BFM: Ata nº 8, de 12 de julho de 1950 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁴⁹ Cf. BFM: Ata nº de 139 de 4 de novembro de 1950 - Livro de Atas da Direção

¹⁵⁰ Cf. BFM: Ata nº 146 de 4 de junho de 1951 - Livro de Atas da Direção

¹⁵¹ Cf. BFM: Ata nº 148 de 18 de setembro de 1951 – Livro de Atas da Direção

¹⁵² Cf. BFM: Ata nº 152 de 10 de janeiro de 1952 – Livro de Atas da Direção

¹⁵³ Cf. BFM: Ata de 154 de 23 de março de 1952 – Livro de Atas da Direção

A 5 de abril de 1952¹⁵⁴, a Banda Filarmónica Minerva passou a ser gerenciada por José Jacinto Pereira a comandar a Assembleia Geral, a Direção ficou a cargo de Alfredo Oliveira Pavão e o Conselho Fiscal a comando de João Raposo de Vasconcelos. A Direção vigente assume, em ata de 25 de maio de 1952, a necessidade de reorganizar a Banda, devido a problemas que mantinham com a Direção cessante. Posteriormente, dá conta de que os problemas com os sócios tocantes são resolvidos, conseguindo um período de aparente calma até agosto de 1954. Em novembro¹⁵⁵ desse ano, o presidente é substituído pelo tesoureiro da sua equipa, Manuel José d' Oliveira, após pedido de demissão do primeiro.

Deste período até agosto de 1956, o ambiente da Banda parece ter melhorado, conclusão derivada da ausência de queixas ou de problemas entre elementos ou com a população nos registos da Direção. O maior problema desta época é financeiro devido à contração de empréstimos para suprir a necessidade da compra de novos instrumentos. No geral, a Banda possuía o essencial para os gastos comuns com concertos e pagamentos às suas congéneres que vinham atuar na Festa de São João.

Esta Direção pediu a demissão a 7 de abril de 1957, devido a doença de Manuel José d' Oliveira, levando a que houvesse necessidade de se encontrar um novo presidente neste período. No dia 24 de junho de 1957¹⁵⁶ entra a nova direção comandada pelo Presidente, José Jacinto Pereira, também presidente da Assembleia Geral Vigente. A partir desta data, ambos os livros de atas, começam a ter grandes saltos temporais, que carecem de registos, acerca da atuação e do ambiente da banda, levando apenas ao registo de inúmeras alterações dos corpos vigentes

A 10 de abril de 1961¹⁵⁷, os corpos gerentes da Assembleia Geral passaram a ser liderados pelo Reverendo e Pároco da freguesia, António Ferreira Leite, a Direção ficou a cargo de Gil dos Santos Pavão e o Conselho Fiscal à responsabilidade de Justino Jordão de Medeiros. António Leite escreveu, enquanto testemunha e parte ativa, que o ambiente crispado entre a Banda e os seus músicos levou a um período de cerca de quatro anos de inatividade¹⁵⁸.

¹⁵⁴ Cf. BFM: Ata nº 10, de 5 de abril de 1952 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁵⁵ Cf. BFM: Ata nº 187 de 28 de novembro de 1954 - Livro de Atas da Direção

¹⁵⁶ Cf. BFM: Ata nº 14, de 24 de junho de 1957 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁵⁷ Cf. BFM: Ata nº 15, de 10 de abril de 1961 – Livro de Atas de Assembleia Geral

¹⁵⁸ Cf. Leite, 2001: p. 231

No dia 4 de novembro de 1962 é empossado o corpo dirigente na Filarmónica de Gil dos Santos Pavão. Esta direção resultou do esforço coletivo entre a comunidade e o próprio padre António Leite, levando a que este período dos anos 60 fosse animador, e de crescente interesse pela Banda por parte da população.¹⁵⁹

A 4 de setembro de 1964¹⁶⁰, a Direção passou a ser liderada por Manuel Aguiar. No mesmo dia do mês seguinte, entra a direção do Conselho Fiscal chefiada por Manuel Jacinto de Oliveira. Desta Direção, temos apenas uma ata de janeiro de 1965 e ocorre um novo interregno nas atas até 1967.

Na data de 17 de novembro de 1968¹⁶¹, tomamos conhecimento que Armando de Oliveira Pavão é o presidente da Direção e, como nos casos anteriores, nada se escreve acerca das reuniões. Exatamente no mesmo dia¹⁶², entra uma nova equipa liderada pelo mesmo presidente.

No dia 2 de janeiro de 1969¹⁶³ é empossada uma nova Direção chefiada por José Raposo Pimentel. Deste grupo diretivo, durante o ano de 1971¹⁶⁴, ocorreu uma exoneração de elementos, incluindo o presidente, de forma a restituir a liderança a José Raposo Pimentel e efetivou-se a compra do terreno¹⁶⁵ onde está a sede¹⁶⁶. A 31 de outubro de 1971, entra uma nova direção liderada por José Manuel de Medeiros Carvalho.

Dois anos passam sem qualquer nova ata, apenas dando conta da sucessão de mais um corpo diretivo. No dia de 30 de setembro de 1973¹⁶⁷ tomam posse novos membros na Direção de José Manuel Medeiros Carvalho e, durante este período, integraram-se os primeiros músicos do sexo feminino na Filarmónica. De acordo com o Padre António Leite foi a primeira filarmónica em São Miguel a apresentar elementos femininos.¹⁶⁸ A 30 de setembro de 1973, Alberto Reis Bettencourt Leça assume a direção da Assembleia Geral, após mais de uma década de António Leite no cargo.

¹⁵⁹ *Ibidem*: pp. 232-233

¹⁶⁰ Cf. BFM: Ata nº 18, de 4 de setembro de 1964 – Livro de Atas de Assembleia Geral

¹⁶¹ Cf. BFM: Ata nº 222 de 17 de novembro de 1968 - Livro de Atas da Direção

¹⁶² Cf. BFM: Ata nº 21, de 17 de novembro de 1968 – Livro de Atas de Assembleia Geral

¹⁶³ Cf. BFM: Ata nº 223 de 2 de janeiro de 1969 - Livro de Atas da Direção

¹⁶⁴ Cf. BFM: Ata nº 224 de 11 de abril de 1971 - Livro de Atas da Direção

¹⁶⁵ Cf. BFM: Ata nº 225 de 11 de abril de 1971- Livro de Atas da Direção

¹⁶⁶ Cf. Figura 14 e 15, nos apêndices.

¹⁶⁷ Cf. BFM: Ata nº 226 de 30 de setembro de 1973- Livro de Atas da Direção

¹⁶⁸ Cf. Leite, 2001: p. 235

A 21 de novembro de 1974, a Assembleia passa a ser liderada por Armando de Oliveira Pavão. Na mesma data¹⁶⁹ foi eleita a Direção presidida por Alberto Bettencourt Leça que promoveu alterações, em 1976, e permaneceu até 20 de junho de 1978¹⁷⁰. O período interno de 1958 a 1975¹⁷¹ é descrito em *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes* onde o autor o caracteriza pela elaboração de uma boa atividade cultural e musical em serviços locais por parte da Banda, nomeadamente em diversos eventos religiosos como o Natal, a Festa de São João e os Impérios ao Divino Espírito Santo. O período de Alberto Bettencourt Leça¹⁷², especificamente, é caracterizado por uma reestruturação na Filarmónica com a reconstrução da sede, na aquisição de instrumental e fardamento e na institucionalização do “Cortejos de Oferendas”.

João Manuel Cordeiro, a 20 de junho de 1978, começou a liderar os destinos da Banda Filarmónica Minerva até ao dia 25 de outubro de 1980¹⁷³. Durante o seu período¹⁷⁴, o grupo deslocou-se ao Canadá e aos Estados Unidos da América, com a ajuda dos emigrantes, em 1979, sendo que o grupo já tinha viajado para outras ilhas açorianas. No dia 29 de outubro de 1980, esta direção cessou funções dando lugar a novo corpo diretivo liderado por José Maria Reis Araújo.¹⁷⁵ Com ele, alteraram-se alguns elementos no ano a seguir. A partir de 5 de dezembro de 1982¹⁷⁶, entra um novo corpo dirigente liderado por Humberto Dinis Viveiros, que teve a presença na cerimónia de posse do Presidente do Governo Regional, João Mota Bosco de Amaral. No dia 7 de dezembro de 1982¹⁷⁷, entra um novo Conselho Fiscal, coordenado pelo Eduardo Alexandre Cordeiro, após sete anos de Justino Jordão de Medeiros no cargo.

A 19 de fevereiro de 1984¹⁷⁸, o novo Presidente da Assembleia Geral é José Pereira Furtado. A 30 de novembro de 1985, iniciou-se o período de Manuel Carvalho na liderança da Filarmónica¹⁷⁹. A 10 de janeiro de 1987¹⁸⁰, devido à condição profissional

¹⁶⁹ Cf. BFM: Ata nº 228 de 21 de novembro de 1974 - Livro de Atas da Direção

¹⁷⁰ Cf. BFM: Ata nº 232 de 20 de junho de 1978 - Livro de Atas da Direção

¹⁷¹ Cf. Leite, 2001: p. 233

¹⁷² Cf. *Ibidem*: p. 234

¹⁷³ Cf. BFM: Ata nº 233 de 25 de outubro de 1980 - Livro de Atas da Direção

¹⁷⁴ Cf. Leite. 2001: p. 235.

¹⁷⁵ Cf. BFM: Ata nº 234 de 29 de outubro de 1980 - Livro de Atas da Direção

¹⁷⁶ Cf. BFM: Ata nº 236 de 5 de dezembro de 1982 - Livro de Atas da Direção

¹⁷⁷ Cf. BFM: Ata nº 34, de 7 de dezembro de 1982 – Livro de Atas da Assembleia

¹⁷⁸ Cf. BFM: Ata nº 36, de 19 de fevereiro de 1984 – Livro de Atas da Assembleia

¹⁷⁹ Cf. BFM: Ata nº 237 de 30 de novembro de 1985 - Livro de Atas da Direção

¹⁸⁰ Cf. BFM: Ata nº 240 de 10 de janeiro de 1987 - Livro de Atas da Direção

do anterior presidente, uma nova Direção é empossada a comando de Emanuel Oliveira Medeiros.

No ano de 1989, sem que a data esteja registada, a ata 241 está assinada por Manuel Carvalho no cargo de presidente e depois, na ata do dia 5 de outubro de 1991¹⁸¹ é registada uma nova Direção com a assinatura do mesmo e, no mesmo dia¹⁸², é empossado como Presidente da Assembleia, Armando Oliveira Pavão, e como novo Presidente do Conselho Fiscal, Leopoldo Almeida Pavão.

A 28 de Janeiro de 1992¹⁸³ foi instalado a Comissão de Instalação e Acompanhamento do Conservatório da Filarmónica Minerva em colaboração com a Junta de Freguesia de Ginetes com apenas três membros e liderado pelo Presidente da Filarmónica, Manuel Carvalho que comandou a Banda Filarmónica até ao dia 19 de dezembro de 1995¹⁸⁴. A 19 de março de 1994¹⁸⁵, Alberto Reis Bettencourt Leça torna-se o novo Presidente da Assembleia Geral. No mesmo dia de cessação supracitado, entra em funções a Direção de Carlos dos Reis Pavão Leça que saiu a 10 de janeiro de 1997¹⁸⁶.

No dia 8 de janeiro de 1997¹⁸⁷, elaborou-se uma Comissão Administrativa, devido à dificuldade da permanência de corpos diretivos nos cargos que ocupavam na Direção, tendo como membros: Gualberto dos Santos Carvalho Cordeiro, Manuel Carvalho, Salomão dos Santos Alexandre Oliveira, Liberto Manuel Melo Correia, António Manuel Oliveira Medeiros, Eduardo Manuel Cabral Cordeiro, Alberto de Fátima Cordeiro e Eusébio Vasconcelos Pereira. Desta Comissão, ficou como presidente Gualberto dos Santos Carvalho Cordeiro da Direção, Leopoldo Almeida Pavão como Presidente do Conselho Fiscal e Eusébio Vasconcelos Pereira como Presidente da Assembleia Geral.

A 26 de dezembro de 1998¹⁸⁸ passou a ser liderada por Alberto Ponte. Com esta Direção, e a partir deste período, voltamos a ter o registo mais pormenorizado do ambiente interno nas atas¹⁸⁹ a dar conta das dificuldades de adesão dos sócios tocantes, da falta de convites para tocar em outras localidades, o que levou a colocar-se em questão a continuação da

¹⁸¹ Cf. BFM: Ata nº 242 de 5 de outubro de 1991 - Livro de Atas da Direção

¹⁸² Cf. BFM: Ata nº 40, de 5 de outubro de 1991 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁸³ Cf. BFM: Ata nº 243 de 28 de janeiro de 1992 - Livro de Atas da Direção

¹⁸⁴ Cf. BFM: Ata nº 245 de 19 de dezembro de 1995 - Livro de Atas da Direção

¹⁸⁵ Cf. BFM: Ata nº 43 de 19 de março de 1994 - Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁸⁶ Cf. BFM: Ata nº 246 de 10 de janeiro de 1997 - Livro de Atas da Direção

¹⁸⁷ Cf. BFM: Ata nº 46, de 8 de janeiro de 1997 – Livro da Assembleia Geral

¹⁸⁸ Cf. BFM: Ata nº 249 de 26 de dezembro de 1998 - Livro de Atas da Direção

¹⁸⁹ Cf. BFM: Ata nº 250 de 5 de março de 1999 e Ata nº 251 de 27 de março de 1999 - Livro de Atas da Direção

atividade da banda. A situação era tão grave que foi necessária uma chamada de atenção através de ultimato colocado em lugares públicos. A situação melhorou um pouco, como relatado na ata de despedida desta equipa feita a 19 de janeiro de 2002, em que se dá conta que a crise económica e a falta de motivação dos jovens foram os grandes problemas que enfrentaram e não conseguiram superar.

Pela segunda vez, em poucos anos, não entra uma nova Direção ao serviço da Filarmónica, sendo criada uma Comissão de Gestão¹⁹⁰ com duração de um ano, numa tentativa de reativar a instituição, com os seus membros a serem: Ana Maria Aguiar Carvalho, Pedro Miguel Cordeiro Costa, Gualberto Santos Carvalho Cordeiro, António Manuel Sousa Castro, Eusébio Vasconcelos Pereira e Alberto Reis Bettencourt Leça. Procuraram realizar atividades que beneficiassem a imagem externa da Banda, iniciaram a lecionação de aulas de música, procederam ao restauro dos instrumentos existentes na Banda e conseguiram um espaço temporário na Escola Básica e Integrada de Ginetes. Para levar a bom porto este projeto, contrataram o Mestre K. Valery, do Conservatório Regional de Ponta Delgada, em colaboração com músico Manuel Jacinto Oliveira. As medidas tiveram um impacto positivo, como consta da ata 257 de 29 de junho de 2003, que dá conta do bom ritmo das aulas e da preciosa ajuda dos nomes acima citados com a adição do músico da Banda Militar, José Drogas. O êxito deveu-se à ajuda popular para a cedência de diversos espaços, inclusivamente particulares, aonde os três músicos se dividiam para dar conta do ensino de vários instrumentos. Porém, apesar do êxito, tais resultados não foram suficientes para que a banda fosse reativada, no prazo definido, levando à saída de Ana Carvalho, Pedro Costa e Alberto Leça.

A Comissão de Gestão permaneceu ativa com os três elementos restantes até 24 de março de 2004¹⁹¹ quando entregam todo o Património da Banda Filarmónica Minerva à Junta de freguesia de Ginetes, liderada por Nemésia Maria Moniz Pereira Furtado, para que criassem soluções para a reabilitação da Filarmónica. A 5 de abril de 2004¹⁹² entra uma nova Assembleia Geral liderada por João Basílio Medeiros Rocha, um novo Conselho Fiscal liderado por Manuel Jacinto Oliveira¹⁹³ e uma nova Direção comandada por Armando Rodrigues Pereira.

¹⁹⁰ Cf. BFM: Ata nº 254, de 21 de setembro de 2002 - Livro de Atas da Direção

¹⁹¹ Cf. BFM: Ata nº 259, de 24 de março de 2004 - Livro de Atas da Direção

¹⁹² Cf. BFM: Ata nº 56, de 5 de abril de 2004 – Livro de Atas da Assembleia Geral

¹⁹³ Cf. BFM: Ata nº 57, de 5 de abril de 2004 – Livro de Atas da Assembleia Geral

No mesmo dia dos empossamentos¹⁹⁴, surgiu pela primeira vez nos registos, a Festa da Banda, que decorreu no verão, e houve uma aparente melhoria no ambiente da Banda, com a participação nos Impérios do Espírito Santo locais, e na abertura, e encerramento das Festas de Espírito Santo na cidade de Ponta Delgada.

Um dos pilares da Presidência de Armando Pereira Rodrigues foi a realização de diversos intercâmbios com bandas exteriores à ilha de São Miguel. Iniciou-se, no mês de agosto de 2004, o primeiro intercâmbio realizado com a Banda Filarmónica do Espírito Santo da Casa do Povo de São Bartolomeu, da ilha da Terceira, na freguesia de Ginetes para participação na Festa da Banda que recebeu diversas entidades¹⁹⁵ entre as quais Carlos César, Presidente do Governo Regional, João Bosco Mota Amaral, Presidente da Assembleia da República e a Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Berta Cabral. Além disso, a Banda participou no programa “Atlântida” da RTP Açores, realizado na freguesia, e no programa “Bom Dia Açores” da Asas do Atlântico. Posto este primeiro encontro com elementos do Governo Regional, proporcionou-se que a Banda Filarmónica Minerva fosse outra ilha açoriana, nomeadamente, Santa Maria, acompanhando o passeio anual dos idosos¹⁹⁶.

Em 2005¹⁹⁷, receberam a Banda Filarmónica “Santa Maria” para a realização de um intercâmbio. A Banda Filarmónica de Ginetes em retribuição à vinda da Banda do Espírito Santo da Casa do Povo de São Bartolomeu, no ano anterior, foi à Terceira para participar nas festas locais.

Neste ano, diferente dos distantes anos 50, a sobrevivência financeira da Banda Filarmónica, no século XXI, é efetuada através de comparticipações de diversas Secretarias do Governo Regional, da Câmara Municipal de Ponta Delgada, de empréstimos bancários e de alguma ajuda popular. Ainda no ano de 2005¹⁹⁸, a Banda juntou-se à Federação de Bandas dos Açores.

No ano de 2006 decorreu o centenário desta banda, a 5 de agosto, com cobertura da RTP Açores. Pela ausência de confirmação de alguns aspetos em ata, é possível dizer que houve um pequeno desfile, em que participaram sete a oito bandas, os seus nomes não

¹⁹⁴ Cf. BFM: Ata nº 260 de 5 de abril de 2004 - Livro de Atas da Direção

¹⁹⁵ Cf. BFM: Ata nº 263 de 7 de agosto de 2004 – Livro de Atas da Direção

¹⁹⁶ Cf. BFM: Ata nº 264 de 13 de setembro de 2004 - Livro de Atas da Direção

¹⁹⁷ Cf. BFM: Ata nº 267 de 20 de setembro de 2005 - Livro de Atas da Direção

¹⁹⁸ Cf. BFM: Ata nº 268 de 12 de novembro de 2005 - Livro de Atas da Direção

são mencionados em ata, e a participação do cantor açoriano, Carlos Alberto Moniz. Ocorreu, durante o dia 12 de agosto, a segunda ida à ilha de Santa Maria.

O ano de 2007 ficou marcado pela ida da Banda Filarmónica ao Canadá e Estados Unidos da América¹⁹⁹, no mês de agosto, com dois jantares em solo canadiano: o primeiro a favor da instituição e um outro com emigrantes. A Banda Filarmónica Minerva participou na Festa de Nossa Senhora dos Anjos na Igreja de Santa Cruz, em Toronto. Nos Estados Unidos da América, para além de dois jantares em Fall River e em New Bedford, a Banda Filarmónica participou nas Grandes Festas do Espírito Santo, em Fall River.

A 31 de agosto de 2007, apesar de todo o ambiente de euforia, a Banda parece estar a atravessar problemas com os músicos devido à ocorrência de muitos serviços. Neste ano, nenhuma banda foi convidada a participar na Festa anual desta Filarmónica. Aceitaram o convite²⁰⁰ do Governo Regional, em dezembro, e tocaram na inauguração do Parque Século 21. No fim do ano, houve uma nova alteração na Direção de Armando Pereira Rodrigues.

Em 2008²⁰¹, a Banda de Santa Cecília de Fall River veio a São Miguel para participar da Festa da Banda. Por esse motivo, aquando da vinda de uma pequena comissão desta Banda, o Presidente da Banda Minerva acompanhou-os em visita à presença do Secretário Regional da Presidência²⁰², Vasco Cordeiro, do representante da Câmara Municipal, Doutor Decq Mota, à concessão de uma entrevista no programa da RDP, com o Sidónio Bettencourt, e a outra rádio chamada Asas do Atlântico e, por fim, ao diálogo com a Comissão de Festas de Vila Franca. A festa decorreu com sucesso²⁰³, com a presença da banda supracitada e com a Banda Vila Nova Terceira.

No começo de 2009, a Direção manteve o presidente, mas sofreu diversas alterações pelo facto de alguns membros abandonarem sem serem substituídos. Neste ano, a Banda realiza a segunda fase do Intercâmbio com a Banda Vila Nova Terceira e foi realizado um acordo de intercâmbio com a Banda Recreio dos Lavradores, também da ilha Terceira. As atividades decorreram com grande sucesso.²⁰⁴

¹⁹⁹ Cf. BFM: Ata nº 273 de 28 de fevereiro de 2007 - Livro de Atas da Direção

²⁰⁰ Cf. BFM: Ata nº 276 de 30 de dezembro de 2007 - Livro de Atas da Direção

²⁰¹ Cf. BFM: Ata nº 277 de 22 de março de 2008 - Livro de Atas da Direção

²⁰² A ata acima citada nomeia, erroneamente, o cargo de Vasco Cordeiro como Vice-presidente.

²⁰³ Cf. BFM: Ata nº 278 de 30 de outubro de 2008 - Livro de Atas da Direção

²⁰⁴ Cf. BFM: Ata nº 280 de 30 de agosto de 2009 e Ata nº 281 de 5 de outubro de 2009 - Livro de Atas da Direção

Em agosto de 2010, a Banda Filarmónica de Casainhos, de Loures, foi a convidada para a realização de um intercâmbio com a participação nas suas festas, tendo vindo também a Banda continental. Ambas as atividades decorreram com grande sucesso.²⁰⁵ A Banda também recebeu um convite para ir à ilha do Pico por parte da Banda de São Mateus²⁰⁶, que veio, primeiro, à ilha micaelense, juntamente com outros grupos musicais, para participação em diversas festas em Ponta Delgada. Em relação à Festa da Banda, foi convidada uma filarmónica da ilha Terceira. Houve mudanças a nível da disposição da Sede, nomeadamente uma sala que passou a ser usada pela Loja do Cidadão e que até hoje se mantém.

Em 2011, aparentemente, não houve nenhum convite de Bandas exteriores para a Festa e nenhuma saída da Banda para o exterior por motivos financeiros. Aparentemente, como já acontecera em alguns anos anteriores, a Banda não executava outros serviços para além dos locais e, mesmo nesses, já não tinham a colaboração da comunidade. Além disso, o ambiente interno não ajudou a que tudo melhorasse.²⁰⁷

No final de 2011, com a colaboração dos músicos João Paulo Medeiros e Lúcia Medeiros, foram feitos contatos internos para melhorar o ambiente e encetar um novo projeto. Posto isto, Armando Pereira Rodrigues abdicou do cargo de Presidente para dar oportunidade a outra pessoa de tomar as rédeas dos caminhos da Banda, passando a vogal, e sugeriu para Presidente o nome de Lúcia de Fátima Carvalho Viveiros de Medeiros que aceitou e foi aceite pelos restantes elementos no cargo.²⁰⁸ Tornou-se a primeira mulher a ser Presidente de uma Filarmónica no concelho de Ponta Delgada, segundo escrito no registo.²⁰⁹

Com a nova presidência encetaram-se, no ano de 2012, medidas para assegurar a boa saúde financeira, que passou pela contratação de músicos exteriores à banda para que se assegurassem serviços, que promovessem ganhos económicos. Iniciou-se o projeto designado Escola de Música, que tinha como objetivo atrair os jovens já que o anterior projeto similar estagnou. E por fim, outro objetivo era promover a ligação com a comunidade. Com isso em mente, nos dias 3 e 7 de agosto, aquando da Festa da Banda, realizaram as “Noites de Verão” com uma barraca para auxiliar a economia.²¹⁰ Para a

²⁰⁵ Cf. BFM: Ata nº 284 de 10 de outubro de 2010 - Livro de Atas da Direção

²⁰⁶ Cf. BFM: Ata nº 283 de 20 de junho de 2010 - Livro de Atas da Direção

²⁰⁷ Cf. BFM: Ata nº 285 de 28 de setembro de 2011 - Livro de Atas da Direção

²⁰⁸ Cf. BFM: Ata nº 286 de 31 de dezembro de 2011 - Livro de Atas da Direção

²⁰⁹ Cf. BFM: Ata nº 290 de 8 de janeiro de 2012 - Livro de Atas da Direção

²¹⁰ Cf. BFM: Ata nº 287 de 7 de janeiro de 2012 - Livro de Atas da Direção

Festa da Banda, nesse ano foram convidados cantadores da Ilha Terceira.²¹¹ Participaram no Concerto de Páscoa, na Igreja de São Sebastião de Ginetes, com grande sucesso e interatividade entre povo e instituição, e outro na Igreja de Jesus Maria José.

No mês de junho, a interatividade entre bandas voltou a ocorrer, desta feita com a Banda das Capelas, da ilha de São Miguel, de forma a assegurar a sua participação no aniversário da Banda Minerva e realizando-se, posteriormente, o mesmo, mas em sentido inverso. Neste ano, a Festa da Banda foi antecipada para 31 de julho, devido à vinda de uma Banda de Portugal Continental e outra do Canadá, não mencionadas em ata, que se deveu a contatos da Junta de Freguesia de Ginetes

A 9 de Junho de 2012²¹² a Presidente Lúcia Medeiros pediu a demissão da Banda Filarmónica Minerva devido a problemas extremamente graves a nível interno. O ambiente extremo aliado a saídas de elementos da direção e a dificuldades económicas igualmente gravosas, levou a que o período final de 2012 fosse de incerteza para a instituição. Que se saliente para a posteridade, que apenas António Costa e Armando Rodrigues, antigo presidente desta banda, se mantiveram nos seus cargos.²¹³

Apenas em abril de 2013²¹⁴, reuniu-se uma nova Comissão de Gestão com a presença de António Costa, José Maria Lopes, Vítor dos Santos Oliveira Pavão, Vítor Salgadinho e Armando Rodrigues, que organizaram a Festa da Banda Filarmónica nesse ano. Acabaram por ser os elementos citados, com a presidência de Armando Rodrigues²¹⁵ a seguir os rumos da instituição.

A 26 de setembro de 2014²¹⁶, temos uma reunião do Maestro José Fernando Almeida e a restante direção que dá conta da recuperação do bom nome da instituição entre as suas congéneres regionais e de um significativo aumento de serviços. Todavia, persistiam alguns problemas de recursos humanos, para a colaboração e continuação da Escola da Música, e com a confiança na palavra de alguns membros para permanecerem na Filarmónica ou em serviços importantes.

Pelo registo do Vice-Presidente, António Costa, sabemos que, com o tempo, o sucesso das medidas foi grande, já que a juventude presente na Escola de Música ia a todos ensaios

²¹¹ Cf. BFM: Ata nº 288 de 4 de fevereiro de 2012 - Livro de Atas da Direção

²¹² Cf. BFM: Ata nº 291 de 9 de junho de 2012 - Livro de Atas da Direção

²¹³ Cf. BFM: Ata nº 295 de 19 de dezembro de 2012 - Livro de Atas da Direção

²¹⁴ Cf. BFM: Ata nº 297 de 3 de abril de 2013 - Livro de Atas da Direção

²¹⁵ Cf. BFM: Ata nº 299 de 22 de novembro de 2013 - Livro de Atas da Direção

²¹⁶ Cf. BFM: Ata 62, de 26 de setembro de 2014 – Livro de Atas da Assembleia Geral

da Banda e às aulas, bem como, havia ausência de problemas entre elementos da Banda. Por fim, as contas estavam estabilizadas e sem qualquer dívida.

Na ata de vinte e sete de janeiro de 2015²¹⁷, percebemos de que a Banda Filarmónica realiza serviços para todas as forças vivas da freguesia, como consta da sua agenda para aquele ano que contém referências sobre: Procissão e Concerto na Festa de São Sebastião, Procissão dos Enfermos, para os cinco Impérios do Espírito Santo, Festa de São João, Festa de Jesus Maria José e o Aniversário dos Símbolos Heráldicos da Freguesia. Ainda a nível de serviços, fora da localidade, participaram em cinco que incluíam as Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres e as Festas do Espírito Santo em Ponta Delgada. Quanto à Festa da Banda, a única informação é que estiveram presentes cantadores para participarem de “Cantigas ao Desafio” e um Grupo Folclórico de Chipre.

A 10 de outubro de 2018²¹⁸, ocorre novo balanço da Filarmónica onde o Vice-Presidente, António Costa, dá o parecer sobre a realidade da instituição. A Banda era composta por 18 músicos e 15 aprendizes. Para tal, foram feitos apelos aos músicos da freguesia para que regressassem e atuassem apenas por esta Banda e servissem como colaboradores para o aprendizado dos mais novos, e foram endereçados convites para que tal ocorresse. No dia 23 de novembro de 2018²¹⁹ Armando Rodrigues colocou o seu cargo à disposição devido a compromissos profissionais.

Por fim, a ata 303 de 4 de dezembro de 2019, contempla a atual Direção da Filarmónica Minerva a qual descrevo à frente: António Costa como presidente, José de Lopes como 2º Tesoureiro, Ricardo Ferreira como 3º Tesoureiro; Lurdes Faria como 1º Secretária; Griselda Silva como 2º Secretária e Luís Oliveira como primeiro vogal.

4.2.3. A Banda Filarmónica Minerva e o seu envolvimento social em 2020

Como se entende na história da Banda, o seu nível de ação sempre mais interno com a efetuação de serviços para as diferentes festividades locais, sendo desde a génese um grupo musical amador como são todos os grupos filarmónicos. O facto do ensino da música ser completamente gratuito²²⁰, principalmente a partir do século XXI, assume uma importância cultural gigante, numa localidade tão pequena, e com outras e poucas

²¹⁷ Cf. BFM: Ata 63, de 27 de janeiro de 2015 – Livro de Atas de Assembleia Geral

²¹⁸ Cf. BFM: Ata 68, de 10 de outubro de 2018 – Livro de Atas de Assembleia Geral

²¹⁹ Cf. BFM: Ata nº 302 de 23 de novembro de 2018 - Livro de Atas da Direção

²²⁰ Segundo a leitura das atas e a recolha de testemunho de António Costa é possível afirmar que, provavelmente, os associados desapareceram entre o final do século XX e o século XXI.

instituições de ocupações de tempos livres. Uma das outras facetas é, atualmente, o crescente número de jovens que compõem a Banda Filarmónica. Atualmente integra pouco mais de 30 membros.

A facilidade de entrada de qualquer indivíduo na Banda e a possibilidade de saída da localidade para visitar outras ilhas açorianas, Portugal Continental e estrangeiro são as grandes mais-valias, que atraem a maioria destes jovens, e fazem com que seja possível a renovação dos membros, ao longo dos anos. Porém, atualmente devido às dificuldades económicas, segundo o atual Presidente da Filarmónica, isso não tem sido possível realizar apesar de haver convites.

O ensino instrumental assume uma preponderância educativa alicerçada na Escola de Música que, por opção do Maestro José Almeida, tem um ensino que combina a teoria e a prática durante o seu primeiro ano para cativar os jovens. Como qualquer Banda Filarmónica, os instrumentos são denominados pelos metais, que englobam as tubas, trompetes e trombones, as madeiras, caracterizados pela existência de uma palheta para realizar o som como saxofones e clarinetes, com exceção da flauta e a percussão, que elenca a bateria de jazz, tímpanos e similares, que trazem diversidade ao ensino musical. A segunda parte do aprendizado é apoiar ao desenvolvimento do trabalho de equipa, desde tenra idade, com uma troca de experiências entre gerações de músicos da localidade, para além do acompanhamento de três professores nomeadamente o Maestro José Almeida, Pedro Pimentel e Hernâni Damásio. A terceira é a adaptação de temas musicais clássicos e de filmes e, devido a isso, consegue manter as novas gerações interessadas.

Apesar dos grandes incentivos culturais e económicos, a Banda Filarmónica Minerva apresenta alguns problemas. O primeiro é a realidade laboral dos músicos mais velhos residentes, o que traz problemas na manutenção do número de membros que resulta em poucos membros nos serviços, que impossibilita uma melhor gestão do esforço físico durante a execução. O segundo problema é financeiro devido ao facto de que a economia do grupo filarmónico depender das ajudas governamentais para a compra de instrumentos e, como sempre, no pagamento dos serviços efetuados. O terceiro é a dificuldade da manutenção dos jovens devido ao impedimento parental por maus resultados escolares e, dos próprios jovens, manterem interesse em permanecer afetos à Banda, devido ao surgimento de outras formas de ocupação de tempos livres, como a *Internet* e videojogos.

4.2.4 A Festa da Banda

Denominada pelos locais como “Festa da Banda”, realiza-se no primeiro fim de semana de agosto, desde 1968²²¹, por Alberto Leça, a realização de uma festa organizada pela Banda Filarmónica Minerva que, infelizmente, carece de informação documental da sua organização, desde os primórdios da origem, sendo que apenas se pode registar o programa tradicional da Festa atualmente²²². A fama que possui decorre dos bons momentos na primeira década do século XXI, devido às visitas ilustres, cobertura da comunicação social, vinda de bandas exteriores e à realização do famoso cortejo.

A Festa inicia-se na quinta-feira com o concerto de um conjunto ou de uma Banda Filarmónica externa. A sexta-feira é dedicada à juventude com a atuação de um DJ. No sábado, decorrem as tradicionais Cantigas ao Desafio. Ao domingo ocorre uma eucaristia em memória dos músicos falecidos, que serve para homenagear o seu trabalho em prol do grupo filarmónico, e demonstra ser um sinal de respeito por terem sido eles a possibilitar a oportunidade que este ainda exista. Após o famoso cortejo alegórico que promove o bom humor e a criatividade dos membros da comunidade, decorre a ida ao cemitério. A segunda-feira é, se possível, dedicada às crianças na parte da tarde, e, à noite, acontece o encerramento com um concerto da Banda Filarmónica Minerva.

O cortejo alegórico é o momento mais icónico da Festa. A Banda Filarmónica Minerva não influencia a organização temática dos carros, sendo que são usadas carrinhas, carros, tratores, mini tratores e até triciclos com decorações realizadas de forma artesanal e de temas variados, que são decididos pela comunidade residente da freguesia de Ginetes. Posto isso, estas caracterizações atraem muitos visitantes e ajudam a dar a conhecer o trabalho da Banda, já que é acompanhada pelas ruas da localidade, enquanto toca, pelas pessoas nas suas criações.

²²¹ Cf. *Correio dos Açores* de 2 de agosto de 2020, n.º 32197: p. 22

²²² Cf. Recolha de testemunho de António Costa

4.3 O culto ao Espírito Santo nos Ginetes

O culto ao Divino Espírito Santo é uma das tradições mais queridas e abrangentes do Arquipélago dos Açores, sendo festejado em todas as ilhas. A sua origem e impulso inicial deveu-se, segundo diversas fontes, à região de Alenquer no século XIV, em Portugal Continental, por ação da Rainha Santa Isabel. A sua difusão terá sido uma obra dos Franciscanos Espirituais e da ideologia milenarista do Abade Calabrês Joaquim de Fiore. A festividade difundiu-se por todo o território continental, com maior fervor ao centro e sul, e depois pelas regiões da Madeira e dos Açores²²³. Enquanto nas restantes regiões do país, a tradição sofreu uma forte decadência e, quase desaparecimento, as ilhas açorianas apresentam a singularidade desta se manter intacta.

Antes de entender a devoção ao Espírito Santo na ilha de São Miguel e, depois, na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, é necessário compreender que a comunidade açoriana criou diversas variantes pelas ilhas e pela diáspora, com maior relevância em diversos estados do Brasil ou para a América do Norte, com enorme fervor popular como conta Lélia Nunes²²⁴ que dá conta das festas em Alcântara, no estado do Maranhão, caracterizadas pelos batuques do tambor da crioula, Caixeiras do Divino, o Tambor de Minas e o Terreiro *Fanti-Asahati* ou em Santa Catarina, local de grandes emigrações açorianas, com uma diversidade imensa de festejos ao Espírito Santo como novenas cantadas pelos foliões de Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul, na pomposa Coroação de Santo Amaro da Imperatriz e sua corte transvertida de realeza. Este exemplo ilustra uma característica primordial das Festas do Espírito Santo, presente em qualquer diáspora, ilha, concelho e freguesias: a diferença na forma como é festejada, na sua terminologia, no seu programa e na forma como é festejada dependendo sempre do contexto da época em estudo.²²⁵

²²³ Cf. Leal, 1994: p. 15

²²⁴ Cf. Nunes, 2019: pp. 220-221

²²⁵ Um exemplo, entre variadíssimos possíveis, é a Irmandade na ilha do Corvo. Durante os anos 90, possuía uma estrutura de Irmandade composta por dois mordomos, ambos nomeados pela comunidade, auxiliados por seis pessoas, denominadas de Cabeças. Essa estrutura manteve-se até 2006 com a alteração da nomeação dos mordomos por sorteio anual. A partir desse ano, a Irmandade constituiu-se como uma sociedade sem fins lucrativos composta por órgãos legais, como uma Comissão eleita de três em três anos, liderada por um mordomo e mais dez pessoas, uma Assembleia Geral, constituída por irmãos e presidida por uma Mesa de Assembleia e, por fim, o Conselho Fiscal. No seguimento do mesmo artigo, é possível conferir muitas mais alterações temporais nos próprios ritos na ilha do Corvo e dá uma ideia de como localidades diferentes do Arquipélago dos Açores podem conter eventos e estruturas distintas da mesma tradição. – Cf. Silva, 2019: pp. 227- 238

Na ilha de São Miguel, a tradição iniciou-se no século XV aquando da chegada dos povoadores. Sofreu um aumento de entusiasmo e interesse, no século XVII, quando o Consistório da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada organizou a irmandade local do Espírito Santo com o imperador, os mordomos e demais pessoas por esse ministério. Esta festa realizada no ano de 1673, durante a ocorrência de uma epidemia que se alastrou na ilha de São Miguel, denominada de Festa do Império dos Nobres devido à afluência das pessoas mais importantes da cidade que realizaram uma ruidosa festa para afastar a enfermidade²²⁶. Essa festa sofreu diversas alterações de organização e denominação até que, em 1731, a Santa Casa da Misericórdia deixou de custear a festa. A festa não perdeu interesse após esse acontecimento e, inclusivamente, aumentou a sua importância.

Os residentes de Ginetes e Várzea que fixaram residência terão, provavelmente, trazido o culto do Divino Espírito Santo no século XVI. Durante o passar dos séculos foram criados os diversos Impérios em cada lugar da localidade, sendo os mais antigos o Império de Pentecostes na Várzea e na Lomba dos Gagos e o Império da Trindade que ocorria na freguesia das Sete Cidades²²⁷. A permanência do culto era suficientemente forte para que, como já mencionado no século XIX, ocorresse a oferta da imagem de Nossa Senhora da Boa Hora, por parte do mordomo do Espírito Santo daquele ano à Paróquia de São Sebastião.

Atualmente, desde o século XX, existem quatro impérios²²⁸ consignados a certas ruas, ou zonas, constituindo as suas *Irmandades*. O Império da Trindade é efetuado na Rua da Canada, o Império de Pentecostes é realizado na zona da Lomba de Cima e Lomba de Baixo, o Império de São Pedro é relativo à Rua do Moio, até às últimas casas do acesso à Ponta da Ferraria e, por fim, o Império de São João executado por residentes da Rua da Lombinha, da Lomba da Correia até à Ermida de Nossa Senhora de Fátima, a Rua do Alqueive, a Rua da Igreja, a Rua Nova e Rua Antero Moniz de Viveiros. O lugar da Várzea contém apenas dois Impérios: o de Pentecostes e o denominado *Império das Criaças*.

²²⁶ Cf. Fernandes, 2006: p. 301

²²⁷ Cf. Leite, 2001: p. 31

²²⁸ Levando em consideração a estrutura geral que João Leal dá conta dos Impérios do Espírito Santo, nomeadamente, a existência de apenas dois impérios festejados no domingo de Pentecostes e no da Trindade, a freguesia de Ginetes vai contra a generalidade adicionando mais dois Impérios ao seu ritual. – Cf. Leal, 1994: p. 183

4.3.1 Império de Pentecostes

O Império de Pentecostes é, como mencionado, um dos impérios mais antigos da freguesia de Ginetes. A organização no século XX era realizada pela família de José Maria Raposo de Amaral, que possuía na sua propriedade denominada Casa do Monte a edificação de um Teatro do Espírito Santo, e permitiam que a população entrasse e realizasse os rituais do Império, nomeadamente, a retirada das sortes para as Domingas e a nomeação dos mordomos. Estes, adicionalmente, auxiliavam a festa com a doação de uma pensão às famílias mais pobres das Lombas, segundo testemunho de Leopoldo Pavão, e doavam algum dinheiro para os criadores que iriam criar os animais.

Por decisão de um mordomo, parou de se realizar neste local, tendo mudado para o Teatro do Espírito Santo, edificado na Lomba de Cima, na segunda metade do século XX, derivado ao abandono da propriedade que ficou em estado de ruínas e, por isso, pouco convidativo.²²⁹

Um pequeno império denominado de Império dos Rapazes, que ocorria no mesmo período de realização do Império de Pentecostes, construindo o primitivo Teatro da Lomba de Cima. Segundo fontes orais, este organizava uma pequena celebração com a realização de uma procissão e terminou aquando da mudança de logística do Império de Pentecostes. Este pequeno edifício foi destruído durante o fim dos séculos XX. Posteriormente, foi construído, por cooperação da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal de Ponta Delgada²³⁰, um novo Templo, em 2004.

4.3.2 Império de São João

O Império de São João de Ginetes é resultado de um dos maiores eventos que marcaram a sociedade local, devido a acontecimentos naturais que ficaram enraizados e chegaram às sociedades atuais. Atualmente, a Festa em honra a São João Batista é a festa, religiosa e profana, de maior impacto e importância, na freguesia de Ginetes.

Diversas fontes como Mouzinho d'Albuquerque, *Folha da Terceira* e um relato anónimo contam, com maior ou menor pormenor, a forma como a atividade sísmica, ocorrida entre junho de 1810 e janeiro de 1811, assolaram a freguesia de Ginetes e as localidades vizinhas. As fontes de José Accursio das Neves e o *Annales des Voyages* preocupam-se mais em descrever como foi o fenómeno em si e o surgimento da Ilha Sabrina²³¹. Em

²²⁹ Recolha de testemunho de Leopoldo Pavão

²³⁰ Cf. Figura 151, nos apêndices

²³¹ Cf. *Arquivo dos Açores*, 1981, Vol. V: pp. 448-454

específico, o relato anónimo, bastante descritivo, conta que a 17 de junho de 1810 foram sentidos fortes e frequentes abalos sísmicos nos Mosteiros, Ginetes, Várzea, Sete Cidades e Candelária. A violência dos abalos continuou a aumentar levando a que, durante o dia 24 de junho, diversas fendas surjam em todos os edifícios, inclusivamente desabando ambas as torres das Igrejas, e aí criou uma fenda na terra que distava da orla marítima de Mosteiros às cumeeiras das Sete Cidades. O sismo de dia 2 de agosto de 1810 foi o mais violento causando a morte de trinta e duas pessoas. Após isso, os sismos foram diminuindo até final do ano. Do dia 1 a 8 de fevereiro de 1811, ocorreu uma enorme erupção vulcânica submarina, entre o Pico das Camarinhas e o Pico do Cavalo à distância de meia légua marítima, que lançou rochas violentamente sobre a terra e soltou gases que, posteriormente, chegaram até à cidade de Ponta Delgada.²³² Este evento criou uma pequena ilha, que veio a ser conhecida por Ilha Sabrina devido à colocação da bandeira inglesa por parte do Comandante da Fragata Sabrina, e desapareceu passado poucos meses.

A situação foi de tal modo traumática que a população ao longo dos tempos criou a denominada *Lenda de São João*²³³ que é contada, e de que o autor é testemunha, às novas gerações. Passo a transcrevê-la²³⁴:

“Naquele Dia de São João do ano de 1810, o povo da freguesia de Ginetes tocava a vida para a frente, entre trabalho e lazer, alegrias e tristezas.

As forças da natureza, de repente, ameaçaram a tranquilidade das populações quando se deu uma erupção vulcânica no Pico das Camarinhas. A terra começou a tremer e ribeiras de lava e cinza foram lançadas pela boca do vulcão, cobrindo o brilho do sol e descendo em direção à povoação. O sino da Igreja começou a tocar, oscilando com os movimentos da terra e muitos populares juntaram-se perto do templo.

O temor da morte estava estampado nos rostos, mas a fé prevaleceu e, guiados pelo sacerdote, que levava o estandarte do Espírito Santo, caminharam pela Rua do Moio, a qual estava em parte ameaçada pela lava.

Durante a romagem ouviram-se fervorosas preces e o espanto foi geral, quando, ao chegar o estandarte ao lugar já atingido pela lava escaldante, ela começou a recuar, extinguindo-

²³² *Ibidem*: pp. 449-450

²³³ Cf. Leite, 2001: pp. 29-30

²³⁴ Cf. Brum, 1999: p. 71

se alguma pela cratera, perdendo-se outra para os lados do mar. Aqui se formou a Ferraria, que surgiu com as suas águas medicinais.

No ano seguinte, em cumprimento de uma promessa, o Império de São João celebrou a efemeridade e, segundo a tradição, o Teatro do Divino Espírito Santo, que ainda hoje existe, foi mandado edificar no lugar da Rua do Moio onde se deu o acontecimento do recuo da lava por força do Espírito Santo.”

O Pároco António Leite registou que “Segundo testemunhas antigas, o Império celebrou-se no dia 24 de junho de 1811 [...]”²³⁵ fazendo com que o Império seja concretizada, ininterruptamente, há 208 anos. Segundo testemunho de Leopoldo Pavão, a origem deste Império deu início à tradição das esmolos e que o primeiro mordomo teria sido a pessoa mais pobre da rua nesse período. No ano de 2020, devido à pandemia Covid-19, o Império não se realizou.

A promessa feita pelo povo de Ginetes é a realização de uma procissão, onde atualmente vão todas as imagens da Igreja de São Sebastião, e a concretização de uma missa campal junto ao Pico das Camarinhas com a pregação do sermão em agradecimento pela cessação dos sismos. A missa esteve, segundo a obra de António Leite, alguns anos sem se realizar regressando posteriormente. Para registo futuro, aquando da pandemia de COVID 19 no dia 28 de junho de 2020, apenas imagem de São João saiu da Igreja e percorreu, na caçamba de uma carrinha, as ruas da freguesia tendo sido posteriormente realizada a missa campal como prometido.

Atualmente não possui um Teatro seu, sendo que toda a parte da tradição que necessita ser realizada nestes edificadros é efetuada no edifício da Junta de Freguesia de Ginetes.

4.3.3 Império da Trindade

A origem do Império da Trindade é humilde. Antes de 1870, uma sociedade de crianças realizava um Império, sem qualquer símbolo e rituais religiosos, organizando uma distribuição de fatias de pão de trigo e copinhos de vinho pelos irmãos pequeninos, na Dominga da Santíssima Trindade. Porém, um dos residentes adultos da rua decidiu pegar nesse pequeno Império e, com fundos angariados pelos residentes da Rua da Canada, comprou uma coroa de prata e edificou um teatro defronte à sua casa.²³⁶

²³⁵ Cf. Leite, 2001: p. 20

²³⁶ Cf. *Ibidem*: p. 32

Durante o século XX, o Império da Trindade esteve parado por volta de 29 anos. Durante esse período, os moradores da Rua da Canada ajudavam e participavam noutros Impérios, tendo inclusivamente Domingas destes em sua casa.

Em 1997, os residentes da Rua da Canada quiseram retomar o Império e solicitaram a coroa, que estava guardada na Igreja de São Sebastião, e fizeram uma nova Bandeira, após a realização de um peditório. Ricardo Diógenes recorda a construção do novo Teatro do Espírito Santo,²³⁷ no final do século XX, no mesmo local do primitivo que se encontrava em ruínas, porém segundo a placa desterrada no local, a obra foi inaugurada no ano de 2007.

No primeiro ano foi realizado uma pequena festa com crianças, e no ano seguinte, iniciou-se um Império do Espírito Santo com mordomia, estando ininterrupto desde essa data. Este Império pode ser organizado apenas por pessoas residentes na Rua da Canada.

4.3.4 Império de São Pedro

Originalmente, o povo da Rua do Moio doava mais recursos para o Império de São João do que a população mais pobre, que residia no centro da freguesia, devido ao facto do Teatro do Espírito Santo da Rua do Moio pertencer ao Império de São João. Remediados com a situação, os residentes do local compraram uma coroa de prata e criaram um Império, que era realizado, depois do dia de São Pedro e, eventualmente, passou a ser celebrado no dia de São Pedro. Passou o Teatro edificado a ser apenas usado para este Império.

4.3.5 Império de Pentecostes, na Várzea

Através de investigação não foi possível descortinar a origem exata do Império de Pentecostes no lugar da Várzea, mas como anteriormente citado no começo deste capítulo, António Leite relata que, por testemunho dos antigos, este Império do Divino do Espírito Santo já era celebrado durante o período do século XX. O Teatro edificado junto ao centro da pequena localidade aparentemente foi realizado durante o século XX, sendo requalificado no ano de 2001. A sua organização pode ser realizada por qualquer residente de qualquer rua da Várzea.

²³⁷ Recolha de testemunho de Ricardo Diógenes

4.3.6. Organização das festividades nos Ginetes

Durante o ano de 2020, apenas o Império de São João seria o único a proceder a um Império Grande. Antes da declaração de não efetuação de qualquer Império do Espírito Santo no Arquipélago dos Açores, devido à pandemia da COVID-19, seria o objeto de estudo para registo e entendimento do processo de organização da festividade. Contudo, decidiu-se pela alteração do testemunho por alguém que já tivesse realizado uma mordomia, já que o mordomo do ano de 2020 o realizaria pela primeira vez. Posto isto, foi contactado o senhor Ricardo Diógenes, Mordomo do Império da Trindade, em 2015, e criador de gado para os Impérios do Espírito Santo há alguns anos. Graças à sua colaboração, foi possível ter um relato pormenorizado da organização da festividade, do modo tradicional, na freguesia de Ginetes e da Várzea. Para além dele, foi também realizada a recolha de testemunho do Senhor Leopoldo Pavão, que auxiliou na compreensão das diferenças entre os Impérios organizados no século XX e os do século XXI.

Nos Ginetes e Várzea, todos os Impérios realizam dois modelos de organização destintos. A Compostura, que consiste num “Império Menor” em que se convida apenas familiares e amigos próximos para a ceia do sábado do império em residência particular²³⁸ e não se executa o modelo organizativo descrito à frente, excetuando a coroação no sábado. O segundo modo de organização é o denominado Império Grande que será rigorosamente descrito mais adiante.

A organização de um império tradicional, denominado pelo povo de Império Grande, é iniciado depois da nomeação do mordomo²³⁹ e da retirada das sortes das Domingas diante do Teatro. Tradicionalmente, o individuo escolhido já tem conhecimento da nomeação e aceitou a responsabilidade de executar o Império do ano seguinte. Por vezes, o mordomo pode ser nomeado sem conhecimento prévio, sendo de rara ocorrência no século XXI apesar de frequente no passado.

O primeiro passo do planeamento da mordomia é a busca por três ou quatro pessoas, sem insígnia ou nomenclatura específica, que o ajudem na organização ao longo do ano²⁴⁰. Porém, normalmente, está um individuo experiente nestas festividades que atua como

²³⁸ Recolhas de testemunho de Leopoldo Pavão e Ricardo Diógenes

²³⁹ A designação pode ser bastante variável de freguesia para freguesia sendo conhecidas outras como imperador, irmão da coroa, ect. – Cf. Leal, 1994: p. 184

²⁴⁰ Em termos comparativos, o Imperador da freguesia de Santa Bárbara, da ilha de Santa Maria, possui cerca de 20 a 30 ajudantes com nomenclaturas e insígnias próprias. – Cf. Leal, 1994: p. 39

contabilista e ajuda na coordenação de onde e do que se pode gastar em cada área do Império.

Na semana seguinte à nomeação, o mordomo desloca-se com uma das Bandeiras do Espírito Santo por cada casa da freguesia em busca de pessoas que aceitem ser criadores. Estes são divididos em duas categorias: criadores a dinheiro²⁴¹ e criadores de gado. Os primeiros são indivíduos que pagam 125 euros em troca de uma pensão de carne, vinho e massa dada na semana do Império e são convidadas a auxiliar o mordomo aquando a construção do caramanchão, da matança dos porcos e de outros eventos que ocorrem ao longo do ano. O segundo tipo de criador é referente aos lavradores que ajudam o mordomo com a concessão da sua terra e na criação dos bezerros ou bezerras adquiridas pelo organizador do Império recebendo, em troca, a mesma pensão supracitada. Dali a um ano, as vacas serão vendidas²⁴² e o lucro é usado na compra de carne e despesas do Império e os bois são mortos²⁴³ para obtenção de mais carne para as pensões. De acordo com Ricardo Diógenes, o número de criadores é essencial para o financiamento, realização e grandeza do Império. Na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, existem os Irmãos que são pessoas que querem contribuir para o Império e, por não poderem gastar o valor desembolsado pelos criadores a dinheiro, acabam por pagar metade desse valor e recebem a metade da pensão.

Durante o século XX, o processo de financiamento dos Impérios do Espírito Santo era caracterizado por um empréstimo bancário que era pago pela venda do gado adquirido em muito maior quantidade derivado da existência de muitos produtores de gado.²⁴⁴ Por iniciativa de Leopoldo Pavão, iniciou-se um sistema de passagem dos bezerros, após realizar uma avaliação, para o mordomo do ano seguinte que é, por vezes, ainda realizado.

A quantidade do alimento distribuído nas pensões depende do preço praticado na carne, vinho e pão cobrado naquele ano. Por exemplo, no Império da Trindade de 2015 cada pensão teve 30 quilos de carne, 10 litros de vinho e um pão-de-ló para cada criador. A quantidade depende do dinheiro angariado e do valor dos produtos, pois quanto maior o valor dos produtos, menor quantidade contém as pensões distribuídas.

²⁴¹ Antigamente, o criador a dinheiro era conhecido como “criador a seco”.

²⁴² As vacas são vendidas pela facilidade de se integrarem numa manada nova e serem produtoras de leite para o novo dono.

²⁴³ O boi é morto por ser complicado um criador de gado ter dois machos na mesma manada.

²⁴⁴ Recolha do testemunho de Leopoldo Pavão

Por fim, as esmolas são doações de uma pensão, tradicionalmente, a 12 pessoas carenciadas da freguesia escolhidas pela mordomia. Nada impede que, por vontade do mordomo, se doe pensões a mais indivíduos, como ocorreu no império de Ricardo Diógenes que ofertou 14 pensões. Ressalto que outros indivíduos podem ofertar uma pensão a uma família carenciada ou instituição, ação normalmente aceite pelo mordomo, mas que não constitui uma esmola no contexto da tradição do Império do Divino Espírito Santo na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea.

Entre janeiro e fevereiro, tradicionalmente, ocorre o Dia das Achas que é a recolha da madeira que serve para o lume da confeção das comidas. De seguida, temos o Dia das Varas, que se prolonga por alguns fins de semanas, e consiste na ida para um terreno apanhar madeira para a construção do caramanchão. Para tal, o mordomo procura quem queira limpar o seu terreno de criptomérias e, após ter local para efetuar o abate das árvores, reúne um grupo de homens e arranja transporte para a madeira. O número de homens, alguns da família e outros contratados, leva à necessidade da preparação do almoço efetuado pelo cozinheiro contratado. A alternativa atual para o arranjo da madeira efetuada por alguns organizadores dos Impérios para a obtenção da madeira é a aquisição através da compra a uma serralharia.

O caramanchão²⁴⁵ é uma construção feita em madeira de criptoméria, em terreno próprio ou emprestado, normalmente baldio, cujo objetivo é acolher a maior quantidade de pessoas possível. Quando a sua dimensão é suficiente, inclui também a cozinha e, se possível, o quarto do Espírito Santo.

A sua construção inicia-se a dois meses do começo do Império, sendo realizada por cerca de 50 a 80 homens. Quando a obra está concluída, o caramanchão é enfeitado com símbolos alusivos ao Espírito Santo, tais como coroas e/ou pombas, entre outros, e revestido de criptoméria e incenso.

Por vezes, o mordomo do ano anterior do caramanchão cede o edifício ao do ano seguinte, sendo apenas redecorado. Ainda nos primeiros meses do Ano Novo, inicia-se a marcação da data da matança do Império, a contratação dos cantadores ou foliões e a contratação dos cozinheiros.

²⁴⁵ Cf. Ficha de Inventário do Património Imaterial: pp. 361-364

Os foliões²⁴⁶ que, em São Miguel, são tradicionalmente compostos por um grupo de quatro a cinco homens, normalmente trajados com uma opa vermelha, enramada de branco, ou com uma opa branca enramada de vermelho, tocam um pandeiro, uma rebeca, uma viola e ferrinhos e, por vezes, um tambor²⁴⁷. Porém, em alguns anos, ocorre a inclusão de algum outro instrumento como, por exemplo, o caso de um acordeão, no Império da Trindade de 2015. O cantador principal pode ser auxiliado por dois ou mais cantadores auxiliares e um dos elementos do grupo segura uma Bandeira do Espírito Santo.

Antigamente, o pessoal da cozinha era composto por habitantes locais, normalmente mulheres, devido à passagem da tradição geracional na cozinha dos Impérios e eram, habitualmente, contratadas por diversos mordomos. Atualmente, a procura de um cozinheiro ou cozinheira para o Império é bastante complicada, segundo Ricardo Diógenes, devido ao desaparecimento de pessoas residentes que se dedicavam a cozinhar para os Impérios do Divino Espírito Santo. A rápida contratação do profissional é essencial, devido à necessidade da sua presença nos eventos supracitados. Na semana do Império, o cozinheiro contratado lidera uma pequena equipa, composta por mulheres familiares do mordomo, para ajudar durante o período mais intenso de toda a tradição.

A única diferença da tradição entre Várzea e Ginetes é a realização de um evento chamado “Tirar para a Bandeira”, realizado dois meses antes do Império, que consiste na ida do mordomo com a Bandeira e um pequeno saco, de porta em porta, para que os residentes doem o que puderem. Antigamente, a doação era um género alimentar, como uma galinha ou uma saca de batatas. Atualmente são pequenas quantias em dinheiro.

Os Impérios iniciam-se após a Quaresma e associado à tradição está o rito das Domingas. São, ao todo, seis e encontram-se definidas por sorteio, executado no ano anterior, e iniciam-se a sete ou seis domingos do Império. Estas compreendem a passagem de uma das Bandeiras e a Coroa do Império entre a casa dos sorteados a cada domingo. Ambos os objetos passam o ano inteiro na residência da primeira Dominga. Os sorteados decoram um quarto para ilustrar os objetos à comunidade, rezam o terço até ao domingo e passam os elementos para o sorteado seguinte, que realiza os mesmos rituais e, assim,

²⁴⁶ Os foliões estavam disseminados por diversas zonas do continente português onde acompanhavam as festividades e procissões até ao século XVIII. Acabariam por associar-se aos Impérios do Espírito Santo açorianos devido às figurações que iam na procissão. Desde tenra idade do povoamento destas ilhas, as festas do Espírito Santo contaram com a sua presença como dá conta do pagamento de foliões por parte de um império de Vila da Praia, na Terceira, em 1522. – Cf. Ribeiro, 1942: p.36-40

²⁴⁷ *Ibidem*: p. 42

sucessivamente. Quinze dias antes do Império, nos Ginetes e Várzea, o mordomo vai buscar a Bandeira e a Coroa à casa da sexta Dominga para rezar o terço na semana anterior ao Império.²⁴⁸

A semana do Império inicia-se num domingo com a abertura do Quarto do Divino Espírito Santo e a Recolha do Gado. O primeiro é relativo ao altar edificado, habitualmente, no caramanchão onde ficam as Bandeiras e Coroas do Império e o segundo é relativo à busca dos animais que vão para o matadouro em que são decorados pelos criadores e recolhidos pela freguesia. Termina no adro da Igreja. Ambos os eventos são acompanhados pelos foliões, que acompanharão as festividades durante o resto da semana.

O gado recolhido segue para o matadouro onde a sua carne é cortada e tratada e regressa na terça-feira, sendo transportado, em contenedores refrigerados. No passado, este trabalho era executado pelos homens locais, em pastos, onde matavam e cortavam a carne dos animais, após vistoria veterinária, durante a semana, terminando no sábado.

A partir do primeiro domingo até à sexta-feira seguinte é organizado um jantar com todos os elementos ajudantes. Na quarta-feira, é organizado um almoço para as crianças e idosos da freguesia de Ginetes e decorre a bênção da massa e carne, as quais, posteriormente, são repartidas pelas pensões anotadas, e distribuídas, até ao segundo sábado. Essa distribuição inicia-se entre a casa do criador que reside mais longe até à casa do criador que reside mais próximo.²⁴⁹

A entrega das pensões é efetuada pelo mordomo na residência do criador e irmão, acompanhado por um pequeno grupo de pessoas, que ajudam na marcação das entregas e a carregar os alimentos, e pelos foliões que cantam a agradecer ao indivíduo.

No sábado, para além das pensões, são distribuídas as esmolas acompanhadas pelos carros de bois e pela tradicional folia e a entrega termina no adro da Igreja, ao final da tarde, com cantorias de agradecimento aos criadores e um convite geral à comunidade para irem à Ceia dos Criadores e Irmãos. Apesar do nome, todos podem comparecer mesmo sem terem pagado qualquer pensão. Durante a ceia, dependendo do mordomo, ocorre sempre a exibição de um grupo musical ou de Cantigas ao Desafio.

²⁴⁸ Quando a Bandeira e a Coroa do Império são recolhidos na semana da festividade, o terço é rezado durante aquela mesma semana.

²⁴⁹ Os mordomos guardam a sexta-feira e sábado para os criadores e irmãos residentes na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea.

A gastronomia dos Impérios do Espírito Santo nos Ginetes tem vindo a mudar, derivado à necessidade de apelar à vinda das novas gerações. No caso do Império da Trindade de 2015 foram confeccionados os pratos tradicionais feitos com batata e carne assada, sopa do Espírito Santo e inovou-se diferentes pratos de carne, de peixe e de outros tipos de pratos. Segundo ele, a introdução de maior diversidade alimentar foi um sucesso e tem vindo a ser adotada pelos mordomos seguintes, em todos os Impérios, com influência dos cozinheiros externos nas novas ideias implementadas.

No segundo domingo procede-se à concentração das pessoas junto ao Quarto do Espírito Santo para dar início à procissão, acompanhada pela Banda Filarmónica Minerva, até à igreja onde decorre a coroação.

A coroação decorre, enquanto a Banda Filarmónica, toca o Hino do Divino Espírito Santo. O coroado é, normalmente, é uma criança, um dos filhos ou afilhados. Nos Ginetes e Várzea podem ser coroadas várias crianças, dependendo do número de Coroas presentes na missa, particulares ou de outros Impérios, com o intuito de aumentar a festa.

No final do dia, ocorre o último almoço oferecido pelos mordomos a quem acompanhou a missa. A meio da tarde, a multidão dirige-se, acompanhada pela Banda, ao Teatro do Império onde são tiradas as sortes e anunciado o mordomo do ano seguinte.

Ressalve-se, que nos Ginetes, o Império de São João segue um evento adicional, durante a Festa de São João, na Eucaristia diante do Pico das Camarinhas, onde decorre uma coroação com o novo mordomo, na semana seguinte à realização desse Império.

4.4 As festividades do Curado da Várzea

Na Várzea há possui diversas festividades no calendário religioso. Para além dos mencionados Impérios do Espírito Santo, na pequena localidade existe a festa da Sagrada Família, orago do Curado, realizadas no último domingo de julho e na noite de Natal, caracterizadas por uma eucaristia e pela procissão. E, por fim, a denominada Festa de São Lázaro.

4.4.1 A festa de São Lázaro

A Festa de São Lázaro é de grande importância para a população local e um grande diferencial para a vizinha Ginetes. A data do primeiro ano de realização é desconhecida, mas através da falta da imagem de São Lázaro Bispo num Inventário da Ermida de 1916²⁵⁰ e uma notícia do Diário dos Açores de 20 de março de 1920, que dá conta da efetuação da “...costumada romaria de S. Lázaro à Igreja da Varzea...”, ter-se-á iniciado na primeira década do século XX.

Originou-se por iniciativa de Teodomiro Sousa Tavares, natural do concelho da Ribeira Grande e comerciante no Lugar da Várzea, devido a uma promessa motivada pela queda da filha²⁵¹ ou afilhada, que lhe causou graves traumatismos e o fez adquirir a imagem de São Lázaro Bispo, promovendo a tradição da forma como se encontra organizada, sendo provavelmente, a primeira pessoa a oferecer a sua casa para a confeção das massas.

A festa realiza-se no quinto domingo da Quaresma, quinze dias antes da Páscoa. Depois dele, foi a sua vizinha Maria Filomena de Jesus a oferecer sua casa e após isso outras pessoas da comunidade realizaram o mesmo: Rosa Correia e Marino Correia, Maria José e Adelino Trindade e, por fim, Natália Oliveira e Manuel Oliveira.

Desde 2018, que a festa não se realizou, devido a doença de diversas pessoas importantes. Em 2020, a Comissão Fabriqueira já tinha uma família que oferecia a sua casa para a confeção da massa, mas devido à pandemia COVID-19 a festa acabou por ser cancelada.

²⁵⁰ Cf. BPARPD: “Cópia de autenticação de autenticação da Igreja de S. Sebastião dos Ginetes” in. Autos Adicionaes e Inventário de Bens da Parochia de Ginetes

²⁵¹ A informação consentida por Luís Cordeiro retrata a menina como afilhada, enquanto a publicação da Direção Regional aponta-a como filha. - Cf. Direção Escolar de Ponta Delgada, 1987: p. 9

4.4.2 A organização da festa de São Lázaro

O testemunho de Luís Cordeiro²⁵², antigo membro da Comissão Fabriqueira da Igreja de Jesus Maria José, permitem ter um registo minucioso sobre a organização da festividade.

Nas duas semanas que antecedem a festa, antigamente a Comissão percorria todas as residências para obter, consoante a disponibilidade de cada família, os diferentes ingredientes para a massa tais como a farinha, manteiga, ovos, açúcar, fermento, banha e outros. Nos últimos dois anos, depois de arranjados os ingredientes, é contratada uma cozinheira para fazer apenas os carrilhos de São Lázaro.

Na semana anterior à festa, algumas senhoras reuniam-se na residência disponibilizada, para iniciar o processo de confeção, nomeadamente, amassar e preparar os diferentes tipos de massa. Na terça-feira da semana seguinte, começa-se a confeção dos tradicionais bolos de massas e dos carrilhos de São Lázaro. Este último consiste em moldar a massa em diferentes formatos, prática iniciada décadas depois da origem da festividade²⁵³, que constitui a colocação da massa dentro de um funil de ferro com um formato na parte superior, como por exemplo, uma estrela de cinco pontas e fricciona-se um pau de madeira no tubo para a Lata dos Biscoitos, um tabuleiro metálico, até não haver massa no funil ou o tabuleiro estar cheio. Depois de estar na Lata de Biscoitos, esta é cortada por uma faca para ficar com o formato final pretendido e segue, posteriormente, para o forno. Na sexta-feira, cozinha-se a massa em formato de membros do corpo humano ou de animais, devido ao fato de a festa ser cocelebrada em honra de Santo Antão, protetor dos animais, e de Santo Amaro, protetor das doenças dos ossos. Esta depende de pedido individual, para pagamento de promessas, que chegam às cozinheiras.

No domingo, antes da eucaristia, a comunidade junta-se em frente da casa da confeção para que os carrilhos e a massa sejam benzidos e lhes seja colocado incenso. Posteriormente seguem em procissão até à Igreja de Jesus Maria José. No final da missa, as pessoas presentes, escolhem entre os diversos tipos de massa com formatos anatómicos, e elevam-nas diante das imagens de São Lázaro, Santo Antão e Santo Amaro, como pedido de cura aos seus males. Ao mesmo tempo decorre a venda dos carrilhos de São Lázaro na sacristia da igreja. Naquela tarde ocorre a arrematação e, muitas vezes, o

²⁵² Devido à pandemia COVID-19 e problemas de saúde impossibilitaram o registo audiovisual do seu conhecimento. Posto isto, a solução foi a execução um testemunho escrito.

²⁵³ Cf. “Festa de São Lázaro” in *website* “Várzea dos Açores”.

que acontece é comprar e devolver para ser adquirida por outras pessoas²⁵⁴ e o valor total é doado à Igreja. Se o indivíduo quiser pode comprar a massa sem a devolver²⁵⁵.

²⁵⁴ As datas das fotos na página 353, referentes ao vídeo “Festa de São Lázaro da Várzea”, estão corretas na referida página.

²⁵⁵ Cf. “Festa de São Lázaro” in website “Várzea dos Açores

4.5 O rancho de Romeiros da Várzea

4.5.1 Origem e caracterização das romarias quaresmais

A romaria é uma das tradições religiosas mais icónicas da ilha de São Miguel que constitui a prática de uma peregrinação penitente com o intuito de oração e isolamento da sociedade. Caracterizados por caminharem em duas filas paralelas, da qual só podem sair pelo lado interno, com autorização, e acompanhados, e entrar pelo mesmo lado. Ocorre durante as seis semanas da Quaresma, percorrem a ilha de São Miguel, no sentido dos ponteiros do relógio, rumo às Igrejas e Ermidas evocadas a Nossa Senhora, às quais se acrescentam cerca de cem templos relativos a outras invocações.

A origem da tradição ainda está pouco esclarecida sendo a teoria mais defendida pelos investigadores de que ter-se-á iniciado, entre 22 de outubro de 1522, aquando de um fortíssimo sismo, que afetou a então capital Vila Franca do Campo, e 25 de outubro de 1563²⁵⁶, aquando do início de diversas atividades sísmicas vulcânicas que ocorreram na, então, vila da Ribeira Grande sendo que, naturalmente, o povo deu uma resposta de fé com diversas procissões de apelo às casas evocadas a Nossa Senhora como forma de solicitar piedade para o término do cataclismo. Caracterizadas por serem romarias mais pequenas, que não atravessavam a ilha de São Miguel, onde apenas caminhavam e rezavam em templos mais próximos. Com o passar dos tempos, durante o século XVII, o autor António Mendes Arouca escreveu um desaparecido trabalho intitulado “Perigração que costumam fazer os moradores da Ilha de Sam Miguel e visitando as Igrejas de Nossa Senhora”²⁵⁷ em que se tem a perceção de que os romeiros já efetuavam a caminhada pela ilha nos moldes conhecidos atualmente. Apenas no ano de 1962, por obra do Bispo de Angra, D. Manuel Afonso de Almeida, em conjunto com um grupo de sacerdotes construíram o regulamento “Romeiros de São Miguel Açores”. Mais tarde, com a morte do Bispo e a entrada do novo Bispo, Aurélio Granada Escudeiro, foi criado o Grupo Coordenador composto por sete romeiros e dois sacerdotes, o qual foi aprovado em 1989²⁵⁸. Esse mesmo grupo reviu, pela primeira vez, o regulamento no ano de 2003 e foi, posteriormente, redefinido em 2017.

²⁵⁶ Cf. Direção Escolar de Ponta Delgada, [1985]: pp. [34-39]

²⁵⁷ *Idem*

²⁵⁸ Cf. Tabico, 2003: pp. 28-38

Os grupos são conhecidos por ranchos de Romeiros. Integram apenas homens de qualquer idade²⁵⁹, estatuto social ou localidade. Um romeiro pode integrar um rancho fora da sua localidade de residência, desde que seja aceite pelo Irmão-Mestre. Antigamente, como exemplificado, mais adiante, estes grupos regiam-se por regras próprias criadas pelo líder e, mais tarde, todas as diretrizes são estabelecidas pelo “Movimento de Romeiros de S. Miguel - Associação”²⁶⁰ e são decretadas, através do “Regulamento das Romarias de S. Miguel” aprovado a 22 de outubro de 2017. Posto isto, a criação e organização de qualquer rancho necessita sempre da autorização do pároco local, após ser ouvido o Conselho Pastoral e o Grupo Coordenador dos Romeiros.²⁶¹

Qualquer romeiro é identificado pelo traje tradicional que consiste num lenço de lã de forma quadrangular, atado ao pescoço que fica caído sobre os ombros, de cor escura com detalhes florais de tons policromos e um xaile de cor negra, castanha azul noite, que fica apoiado nos ombros, para proteção contra intempéries. Carrega consigo, no mínimo, um terço ao pescoço e/ou rosário de lágrimas numa das mãos. A outra mão carrega um bordão de conto de lança, feito em madeira, com a extremidade superior a ter uma espécie de castão, em latão ou metal, normalmente, encimando uma cruz ou algum outro elemento católico, e a extremidade de baixo possui um ferrão ou ponta de metal branca ou amarela. Os bordões mais antigos possuem apenas uma fina tira de latão a cobrir a extremidade superior, sem qualquer símbolo e são herdados de um antepassado da família. Nas costas levam, tradicionalmente, uma saca de pano denominada de cevadeira e, dependendo do ancho, são substituídas por mochilas comuns para a mesma finalidade: armazenamento de mantimentos e mudas de roupa.

A romaria e a Quaresma possuem um vínculo bastante forte durante a Semana Santa. Os romeiros fazem parte da organização das cerimónias e, inclusivamente, são eles os escolhidos para representar os apóstolos, durante o Lava-Pés. Em combinação com a Quaresma, este ritual rege-se pela sua tradição mariana, regido pelo fato de girar em torno dos Templos de Nossa Senhora.

O rancho tem cinco cargos essenciais, que realizam diversas tarefas durante a caminhada, seja no âmbito da organização, dos rituais religiosos ou nas tarefas exteriores. O primeiro

²⁵⁹ Os meninos de 7 a 8 anos podem integrar a romaria, mediante a efetuação da Primeira Comunhão. – Cf. Coutinho, Alexandre; Machado, Luís Filipe Mota; Machado, Pedro Mota, 2006: p.43.

²⁶⁰ Esta associação propôs os seus estatutos no ano de 2016 ao Reverendíssimo Bispo de Angra, Senhor João Carlos Barbosa Leite, que aprovou e lhes conferiu personalidade jurídica canónica. – Cf. Decreto Episcopal da Associação de Romeiros

²⁶¹ Cf. Coutinho, Alexandre; Machado, Luís Filipe Mota; Machado, Pedro Mota, 2006: p. 23

é o Irmão-Mestre que pode ser designado pelo pároco da localidade ou eleito por indivíduos que contenham um passado naquele rancho, através do processo de proposta e consentimento, sendo este último método, o vigente no lugar da Várzea, estando o eleito no cargo por um mandato de cinco anos e pode recandidatar-se quantas vezes quiser.²⁶² As funções do Mestre são direcionar e liderar a organização do rancho com o estabelecimento de contatos com as freguesias e entidades necessárias para assegurar a logística e a alimentação do grupo, a escolha dos indivíduos para as restantes funções e deve zelar pelo bem-estar individual de cada romeiro durante a peregrinação.²⁶³

O Contramestre, tal como o nome indica, é aquele que coadjuva o Irmão-Mestre na organização e o substitui durante a sua ausência e segue, normalmente, a meio ou na traseira do rancho, durante o andamento. Durante esse momento da romaria, certifica-se que todos os membros estão a cumprir as suas obrigações ou que algum dos Irmãos necessita de ajuda médica. Em ranchos, com muitos romeiros, podem ser designados vários contramestres.

Os Guias são compostos por dois homens, romeiros de longa data, que seguem à frente do grupo com o serviço de direcionar o rancho pelos caminhos estabelecidos, sendo por isso, quase obrigatório serem homens com alguns anos de experiência. O Irmão Cruzada é exercido por um dos rapazes mais novos do grupo que segue a meio dos guias e leva, a todo o momento, uma pequena imagem de Jesus Cristo crucificado. O dispenseiro é o cargo atribuído a uma ou duas pessoas que tem autorização de sair do rancho para ir comprar mantimentos aos mercados locais após anotar os pedidos dos restantes.

Existem duas funções designadas para a parte religiosa do rancho. O procurador das almas é o último romeiro durante o andamento do rancho e o único que interage com pessoas exteriores para anotar os pedidos de reza de um terço de uma “Ave Maria” ou “Pai Nosso” por parte do grupo, quando este para nalgum local para descanso, devido a um motivo pessoal. A pessoa pedinte, por seu turno, deve rezar um terço de acordo com o número de romeiros do rancho a que se adicionam as figuras de Jesus, Maria e José²⁶⁴. O alembrador das almas é o homem que proclama os pregões, também conhecidos como salvos, que consiste em solicitar ao rancho um dado número de orações, principalmente na passagem

²⁶² Cf. Artigo 7 do “Regulamento de Romeiros da ilha de São Miguel”

²⁶³ “Em determinados ranchos, poderá existir um Conselho de Rancho [...] trata-se de um órgão consultivo onde têm assento do Contramestre, o Procurador das Almas, os dois Irmãos Guias, o três Dispenseiros, o Tesoureiro e o Guia Espiritual (se existente) e os ajudantes”. – Cf. Coutinho, Machado & Machado, 2006: p. 50

²⁶⁴ Cf. Leal, 1994: p. 247

por cemitérios, e “solicitar” autorização a Nossa Senhora na entrada de um templo e anunciar a saída à mesma figura de templos religiosos. Esta função pode ser realizada pelo mestre ou por outro romeiro designado, num determinado dia.²⁶⁵

A entrada de um indivíduo para um rancho de romeiros depende da sua vontade individual que advém, normalmente, de promessas individuais ou da necessidade de realizar um agradecimento pessoal. É importante sublinhar a importante divisão existente entre a promessa espiritual de ida na romaria, por agradecimento, ao pagamento de promessas de um outro indivíduo e a promessa a pão e água.

A promessa espiritual explicita-se pelo comprometimento do romeiro, a nível pessoal, a realizar a romaria por um qualquer motivo da sua vida pessoal seja a realização da caminhada de penitência pela cura de uma doença de outrem ou pela mudança de algo na sua vida. O agradecimento serve para agraciar o ano, que deve a nível pessoal ou profissional sendo o motivo mais comum pela romaria dos homens. O pagamento de promessas ocorre quando algum indivíduo sofre de algum mal ou falece, que prometeu e não cumpriu a ida à romaria, e um familiar ou amigo próximo executa-a como pagamento da promessa desse indivíduo. A promessa a pão e água é a mais rara de ocorrer, de acordo com a observação e memória dos romeiros com mais de dez anos de romaria, pois baseia-se no cumprimento em comer apenas pão, de qualquer variedade, e beber água, durante todas as refeições. Neste caso, o romeiro tem a opção de finalizar a promessa dividindo-a por dois anos, ou seja, realizando a promessa durante metade da semana na Romaria do primeiro ano e a outra metade no ano seguinte.

A penitência na Romaria assenta na marcha pelos caminhos da ilha de São Miguel. Quer seja na chuva contínua ou sob sol escaldante, a marcha é ininterrupta em qualquer circunstância, no alcatrão ou por atalhos terreiros. Um romeiro que não consiga acompanhar derivado a problemas físicos, ganhos no caminho, é amparado e levado à freguesia mais próxima, que contenha uma Unidade Hospitalar e, em caso de ser um problema inultrapassável, é convidado a abandonar a romaria e voltar a casa. A combinação entre a meteorologia, o ritmo incessante, os largos quilómetros percorridos levam a que, frequentemente, no fim do primeiro dia apareçam as primeiras bexigas nos pés e dores musculares, que serão companhia constante durante a restante caminhada.

²⁶⁵ No ano de 2020, durante a quarta-feira, o antigo Irmão-Mestre Eduardo Garcia realizou esta função ao invés do Romeiro designado.

Como consta João Leal²⁶⁶, estas eram, antigamente, vistas como parte da penitência e, devido a isso, não eram tratadas, porém, como o autor desta dissertação pôde observar no presente, e em anos anteriores, os romeiros tratam destes males, durante as horas de descanso e curtas pausas consentidas.

A alimentação, durante a caminhada, é limitada ao que é trazido nas cevadeiras, é comprada pelos despenseiros ou trazida pela família, ou amigos, sendo, normalmente, algumas sandes com algum condimento. A hora do almoço é organizada por romeiros da freguesia local, pela família dos romeiros ou pelas Juntas de Freguesia. A alimentação diária mais consistente é recebida durante as pernoitas em casa dos residentes da freguesia aonde param e que se disponibilizam a dar guarida ao grupo na sua residência. Porém, quando não há indivíduos residentes suficientes para prestar guarida ao rancho esta é dada pela Junta de Freguesia local num salão.

As pernoitas, para além da sua importância para a alimentação e descanso do indivíduo, são parte essencial na ligação dos romeiros com a comunidade local. A organização das pernoitas é realizada, normalmente, pelos romeiros locais²⁶⁷ para saber a disponibilidade dos residentes. Cada residente pode acolher os romeiros que quiser, dependendo do número de camas disponível, sendo o mínimo dois. Após a missa na freguesia local, os locais de dormida são escolhidos pelo mestre, com o critério de colocar um romeiro mais jovem com outro com mais anos de experiência e de vida, sendo ele o último. Já na casa do irmão hospedeiro, o irmão mais velho dá primazia ao mais novo de tomar banho, sendo que, após estarem todos de banho tomado, a família e os romeiros juntam-se à mesa onde é rezado uma “Ave Maria” e um “Pai Nosso”. Durante o jantar, o romeiro nunca retira o terço e o lenço do pescoço.²⁶⁸ Antes de ir dormir, os romeiros retiram o terço e colocam-no sobre um pequeno cartão referente à sua paróquia²⁶⁹, com os seus nomes, onde também colocam os terços por cima, rezados durante o dia de caminhada, para aquela família, recolhendo-os na madrugada da manhã seguinte onde, normalmente, comem o pequeno-almoço e, normalmente, apanham uma boleia até Igreja local é o de ponto de encontro.

²⁶⁶ Cf. Leal, 1994: p. 246

²⁶⁷ É o processo que ocorre na freguesia de Ginetes.

²⁶⁸ Cf. Tabico, 2003: p. 64

²⁶⁹ Experiência do autor

4.5.2 História dos romeiros nos Ginetes e Várzea

A Romaria surge na freguesia de Ginetes durante o ano de 1959 quando sai o primeiro rancho de São Sebastião de Ginetes, liderado por Manuel José Veríssimo, mestre do grupo, composto por 45 homens. António Leite conta que “o mestre e o pároco de então envidavam os melhores esforços para que a romaria redundasse um sucesso espiritual”²⁷⁰.

A saída desse rancho decorria no sábado da segunda semana da Quaresma por volta das quatro da manhã, sendo realizada uma missa e comunhão acompanhadas pelo povo. Naquele ano, a freguesia viveu para a romaria em conjunto com o Lausperene, pelo que, segundo o relato, causou uma semana bastante emotiva a todos os presentes. O grupo voltou no domingo da semana seguinte, com a realização de uma missa e comunhão e, ao meio-dia do mesmo dia, realizava-se outra Eucaristia para Encerramento do Lausperene.

O rancho de Ginetes durou até ao ano de 1961, devido à falta de homens na composição do rancho.

Em 1962, saiu o primeiro rancho de Romeiros de Jesus Maria José. Este grupo, com apenas trinta e um homens, teve como seu primeiro mestre Manuel Pavão Trindade, saindo também na segunda semana da Quaresma. Recebeu homens dos Ginetes e das Sete Cidades, localidade que criaria o seu próprio rancho mais tarde, passando depois a ser constituído por homens dos Mosteiros, Ginetes e Candelária.²⁷¹

Os primeiros ranchos não estavam sob a tutela do “Estatuto do Romeiro”, ou qualquer outra tutela que organizasse e regesse o movimento, pelo que as regras do grupo eram impostas pelo Irmão-Mestre de forma oral. O líder de cada grupo podia definir se queria manter, adicionar ou remover qualquer regra sem passar pelo escrutínio de uma entidade. Assim sendo, o primeiro mestre do rancho da Várzea impôs três regras primordiais para aceitar a entrada de um indivíduo no rancho: não ser alcoólico, ser participante ativo da eucaristia e não viver em adultério.

O primeiro grupo de romeiros encontrava-se com a família na Vila da Ribeira Grande²⁷² no domingo seguinte à saída. Após isso, apenas voltariam a ver-se na quinta-feira no Dia da Família, no Vale das Furnas, que se caracterizava por uma missa e almoço de convívio nas margens da lagoa.

²⁷⁰ Cf. Leite, 2001: pp. 140-144

²⁷¹ *Ibidem*: pp. 156-158

²⁷² Foi realizado até 2011, devido ao fato de que, até esse período, não existia qualquer entidade para cuidar da alimentação para o almoço desse dia.

Em termos gerais, muito se alterou nos atos e no percurso dos romeiros nos 48 anos de existência no rancho. De acordo com o apurado pela consulta dos antigos e atual caderno dos romeiros, guardados pelo Irmão Mestre Adelino, o número de membros sofreu alterações com uma fase de maior ascendência deste 1994 a 2006, com um pico máximo de 75 homens. A partir de 2014, primeiro ano do qual há registo nesta década, o rancho contém, em média, 40 romeiros em cada ano, voltando aos números praticados, durante parte do final do século XX.

Por fim, os homens que já ocuparam o cargo de Irmão-Mestre foram os seguintes: Manuel Pavão Trindade, Manuel de Medeiros Júnior, José Maria Carreiro Pereira, Luís Manuel Correia de Melo, Eduardo Garcia Oliveira e, atualmente, Adelino Trindade desde 2015.

4.5.3 A caminhada de 2020

Em 2020, o rancho de Romeiros da Várzea conta com 42 homens em peregrinação ao redor da ilha Micaelense. É liderado pelo Mestre Adelino Trindade e coadjuvado pelo Contramestre Nuno Medeiros.

A romaria iniciou os preparativos com 22 reuniões semanais, às terças-feiras e às sextas, cerca de mês e meio antes da saída. O Irmão Mestre descreve que esta preparação é essencial, pois destina-se a explicar as orações, os momentos concretos de certos rituais e os comportamentos a adotar durante as pernoitas. Este momento é fundamental para os novos membros, já que a romaria se rege pela necessidade de respeitar o culto de forma apropriada e passar uma boa imagem às comunidades visitadas.

A peregrinação iniciou-se a 29 de fevereiro de 2020, por ser ano bissexto, na primeira semana da Quaresma. Porém, antes de dar início à caminhada, os romeiros possuem na última quinta-feira antes da partida no denominado Dia das Confissões. A confissão pode ser realizada por qualquer padre de qualquer freguesia, caso o romeiro não consiga deslocar-se ao lugar da Várzea. Porém, assente na tradição, todos os Romeiros realizam-na Igreja de Jesus Maria José para se confessarem ao Padre que, normalmente é auxiliado pelo Pároco da freguesia de Ginetes.

No dia de saída, o ajuntamento inicia-se pelas 5:30, com a missa iniciada durante as 6:00 e dura uma hora. Posto isto, os Romeiros partem acompanhados pela família, amigos e locais presentes até ao cemitério onde pregam e rezam em honra daquelas almas. Por fim, o Irmão Mestre dá ordem de despedida e inicia-se a dura peregrinação. Posteriormente, a segunda paragem é nos Mosteiros, devido ao número considerável de homens

pertencentes àquela freguesia que compõem este rancho e realiza-se uma oração específica à Nossa Senhora da Conceição²⁷³, orago dessa Igreja.

A semana é caracterizada pela dureza da caminhada que os acompanha e constitui parte essencial da penitência, como já foi explicado. Em 2020, o rancho pernitoou na seguinte ordem a partir da primeira noite: Capelas, no Sábado; Porto Formoso, no domingo; Salga, na segunda-feira; Vila do Nordeste, na terça-feira; na Lomba do Loução do concelho da Povoação, na quarta-feira; na Vila Franca do Campo, na quinta-feira; nos Arrifes, na sexta-feira.

Durante este período, a alimentação do almoço é prestada pelas famílias, através da ajuda de particulares, pela Junta de Freguesia de Ginetes, na quarta-feira, e na freguesia do Faial da Terra pela Junta de Freguesia de Mosteiros, na sexta-feira.

Um dos marcos mais significativos da caminhada é o denominado Dia da Família, realizado na quinta-feira na freguesia de Ponta Garça. Nesse dia, a chegada dos romeiros à Igreja de Nossa Senhora da Piedade é prosseguida pela habitual salva de entrada na Casa de Deus sendo, posteriormente, realizada uma Eucaristia dirigida pelo Padre do lugar da Várzea. Porém, neste ano, devido à presença do Padre Marco Tavares como romeiro do rancho, a eucaristia foi realizada com a ajuda do Padre Ricardo Toste, da freguesia de Ginetes. A missa termina ao som da canção *Oração Pela Família*²⁷⁴, entoada por todo o rancho e a pregação a Nossa Senhora para a saída do templo.

Após isso, os romeiros rumam ao Salão da Casa do Povo de Ponta Garça, onde rezam o “Pai Nosso” e a “Ave Maria” antes de poderem cumprimentar os seus entes queridos. É realizado um período de descanso que dura duas horas com a companhia dos seus e em extrema comunhão com todos os restantes presentes. Durante o almoço é habitual que algum romeiro que não tenha a família presente juntar-se à família de outro, sendo-lhe levada comida feita pelos seus ou por um dos presentes ou mesmo partilhar a alimentação da família que o “recolhe”. Este momento representa um dos mais públicos exemplos da importante base interna da partilha e ajuda entre os membros constituintes do rancho.

O almoço termina com o toque do sino do Irmão-Mestre para a recolha dos pertences dos romeiros, para se juntarem na rua adjacente ao Salão. Nessa ocasião, Contramestre

²⁷³ Cf. Figura 156, nos anexos

²⁷⁴ A canção é criação do Padre Zezinho conhecido escritor, compositor e músico brasileiro.

declara palavras de agradecimento às famílias e ao grupo pela importância do momento, antes de recomeçar o andamento ao som das orações.

Os romeiros e famílias voltaram a ver-se no sábado, no dia 7 de março de 2020, onde algumas famílias se juntam na Candelária²⁷⁵ para almoçarem ou entregarem almoços enviados por outras pessoas aos romeiros. A partir de Ginetes, onde é realizada uma oração específica a São Sebastião, o rancho é acompanhado por alguns locais ou familiares a pé ou de carro até à Igreja de Jesus Maria José.

Nessa noite de chegada, normalmente pelas 19:00, realiza-se a missa. São realizadas as considerações finais e os agradecimentos necessários, para além de ser pronunciada uma oração sobre a Sagrada Família²⁷⁶, iniciada pelo Irmão Mestre Adelino.

4.5.4 Caracterização do rancho de 2020

Realizou-se um questionário anónimo para pesquisa da presente dissertação com questões nos seguintes campos: idade, lugar de residência, se já tinham emigrado, se era católico praticante, qual o período de ida em romaria, período de ida nos Romeiros da Várzea, se já teve familiares na romaria, o motivo de ida e como conheceram o rancho da Igreja de Jesus Maria José.

Dos 42 homens, foram preenchidos 41 inquéritos²⁷⁷. A realização procedeu-se na quinta-feira do Dia das Confissões. Devido ao elevado número de pessoas, aconteceu o incorreto preenchimento nos campos da idade e no período de ida em romaria, perfazendo a amostra de 40 inquéritos viáveis nestes dois campos.

O grupo de romeiros é caracterizado pela juventude dos seus membros com uma média de idades, que ronda os 35 anos de idade. Foram 13 romeiros com idades inferiores a 25 anos, sendo a menor idade a de dois jovens de 12 anos. 28 homens têm idade superior a 25 anos, sendo, que 20 deles estão entre a faixa de 40 e 60 anos.

No campo de residência estiveram colocadas as seguintes opções: Ginetes, Várzea, Mosteiros e um campo designado de “Outras Localidades”. Segundo os dados recolhidos, a freguesia de Mosteiros tem quase metade dos elementos que estão no rancho com 19 elementos em 41, a freguesia de Ginetes é a segunda com 13, seguida pela Várzea com 6

²⁷⁵ Diferente do formato da quinta-feira, neste dia a quantidade de pessoas é bastante reduzida e devido à curta distância entre as localidades compete às famílias a alimentação na hora do almoço dos Romeiros.

²⁷⁶ Este ato de orar ao padroeiro da localidade à chegada foi iniciada no presente ano de 2020 por iniciativa do Irmão Mestre, Adelino Trindade. – Cf. Transcrição da salva: p. 152

²⁷⁷ Cf. Tabelas 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17 nos apêndices.

membros e, por fim, 3 membros do rancho residem em outras localidades, nomeadamente, São Vicente Ferreira e Bretanha.

Na questão de serem Católicos Praticantes, 36 inquiridos indicaram que se consideravam um católico praticante e, apenas 5, afirmaram que não se consideravam católicos praticantes. Nesta temática, ressalvo que, para alguns dos membros, ser católico praticante não é sinónimo de estar sempre presente na Eucaristia, e sim, seguir as diretrizes de fazer o bem e do cristianismo. Aliás, as motivações de 30 romeiros vão para agradecer a Deus a sua vida, 9 por promessa e apenas 2 por ambos.

Um dado curioso é o da emigração e, com base na totalidade dos inquiridos, pode constatar-se que apenas dois homens, já tinham sido emigrantes. O primeiro, com 48 anos, esteve no exterior da Região, por um período de 2 anos, e o segundo, com 42 anos, viveu durante 18 anos em solo estrangeiro. Contudo, ainda que não tenha ocorrido no ano de 2020, já ocorreu a integração de membros da Diáspora neste rancho. Este dado indica que o rancho, com cerca de 35 anos, é constituído quase na sua totalidade, por açorianos residentes, em permanência, na ilha de São Miguel. Contudo, ainda que não tenha ocorrido no ano de 2020, já ocorreu a integração de membros da Diáspora neste rancho.

Uma das principais perguntas incidiu na particularidade dos anos que um homem realiza a romaria. A primeira era perceber a totalidade de anos doados à romaria que complementa a ida em romaria por um rancho de outra localidade e o rancho em estudo. A segunda questão está relacionada com o tempo exclusivo no rancho da Várzea.

Uma das conclusões deste estudo quantitativo, dos 40 inquiridos válidos, é que 9 romeiros vão em Romaria há mais de 15 anos. Dividem-se em 3 romeiros no período de 16 a 20 anos, e outros três no intervalo de 21 a 25 anos, dois entre os 26 e os 30 anos e, apenas um romeiro, que ultrapassa a faixa dos 31 anos de ida em ranchos.

Porém, é entre o intervalo do primeiro ano e o décimo quinto ano que há mais integrantes. Houve 16 integrantes no intervalo de 1 a 5 anos, 8 no intervalo correspondente de 6 a 10 anos e 7 membros de 11 a 15 anos.

As diferenças não são muitas quando comparamos ao período dedicado no rancho da Várzea. Ocorre um ligeiro aumento no intervalo do primeiro ano, aos quinze anos, que ilustra que dois elementos pertenceram a um rancho de outra localidade. Dos 15 anos até aos 35 anos mantiveram-se os números acima descritos, significando que na generalidade

os membros tendem a escolher e permanecer neste rancho para realizar a sua romaria anualmente.

4.5.5 A visão interna dos romeiros

Adelino Trindade e José Rui, romeiro deste rancho, foram os escolhidos para registrar os seus testemunhos para um melhor entendimento do que é a tradição, o que pensam acerca do ambiente interno da romaria e de como entraram para esta tradição.

O Irmão-Mestre Adelino Trindade realizou a sua primeira romaria, com nove anos de idade, vindo de uma família de romeiros, tanto o avô e o pai, que foi romeiro durante 36 anos. Narra a sua passagem na romaria como algo intermitente, com uma saída e volta por questões pessoais, levando agora nove anos ininterruptos, mas descreve a romaria como “Um convívio bom que temos ali. Uma semana boa com os vários irmãos que a gente leva. Partilhar o que a gente tem uns com os outros: as dores, as mágoas, as bexigas nas palmas dos pés. O convívio que nós temos durante uma semana, durante o dia, de hora a hora é muito bom. É muito importante a nossa romaria ter isso.” A partilha de momentos e sentimentos, entre os seres humanos, é um dos pilares desta tradição, dentro e fora dela, com a entreatura de irmãos a curar ou aliviar dores, bexigas e ajudas em assuntos exteriores a ela, quando acaba a peregrinação. A forte componente de solidariedade marcada pelo conjunto da irmandade consegue demover qualquer barreira social ou geracional existente, promovendo um evento na vida do romeiro em que não existe qualquer tipo de problemas de qualquer espécie, durante um curto espaço de tempo, e em que todos estão em pé de igualdade. Porém, a visão do que é a romaria varia bastante como constam dos testemunhos do anterior Irmão Mestre, Eduardo Garcia Oliveira, do atual contramestre, Nuno Medeiros e do irmão Durval Viveiros que deram maior ênfase à importância da ligação a Deus, à reflexão espiritual, à forma como a romaria é visualizada como um chamamento de Nosso Senhor e de agradecimento a Ele.²⁷⁸

Como mestre, segundo Adelino Trindade, levar trinta ou quarenta elementos é de bom grado, já que a ele compete tratar, todos com respeito, e “com amor”. Este modo de tratamento tem por objetivo a unidade do grupo para que se forme “um romeiro só” e seja mais fácil lidar com possíveis problemas. A sua liderança e disciplina é auto imposta pelo grupo, sendo necessária para o normal funcionamento, com a comunidade e com os costumes que a simbolizam, caracterizados pela limitação do contato com as pessoas

²⁷⁸ Cf. Moura, 2011: p. 65

exteriores desconhecidas, conhecidas ou familiares durante a caminhada nas freguesias onde passam ou qualquer ausência não autorizada. Possui a necessidade de se manter neutro e bem visto pelos restantes elementos para o bem-estar do grupo.

O futuro do rancho é desconhecido. Adelino Trindade confessa que, aquando da saída de Eduardo Garcia Oliveira, aceitou o cargo de Irmão Mestre para dar continuidade ao rancho, mas afirma que a continuidade do grupo, esteve em risco antes dessa passagem de testemunho. O futuro passa por preparar um jovem com capacidades de liderança, mas as principais dificuldades estão no tempo e nas responsabilidades do dia-a-dia para encontrar um homem capaz. Desde modo, temos noção da perenidade que acompanha esta tradição quando há necessidade da passagem de testemunho para um novo líder em localidades com poucos elementos.

Na parte religiosa, não há uma oração específica que diferencie este rancho de outros ranchos da ilha de São Miguel, porém como testemunha Adelino, o que existe são formas diferentes de cada irmão realizar e sentir a oração individualmente.

O que existe de mais personalizado são as três orações realizadas em honra das santidades padroeiras da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mosteiros, da Igreja de São Sebastião de Ginetes e Igreja de Jesus Maria José.

O segundo testemunho é de José Rui Amaral Oliveira, romeiro há 10 anos, residente na freguesia de São Vicente Ferreira, no concelho de Ponta Delgada, que fica a trinta e oito quilómetros do lugar da Várzea. A recolha do seu testemunho deveu-se à necessidade de entender a experiência de um romeiro comum e as razões que o levam, ano após ano, a juntar-se a este rancho.

Nascido e criado naquela localidade, a sua relação com a tradição inicia-se por curiosidade e, em conjunto com um amigo que ia entrar como romeiro, decide acompanhá-lo na romaria pelo rancho da Várzea. Após o primeiro ano resolveu continuar a realizar a romaria anualmente, sozinho, e declara que o acolhimento da comunidade e do grupo foram fatores essenciais para que prosseguisse neste rancho.

Ao longo da experiência de 10 anos de Romaria fala numa homogeneização do ambiente do grupo no sentido de ser dado o espaço e o silêncio para cada um sentir a sua devoção. Dá conta da questão pessoal e individual da Romaria que anda lado a lado, com a questão da camaradagem e, que o rancho tem vindo a tornar-se mais respeitoso para com a individualidade. Atualmente, salienta que a solidariedade e a amizade são os pontos fortes

do rancho que permitem que cada indivíduo se sinta à vontade para partilhar problemas pessoais e formando, como é o caso de José Rui, amigos fora do seio da romaria.

Analisando estes testemunhos, a ligação pessoal com indivíduos que, na maioria das vezes, estão afastados durante quase um ano e a importância religiosa derivada das motivações pessoais são grandes atrativos num rancho pequeno como é o da Várzea. Isto torna o conceito de “Irmandade” numa realidade forte e presente que faz com que estes homens voltem ano após ano com a sua fé renovada, sabendo que serão bem acompanhados durante a sua caminhada.

CONCLUSÃO

O estudo realizado procurou colmatar a falta de informação da história e do património na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, uma vez que existem pouquíssimas obras que retratem a sua evolução histórica e patrimonial. Assim, esta dissertação procurou ser um contributo para a historiografia e para as gerações futuras, baseado no registo do atual património cultural e da consulta bibliográfica e arquivística, de modo a divulgar as suas tradições, bem como, as informações obtidas através de fontes orais e trabalho de campo, que trouxeram novas interpretações relativamente aos diversos objetos de estudo. Foram elaboradas fichas de inventário individuais com recurso ao registo fotográfico e, por fim, a criação de novas fontes através da realização de questionários e de recolhas de testemunhos audiovisuais através da utilização de novas tecnologias para permitir o registo da memória humana e do seu uso para a posteridade.

O Património Imóvel constituiu-se um campo de estudo essencial, alicerçado na pesquisa bibliográfica e registo do conhecimento oral, importante para alguns acontecimentos que são inexistentes da documentação, tendo-se encontrado alguns dados novos, assim como correções da informação veiculada na bibliografia.

As duas principais igrejas foram fundadas durante os séculos XVII e XVIII, mas a sua arquitetura foi bastante alterada ao longo dos anos. As fachadas com elementos barrocos, a mudança do pavimento e das escadas para a torre de madeira para pedra, a atualização técnica sofrida nos relógios em ambas as torres, o desaparecimento dos muros que circundavam a Igreja de São Sebastião de Ginetes e o aumento da capela-mor da Igreja de Jesus Maria José denunciam as profundas alterações sofridas ao longo dos últimos 200 anos em virtude da natureza sísmica do Arquipélago dos Açores, da necessidade de efetuar obras de restauro ou de atualização de materiais para uma melhor segurança da estrutura. A Ermida de Nossa Senhora de Fátima é a única obra religiosa fundada, mais recentemente, mas não deixou de sofrer alterações exteriores, que originam a sua imagem atual. É o maior testemunho de fé das aparições de Nossa Senhora de Fátima, que ocorreu durante o século XX.

Os moinhos de vento, associados ao passado agrícola, determinavam a economia da zona, sendo um importante ponto de visita cultural. Erguidos nos montes, que circundam as localidades, comprovam um passado dependente da força da natureza, surgindo durante o fim do século XIX e início do século XX, foram parte do quotidiano de milhares de pessoas que deles dependiam para a confeção e venda da farinha que era essencial para o

sustento da família e para alimentação dos animais que criavam. Hoje, devido ao aparecimento de novas tecnologias na arte de moer e da queda do comércio do milho açoriano, estão todos em estado de ruína e, abandono completo, sem qualquer perspectiva de novos usos para estes edifícios, que são símbolos destas terras. Parte desse abandono deveu-se ao surgimento nesta freguesia da moagem elétrica, em 1963, com uma importância tecnológica que persistiu em uso até à primeira década do século XXI e que mudou o modo de trabalho dos moleiros como foi oportunamente registado.

A Fonte do Sapateiro é o objeto do Património Imóvel mais antigo da freguesia de Ginetes, construído em 1638, e possuiu uma importância imensa para ambas as localidades devido à sua localização. Profundamente adulterada e já sem a fama de outrora, continua a sua fonte a encher os bebedouros, que raros agricultores, ainda usam para ir buscar água ou dar de beber aos animais quando passam pelo trilho pedestre.

Os fontanários não se encontram em melhor estado. Acreditando que existissem outros mais antigos e que devem ter sido destruídos, os abandonados fontanários existentes são dos séculos XIX e XX e eram alimentados por canos em barro que levavam a água pela força da gravidade para os diferentes arruamentos da freguesia de Ginetes. São o testemunho de um passado comunitário, abandonado pela vinda da água corrente para o interior das habitações e pelos bebedouros automatizados para os animais nos pastos. As ameaças enfrentadas por estes fontanários são as da destruição, como consta que ocorreu no lugar da Várzea e, dos quais, apenas sobrou uma antiga bica. Apesar da função original não ser utilizada, a sua visualização pública faz com que haja necessidade de serem mais bem preservados e apresentados como elementos caracterizadores da evolução da sociedade residente.

O Farol da Ponta da Ferraria fundado no início do século XX apresenta-se como um elemento arquitetónico diferenciador, de uma importância tecnológica para a ilha de São Miguel, enquanto elemento sinalizador para os perigos costeiros que assolavam as navegações, e para a freguesia de Ginetes enquanto primeiro ponto de comunicação telefónico, para a sociedade civil, com os seus no mundo exterior. Ainda que o estudo não tenha procurado aprofundar-se nas diversas variantes de temáticas que se podem realizar a partir desde único edifício, que necessita de um estudo mais profundo, que afira a sua importância tecnológica, histórica-militar e social, até mesmo ao nível da imaterialidade do trabalho de um faroleiro, é possível aferir que este continua a ser um

dos pontos altos da freguesia de Ginetes, enquanto símbolo caracterizador do lugar e de ponto de interesse turístico.

O Património Móvel estudado assentou, particularmente, na arte sacra e nos retábulos existentes nos três templos supracitados. Através do estudo, foi possível entender que a imaginária é originária, na sua maioria, dos séculos XIX e XX, por conta da perda das imagens originais, da aquisição de diversas imagens de maior devoção do século passado, como ilustra as várias imagens de Nossa Senhora de Fátima, dos três pastorinhos, do Imaculado Coração de Maria, de Coração de Jesus, de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Por conta da pesquisa bibliográfica de inventários que deram conta da inexistência de várias atuais imagens, antes do ano de 1939 e, que por isso, foram adquiridas ou oferecidas em data posterior. A grande maioria encontra-se em estado razoável de conservação e com algumas percas estruturais, em casos específicos, com idas regulares, sempre que possível a oficinas de restauro.

Ao nível do Património Imaterial, apesar de serem duas localidades pequenas, habitadas por pouco mais de 1300 cidadãos, a presença de tradições ativas é reveladora de um sentido religioso e cultural bastante forte criado nos últimos 115 anos.

A Banda Filarmónica Minerva surgiu entre 1905 e 1906, com ajuda de José Maria Raposo de Amaral, nos primeiros anos, tendo subsistido a dificuldades diversas, durante os seus 115 anos. A importância cultural no desenvolvimento musical dos jovens assume uma especial relevância numa zona onde não há outros tipos de grupos culturais, sendo essencial no desenvolvimento da componente da partilha e do trabalho de equipa. A sua presença centenária na vida da própria freguesia coaduna-se com a presença constante dos seus músicos, nos mais diferentes eventos comunitários. Assume-se, também, como o único grupo que possui uma festa de carácter não religioso que dá a oportunidade de trazer outras bandas filarmónicas e músicos, e inspira o desfile popular, com a criação dos divertidos carros alegóricos que seguem a marcha da banda, pelos arruamentos da freguesia de Ginetes.

O rancho de Romeiros da Várzea, precursor dos Romeiros de São Sebastião de Ginetes, foi fundado em 1962 e apresenta-se como uma mais-valia para a pequena comunidade da Várzea, sendo inestimável para as comunidades de Ginetes e Mosteiros, o seu contributo. Inseridos na antiga tradição da Romaria Quaresmal da ilha de São Miguel, os Romeiros da Várzea optam pela manutenção das tradicionais vestimentas, sem promover alterações já efetuadas em outros grupos. Incluem, na última década, grupos de 30 a 40 homens,

sendo caracterizado, em 2020, por uma relativa juventude. Por ser um rancho pequeno, foi possível aferir que a contínua ida dos mesmos irmãos, ano após ano, permitiu a criação de um ambiente de paz, cumplicidade e camaradagem, necessário para a serena concretização da exigente caminhada anual. Porém, o facto de ter poucos elementos causa problemas futuros que, em conjunto com a realidade laboral e escolar, levam a que o futuro do rancho seja incerto.

A Festa de São Lázaro, na Várzea, assume-se como uma tradição única desta pequena comunidade efetuada desde a primeira década do século XX. Originada por um acidente e posterior promessa pessoal, a manutenção desta festa depende exclusivamente da boa vontade e da fé pessoal para que haja um local e ingredientes para a confeção dos diferentes tipos de massa característicos da tradição. A combinação entre o conhecimento gastronómico e a crença católica nas curas de doenças, através dos pedidos de formas anatómicas de humanos e animais em massas, denota uma ilustração única da crença religiosa.

Os Impérios ao Divino Espírito Santo são a mais antiga tradição estudada na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, tendo sofrido imensas alterações, ao longo do seu tempo, de realização. Tal como é costume nas comunidades dos Açores, cada freguesia assume terminologias e modos de organização próprios que as diferenciam das comunidades da mesma ilha. Nos Ginetes e Várzea, os Impérios são caracterizados pela organização individual de um indivíduo, nomeado no ano anterior, a quem é conferido o título de mordomo. Este depende da ajuda de criadores e irmãos, ou seja, da voluntária ajuda da comunidade que auxilia com dinheiro, ou na criação do gado para efetuar um Império Grande, com o direito de receberem pão, massa e vinho na semana da festa. A organização da festividade demora um ano e possui um roteiro específico que é igual aos cinco impérios efetuados. Esta adaptação dos tempos foi uma necessidade iniciada pela mudança da economia local da qual grande parte da população abandonou a criação de gado e da agricultura e trabalha, hoje em dia, em outros tipos de emprego. Isto fez com que a figura do mordomo do século XX que era vendedor de carne, e tinha nisso grande fonte de rendimento, que o ajudava, inclusivamente, a pagar o Império, também por ter possibilidades de criar gado em maior número, desaparecesse e passasse a ser um comprador de carne, devido à diminuição de criadores de gado, durante o final do século XX e já no século XXI. Este facto, aliado à crescente falta de interesse religioso por parte da juventude, que assola todas as tradições religiosas, levou à criação da Compostura, que

resulta na efetuação da festa de uma forma mais privada, apenas com familiares e amigos, sem os grandes custos de compra de animais ou de construção do caramanchão e, dessa forma, torna possível a celebração do Império do Espírito Santo por parte do indivíduo nomeado, tornando-se cada vez mais utilizada de ano para ano. Porém, a importância desempenhada pelo Império, enquanto tradição caridosa e religiosa é de grande importância e assume-se como uma recordação dos antigos tempos de pobreza em que a economia familiar era mais escassa e a carne era um alimento mais luxuoso e para ocasiões especiais.

Em suma, a grande maioria dos objetos estudados obedecem a três aspetos essenciais: o primeiro diz respeito ao facto de que a maioria dos objetos em estudo está associada à religião católica, não fugindo à regra que caracteriza a generalidade do património português, particularmente visível no número de imóveis religiosos, na grande quantidade de arte sacra presente e no facto de que três dos cinco bens imateriais estudados estarem relacionados com a religião. O segundo é que praticamente todo o património presente na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea surgiu ou foi reconstruído nos últimos 150 anos, com especial atenção para o facto de que a criação ou organização dos elementos imateriais estudados advirem todos do século XX. E, por fim, que o restante Património Imóvel estudado não relacionado com a religião surge devido à importância de atividade económica associada a fatores decisivos como a sua localização.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Artigos da imprensa periódica

“Dia a dia”. *Diário dos Açores* de 20 de janeiro de 1920, nº 8394

“Dia a dia”. *Diário dos Açores* de 20 de março de 1920, nº 8443

“A Parada das Filarmónicas”. *Açores* de 21 de março de 1946, nº 341: pp. 1-3

Arquivos

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

“Auto de arrolamento e entrega dos Bens de Culto Católico da Freguesia dos Ginetes do Concelho de Ponta Delgada à Corporação encarregado do mesmo culto na referida freguesia nos termos da Portaria publicada no Diário do Governo, II Serie Nº280 de 2 de Dezembro de 1939” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos. PT/BPARPD/ACD/ACPD/0045, Cota: 90.1 Dep. 1, 288/1

“Cópia do capítulo do livro dos Provimentos e Visitações da igreja de S. Sebastião dos Ginetes.” PT/BPARPD/FAM/MPM/470, Cota: 470

“Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Addicionaaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos. PT/BPARPD/ACD/ACPD/0045, Cota: 90.1 Dep. 1, 288/1

“Livro da Fábrica 1671-1828” in Documentos dos Ginetes. PT/BPARPD/COL/DGNT, Cota: Dep.1, col.166/5

“Registo de óbitos”. PT/BPARPD/PRQ/PPDL09/003

“Relações das confrarias, irmandades, capelas, ermidas e altares dos lugares dos Fenais da Luz, Capelas, Santo António, Bretanha, Mosteiros, Ginetes, Candelária e Feteiras”. PT/BPARPD/PSS/MEC/0060/00004, Cota 60.4.

Biblioteca Arquivo e Museu da Universidade dos Açores

_____. *Ofícios Antigos Subsistentes nas Ilhas dos Açores – Ilha de São Miguel*. 1990. Almeida, Franz-Paul de (Coord). Ponta Delgada. SD-Res 39 (469.9) L2722o (UACSD) 62893V1

“Caixa”. PT/UACSD/FAM-ARA/D/ADP/001/001/LV.2; Fl. 13, Fl.189

“Contas Correntes B.” PT/UACSD/FAM-ARA/D/ADP/001/001/LV.2; Fl. 13, Fl.118 & Fl.234

“Contas Correntes B.” PT/UACSD/FAM-ARA/D/ADP/001/001/LV.2; Fl. 13, Fl.168

“Contas Correntes C.” PT/UACSD/FAM-ARA/D/ADP/001/001/LV.3; Fl. 49 & Fl.187.

“Copiador de Correspondência Expedida.”. PT/UACSD/FAM-ARA/D/DI/001/001/lv.2; Fl. 305“

“Copiador de Correspondência Expedida” PT/UACSD/FAMARA/D/DI/001/001/LV.23; Fl. 135

“Copiador de Correspondência Expedida” PT/UACSD/FAMARA/D/DI/001/001/LV.10

“Copiador de Correspondência Expedida” PT/UACSD/FAMARA/D/DI/001/001/LV.22; Fl. 28 & Fl.105

“Copiador de Correspondência” PT/UACSD/FAM-ARA/D/ADP/001/001/LV.14. Fl. 53

Paróquia de São Sebastião de Ginetes

Dossiê “*Documentação relativa às Obras da Igreja* [2000-2004]

Dossiê “Restauro dos Sinos” [2007]

Dossiê sem título - Obras de 1985

Inventário da Igreja de S. Sebastião - Ginetes [2002]

Livro -Visitas Paroquiais Tombo Ginetes [1995...]

Livro - Despesas e Receitas no ano de 23-4-1922 das Novas Imagens

Livro - Ginetes: Receitas e Despesas [1979-2006]

Livro - Provimento e Visitação - Ginetes

Livro - Receita e Despesa [1979-1995]

Livro - Receita e Despesa da Igreja de Ginetes [1958-1975]

Livro - Receita e Despesa da Igreja de Ginetes [1958-1979]

Livro - Receita e Despesa do Adro dos Ginetes de 1961

Banda Filarmónica Minerva

Livro de Atas da Assembleia Geral [1939-...]

Livro de Atas da Direção [1939-...]

Junta de Freguesia de Ginetes

Livro de Atas da Junta da Paróquia [1908-1909]

Webgrafia

AUTORIDADE MARÍTIMA NACIONAL. “**Direção dos Faróis – Visitas**” [Em linha] [Consult. 6 jun. 2020]. Disponível em: <https://www.amn.pt/DF/Paginas/visitas.aspx>>

CORDEIRO, Luís. Várzea dos Açores [Em linha] [Consult. 10 nov. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.varzeadosacores.com>>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – “Censo Geral de 2001 - Q.6.34: População Residente empregada segundo grupos de profissões” [Em linha] [Consult. 23 jul. 2020]. Disponível em WWW:<URL:http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOES-pub_boui=377867&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554>

MOVIMENTO DE ROMEIROS DE SÃO MIGUEL 2017. “Decreto Episcopal Associação Romeiros” [Em linha] [Consult. 23 jul. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<http://mromeirossm.pt/wp-content/uploads/2017/05/Decreto-Episcopal-Associacao-romeiros.pdf>>

MOVIMENTO DE ROMEIROS DE SÃO MIGUEL 2017. “Regulamento das Romarias Quaresmais de S. Miguel” [Em linha] [Consult. 23 jul. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<http://mromeirossm.pt/documentos/regulamento-mrsm/>>

SREA: ESTATÍSTICAS DOS AÇORES. “Principais Resultados Definitivos dos Censos 1991, 2001 e 2011” [Em linha] [Consult. 20 nov. 2019]. Disponível em WWW:<URL:https://srea.azores.gov.pt/Conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=392&idsc=6453&lang_id=1>

SISTEMA DE INFORMAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO. “Farol da Ferraria” [Em linha] [Consult. 23 jul. 2020] Disponível em WWW:< URL http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=15920>

GOVERNO DOS AÇORES. “Relatórios de Atividade. Direcção Regional da Agricultura (2009-2012)”. [Em linha] [Consult. 12 jul. 2020]. Disponível em WWW:URL:<http://www.azores.gov.pt/Gra/srafagricultura/conteudos/livres/Relat%C3%B3rios+de+Atividades.htm>

Fontes audiovisuais

“Banda Filarmónica Minerva” in: Apêndice Audiovisual - 2. Realização, produção e edição de José Frias. Ponta Delgada: Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores, 2021. Acessível em DVD-ROM (08 minutos e 26 segundos).

“Festa de São Lázaro da Várzea” in: Apêndice Audiovisual -1. Realização, produção e edição de José Frias. Ponta Delgada: Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores, 2021. Acessível em DVD-ROM (05 minutos e 19 segundos).

“Festas do Divino Espírito Santo nos Ginetes e Várzea” in: Apêndice Audiovisual-2. Realização, produção e edição de José Frias. Ponta Delgada: Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores, 2021. Acessível em DVD-ROM (14 minutos e 14 segundos).

“Moagem Elétrica dos Ginetes” in: Apêndice Audiovisual – 1. Realização, produção e edição de José Frias. Ponta Delgada: Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores, 2021. Acessível em DVD-ROM (06 minutos e 36 segundos).

“Rancho de Romeiros da Várzea” in: Apêndice Audiovisual - 1. Realização, produção e edição de José Frias. Ponta Delgada: Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores, 2021. Acessível em DVD-ROM (10 minutos e 31 segundos).

Fontes orais

Senhor Adelino Trindade – Romeiro de largos anos e Irmão Mestre do rancho de Romeiros da Várzea. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 14/03/2020.

Senhor António Costa – Antigo Vice-Presidente da Banda Filarmónica Minerva desde o início desde século. É o atual Presidente da Filarmónica. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 04/03/2020.

Senhor Carlos Jorge – Membro da família proprietária da Moagem Elétrica dos Ginetes. Sócio-Gerente da António Pedro Jorge e Filhos, LDA que possuem um exemplar desta moagem. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 20/06/2020.

Senhor José Almeida – Antigo Músico Militar, membro do Conservatório Regional de Ponta Delgada, Maestro Adjunto da Filarmónica Fundação Brasileira e atual Maestro da Banda Filarmónica Minerva. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 11/03/2020.

Senhor José Rui – Romeiro do rancho de Romeiros da Várzea há 10 anos. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 14/03/2020.

Senhor Leopoldo Almeida Pavão- Antigo mordomo e membro de uma extinta da Comissão Conselheira dos Impérios do Espírito Santo. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 22/01/2020.

Senhor Luís Cordeiro – Antigo Vice-Presidente da Comissão Fabriqueira da Igreja de Jesus Maria José, entre 2000-2006. Colaborador atual da organização da Festa de São Lázaro. Fundador do Website “Várzea dos Açores”. A recolha de informação foi realizada em forma escrita, estando presente nos “Outros Apêndices”.

Senhor Ricardo Diógenes – Mordomo do Império da Santíssima Trindade, em 2015 e criador de gado para os Impérios há largos anos. A recolha do seu testemunho foi efetuada a 05/07/2020

Senhora Maria Pavão – Antiga organizadora da Festa de São Lázaro por quase três décadas. A recolha do seu testemunho foi a 05/06/2020.

Fontes Impressas

_____*Arquivo dos Açores: história açoriana*. 1980-1984. Ponta Delgada, Universidade dos Açores [edição facsimilada], 1ª série, Vol.I – XV.

_____*Arquivo dos Açores*. 1999-2012. Matos, Artur Teodoro de; Meneses, Avelino de Freitas (dir.) Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2ª série, Vol. I-V.

CANTO, Ernesto do. 1983. “Pharoes em São Miguel: 1816”. In: *Arquivo dos Açores*. Ponta Delgada, *Arquivo dos Açores*, Vol. XII. Pp. 48-52.

CORDEIRO, Padre António. 2007. *História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental*. Angra do Heroísmo, Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional da Cultura.

Decreto-Lei n.º 139/2009. D.R. 1.ª Série. 113 (15 de junho de 2009) 3647-3653. [Consul. a 3 de janeiro de 2020] Disponível em WWW:< <https://dre.pt/pesquisa/-/search/494544/details/maximized>>.

CHAGAS, Diogo das. 2007. *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*. Ponta Delgada, Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional da Cultura, Universidade dos Açores e Centro de Estudos Doutor Gaspar Frutuoso.

FRUTUOSO, Gaspar. 2011. *Saudades da terra: Livro IV*. Ponta Delgada, Instituto Cultural dos Açores.

Lei n.º 107/2001. D.R. Série II. 209 (8 de setembro de 2001) 5808-5829. [Consul. a 2 de outubro de 2019]. Disponível em WWW: < <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/629790/details/normal?q=107%2F2001>>.

Portaria n.º 196/2010. D.R, Série I. 69 (9 de abril de 2010) 1163-1167 [Consul. a 3 de janeiro de 2020] Disponível em WWW:<<https://dre.pt/pesquisa/-/search/612210/details/maximized>>.

Bibliografia

ALBERGARIA, Maria Emanuel (coord). 2018. *Sete Cidades: para além da paisagem*. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Educação e Cultura do Governo dos Açores. Direção Regional da Cultura & Museu Carlos Machado.

ALBERGARIA, Maria Isabel Whitton da Terra Soares de. 2012. *A Casa Nobre na Ilha de São Miguel: do período filipino ao final do Antigo Regime*. Tese de doutoramento em Arquitetura apresenta ao Instituto Superior Técnico [Lisboa], 2 vols.

ALBERGARIA, Isabel Soares de. 2013. “Na forja da “Arquitetura Regional”: Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano”. In "Colóquio Internacional Arquitectura Popular". Arcos de Valdevez, Casa das Artes. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/3833>

ANDRADE, José. 2016. *Banda da Relva & Filarmónicas dos Açores: edição comemorativa do 150º aniversário da Filarmónica de Nossa Senhora das Neves (1866-2016)*. Ponta Delgada, Letras Lavradas.

ANDRADE, José. 2020. “Filarmónicas dos Açores: Património identitário – O caso da ilha de São Miguel”. In: CHAVES, Duarte Nuno (coord). *Questões na Identidade Insular na Macaronésia*. S.Jorge, Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. Pp. 207-218

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de. 1973-1976. *Etnologia, arte e vida antiga dos Açores*, 4 vols. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de. 1928. “Moinhos de Vento” in Os Açores: revista ilustrada. Ponta Delgada, Barbosa & Irmão, A. II, 2ª s., nº 4 (Abril). pp. 16-17

BRASIL, Vítor. 2018. *Património das Águas de Angra*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.

BETTENCOURT, Luís. 2008. *Moinhos de Vento dos Açores: Novo Papel na Sociedade Contemporânea*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.

BORBA, Humberto Oliveira. 2012. *A evolução da imagem cartográfica dos Açores (Século XV-XVIII)*. Porto. Disponível em: https://www.academia.edu/15682959/Açores_na_Cartografia_Séculos_XV_a_XVIII

BRITO, Raquel Soeiro de. 2004. *São Miguel: a Ilha Verde: estudo geográfico (1950-2000)*. Ponta Delgada, Fábrica de Tabaco Micaelense.

BRUM, Ângela. 1999. *Açores, lendas e outras histórias*. Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana, Comunicação Global.

CABRAL, Joaquim Mário. 1985. *Filarmónicas da ilha de São Miguel*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura.

CALDAS, João Viera (coord). 2000. *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa, Ordem dos Arquitetos.

CALDAS, João Viera; **SARDO**, Delfim; **SERRÃO**, Vitor (coord). 2018. *História da Arte nos Açores: (c. 1427-2000)*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura dos Açores, Direção Regional da Cultura.

CÂMARA, Nélia. 2012. *Ginetes: Janela aberta para o futuro*. Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

CANTO, Ernesto do. 1944. "Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da ilha de São Miguel" in *Insulana*, V. 56 (Janeiro 2000). Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada. Pp. 113-249.

COSTA, Carreiro da. 1991. *Etnologia dos Açores*, 2 vols. 2. Rui de Sousa Martins (org.). Lagoa, Câmara Municipal da Lagoa.

COSTA, Susana Goulart. 2012. "Religiosidade, crenças e festas populares". In: *Roteiro Cultural dos Açores*. Angra do Heroísmo, Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura. Pp. 231-241.

COSTA, Paulo Ferreira da; DGBC; DBC; DPIMI. 2014. *Matriz PCI – Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial: Manual de Utilização*. Lisboa, Direção Geral do Património Cultural.

CARVALHO, Maria João Vilhena de (coord). 2004. *Normas de inventário Escultura: Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Lisboa, Cromotipo, Artes Gráficas, lda.

CHAVES, Duarte Nuno. 2020. *As Imagens de Vestir da Procissão dos Terceiros: Um legado franciscano em S.Miguel, Açores - Séculos XVII a XXI*. Ponta Delgada, Letras Lavradas.

COUTINHO, Alexandre; **MACHADO**, Luís Filipe Mota; **MACHADO**, Pedro Mota. 2006. *A Irmandade dos Romeiros*. São João do Estoril, Lucerna.

DIAS, Urbano de Mendonça. 1924. *História dos Açores*. [S. l : s. n.], (Agência de Obras Literárias de António Silvério de Medeiros).

Direção Escolar de Ponta Delgada (ed). 1987. No 1º centenário da criação das escolas Várzea / Sete Cidades. Ponta Delgada, Direção Escolar de Ponta Delgada.

Direção Escolar de Ponta Delgada(ed). [1985]. *Romeiros de S.Miguel: 1534-1984 nos 450 anos da Diocese de Angra e Ilhas dos Açores*. Ponta Delgada, Direcção Escolar de Ponta Delgada.

DORES, Victor Rui. 2009. "Filarmónicas - um património a preservar" in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, Vol. 18. Horta, Núcleo Cultural da Horta. Pp. 425-431.

FÉLIX, António Joaquim dos Santos (Dir). 2005. “Património Cultural da Marinha - Faróis de Portugal: 16. Farol da Ferraria.” In: *Revista da Armada: Publicação Oficial da Marinha*, Nº 382. Lisboa. P. 35.

FERNANDES, Aurélia Armas; **FERNANDES**, Manuel. 2006. *Espírito Santo em festa*. Coimbra, G. C. - Gráfica de Coimbra.

FURTADO, Eduardo. 2005. *Guardiões do mar dos Açores: Uma viagem pelas ilhas do Atlântico*. [Ponta Delgada, Nova Gráfica], D.L.

GUEDES, Natália Correia (coord). 2004. *Thesaurus – Vocabulário de Objetos do Culto Católico*. Vila Viçosa, Fundação de Bragança.

LEAL, João. 1994. *As Festas do Espírito Santo nos Açores: Um Estudo de Antropologia Social*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

LEITE, José Guilherme Reis; **MATOS**, Artur Teodoro de; **MENESES**, Avelino de Freitas de (coord.). 2008. *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura, Vol. I.

LEITE, José Guilherme Reis; **MATOS**, Artur Teodoro de; **MENESES**, Avelino de Freitas de (coord.). 2008. *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura, Vol. II.

LEITE, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes.

LOBÃO, Carlos; **RAMIRES**, António. 2007. *Na rota das ilhas - Moinhos de vento dos Açores*. Horta, Clube de Filatelia “O Ilhéu”.

LUZ, António José Lopes da. 1983. “Monographia da Candelaria” in *Arquivo dos Açores*. Ponta Delgada, Vol XIII. Pp. 209-313.

LUZ, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in *Revista Michaelense*. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia, Nº1. Pp. 45-85.

LUZ, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in *Revista Michaelense*. Ponta Delgada: Ayres Jácome Correia. Nº2. Pp. 84-113.

MACIEL, Frederico. 2019. “O Espírito Santo na Ilha de São Jorge A ténue fronteira entre o religioso e profano” in *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades*

e Turismo no Arquipélago dos Açores e da Madeira. In; CHAVES, Duarte Nuno (coord.). S.Jorge, Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. Pp. 249-261.

MACHADO, Maria Margarida de Mendonça Dias Vaz do Rego. 1994. *Produções agrícolas, abastecimento, conflitos de poder: São Miguel, 1766-1806*. Ponta Delgada, Jornal de Cultura.

MARTINS, Rui de Sousa. 2000. “Artes e ofícios, exposições industriais, projetos museológicos e desenvolvimento do arquipélago dos Açores”, in Livro de Atas do Primeiro Simpósio de Artes e Ofícios dos Açores. Ponta Delgada, Centro Regional do Apoio ao Artesanato. Pp. 25-36.

MARTINS, Rui de Sousa. 1999. “Moinhos de vento dos Açores: a descoberta de um parentesco” in *Patrimonia: identidade, ciências sociais e fuição cultural*, Nº 5 (Novembro). Carnaxide, Patrimonia: identidade, ciências sociais e fuição cultural. Pp.19-22.

MENESES, Avelino de Freitas de. 2012. “O descobrimento” in *Roteiro cultural dos Açores*. Angra do Heroísmo, Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura. Pp. 33-43.

MOURA, Mário. 2011. *Rostos de fé- Romeiros da Ilha de São Miguel*. Ponta Delgada, Publiãçor.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. 2019. “Festa do Divino Espírito Santo nos Açores e sua Expressão Identitária: Símbolos, Ritos Religiosos e Populares, Celebrações”. In CHAVES, Duarte Nuno (coord). *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades e Turismo no Arquipélago dos Açores e da Madeira*. Ponta Delgada, CHAM- Centro de Humanidades e Santa Casa da Misericórdia das Velas. Pp. 219- 225.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; **GALHANO**, Fernando; **PEREIRA**, Benjamim Enes. 1965. *Moinhos de vento: Açores e Porto Santo*. Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; **GALHANO**, Fernando; **PEREIRA**, Benjamim Enes. 1983. *Tecnologia Tradicional Portuguesa: Sistemas de Moagem*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

VIERA, João (coord). 2010. *Património Arquitectónico-Geral*. Sacavém, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico e Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/DATA_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/KIT01.pdf

PONTE, Alberto. “António Costa: O Presidente da Filarmónica Minerva.” Ponta Delgada, Correio dos Açores de 2 de agosto de 2020, nº 32197. P. 22

PONTE, Alberto. “Ginetes... Moinho de vento.” Ponta Delgada, Correio dos Açores de 8 de junho de 2008, nº 25926. P. 34.

PORTUGAL, Lauro. 2004. *Ranchos Folclóricos e Bandas Filarmónicas – A voz e alma de Portugal*. Lisboa, Roma Editora.

REBELO, Helena. 2019. “Da Páscoa ao Pentecostes, a função das “saloiás” na Festividade do Espírito Santo no Arquipélago da Madeira”. In: CHAVES, Duarte Nuno da Silva (Coord). *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades e Turismo no Arquipélago dos Açores e da Madeira*. S. Jorge, CHAM- Centro de Humanidades & Santa Casa da Misericórdia das Velas. Pp. 239-248

REZENDES, Sérgio. “O brio ao serviço do Património: os 108 anos do farol da Ferraria.” Ponta Delgada. Correio dos Açores, de 13 de dezembro de 2009. Pp.26-27.

RIBEIRO, João Adriano. 1997. “Moinhos nos Açores: elementos para o seu estudo”. In: *Revista Ilzenha*. Região Autónoma dos Açores, Secretaria Regional da Economia, Direcção Regional do Comércio, Indústria e Energia. Pp. 32-42.

RIBEIRO, Luís da Silva. 1942. *Os foliões do Espírito Santo dos Açores*. Angra do Heroísmo, Boletim da Sociedade Afonso Chaves. Pp. 36- 48.

SANTOS, João Marinho dos. 1989. *Os Açores nos Secs. XV e XVI*. Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais e Secretaria Regional da Educação e Cultura, Vol I.

SANTOS, João Marinho dos. 1989. *Os Açores nos Secs. XV e XVI*. Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais e Secretaria Regional da Educação e Cultura, Vol II.

SILVA, Andreia Freitas da. 2019 “O culto do Espírito Santo no Corvo” in *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades e Turismo no Arquipélago dos Açores e da Madeira*. In: CHAVES. Duarte Nuno (Coord). S.Jorge, CHAM- Centro de Humanidades & Santa Casa da Misericórdia das Velas. Pp. 227-238.

SOUSA, Ana Isabel. 2008. *Ponta Delgada*. [Ponta Delgada, s.n.]

SOUSA, Nestor de. 2012. “Sinais de Arquitetura Religiosa nos Açores”. In: Roteiro cultural dos Açores. Angra do Heroísmo, Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura. Pp. 183-195.

TABICO, António. 2003. *Romeiros: A fé de um povo*. Toronto. Crop Marks.

TEODORO, Hermano (dir). 2011. *A banda: revista comemorativa dos 25 anos de vida da Filarmónica Nossa Senhora das Vitórias*. Ribeira Grande, Museu Municipal da Ribeira Grande.

INDICE DAS FIGURAS

Figura 1: Planta da Igreja de São Sebastião de Ginetes	35
Figura 2: Rascunho da fachada sul do Farol da Ponta da Ferraria	48
Figura 3: Rascunho da fachada norte do Farol da Ponta da Ferraria	48
Figura 4: Moagem Elétrica presente na rua da Arquinha	61
Figura 5: Edifício da antiga Moagem Elétrica de Ginetes	61
Figura 6: Fotografia aérea de Ginetes	147
Figura 7: Fotografia aérea da Várzea	147
Figura 8: Suposto edifício da primitiva Ermida	148
Figura 9: Pintura mural do teto da capela-mor da Igreja de São Sebastião de Ginetes	148
Figura 10: Placa do Jardim da Sagrada Família	149
Figura 11: Placa em vidro do restauro dos sinos da Igreja de Jesus Maria José ...	149
Figura 12: Antigos canos de barro	150
Figura 13: Antiga moagem elétrica da Várzea	150
Figura 14: Sede da Banda Filarmónica Minerva	151
Figura 15: Data de fundação pintada na calçada	151
Figura 16: Igreja de São Sebastião	180
Figura 17: Visão dos quatro retábulos e altar-mor	182
Figura 18: Visão da nave para entrada	183
Figura 19: Igreja de Jesus Maria José	184
Figura 20: Visão da nave para a entrada	186
Figura 21: Ermida de Nossa Senhora de Fátima	187
Figura 22: Visão interna da nave da Ermida de Nossa Senhora de Fátima	189
Figura 23: Teatro do Espírito Santo do Moio	190
Figura 24: Teatro do Espírito Santo da Canada	192
Figura 25: Teatro do Espírito Santo da Lomba de Cima	194
Figura 26: Teatro do Espírito Santo da Várzea	196
Figura 27: Moinho do Pico do Cavalo	198
Figura 28: Argola de suporte do Moinho do Pico do Cavalo	199
Figura 29: Placa datada no Moinho do Pico do Cavalo	200
Figura 30: Moinho da Canada	201
Figura 31: Suporte de uma antiga argola do Moinho da Canada	202
Figura 32: Moinho da Várzea	203
Figura 33: Antigas madeiras de sustentação do piso superior do Moinho da Canada..	204
Figura 34: Moinho da Lombinha	205
Figura 35: Placa datada do Moinho da Lombinha	206
Figura 36: Fontanário da Rua do Alqueive	207
Figura 37: Datação do Fontanário do Alqueive	208
Figura 38: Fontanário do Moio	209
Figura 39: Placa datada do Fontanário do Moio	210
Figura 40: Fontanário da Canada	211
Figura 41: Placa datada do Fontanário da Canada	212
Figura 42: Fontanário da Lomba de Cima	213
Figura 43: Placa datada do Fontanário da Lomba de Cima	214
Figura 44: Fontanário da Lomba de Cuna	215

Figura 45: Placa datada do segundo Fontanário da Lomba de Cima.....	216
Figura 46: Fontanário da Lombinha de Cima.....	217
Figura 47: Fontanário da Lomba dos Gagos	219
Figura 48: Placa datada do Fontanário da Lomba dos Gagos	220
Figura 49- Bebedouro	221
Figura 50 - Placa datada do bebedouro.....	222
Figura 51 - Lavatório da sacristia da Igreja de São Sebastião.....	223
Figura 52: Placa de azulejo azul presente na sacristia	224
Figura 53: Fonte do Sapateiro.....	225
Figura 54: Data gravada no topo do arco de entrada da Fonte do Sapateiro.....	226
Figura 55: Lado norte do Farol da Ponta da Ferraria	227
Figura 56: Lado sul do Farol da Ponta da Ferraria	229
Figura 57: Ponte pedonal	230
Figura 58: Túnel	232
Figura 59: Imagem de São Sebastião.....	235
Figura 60: Base do plinto da imagem de São Sebastião	237
Figura 61: Imagem de São João Batista	238
Figura 62: Imagem de Jesus Cristo Crucificado.....	240
Figura 63: Imagem de São Pedro.....	242
Figura 64: Alguns problemas de policromia da imagem de São Pedro	243
Figura 65: Imagem de Nossa Senhora do Rosário	245
Figura 66: Percas de policromia na imagem de Nossa Senhora do Rosário	246
Figura 67: Costas da imagem de Nossa Senhora do Rosário	247
Figura 68: Imagem de Coração de Jesus	248
Figura 69: Visão parcial das costas de Coração de Jesus.....	249
Figura 70: Imagem de Nossa Senhora da Boa Hora	251
Figura 71: Problemas na policromia de Nossa Senhora da Boa Hora.....	252
Figura 72: Costas da imagem de Nossa Senhora da Boa Hora	253
Figura 73: Imagem de Nosso Senhor dos Passos	254
Figura 74: Representação do chão de pedra do plinto de Nosso Senhor dos Passos....	255
Figura 75: Tratamento de policromia azul de Nosso Senhor dos Passos.....	256
Figura 76: Imagem de Nossa Senhora das Dores	257
Figura 77: Tratamento de policromia azul de Nossa Senhora das Dores	258
Figura 78: Imagem de Santo Antão	260
Figura 79: Costas da imagem de Santo Antão.....	261
Figura 80: Imagem de São Miguel Arcanjo	263
Figura 81: Costas da Imagem de São Miguel Arcanjo	264
Figura 82: Imagem de Imaculado Coração de Maria	266
Figura 83: Costas de Imaculado Coração de Maria.....	267
Figura 84: Imagem de Nossa Senhora de Fátima	269
Figura 85: Imagem da Rainha Santa Isabel	271
Figura 86: Costas da imagem da Rainha Santa Isabel	272
Figura 87: Placa de ferro lateral com inscrição	273
Figura 88: Imagem de São José	274
Figura 89: Costas da imagem de São José	275
Figura 90: Imagem da Sagrada Família.....	276

Figura 91: Costas da imagem da Sagrada Família.....	277
Figura 92: Imagem de Nossa Senhora das Candeias.....	279
Figura 93: Imagem de Nossa Senhora de Fátima	281
Figura 94: Imagem de São Francisco Marto	283
Figura 95: Imagem de Santa Jacinta Marto	285
Figura 96: Imagem de São Francisco Marto	287
Figura 97: Costas da imagem de São Francisco Marto.....	288
Figura 98: Imagem de Santa Jacinta Marto	290
Figura 99: Costas da imagem de Santa Jacinta Marto	291
Figura 100: Grupo Escultórico representando as Aparições de Fátima	293
Figura 101: Imagem de Santo Amaro.....	295
Figura 102: Costas da imagem de Santo Amaro	296
Figura 103: Imagem de Santo Antão	298
Figura 104: Costas da imagem de Santo Antão.....	299
Figura 105: Perca de madeira no plinto da imagem de Santo Antão.....	300
Figura 106: Imagem de Nossa Senhora da Apresentação	301
Figura 107: Fratura da representação do pano branco	302
Figura 108: Costas da imagem de Nossa Senhora da Apresentação	303
Figura 109: Imagem de Santa Teresinha	304
Figura 110: Costas de figurinha de Santa Teresinha	305
Figura 111: Perca de tinta na face de Santa Teresinha	306
Figura 112: Imagem de Santo António.....	307
Figura 113 : Costas da imagem de Santo António	308
Figura 114: Imagem do Menino de Santo António solta	309
Figura 115: Imagem de Menino Jesus de Praga	310
Figura 116: Costas da imagem de Menino Jesus de Praga	311
Figura 117: Imagem de Santa Luzia	313
Figura 118 - Costas da imagem de Santa Luzia	314
Figura 119 - Coroa de estrelas solta da imagem de Santa Luzia.....	315
Figura 120: Imagem de Santa Teresinha	316
Figura 121: Costas da imagem de Santa Teresinha	317
Figura 122: Imagem de Coração de Jesus	319
Figura 123: Costas da imagem de Coração de Jesus	320
Figura 124: Perca do polegar e indicador na mão direita.....	321
Figura 125: Imagem de Nossa Senhora de Fátima	322
Figura 126: Costas da imagem de Nossa Senhora de Fátima.....	323
Figura 127: Imagem de Nossa Senhora de Fátima	324
Figura 128: Costas da imagem de Nossa Senhora de Fátima.....	325
Figura 129: Imagem de Coração de Jesus	326
Figura 130: Imagem do Imaculado Coração de Maria	328
Figura 131: Imagem de São Lázaro Bispo	330
Figura 132: Costas de São Lázaro Bispo	331
Figura 133: Imagem de Nossa Senhora da Conceição	333
Figura 134: Costas da imagem de Nossa Senhora da Conceição	334
Figura 135: Rachadura na cabeça de Nossa Senhora da Conceição.....	335
Figura 136: Imagem da Sagrada Família.....	336

Figura 137: Retábulo de Nossa Senhora do Rosário	338
Figura 138: Retábulo de Coração de Jesus	340
Figura 139: Retábulo de São Pedro	343
Figura 140: Retábulo de Nossa Senhora da Boa Hora	346
Figura 141: Retábulo do altar-mor da Igreja de São Sebastião	348
Figura 142: Retábulo do altar-mor da Igreja de Jesus Maria José.....	350
Figura 143: Massas em formato de animais	355
Figura 144: Arrematações após a Eucaristia da festa de São Lázaro	355
Figura 145: Saída do rancho de Romeiros da Várzea em Romaria	358
Figura 146: A fé na romaria	358
Figura 147: Zona exterior do caramanchão.....	363
Figura 148: Gado decorado para a Recolha do Gado	364
Figura 149: Celebração da festa de São Lázaro em 21 de março de 1920	365
Figura 150: Criação da Paróquia na Várzea a 25 de janeiro de 1920	365
Figura 151: Antiga placa de Azulejo do Teatro da Lomba de Cima	366
Figura 152: Antigo Teatro do Monte	366
Figura 153: Capa da pagela da elevação da Paróquia da Várzea.....	367
Figura 154: Verso da pagela da elevação da Paróquia de Jesus Maria José	367
Figura 155: Rascunho do 1º andar do Farol da Ferraria	368
Figura 156: Salva de Nossa Senhora da Conceição	369
Figura 157: Salva a São Sebastião.....	370

APÊNDICES

1. Tabelas

Tabela 9 - Evolução da Toponímia pela Cartografia				
Ano	Designação	Tipo de Cartografia	Localização	Nome/Autor da Carta
Desconhecido	"La Bursia" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-147	Carta do Arquipélago
Primeira metade do Séc. XVII	"La Barzia" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-51	Carta de P. Du val d' Abeville
Posterior a 1640	"La Bursia" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-137	Carta de Johannis Van Kulen
1656	"La Barsia"(Zona)	Arquipélago	EC-Cart-154	Carta de N. Sanson d' Abbeville
1680	"La Bursias" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-24	Carta por ordem do rei, de J.Cóvuns e C.Mortier
1688	"La Bursia" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-128	Carta veneziana de Giovanni Priulli de Sr. Alessandro
1722	"A Bursia"	Arquipélago	EC-Cart-123	Carta imprimida em Londres por Robert Sayer
1755	"La Burzia"	Arquipélago	EC-Cart-61	Carta feita a pedido de M. Roille, Ministro da Secretaria de Estado
1768	"La Barsia"(Zona dos Ginetes e Várzea)	Ilha de São Miguel	EC-Cart-150	Carta da <i>Echelle de Dix Lieus Communes</i>
1781	"A Bursia" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-123	Carta impressa pela Robert Sayer, Londres
1797	"A Bursia"	Arquipélago	EC-Cart-58	Carta de Laurie & Whittle
1798	"La Bursia" (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-152	Carta peça cartografia de Roma
22/07/1806	"Lugar dos Ginetes e do Pico" / "Lugar de Jesus Maria José (Joseph) de Várzea e o Pico"	Ilha de São Miguel	EC-Cart-32	Carta de Sir Richard Jonh Stracha como presente do Consulado Britânico
1824	Ginetes e o seu Pico/Zona costeira nomeada como Ponta da Várzea	Ilha de São Miguel	EC-Cart-10	Carta Militar e Topo Hydrografica da Ilha de São Miguel, realizada pelo Tenente-Coronel Engenheiro José Carlos Figueiredo
1839	"Ginetes e Pico dos Ginetes"/"Lugar da Várzea e Pico da Várzea"	Ilha de São Miguel	EC-Cart-15	Carta de 1839 (Sem autor)
1844	Pico dos Ginetes / Várzea	Ilha de São Miguel	EC-Cart-29	<i>Hydrographic Office: Price fight empence)/ Capt^N. A.T.E Vidal, R.N</i>

1857	Pico dos Ginetes/Ginetes/Varzea	Ilha de São Miguel	EC-Cart-8	Carta de C.Lagallo (Cópia original da Secretaria das Obras Públicas de Ponta Delgada)
1880	Ginetes Peak e Varzea	Ilha de São Miguel	EC-Cart-499	<i>Chart of the Island of St. Michael's Azores</i>
1885-1888	Várzea (Zona)	Ilha de São Miguel	EC-Cart-139	Carta Hidrográfica de Arquipélago dos Açores
1897	Ginetes/"Varsea" (Separadamente)	Ilha de São Miguel	JMA-Cart-496	Carta Chorographica da Ilha de São Miguel-Levantada pela Direcção Geral dos Trabalhos Geodisicos
1899	Várzea (Zona)	Arquipélago	EC-Cart-157	Carta <i>Bathymetrique</i> de M.J.Thoulet

Fonte: Biblioteca Digital da Biblioteca e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Local de Residência	Total
Ginetes	13
Mosteiros	19
Outra Localidade	3
Várzea	6
Total Geral	41

Fonte: Questionários realizados em 2020

Católicos Praticantes	Contagem
Não	5
Sim	36

Fonte: Questionários realizados em 2020

Motivo	Número de romeiros
Agradecimento	30
Promessa	9
Ambas	2

Fonte: Questionários realizados em 2020

Tabela 13 - Período de Ida em Romaria	
Anos	Romeiros
1 a 5	16
6 a 10	8
11 a 15	7
16 a 20	3
21 a 25	3
26 a 30	2
31 a 35	1
Total	40

Fonte: Questionários realizados em 2020

Tabela 14 - Período de ida no rancho de Romeiros da Várzea	
Anos	Romeiros
1 a 5	18
6 a 10	6
11 a 15	8
16 a 20	3
21 a 25	3
26 a 30	2
31 a 35	1
Total	41

Fonte: Questionários realizados em 2020

Tabela 15 - Grau de parentalidade em relação a outros familiares romeiros	
Grau Familiar	Romeiros
Ascendentes	21
Descendentes	10
Ambos	6
Não possui:	4
Total	41

Fonte: Questionários realizados em 2020

Tabela 16 – Modo de conhecimento do rancho da Várzea	
Conhecimento do rancho	Romeiros
Amigos	6
As 3 opções	6
Comunidade	16
Comunidade e amigos	2
Familiares	9
Familiares e amigos	2

Fonte: Questionários realizados em 2020

Tabela 17 - Membros do rancho de Romeiros na Várzea	
Anos	Nº de membros
2014	38
2015	45
2016	44
2017	42
2018	40
2019	34
2020	42

Fontes: Caderno do rancho e Questionário

Tabela 18 - Presidentes da Direção da Banda Filarmónica Minerva	
Anos	Presidente
Setembro de 1939- Setembro de 1946	Agostinho Furtado dos Reis
Setembro de 1946- Julho de 1950	José Jacinto Pereira
Julho de 1950 - Março de 1952	José Olivério de Sousa
Abril de 1952- Novembro de 1954	Alfredo d' Oliveira Pavão
Novembro de 1954-Abril de 1957	Manuel José de Oliveira
Junho de 1957 - Abril de 1961	José Jacinto Pereira
Abril de 1961 - Setembro de 1964	Gil dos Santos Pavão
Setembro de 1964 - Novembro de 1968	Manuel Aguiar
Novembro de 1968 - Janeiro de 1969	Armando de Oliveira Pavão
Janeiro de 1969 - Outubro de 1971	José Raposo Pimentel
Outubro de 1971 - Novembro de 1974	José Manuel de Madeiros Carvalho
Novembro de 1974 - Junho de 1978	Alberto Bettencourt Leça
Junho de 1978 - Outubro de 1979	João Manuel Cordeiro
Outubro de 1979 - Dezembro de 1982	José Maria Reis Araújo
Dezembro de 1982 - Novembro de 1985	Humberto Dinis Viveiros
Novembro de 1985 -Janeiro de 1987	Manuel Carvalho
Janeiro de 1987 - Janeiro de 1989	Emanuel Oliveira Medeiros
Janeiro de 1989 – Janeiro de 1992	Manuel Carvalho
Janeiro de 1992 - Dezembro de 1995	Comissão de Instalação e Acompanhamento do Conservatório
Dezembro de 1995 - Janeiro de 1997	Carlos dos Reis Pavão

Janeiro de 1997 - Dezembro de 1998	Comissão Administrativa
Dezembro de 1998 - Janeiro de 2002	Alberto Ponte
Janeiro de 2002 - Março de 2004	Comissão de Gestão
Abril de 2004 - Setembro de 2011	Armando Pereira Rodrigues
Setembro de 2011 - Junho de 2012	Lúcia Medeiros
Abril de 2012 - Abril de 2013	António Costa e Armando Pereira Rodrigues
Abril de 2013 - Novembro de 2013	Comissão de Gestão
Novembro de 2013 - Novembro de 2018	Armando Rodrigues Pereira
Novembro de 2018 - Dezembro de 2019	António Costa

Fonte: Livros de Atas da Direção e da Assembleia Geral

Tabela 19 - Presidentes da Assembleia da Banda Filarmónica Minerva	
Ano	Assembleia
Julho de 1939	Manuel Paulinho de Medeiros
Julho de 1939 - Setembro de 1946	João Pavão de Faria
Setembro de 1946 - Julho de 1950	José Alves Raposo de Oliveira
Julho de 1950 - Abril de 1952	Manuel José de Oliveira
Abril de 1952 - Abril de 1961	José Jacinto Pereira
Abril de 1961 - Setembro de 1973	António Ferreira Leite
Setembro de 1973 - Novembro de 1974	Alberto Reis Bettencourt Leça
Novembro de 1974 - Fevereiro de 1984	Armando de Oliveira Pavão
Fevereiro de 1984 - Outubro de 1991	José Pereira Furtado
Outubro de 1991 - Março de 1994	Armando de Oliveira Pavão
Março de 1994 - Janeiro de 1997	Armando Reis Bettencourt Leça
Janeiro de 1997 - Abril de 2004	Eusébio Vasconcelos Pereira
Abril de 2004 - Novembro de 2013	João Basílio Medeiros Rocha
Novembro de 2013 - Janeiro de 2019	Vítor dos Santos Oliveira Pavão

Fonte: Livros de Atas da Direção e da Assembleia Geral

Tabela 20: Presidentes da Comissão Fiscal da Banda Filarmónica Minerva	
Ano	Presidente
Setembro de 1946 - Julho de 1950	João Jacinto Ferreira
Julho de 1950 - Abril de 1952	José Raposo Pimentel
Abril de 1952 - Abril de 1961	João Raposo de Vasconcelos
Abril de 1961 - Setembro de 1964	Justino Jordão de Medeiros
Setembro de 1964 - Novembro de 1971	Manuel Jacinto de Oliveira
Novembro de 1982 - Outubro de 1991	Eduardo Alexandre Cordeiro
Outubro de 1991 - Dezembro de 1998	Leopoldo Almeida Pavão
Abril de 2004 - Novembro de 2013	Manuel Jacinto Oliveira
Novembro de 2013 - Janeiro de 2019	Luís Alberto Cordeiro Oliveira

Fonte: Livros de Atas da Direção e da Assembleia Geral

Tabela 21 – Tabela geral da imaginária de Ginetes e Várzea

Imagem	Localização	Subcategoria	Época	Estado de Conservação	Materiais
São Sebastião	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XIX	Muito bom	Madeira
São João Batista	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX	Muito bom	Madeira
Jesus Cristo Crucificado	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Desconhecido	Muito bom	Madeira
São Pedro	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XIX	Regular	Madeira
Nossa Senhora da Boa Hora	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XIX	Deficiente	Madeira
Coração de Jesus	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX	Bom	Madeira
Nossa Senhora do Rosário	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XIX	Deficiente	Madeira
Nosso Senhor dos Passos	Igreja de São Sebastião	Imagem de Vestir de perfil anatómico	Século XX	Muito bom	Madeira
Nossa Senhora das Dores	Igreja de São Sebastião	Imagem de Vestir de perfil anatómico	Século XX	Muito bom	Madeira
Santo Antão	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XVIII	Bom	Madeira
São Miguel Arcanjo	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XXI	Muito bom	Madeira
Imaculado Coração de Maria	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Madeira
Nossa Senhora de Fátima	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Madeira
Rainha Santa Isabel	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX	Muito bom	Madeira
São José	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Madeira

Sagrada Família	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Porcelana
Nossa Senhora das Candeias	Igreja de São Sebastião	Escultura de Vulto	Desconhecido	Deficiente	Madeira
Nossa Senhora de Fátima	Ermida de Nossa Senhora de Fátima	Escultura de Vulto	Século XX	Muito bom	Porcelana
São Francisco Marto	Ermida de Nossa Senhora de Fátima	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Gesso
Santa Jacinta Marto	Ermida de Nossa Senhora de Fátima	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Gesso
São Francisco (Sala de Esmolas)	Ermida de Nossa Senhora de Fátima	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Regular	Madeira
Santa Jacinta (Sala de Esmolas)	Ermida de Nossa Senhora de Fátima	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Regular	Madeira
Grupo Escultórico não agregado	Ermida de Nossa Senhora de Fátima	Escultura de Vulto	Século XXI	Muito bom	Porcelana
Santo Amaro	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX	Regular	Madeira
Santo Antão	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX	Regular	Madeira
Nossa Senhora da Apresentação	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Regular	Madeira
Santa Teresinha	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Bom	Gesso
Santo António	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Desconhecido	Deficiente	Madeira
Menino Jesus de Praga	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Gesso

Santa Luzia	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Regular	Gesso
Santa Teresinha	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Bom	Porcelana
Coração de Jesus (Batistério)	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Regular	Madeira
Nossa Senhora de Fátima	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Porcelana
Nossa Senhora de Fátima (Batistério)	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX/XXI	Muito bom	Madeira
Coração de Jesus	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX	Muito bom	Madeira
Imaculado Coração de Maria	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX	Muito bom	Madeira
São Lázaro Bispo	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Século XX	Regular	Madeira
Nossa Senhora da Conceição	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Desconhecido	Bom	Porcelana
Sagrada Família	Igreja de Jesus Maria José	Escultura de Vulto	Desconhecido	Muito bom	Madeira

Fonte: Fichas de Inventário do Património Móvel



Figura 8: Suposto edifício da primitiva Ermida
Créditos fotográficos de José Frias
2020

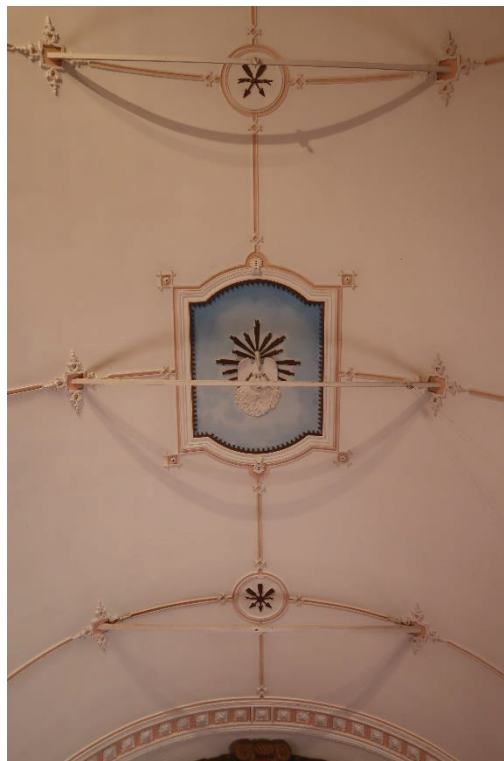


Figura 9: Pintura mural do teto da capela-mor da Igreja de São Sebastião de Ginetes
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 10: Placa do Jardim da Sagrada Família
 Créditos fotográficos de José Frias
 2020



Figura 11: Placa em vidro do restauro dos sinos da Igreja de Jesus Maria José
 Créditos fotográficos de José Frias
 2020



Figura 12: Antigos canos de barro
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 13: Antiga moagem elétrica da Várzea
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 14: Sede da Banda Filarmónica Minerva
Créditos fotográficos de: José Frias
2020



Figura 15: Data de fundação pintada na calçada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

3. Outros apêndices

Esposo de Maria
Dessa Mãe Imaculada
Pura como a luz do dia
Foste a família sagrada
Vós foste escolhida
Para o fim que Deus queria
Depois do menino nascido de Jesus, José e Maria
Coração belo e santo de bondade se encerra
E onde vamos precisar tanto lá no Céu como na Terra
Guiai-nos com bom carinho
E esperança cheia de luz
E com um jumentinho
Nossa Senhora e Jesus
Deus os levou a Belém das fortes feras tiranas
Sua Mãe e Jesus também
Das fortes feras humanas
Toda a obra que tem brilho
Para quem sabe pensar bem
Abençoi os nossos filhos
Por todos santos séculos dos séculos
Amém (todos)

Transcrição da Oração de Jesus Maria José
Fonte: Recolha de Testemunho de Adelino Trindade
2020



O questionário que se segue é anónimo, sendo parte da pesquisa de campo para a Dissertação de Mestrado intitulada “Património e Tradições na freguesia de Ginetes e lugar da Várzea - Ilha de São Miguel”, realizada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias, ministrada na Universidade dos Açores

1. Idade: _____
2. Local de residência: Ginetes Várzea Mosteiros Outros:
3. Emigrado: Sim Não Se sim, quanto tempo? _____
4. Católico Praticante: Sim Não
5. Período de ida na Romaria (incluindo noutros ranchos): _____
6. Há quantos anos vai no grupo dos Romeiros da Várzea?: _____
7. Possui familiares que já realizaram romarias? Se sim, assinale com X a/as seguinte opção: Ascendentes Descendentes
8. Motivo de ida nos Romeiros: Agradecimento Promessa
9. Conhecimento do grupo de Romeiros da Várzea: Comunidade Familiares
Amigos

Questionário realizado aos Romeiros

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante

- 1.1. Nome: Adelino Garcia Trindade
- 1.2. Data de Nascimento: 11/11/1964
- 1.3. Sexo: Masculino Feminino
- 1.4. Naturalidade: Várzea, Povoação Delgada
- 1.5. Habilitações: 4^o ano
- 1.6. Emigrado?: Não
- 1.7. Local e Tempo de Residência: Vive todo no Várzea

2. Filiação

- 2.1. Nome do Pai: Adelino Povoação Trindade
- 2.2. Profissão: Contador e Agricultor
- 2.3. Nome da Mãe: Maria José Garcia
- 2.4. Profissão: Doméstica

3. Família

- 3.1. Estado Civil: Casado
- 3.2. Nome da Esposa: Maria da Graça Tavares Trindade
- 3.3. Profissão: Doméstica
- 3.4. Filhos: 2

4. Profissão

4.1. Datas e Locais de trabalho:

Matochoso desde 1988

5. Associação do informante com a tradição em estudo

- 5.1. Mestre do Buncho de Promissores do
Várzea
- _____
- _____

6. Coletor: Jose' Enos

7. Data da Coleta: 14/03/2020

Ficha de Informante de Adelino Trindade

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: António Fernandes Oliveira Costa
 - 1.2. Data de Nascimento: 22/01/1965
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: Cond. Lúria, Ponta Delgada
 - 1.5. Habilitações: 2.º ano tele-escola
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: _____
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: António da Costa
 - 2.2. Profissão: Agricultor
 - 2.3. Nome da Mãe: Maria do Glória Oliveira Vasconcelos Costa
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casado
 - 3.2. Nome da Esposa: Lúcia da Purificação V. Condeira Costa
 - 3.3. Profissão: Ama
 - 3.4. Filhos: 3
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
1981-1986: Construção Civil / 1986-1987
Serviço Multibair / 1989-1990: Hotelaria
1990-1992: Construção Civil / 1992-Atual: Comercio de Ponta Delgada
5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Atual Presidente da Banda Filarmónica
Mica Muzas
6. Coletor: João Farias
7. Data da Coleta: 04/03/2020

Ficha de Informante de António Costa

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: Carlos Pedro Pereira Jorge
 - 1.2. Data de Nascimento: 17/04/1953
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: Ponte Delgada
 - 1.5. Habilitações: 9º ano
 - 1.6. Emigrado?: Sim
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: Ponte Delgada desde 1961
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: António Pedro Jorge
 - 2.2. Profissão: Comerciante Industrial
 - 2.3. Nome da Mãe: Lulacília Pedro Jorge
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casado
 - 3.2. Nome da Esposa: Albertina de Almeida Raposo
 - 3.3. Profissão: Administrativa
 - 3.4. Filhos: 2
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
Comerciante desde 1967 / Sócio
Gerente da António Pedro Jorge
e Filhos, LDA
5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Membro da Família, proprietário
da marcação elétrica desde a
suas fundações até a atualidade
6. Coletor: Jose Frius
7. Data da Coleta: 20/06/2020

Ficha de Informante de Carlos Jorge

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: José Fernando Ferreira Almeida
 - 1.2. Data de Nascimento: 03/05/1975
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: São José, Ponta Delgada
 - 1.5. Habilitações: 12^o ano
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: A vida toda nos Mosteiros
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: José Lino Almeida
 - 2.2. Profissão: Vendedor
 - 2.3. Nome da Mãe: Maria dos Anjos Ferreira Almeida
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casado
 - 3.2. Nome da Esposa: Liliana Viveiros Almeida
 - 3.3. Profissão: Assistente operacional
 - 3.4. Filhos: 2
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
gestor de Segurança aeroportuária
civil: 2010-2020; Supervisor de Segurança: 2003-2010
5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Musico Militar / Conservatório Regional de Ponta Delgada / Maestro Adjunto da Banda Filarmónica "Emulação Brasileira" / Atual Maestro da Banda Filarmónica "Minerva"
6. Coletor: José Elias
7. Data da Coleta: 11/03/2020

Ficha de Informante de José Almeida

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: José Rui Amaral Oliveira
 - 1.2. Data de Nascimento: 18/03/1966
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: Ponte Delgada
 - 1.5. Habilitações: 19.º Ano de Escolaridade
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: São Vicente Ferreira a Vida Toda
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: Gabriel Regis Oliveira
 - 2.2. Profissão: Mobilista
 - 2.3. Nome da Mãe: Maria Olívia Amaral
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casado
 - 3.2. Nome da Esposa: M.ª Amélia Ventura F. Oliveira
 - 3.3. Profissão: Assistente Técnico
 - 3.4. Filhos: 1
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
Eda desde 1990

5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Primeiros do Rancho da Virgem

6. Coletor: José Elias
7. Data da Coleta: 14/03/2020

Ficha de Informante de José Rui

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: Leopoldo Almeida Pavão
 - 1.2. Data de Nascimento: 07/09/1941
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: Vinhes, Pavia Delgada
 - 1.5. Habilitações: 4-º ano
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: Vinhes a vida toda
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: Leopoldo Oliveira Pavão
 - 2.2. Profissão: Agricultor
 - 2.3. Nome da Mãe: Maria da Conceição Pavão
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casado
 - 3.2. Nome da Esposa: Maria da Conceição Pimentel Pavão
 - 3.3. Profissão: Doméstica
 - 3.4. Filhos: 1
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
Cortador em telemetria - Part-time
Agricultor de 1955 até à reforma
Serviços Municipais e outros como conselheiro a encargo
- do
5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Participação desde criança nos Empéios
do Espírito Santo / Meritória dos Empé
ios de São Pedro / Membro de "Comissão" dos Empéios
6. Coletor: José Frias
7. Data da Coleta: 21/01/2020

Ficha de Informante de Leopoldo Pavão

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: Luis Manuel Câmara Cordeiro
 - 1.2. Data de Nascimento: 09/09/1968
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: Cimenes, Ponta Delgada
 - 1.5. Habilitações: 6º ano
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: A vida toda na Várzea
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: César Pires Cordeiro
 - 2.2. Profissão: Produtor Agrícola
 - 2.3. Nome da Mãe: Alice dos Santos Crista Câmara
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casado
 - 3.2. Nome da Esposa: Maria da Conceição Anelcor Medeiros Cordeiro
 - 3.3. Profissão: Assistente Operacional
 - 3.4. Filhos: 2
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
Responsável Logística desde 1994

5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Vice-Presidente da Comissão Paroquial da Igreja Jesus, Maria e José - 2000 a 2006
6. Coletor: João Elias
7. Data da Coleta: 26/08/2020

Ficha de Informante de Luís Cordeiro

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: Maria José Garcia Pavão
 - 1.2. Data de Nascimento: 30/12/1940
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: Capelos, Ponta Delgada
 - 1.5. Habilitações: Não possui
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: Várzea - 80 Anos
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: Jose Garcia Aguiar
 - 2.2. Profissão: Agricultor
 - 2.3. Nome da Mãe: Maria da Roseira Costa
 - 2.4. Profissão: Costureira
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: Casada
 - 3.2. Nome do Marido: Adelino Pavão Trindade
 - 3.3. Profissão: Contador e Agricultor
 - 3.4. Filhos: 3
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
Doméstica a Vida Toda
5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Organizadora e cofinanciadora da Festa de São Miguel: 1990 - 2010
6. Coletor: Jose Farias
7. Data da Coleta: 03/06/2020

Ficha de Informante de Maria Pavão

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1. Identificação do Informante
 - 1.1. Nome: Ricardo Jorge Correia Diógenes
 - 1.2. Data de Nascimento: 10/10/1976
 - 1.3. Sexo: Masculino Feminino
 - 1.4. Naturalidade: _____
 - 1.5. Habilitações: 6^o ano
 - 1.6. Emigrado?: Não
 - 1.7. Local e Tempo de Residência: A vida toda nos Cínetes
2. Filiação
 - 2.1. Nome do Pai: Guilherme Medeiros Diógenes
 - 2.2. Profissão: lavrador
 - 2.3. Nome da Mãe: Maria Margarida Correia Vilelas Diógenes
 - 2.4. Profissão: Doméstica
3. Família
 - 3.1. Estado Civil: casado
 - 3.2. Nome da Esposa: Isabel Cristina Trindade Correia Diógenes
 - 3.3. Profissão: Auxiliar de Saúde
 - 3.4. Filhos: 3
4. Profissão
 - 4.1. Datas e Locais de trabalho:
lavrador - 35 anos

5. Associação do informante com a tradição em estudo
 - 5.1. Criador de Codo para os Impérios do Espírito Santo - 2000 a 2020 / Morador nos Impérios da Trindade em 2019

6. Coletor: Jose Elias
7. Data da Coleta: 5/07/2020

Ficha de Informante de Ricardo Diógenes



O questionário que se segue é para o registo do testemunho do informante Luís Cordeiro, sendo parte da pesquisa de campo para a Dissertação de Mestrado intitulada *“Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel”*, realizada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias, ministrada na Universidade dos Açores

1. Qual é a origem da Festa de São Lázaro, na Várzea?

A Festa de São Lázaro, na Várzea, teve origem numa promessa do Sr. Teodomiro Tavares. O Sr. Tavares, como era conhecido pelas gentes desta terra, tinha uma filha que sofreu vários traumatismos ao cair de uma parede de altura considerável. Como homem de fé, prometeu adquirir uma imagem de São Lázaro (Bispo), e fazer uma Festa em sua honra.

A Festa de São Lázaro, na Várzea, é uma tradição secular desta terra.

2. O que ocorre durante a semana da Festa?

Com os ingredientes (Farinha/Açúcar/Manteiga/Ovos/Fermento/Banha...) que são oferecidos pela Comunidade, na semana da Festa decorre a confeção dos carrilhos (que são únicos) e da massa de São Lázaro. Uma parte da massa é confeccionada em forma de membros do corpo humano. Sendo a festa concelebrada em honra de Santo Antão, existem peças de massa em forma de animais, para que assim quem o desejar peça a intercessão de Santo Antão para as suas aflições.

3. A presença das imagens de Santo Amaro e Santo Antão ocorrem desde sempre?

Sim, desde sempre.

4. Qual é a diferença das massas que são prometidas para eles e para São Lázaro?

A diferença está na forma das peças de massa. Santo Amaro também na forma de membros do corpo humano e Santo Antão na forma de animais.

5. Que famílias conhecidas já ajudaram a organizar a Festa de São Lázaro?

Aquando do início da festa nos primórdios do século XX, (não foi possível apurar o ano) o Sr. Tavares teve ao seu lado uma grande mulher, Maria Filomena de Jesus. Com a sua filha, Cecília Medeiros, deu início a esta tradição e a continuou durante décadas. Ao falecer a sua mãe, Maria Filomena, a Sra. Cecília, conhecida entre nós por Cecília Benta, continuou a disponibilizar a sua casa e com a ajuda de algumas senhoras desta terra, deu continuidade à confeção dos carrilhos e das massas de São Lázaro. Já com alguma idade e com poucas forças, passou a tradição à família do Sr. Mariano Correia e sua esposa Rosa Andrade. Após cerca de duas décadas, a tradição passou a ser assegurada, por quase 3 décadas, pela família do Sr. Adelino e sua esposa Maria José Trindade. Já com alguma idade, a Sra. Maria José pediu para que outra família desse continuidade à tradição. Foi escolhida a família do Sr. Manuel Oliveira (já falecido) e sua esposa Natália Oliveira, por motivos de saúde apenas conseguiram assegurar a tradição durante dois anos.

6. Como ocorre, atualmente, a organização da Festa de São Lázaro?

Nos últimos dois anos, a organização da Festa ocorreu num modo um pouco diferente: Com os vários ingredientes necessários para a confeção da massa, uma cozinheira, compensada com um valor monetário, confeccionou apenas a massa de São Lázaro. No presente ano de 2020, tudo seria organizado conforme tradição em casa da família do Sr. Albano e sua esposa Maria de Fátima Pavão. Por motivo da atual pandemia Covid-19, a festa teve mesmo de ser cancelada.

7. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pela Festa de São Lázaro no presente?

As maiores dificuldades que enfrentamos no presente é a falta de espaço e utensílios adequados (por ex. amassadora) para confeccionar os carrilhos e as massas de São

Lázaro. Precisamos de um espaço com uma cozinha, onde se pudesse juntar algumas senhoras da Comunidade e assim dar continuidade à tradição. Assim não teríamos que utilizar a casa de uma ou outra família. Importa referir que a sociedade mudou. Vivemos outros tempos e com a situação pandémica atual tudo será bem mais diferente no futuro.

8. Por fim, saindo um pouco da Festa de São Lázaro, gostaria de aproveitar para registo futuro que nos contasse a história das Imagens de Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria?

As imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria foram oferecidas no ano de 1958, pelo Sr. Manuel dos Reis, emigrado nos Estados Unidos da América, onde foram adquiridas.

No dia 06 de Julho de 1958, foi realizada uma Festa em honra do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, patrocinada pelo próprio.

Ao oferecer as imagens, tão desejadas pelo Rev. Pe. Eduardo da Costa Tavares, Pároco e seu grande amigo, a intenção do Sr. Manuel dos Reis era a de construir um Ermida em honra do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, num terreno do qual era proprietário, situado no Pico da Várzea ou Pico do Moinho como é vulgarmente conhecido pelas gentes da Várzea.

A pedra (blocos de basalto devidamente aparelhados) para a construção da Ermida foi adquirida na Ribeira Grande e teve muitos anos no terreno onde esta seria construída. Todavia, ninguém sabe explicar o porquê de o Sr. Manuel dos Reis ter desistido da sua construção.

Uma vez que a Ermida não foi construída, as Imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria foram definitivamente entregues para culto à Igreja de Jesus, Maria e José, Várzea.

Após seis décadas, no ano 2018, as referidas imagens foram alvo de restauro no Atelier "Luís Marques Conservação e Reabilitação", em Braga.

Data 26/07/2020

Assinatura do Informante
Luís Cordeiro

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, Adelino Garcia Trindade, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whittton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

P. Delgada, 14 de Março de 2020

O Titular dos Direitos

Adelino Garcia Trindade

Declaração de autorização de Adelino Trindade

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, António Costa, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

Ponta Delgada, 04 de Março de 2020

O Titular dos Direitos

António Costa

Declaração de autorização de António Costa

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, Carlos Pedro Paulo Jorge, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whittton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

Carlos Jorge, 20 de Junho de 2020

O Titular dos Direitos

Carlos Jorge

Declaração de autorização de Carlos Jorge

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, José Fernando Ferreira Almeida, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

P. Delgado, 11 de Maio de 2020

O Titular dos Direitos

José Fernando Ferreira Almeida

Declaração de autorização de José Almeida

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, José Rui Amaral Oliveira, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

P. Delgado, 14 de Março de 2020

O Titular dos Direitos

José Rui Amaral Oliveira

Declaração de autorização de José Rui

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, Leopoldo Almeida Pavão, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

Santa, Belém, 22 de Janeiro de 2020

O Titular dos Direitos

Leopoldo Almeida Pavão

Declaração de autorização de Leopoldo Almeida Pavão

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor, José Manuel Rodrigues Frias

Eu, Luis Manuel Câmara Cordeiro, autorizo as informações por mim concedidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

Ponta Delgada, 26 de Agosto de 2020
O Titular dos Direitos
Luis Cordeiro

Declaração de autorização de Luís Cordeiro

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, Maria José Garcia Pavão, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whittton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adiciona-se aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

Ponta Delgada, 5 de junho de 2020

O Titular dos Direitos

Maria José Garcia Pavão

Declaração de autorização de Maria Pavão

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autor: José Manuel Rodrigues Frias

Eu, Ricardo Diógenes, autorizo as informações por mim concedidas, bem como as imagens recolhidas no âmbito da dissertação intitulada previamente de "Património e Tradições na Freguesia de Ginetes e Lugar da Várzea - Ilha de São Miguel", realizada no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento ministrado pela Universidade dos Açores, sendo elaborada pelo Licenciado José Manuel Rodrigues Frias e orientada pela Doutora Maria Isabel Whittton Terra Soares de Albergaria e pelo Doutor Duarte Nuno da Silva Viera Chaves, sejam usadas para fins académicos, nomeadamente como recolha de informação para a redação da referida dissertação e possível doação destas para plataformas digitais acerca do Património Cultural Açoreano.

A presente declaração respeita a legislação aplicada em matéria dos direitos de propriedade intelectual, do direito de imagem e de proteção de dados pessoais. Adicionalmente aos direitos supracitados serão exercidos sem prejuízo do meu direito à honra, intimidade da vida privada e imagem de acordo com a Constituição da República Portuguesa (CRP), os direitos de personalidade consagrados no Direito Civil e demais legislação aplicável.

Declara-se ainda que:

Os dados pessoais recolhidos são tratados informaticamente e no cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais, sendo armazenados em base de dados próprias. Em situação alguma, os dados recolhidos serão utilizados para outra finalidade que não seja aquela para a qual foi dado o presente consentimento.

Serão os dados armazenados e salvaguardados durante o período legalmente fixado ou o necessário para a finalidade acima descrita.

Através da legislação, garante-se que o informante durante todo o período possui o direito de acesso, retificação, atualização e eliminação dos seus dados pessoais.

Informa-se ainda que o exercício do direito de oposição ao tratamento dos dados pessoais pode ser efetuado mediante pedido enviado para o endereço de correio eletrónico protecao.dados@dgae.mec.pt. Em situação de dúvida ou conflito, a autoridade competente é a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), Rua de São Bento 148, 1200-031 Lisboa, Telef. 21 392 84 00, correio-eletrónico: geral@cnpd.pt, acessível em linha em <https://www.cnpd.pt>.

A presente declaração de cedência de direitos de imagem e o respetivo consentimento de tratamento de dados pessoais é concedida de forma, livre, específica e informada e pode ser alterada ou revogada a todo o tempo.

Ricardo Diógenes, 5 de Sete de 2020

O Titular dos Direitos

Ricardo Diógenes

Declaração de autorização de Ricardo Diógenes

GUIÕES DE ENTREVISTA

Festas do Divino Espírito Santo nos Ginetes e Várzea

Leopoldo de Almeida Pavão – 22/01/2020

1. Informações pessoais

2. Espírito Santo

2.1. Primeira recordação relativa aos Impérios?

2.2 Diferença na organização e rituais entre o Século XX e XXI?

2.3 O que é a compostura?

2.4 Pertencia a uma Comissão de Organização?

2.5 História do Império de Pentecostes?

2.6 Atualmente, a organização depende muito mais do mordomo?

2.7 Impérios na Várzea

3. Moinhos

3.1 Recordações dos Moinhos de Vento nos Ginetes

3.2 Termino dos moinhos?

Ricardo Diógenes – 05/06/2020

1. Informações pessoais

2. Espírito Santo

2.1 Quando fez o Império Grande?

2.2. Todos os mordomos são nomeados ou tiram as sortes? E na Várzea?

2.3. Como se processam as Domingas?

3. Quais são os passos iniciais para a organização dos Impérios?

3.1 Quem são os criadores?

3.2 Quem são os irmãos?

3.3 O que é a esmola?

3.4 Qual o tipo de materiais que se usa na construção dos edifícios?

4. Semana do Império

4.1. Abertura do quarto no domingo?

4.2 O que é a Recolha do Gado?

4.3 Reza-se o terço e janta-se com todos os elementos durante a semana da festa?

4.4 Ocorre o almoço para as crianças e idosos e a bênção da carne e da massa na quarta-feira?

4.5: Como se processa a distribuição das pensões iniciada na quinta-feira?

4.6: A distribuição das pensões ou esmolas é acompanhada pelos carros de bois, no sábado?

- 4.7: A Ceia dos Criadores e Irmãos é o evento mais importante da semana?
- 4.7.1: Pode ir toda a gente?
- 4.8: O que ocorre durante a Ceia?
- 4.9: A culinária é tradicional?
- 4.10: Quais pratos são apresentados? Há pratos tradicionais da freguesia?
- 4.11: Há diversidade na culinária atualmente?
- 4.12: A procissão é acompanhada a partir da do caramanchão?
- 4.13: Como é a coroação nesse dia?
- 4.14: O almoço de Domingo é igual à ceia?
- 4.15: Quais são as ruas que podem receber determinado Império?

Festa de São Lázaro na Várzea

Maria Pavão – 05/06/2020

1. Informações pessoais
2. Festa de São Lázaro
 - 2.1: O que é a Festa de São Lázaro, na Várzea?
 - 2.2: Quando se realiza?
 - 2.3: Origem da tradição?
 - 2.4: Ligação da senhora Maria Pavão à festa?
 - 2.5: Qual é a receita das Massas?
 - 2.6: O que ocorre durante a festividade?
 - 2.7: Importância da tradição no passado e na atualidade do lugar da Várzea?

Rancho de Romeiros da Várzea

Adelino Trindade – 14/03/2020

1. Informações pessoais
2. Romeiros da Várzea
 - 2.1 O que é a Romaria Quaresmal?
 - 2.2 Como se organiza um rancho?
 - 2.3 Quais os “cargos” dentro e um rancho?
 - 2.4 Que tipo de alterações têm vindo a ocorrer nos romeiros nos últimos anos?
 - 2.5 O que caracteriza os Romeiros da Várzea?
 - 2.6 Possui alguma salva específica para alguma igreja?
 - 2.7 Porquê ir continuamente em romaria? E como mestre?
 - 2.8 Qual é a perspetiva de futuro para o rancho?

José Rui – 14/03/2020

1. Informações pessoais
2. Romeiros
 - 2.1 De onde é?
 - 2.2 Há quando tempo vai na romaria?
 - 2.3 Porquê vai na Romaria?
 - 2.4 Já saiu noutra rancho?
 - 2.5 Porquê ir no rancho de Romeiros da Várzea?
 - 2.6 Na sua conceção, o que acha que o distingue de outros ranchos?
 - 2.7: Por que não ir noutra rancho da sua zona residencial?
 - 2.8: Qual foi a evolução do ambiente interno durante o período com que vai neste rancho?

Banda Filarmónica Minerva

António Medeiros - 04/03/2020

1. Informações pessoais
2. Banda Filarmónica
 - 2.1. Quais os órgãos existentes na Banda Filarmónica?
 - 2.2. De que modo tem a banda tentado cativar a comunidade para junto de si?
 - 2.3. Qualquer pessoa pode entrar na Banda Filarmónica?
 - 2.4. As festividades da Festa realizam-se em datas específicas?
 - 2.5. Qual é o programa tradicional da Festa da Banda?
 - 2.6. Ocorreram algumas mudanças nos últimos anos?
 - 2.7. Tem realizado intercâmbios?
 - 2.8. Quais são os principais problemas da Banda Filarmónica?
 - 2.9. Quais apoios dispõem?
 - 2.10. Qual é, a seu ver, o futuro da Banda

José Almeida – 11/03/2020.

1. Informações pessoais
2. Banda Filarmónica Minerva
 - 2.1. Como se define uma Banda Filarmónica?
 - 2.2. Que elementos deve ter uma Banda Filarmónica?
 - 2.3. Quantos membros têm a Banda Filarmónica Minerva?
 - 2.4. Que tipo de serviços presta, atualmente, a banda?
 - 2.5. O que se tem feito com a comunidade mais jovem?
 - 2.6. Como têm sido as festividades realizadas na Festa da Banda?
 - 2.7: Quais as diferenças entre as bandas filarmónicas e as bandas militares?

Moagem Elétrica dos Ginetes

Carlos Jorge – 20/06/2020

1. Informações pessoais
2. Moagem elétrica
 - 2.1 Vêm de uma família de moleiros?
 - 2.2 Quando se processa a compra da moagem nos Ginetes?
 - 2.3 Como é e funciona as Moagens Elétrica?
 - 2.4 Como é e funcionam as Moagens a gásóleo?
 - 2.5 Como é que o moleiro nivela a moagem para obter a farinha que quer?
 - 2.6 Que tipo de farinhas existem?
 - 2.7 Quando deixou de haver atividade nos Ginetes?

4. INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL



Figura 16: Igreja de São Sebastião
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Igreja de São Sebastião
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Estrada Regional, Ginetes [37.847965, -25.838927]
- 1.4. Proprietário: Diocese de Angra do Heroísmo
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O acesso é realizado por uma escadaria irregular que acompanha a diferença de cotas entre o adro e a rua. O corpo principal encontra-se ligeiramente adiantado à torre sineira que se encontra a leste e o batistério a oeste do edifício.

Na zona inferior do frontispício, há um soco em cada extremidade que encimam cunhais que sustentam dois pináculos, de cada lado do frontão, e é suportado pela cornija que atravessa toda a fachada. Na parte central, duas consolas ladeiam o portal e são encimadas por duas pilastras salientes que delimitam as laterais de duas pequenas “molduras” ao centro do frontispício. A primeira moldura contém o portal emoldurado em arco abatido. A segunda moldura é separada da primeira por uma pequena cornija que une as duas pilastras e tem ao centro uma janela envidraçada com um formato semelhante a um pêssigo.

O frontão em formato contracurvado contém em cada ponta um enrolamento. A meio dele, está uma cruz e na base um relógio.

A torre sineira está ligada ao corpo principal, com a cantaria em silhar visível no soco, nas pilastras e na cornija que ocupa os quatro lados e encima o olhal dos sinos. A torre termina numa balaustrada de cantaria rematada por pináculos.

O acesso exterior à sacristia é feito por uma porta lateral, a noroeste do edifício, emoldurado em cantaria, contendo uma grande cornija contracurvada e saliente encimada e uma janela emoldurada similarmente.

O interior da Igreja é de nave única em três esteiras de madeira, com um retro coro curvado e um altar-mor ladeado de dois altares. Do lado do Evangelho, junto à entrada, encontra-se o batistério onde está a antiga pia, feita em cantaria de pedra lavrada, e um vidral na pequena janela em formato de arco abatido que contem a representação de Jesus Cristo. Ao longo da parede do lado do Evangelho estão pendurados quadros da via-sacra, a figura de São José encimada numa base de pedra, o púlpito em madeira decorado com a pomba do Espírito Santo no guarda-voz e as figuras de Coração de Jesus e Nossa Senhora da Boa Hora inseridas em dois retábulos. Do lado da Epístola, existem os mesmos quadros da Via Sacra e a figura da Rainha Santa Isabel numa base de pedra. A meio da parede está construída a Capela de Nosso Senhor dos Passos e que contem uma entrada para uma sala de arrumos. A capela possui um retábulo com duas grandes edículas envidraçadas, em formato de arco perfeito, emoldurados com elementos decorativos entalhados pintados em dourado onde estão as figuras de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. A imagem de São Miguel Arcanjo está sobre o altar e a de Santo Amaro sobre a predela deste. Voltando ao corpo da Igreja do lado Epístola, encontram-se outros retábulos que albergam as figuras de São Pedro e Nossa Senhora do Rosário. O altar-mor é de talha de madeira pintada a dourado e abarca três imagens: a de São Sebastião à esquerda, a de Jesus Cristo na Cruz ao centro e a de São João à direita. Por fim, a sacristia da igreja, acessível por uma porta à esquerda da Capela-mor, possui ainda um fontanário feito em 1955, diversos cálices de prata e diversos paramentos. À direita da capela-mor, está o acesso à casa de banho e cozinha

Toda a igreja é pintada de branco, excetuando o soco, os cunhais, os pináculos, a cornija, o semicírculo no frontão, a cruz e as molduras das janelas e portal que são em cantaria à vista.

2.2. Época de Construção: Século XVIII/XIX

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido

2.4. Bens Móveis associados: Imagens de São Sebastião, São João, São Pedro, Nossa Senhora do Rosário, Coração de Jesus, Nossa Senhora da Boa Hora, Nossa Senhora de Fátima, Imaculado Coração de Maria, Nosso Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, São José, Rainha Santa Isabel, Nossa Senhora das Candeias e Sagrada Família.

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001 *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes / Luz, António José Lopes da. 1918 “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense nº1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia/Documentos do Arquivo da Paróquia de São Sebastião/ Cópia do capítulo do livro dos Provimientos e Visitações da igreja de S. Sebastião dos Ginetes; / “Livro da Fábrica [1671-1828]” in Documentos dos Ginetes. / “Relações das confrarias, irmandades, capelas, ermidas e altares dos lugares dos Fenais da Luz, Capelas, Santo António, Bretanha, Mosteiros, Ginetes, Candelária e Feteiras”

3.2. Historial: A Igreja de São Sebastião foi construída entre 1603 e 1635. Sofreu diversos danos estruturais durante os anos de 1810 e 1811, devido à elevada atividade sísmica, tendo sofrido diversas obras e a reconstrução da sua torre sineira. Durante o século XX foi construída a Capela de Nosso Senhor dos

Passos, efetuado o alargamento do adro com a destruição dos muros, a execução de obras para a substituição das escadas que levam ao coro e torre que passaram de madeira para pedra. Entre 2000 e 2002, foi realizada uma grande obra de restauro no teto e na capela-mor e, mais tarde, trocaram o pavimento de madeira por pavimento em pedra. A torre sineira recebeu um novo carrilhão de sinos, em 2006, tendo sido modernizado eletronicamente.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício não apresenta quaisquer problemas.

4.3. Data: 19/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 17: Visão dos quatro retábulos e altar-mor
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 18: Visão da nave para entrada
José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 19/01/2020



Figura 19: Igreja de Jesus Maria José
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Igreja de Jesus Maria José
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Rua do Além, Várzea [37.86686, -25.8359]
- 1.4. Proprietário: Diocese de Angra
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

A fachada é composta por um soco que contém duas consolas laterais e encimam os cunhais. A moldura do portal, em formato de arco perfeito, possui um ornamento em arco com diversas molduras sobrepostas no remate superior e duas pequenas consolas em cada extremidade inferior. Sobre a moldura, duas pequenas volutas verticais estão encastradas na parede. O portal é ladeado por duas janelas iguais que contém molduras com formato de arco perfeito, em cantaria, com pequenas pilastras laterais e uma base saliente.

Os cunhais laterais coroam dois grandes pináculos. A meio do frontispício, unindo os cunhais, existe uma cornija embutida na parede que encima uma janela emoldurada por um remate superior triangular, duas pilastras laterais e uma base saliente. O frontão contracurvado é formado por uma grande voluta e uma cruz no topo, que contém inscrito a data de 1811 na base.

A torre sineira, situada a leste, partilha o soco do corpo principal. Contem quatro cunhais sendo que os dois do lado oeste da torre são encastrados. Possui duas cornijas que ocupam os quatro lados e situadas na zona superior e inferior ao olhal dos sinos. A torre termina com uma balaústra em cantaria com quatro pináculos em cada canto.

Ao lado oeste do corpo principal encontra-se uma entrada lateral para a igreja e a entrada exterior da sacristia, ambas emolduradas em cantaria.

O interior é de nave única em três esteiras de madeira contem um coro retro contracurvado. Ambas as paredes possuem medalhões dourados referentes à Via Sacra. A capela-mor é ladeada por duas peanhas de madeira.

O lado do Evangelho possui a imagem de Santo Amaro numa base de pedra junto à entrada, a de Nossa Senhora de Fátima colocada num nicho em arco perfeito e a de Imaculado Coração de Maria na peanha de madeira. No lado da Epístola está a imagem de Santo Antão. A meio desta parede, encontra-se o batistério que contém uma pia de pedra lavrada e, um pequeno espaço fechado com portas de alumínio de correr envidraçadas onde está uma Coroa do Espírito Santo e a uma imagem de Nossa Senhora da Apresentação, duas figuras de Santa Teresinha, uma do Menino de Praga, uma de Santa Luzia, uma de Santo António, uma de Nossa Senhora de Fátima e uma de Coração de Jesus. Voltando à parede da Epístola do corpo principal, a peanha alberga uma outra imagem de Coração de Jesus. Na Capela-mor do lado do Evangelho está a porta de acesso ao interior da sacristia. O altar-mor contém duas pequenas peanhas de madeira que albergam a imagem de São Lázaro à direita, a de Nossa Senhora da Conceição à esquerda e ao centro do altar-mor está a imagem da Sagrada Família.

Toda a igreja é pintada de branco, excetuando o soco, os cunhais, os pináculos, a cornija, o semicírculo no frontão, a cruz e as molduras das janelas e portal que são em cantaria à vista pintada a cinzento.

2.2. Época de Construção: Século XVIII e XX

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido

2.4. Bens Móveis associados: Imagens da Sagrada Família, Santo Amaro, duas de Nossa Senhora de Fátima, duas de Santa Teresinha, Santo António, Santa Luzia, Nossa Senhora da Aparição, Imaculado Coração de Maria, Santo Antão, duas de Coração de Jesus, São Lázaro, Nossa Senhora da Conceição e uma da Sagrada Família.

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia da Junta de Freguesia de Ginetes. / Luz, António José Lopes da. 1918 “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense nº1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia

3.2. Historial: A Igreja de Jesus Maria José surgiu como ermida, através da doação do terreno por Maria de São Tiago, filha do Capitão Bartolomeu, residente na freguesia de Mosteiro. Foi edificada entre 1702 e 1704. Recebeu o retábulo da Sagrada Família em 1785. Os sismos de 1810 e 1811 destruíram a Torre Sineira que foi reconstruída em 1875 e recebeu novos sinos dez anos depois. Em 1908, a capela-mor foi ampliada. O Adro foi modificado em 1952 eliminado a casa do cura e construindo o atual coreto e, posteriormente, o jardim da Sagrada Família realizado entre 1990 e 1994. Em 2008, a população adquiriu um novo carrilhão de sinos e automatizou os sinos. Entre 2009/2010, o chão da Igreja foi trocado de madeira para pedra.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício apresenta problemas na pintura interna e, sobretudo, externa. Há sinais de excessiva humidade por todo o corpo do edifício exterior tanto na tinta branca como na tinta cinzenta que cobre toda a cantaria.

4.3. Data: 21/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 20: Visão da nave para a entrada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 21: Ermida de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Estrada Regional [37.85546, -25.84231]
- 1.4. Proprietário: Diocese de Angra
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O acesso ao adro é realizado por uma grande escadaria junto à Estrada Regional que liga os Ginetes à Várzea. Alberga imagens de porcelana representando Nossa Senhora de Fátima, os três pastorinhos e uma ovelha encimada em bases de pedra.

A portal axial, emoldurada em cantaria com lintel reto ligeiramente saliente é acedida por três degraus semicirculares. Encimada pela porta está uma janela de três folhas com moldura similar ao portal. Em ambas as laterais estão dois cunhais que suportam dois pináculos triangulares brancos que unem-se ao frontão contracurvado que contém lintéis salientes e ondulados que encimam uma cruz ao centro. Em ambas as paredes há uma janela de duas folhas emolduradas em cantaria.

A parede oeste contém uma extensão ao corpo da Ermida que possui dois cunhais, no canto oeste superior e inferior, que suportam dois pináculos triangulares brancos e possui o acesso à sala de esmolos feito por uma porta axial emoldurada em cantaria. Acima desta extensão, está o olhal do sino que encima uma balaustrada que remata quatro pináculos triangulares pequenos em cada canto e um grande pináculo triangular ao centro.

O corpo principal é de nave única com um retro coro alto, acedido por uma escada em caracol junto à entrada.

O altar-mor é realizado em formato de arco perfeito, entalhado em madeira envernizada, contendo quatro divisórias delimitadas por pilastras. O remate superior é caracterizado por três semicírculos. O semicírculo superior contém nas extremidades um ornamento semicircular com a representação ramos e de uma flor e possui ao centro uma outra representação de ramos e flor. O segundo semicírculo contém ripas de madeira. O terceiro semicírculo é similar ao superior.

Abaixo, as bases superiores das quatro pilastras unem-se numa cornija contínua que atravessa todo o altar. A zona inferior do altar tem quatro pilastras encastradas possuem na base a representação de folhas que finalizam em dois semicírculos que dão a forma de um coração. As duas pequenas peanhas de madeira encontram-se no meio das duas pilastras e albergam a imagem do São Jacinto do lado do Evangelho e de Santa Jacinta do lado da Epístola. O centro do altar tem um nicho em arco perfeito, envidraçado e ornamentado com diversos semicírculos entalhados ao redor dele, alberga a imagem de Nossa Senhora de Fátima. A zona inferior é dividida por duas cornijas, que atravessam todo o altar-mor, e a contem tiras cilíndricas a meio e na base inferior de cada pilastra. Abaixo fica a urna do altar e o sotobanco onde encosta o altar. Por fim, no lado da Epístola do altar-mor, encontra-se a sala das esmolas com outras duas imagens de Santa Jacinta e de São Francisco.

Toda a ermida é pintada de branco excetuado as molduras, os cunhais, a base dos pináculos, as cornijas e a cruz que são em cantaria à vista pintada de cinzento.

2.2. Época de Construção: Século XX

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Dr. Carlos Bettencourt Leça

2.4. Bens Móveis associados: Imagens de Nossa Senhora de Fátima, duas imagens de São Francisco, duas imagens de Santa Jacinta e grupo escultórico não agregado da representação da “Aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos na Cova da Iria em 1917”.

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia da Junta de Freguesia de Ginetes.

3.2. Historial: A sua construção ocorreu por desejo de uma comissão de três senhoras criada em 1930: D. Leonor Ester Ferraz Bettencourt Leça, D. Elisa Augusta Paula e D. Helena Jácome Correia Chalupa. O arquiteto foi Dr. Carlos Bettencourt Leça e o terreno doado por Manuel Alves de Oliveira. A obra iniciou-se em 1931 e foi finalizada em 1936. Posteriormente, durante a segunda metade do século XX pela Junta de Freguesia, foram efetuadas obras no adro com a remoção dos muros e do portão e ocorreu o seu alargamento

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: A ermida apresenta problemas de humidade por todo o corpo e percas de tinta na torre. A zona interna apresenta-se em muito bom estado, excetuando a sala de esmolas que tem consideráveis percas de tinta nas paredes.

4.3. Data: 21/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 22: Visão interna da nave da Ermida de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 23: Teatro do Espírito Santo do Moio
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Teatro do Moio
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Rua do Moio [37.848971, -25.842554]
- 1.4. Proprietário: Junta de Freguesia de Ginetes
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O acesso é feito por uma escadaria de quatro degraus, nivelada por uma base de cimento que vende a diferença de cota. O edifício é de planta retangular e corpo único coberto por telhado de quatro águas para uma porta de alumínio de dois batentes, divididos em oito vidros cada e terminando na bandeira em quatro vidros dispostos em leque. Contém três paramentos brancos pintados de branco a simular silhares retangulares. O frontispício e as laterais são emoldurados pelo soco e cunhais feitos em silhar, pintada de cinzento. Uma cruz de pedra com a inscrição “J.N.R.I”, mais antiga com o edifício, encima no topo da fachada. O interior conserva o Cetro e a Coroa do Espírito Santo do Império de São Pedro. Toda o teatro é pintado de branco, excetuando o soco, a cruz e as molduras das janelas e portal que são em cantaria à vista.

- 2.2. Época de Construção: Século XIX
 - 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
 - 2.4. Bens Móveis associados: Coroa e Bandeira do Espírito Santo
-

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia da Junta de Freguesia de Ginetes
- 3.2. Historial: Acredita-se que o primitivo teatro edificado terá surgido no século XIX aquando do milagre do Espírito Santo em “parar a lava” como reza a Lenda de São João. O teatro terá sido reconstruído mantendo-se apenas a cruz original.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Bom
- 4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício não apresenta graves problemas. Apenas alguma perda de tinta e um considerável estrago na inscrição em relevo da cruz.
- 4.3. Data: 20/02/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações:
- 5.3. Data de registo: 20/02/2020



Figura 24: Teatro do Espírito Santo da Canada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Teatro do Espírito Santo da Canada
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Rua da Canada [37.854169, -25.834224]
- 1.4. Proprietário: Junta de Freguesia de Ginetes
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O acesso ao adro do edifício é feito por uma escada nivelada em relação à diferença de cotas da estrada. A porta de alumínio de uma folha emoldurada por um arco perfeito, em cantaria, é acedido por dois degraus semicirculares e está ladeado de duas janelas com a mesmo formato e moldura em arco com um peitoril pedra. A fachada contém o soco que encima dois cunhais laterais que coroam dois pináculos e unem-se ao frontão contracurvado. Este possui encimado ao centro uma coroa esculpida, em cantaria, e no tímpano está um óculo de quatro folhas.

O soco estende-se por ambas as fachadas laterais do edifício que possuem uma janela, em cada parede, com a mesma moldura e peitoril das janelas do frontispício.

Toda a teatro é pintado de branco excetuando o soco, os cunhais, os pináculos, a coroa e as molduras das janelas e portal que são em pedra serrada à vista.

2.2. Época de Construção: Século XXI

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Câmara Municipal de Ponta Delgada e Junta de Freguesia de Ginetes

2.4. Bens Móveis associados: Coroa e Bandeira do Espírito Santo

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Recolha de Testemunho de Ricardo Diógenes
- 3.2. Historial: O primitivo Teatro do Espírito Santo encontrava-se degradado devido à inatividade do Império da Trindade. Aquando do recomeço do Império, em 1997, e à sua continuidade foi edificado no ano de 2007, segundo placa informativa, no mesmo local. A obra coadjuvada pela Câmara Municipal de Ponta Delgada e pela Junta de Freguesia de Ginetes. A obra foi inaugurada pela presidente da Câmara, Berta Cabral e pela presidente da Junta, Nemésia Furtado.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito Bom
- 4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício não apresenta quaisquer problemas de conservação
- 4.3. Data: 21/02/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações:
- 5.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 25: Teatro do Espírito Santo da Lomba de Cima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Teatro do Espírito Santo da Lomba
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Lomba de Cima [37.839217, -25.827094]
- 1.4. Proprietário: Junta de Freguesia de Ginetes
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O acesso ao edifício é feito através de uma escadaria de quatro degraus, localizada a meio de uma bifurcação da rede viária. A porta alumínio de dois batentes, em arco perfeito, contém oito vidros que termina em quatro vidros organizados em leque. O soko encima os cunhais laterais que suportam os pináculos triangulares e conectam-se ao frontão triangular.

As fachadas laterais contêm em uma janela de alumínio com dois batentes com seis vidros com quatro vidros dispostos em leque, em cada lado, com formato de arco com molduras semicirculares em cantaria.

O soko, as escadas, as molduras, as pilastras e o frontão são feitas em cimento à vista pintadas de negro, com o restante a ser pintado de branco.

- 2.2. Época de Construção: Século XXI
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Câmara Municipal de Ponta Delgada e Junta de Freguesia de Ginetes
- 2.4. Bens Móveis associados: Coroa e Bandeira do Espírito Santo

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Nenhuma

3.2. Historial: Foi edificada no dia 3 de setembro de 2004, segundo placa informativa encontrada em foto do *Google Maps* datada de abril de 2010, através uma obra conjunta da Câmara Municipal de Ponta Delgada e da Junta de Freguesia de Ginetes. A obra foi inaugurada pela presidente da Câmara, Berta Cabral e pela presidente da Junta, Nemésia Furtado.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito Bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício não apresenta qualquer problema de conservação.

4.3. Data: 21/02/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 26: Teatro do Espírito Santo da Várzea
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Teatro do Espírito Santo da Várzea
- 1.2. Tipo: Imóvel Religioso
- 1.3. Localização: Rua do Além [37.86686, -25.8359]
- 1.4. Proprietário: Junta de Freguesia de Ginetes
- 1.5. Utilização inicial: Culto Religioso
- 1.6. Utilização atual: Culto Religioso

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O acesso é feito através da rua por dois degraus com os cantos arredondados. Está ladeado por um muro, do lado esquerdo, e por uma moradia, do lado direito, deixando apenas a visão da fachada para a rua. A porta de alumínio contém seis vidros e contém uma moldura em formato de arco perfeito, em cantaria, sendo ladeada por duas janelas com o mesmo formato contendo um peitoril. O soco encima os cunhais, em pedra serrada, que se unem ao frontão triangular que contém no topo a escultura de uma Coroa do Espírito Santo e um óculo no tímpano.

Toda o teatro é pintado de branco excetuando o soco, os cunhais, os pináculos e as molduras das janelas e portal que são em pedra serrada à vista.

- 2.2. Época de Construção: Século XXI
 - 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
 - 2.4. Bens Móveis associados: Coroa e Bandeira do Espírito Santo
-

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Bibliografia: *Website* “Várzea dos Açores”

3.2. Historial: Este edifício terá sido requalificado durante o ano de 2001.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito Bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício não apresenta quaisquer problemas de conservação.

4.3. Data: 21/02/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 27: Moinho do Pico do Cavalo
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Moinho do Pico do Cavalo
- 1.2. Tipo: Imóvel de ofício
- 1.3. Localização: Pico do Cavalo [37.84721, -25.8436]
- 1.4. Proprietário: Junta de Freguesia de Ginetes
- 1.5. Utilização inicial: Moagem
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Corpo troncocónico de dois pisos em alvenaria de pedra. Possui duas entradas, paralelas uma à outra, contendo duas pequenas janelas, por cima de cada porta, naquele que seria o segundo piso. Tem uma placa de pedra esculpida, colocada no exterior do edifício, com a seguinte inscrição em relevo: “A.P.D /M. 5/1905”. No interior, o teto da antiga cúpula já cedeu e encontram-se apenas pedaços das madres. No solo estão ambas as mós de parcialmente danificadas. Ao redor do edifício visualiza-se nove argolas que serviam de suporte para amarrar o rabo e o braço que vinham da cúpula.

2.2. Época de Construção: Século XX

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Câmara Municipal de Ponta Delgada e Junta de Freguesia de Ginetes

2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Listagem dos conjuntos/imóveis classificados de Interesse Municipal na Região Autónoma dos Açores: Ilha de São Miguel, Ponta Delgada, N°7 in Cultura Governo dos Açores [Consultado a 4 de julho de 2020] / “Governo dos Açores cede moinho à Junta de Freguesia dos Ginetes” in Governo dos Açores. [<http://azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp/noticias/Governo+dos+A%C3%A7ores+cede+moinho+%C3%A0+Junta+de+Freguesia+dos+Ginetes.html>] [18 de agosto de 2015]
- 3.2. Historial: Foi construído em 1905. Classificado em 1996 como “Imóvel e Conjunto de Interesse Municipal na Região Autónoma dos Açores” pela resolução 234/96 de e de outubro. Foi, posteriormente, reclassificado pelo artigo número 7 do artigo 58 n° 43/2008/A. No ano de 2015, segundo o Portal dos Governo dos Açores, foi cedido de forma gratuita á Junta de Freguesia para a reabilitação do imóvel.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Ruína
- 4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício apresenta-se erguido, mas parcialmente destruído. Toda a cúpula, piso superior, velame e rabo desapareceram e possui algumas pedras no solo
- 4.3. Data: 29/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 28: Argola de suporte do Moinho do Pico do Cavallo
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 29: Placa datada no Moinho do Pico do Cavalo
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 29/05/2020



Figura 30: Moinho da Canada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Moinho da Canada
- 1.2. Tipo: Imóvel de ofício
- 1.3. Localização: Rua da Canada [37.852859, -25.836052]
- 1.4. Proprietário: Propriedade Privada
- 1.5. Utilização inicial: Moagem
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Corpo troncocónico de dois pisos em alvenaria de pedra. Contêm duas entradas, paralelas uma à outra. Este antigo Moinho de Vento possui quatro janelas superiores e duas janelas inferiores. Do interior sobraram apenas os fragmentos de pedra e madeira caídas, excetuado as duas madeiras presas horizontalmente que serviriam de base para o piso superior. Ao redor do edifício, estão três argolas de ferro que serviriam para prender o braço e o rabo que estavam ligados à cúpula.

- 2.2. Época de Construção: Desconhecido
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Historial: Desconhecida

3.2. Bibliografia: Desconhecida

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Ruína

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício apresenta-se erguido, mas parcialmente destruído. Toda a cúpula, piso superior, velame e rabo desapareceram e possui algumas pedras no solo. O exterior começa a ser apoderado pela vegetação.

4.3. Data: 29/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 31: Suporte de uma antiga argola do Moinho da Canada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 29/05/2020



Figura 32: Moinho da Várzea
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Moinho da Várzea
- 1.2. Tipo: Imóvel de ofício
- 1.3. Localização: Pico do Várzea [37.863692, -25.840655]
- 1.4. Proprietário: Propriedade Privada
- 1.5. Utilização inicial: Moagem
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Corpo troncocónico de dois pisos em alvenaria de pedra. Tem duas entradas, paralelas uma à outra, e uma janela superior sobre cada entrada. Tem um pedaço de madeira que sustentava o piso superior no solo e as duas mós fragmentadas em três pedaços. Não se visualizou a existência de qualquer argola em redor do moinho.

- 2.2. Época de Construção: Século XX
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Dono original - João de Sousa Carreiro
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense nº1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia

3.2. Historial: Terá sido construído durante o fim do século XIX e a primeira década do século XX, sendo mencionada na obra de António Lopes da Luz realizada em 1909.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Ruína

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício apresenta-se erguido, mas parcialmente destruído. Toda a cúpula, piso superior, velame e rabo desapareceram e possui algumas pedras no solo, incluindo as duas mós fragmentadas.

4.3. Data: 29/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 33: Antigas madeiras de sustentação do piso superior do Moinho da Canada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 29/05/2020



Figura 34: Moinho da Lombinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Moinho da Lombinha
- 1.2. Tipo: Imóvel de ofício
- 1.3. Localização: Rua de São Sebastião [37.845844, -25.835958]
- 1.4. Proprietário: Propriedade Privada
- 1.5. Utilização inicial: Moagem
- 1.6. Utilização atual: Ruína

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Corpo troncocónico de dois pisos em cimento. Tem duas entradas, com antigas portas de madeira, paralelas uma à outra, com uma janela superior sobre cada uma. Possui uma janela superior no lado oeste do edifício e três janelas inferiores, duas no lado leste e uma a oeste do edifício. Tanto as portas como as janelas possuem molduras em silhar nas laterais e um nicho encimado com o formato em semicírculo em cantaria. Na parede leste do exterior, encontra-se uma placa, em cantaria, onde se lê “L.18 24/06 70 S /N.R. V”. No interior, tem diversos pedaços de madeira que sustentava o piso superior no solo. Na parede oeste do edifício, possui o formato da antiga escada em caracol para o primeiro piso, bem como, parte do antigo corrimão. Não se visualizou a existência de qualquer argola em redor do moinho.

- 2.2. Época de Construção: 1870
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense nº1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia
- 3.2. Historial: Apesar de a obra de António Luz datar este moinho no ano de 1874, a placa existente no edifício dá conta de que a sua origem é provavelmente do dia 24 do mês de junho do ano de 1870.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Ruína
- 4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O edifício apresenta-se erguido, mas parcialmente destruído. Toda a cúpula, piso superior, velame e rabo desapareceram e possui algumas pedras no solo, incluindo as duas mós fragmentadas.
- 4.3. Data: 18/06/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO

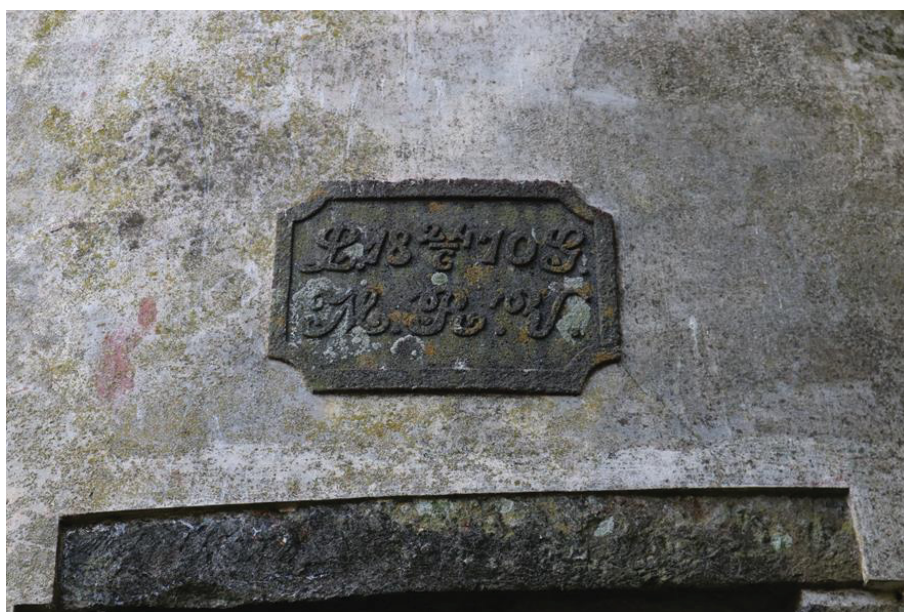


Figura 35: Placa datada do Moinho da Lombinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

- 6.1. Responsável: José Frias
- 6.2. Observações:
- 6.3. Data de registo: 18/06/2020



Figura 36: Fontanário da Rua do Alqueive
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fontanário da Rua do Alqueive
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Rua do Alqueive [37.844534, -25.840132]
- 1.4. Proprietário: Câmara Municipal de Ponta Delgada
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Conjunto de chafariz e bebedouro junto á estrada. Está nivelado por uma base de pedra entre a diferença das cotas. Contém um soco branco que atravessa e encima dois cunhais, em cantaria, na zona do chafariz. Estes unem-se à cornija inferior do frontão triangular que possui na base a inscrição “1916”. O chafariz é composto por uma base de pedra com uma bica na base e a bacia em formato retangular.

No lado oeste do chafariz encontra-se uma pequena extensão da construção com a cornija e um cunhal lateral. Ao lado leste está o bebedouro que contém uma extensão em formato de arco que tem uma moldura em cantaria retangular.

O fontanário é todo pintado de azul com o soco, a cornija e os cunhais a serem de cantaria á vista pintada de branco. A bacia e a inscrição são em cantaria à vista.

- 2.2. Época de Construção: Século XX
 - 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
 - 2.4. Bens Móveis associados: Não possui
-

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Desconhecido

3.2. Historial: Foi construído em 1916.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Mau

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O fontanário apresenta graves problemas de conservação, nomeadamente, na pintura. Esta apresenta problemas de humidade e o fundo azul apresenta a cor avermelhada por baixo.

4.3. Data: 05/06/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 37: Datação do Fontanário do Alqueive
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 05/06/2020



Figura 38: Fontanário do Moio
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fontanário do Moio
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Rua do Moio [37.848971, -25.842554]
- 1.4. Proprietário: Câmara Municipal de Ponta Delgada
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O conjunto de chafariz e depósito encontra-se junto à rua. Contém um soco que atravessa todo a construção. O chafariz está ligeiramente adiantado e a leste do depósito. Possui uma moldura retangular, em cantaria branca, com o remate superior em semicírculo. Por baixo, encontra-se a base de pedra onde está a bica, feita de latão, que encima uma pequena porta branca em formato de arco perfeito para acesso ao interior do depósito. A bacia é esculpida, em cantaria à vista, em formato de arco perfeito.

O soco encima, em ambos os lados, um cunhal branco que se une à cornija saliente. Encimado por esta, está uma extensão superior do depósito que tem o prolongamento dos cunhais e o remate da moldura em cantaria. Na zona esquerda do depósito, está inscrição “C.M./1941”, em cantaria à vista, numa moldura pouco saliente e recortada. Todo o edifício em pintado em beje, excetuando os cunhais brancos, molduras brancas, cornija branca, o soco cinzento e a base de chafariz em pedra natural.

2.2. Época de Construção: Século XX

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido

2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Este conjunto de bebedouro e chafariz foi construído no ano de 1941 pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O conjunto não apresenta grandes problemas, excetuando a perda de alguma tinta. A porta do nicho está quebrada e o latão da bica também apresenta alguns sinais de degradação. A cantaria já apresenta perda de cor derivado ao fluxo de água que vêm do chafariz.

4.3. Data: 20/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 39: Placa datada do Fontanário do Moio
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 20/02/2020



Figura 40: Fontanário da Canada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fontanário da Canada
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Rua da Canada [37.854038, -25.834212]
- 1.4. Proprietário: Propriedade Privada
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

- 2.1. Descrição arquitetónica: Razoável

Chafariz parietal localizado junto á estrada. Contém uma moldura de vãos retos salientes em relação ao soco, que advém da parede adjacente, e conectam-se ao remate superior em formato de arco perfeito. Tem, na base, uma inscrição em cantaria que está esculpida “CM/ 1898”. A bica está colocada num pequeno círculo de cantaria com uma bacia esculpida em formato de arco.

O fontanário é pintado de branco excetuando o soco, a moldura, os vãos e a placa em alvenaria de pedra pintada a cinzento.

- 2.2. Época de Construção: Século XIX
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Este fontanário foi construído no ano de 1898.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O Fontanário apresenta problemas de humidade na tinta e perda de alguma junto à bacia. A cantaria apresenta-se em bom estado.

4.3. Data: 20/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 41: Placa datada do Fontanário da Canada
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 20/02/2020



Figura 42: Fontanário da Lomba de Cima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fontanário da Lomba
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Lomba de Cima [37.839217, -25.827094]
- 1.4. Proprietário: Desconhecido
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Conjunto de chafariz e bebedouro junto há estrada. O chafariz encontra-se a leste do bebedouro numa base ligeiramente adiantada em formato de arco abatido que remata um elemento decorativo ligeiramente curvo com um círculo esculpido. Contem vãos em cantaria à vista nas laterais. A bacia retangular possui uma bica que encima um pequeno nicho de acesso ao pequeno depósito de água e coroa uma placa em relevo, em cantaria, com os cantos recortados, com a inscrição de “AO PUBLICO/POR/N.M.R A/1816”. Possui duas pequenas bases de pedra por baixo da bacia. O bebedouro, a oeste, é de cantaria à vista.

O fundo é pintado de amarelo excetuando o soco, a bacia, o chafariz, o nicho, a inscrição, o elemento decorativo e o bebedouro são em cantaria á vista

- 2.2. Época de Construção: Século XIX
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Nicolau Maria Raposo de Amaral
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

3.1. Bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Este fontanário foi construído no ano de 1816, por iniciativa de Nicolau Maria Raposo de Amaral, de acordo com a inscrição.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O Fontanário apresenta problemas de humidade na tinta e perda de alguma junto à bacia. A cantaria tem alguma perda de coloração.

4.3. Data: 21/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 43: Placa datada do Fontanário da Lomba de Cima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 44: Fontanário da Lomba de Cuna
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fontanário da Lomba
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Lomba de Cima [37.84289, -25.82796]
- 1.4. Proprietário: Desconhecido
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Conjunto de chafariz e bebedouro junto à estrada. A construção do conjunto divide-se com um depósito de água a oeste e o bebedouro a leste. A bacia, em formato de arco, encontra-se sobre uma consola embutida, em silhar, e dá forma à moldura em arco que sustenta a bica em latão. Por cima, está uma placa oval com a inscrição “C.M./ 1889” em relevo.

A moldura do chafariz e o bebedouro são feitos em silhar á vista enquanto todo o fundo é pintado de bege e a zona do soco pintada de negro.

- 2.2. Época de Construção: Século XIX
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Este conjunto de bebedouro e chafariz foi construído no ano de 1889 pela Câmara de Ponta Delgada.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O Fontanário não apresenta problemas na pintura. A cantaria tem alguma perda de coloração.

4.3. Data: 21/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 45: Placa datada do segundo Fontanário da Lomba de Cima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 21/02/2020



Figura 46: Fontanário da Lombinha de Cima
Créditos fotográficos de José Frias
2021

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fontanário da Lombinha de Cima
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Lombinha de Cima [37.846666, -25.832887]
- 1.4. Proprietário: Privado
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Conjunto de bebedouro e chafariz parietal colocado na via pública, junto a uma habitação abandonada. Este fontanário contém uma cartela completamente destruída, uma consola, em pedra, de formato de semicircular que possui um buraco, aonde estava a bica, e uma bacia semicircular. Ao lado esquerdo do chafariz encontra-se um bebedouro que tem a sua parte superior tapada com uma laje de cimento.

Todo o fontanário possui vestígios de tinta beje com cantaria à vista.

- 2.2. Época de Construção: Século XIX
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Desconhecido

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Ruína

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: A pedra apresenta sinais de forte descoloração derivada à chuva e ao sol. Está parcialmente destruído com claras modificações, como a presença de uma bomba de água que está ligada à habitação adjacente.

4.3. Data: 22/03/2021

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações: O estado de destruição e ruína deste fontanária, em particular da sua cartela, dificulta a datação e conhecimento do seu construtor. Porém, em comparação com os restantes fontanários, é possível presumir que terá sido construído durante o século XX pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

5.3. Data de registo: 22/03/2021



Figura 47: Fontanário da Lomba dos Gagos
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. IDENTIFICAÇÃO

- 6.1. Designação: Fontanário da Lomba dos Gagos
- 6.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 6.3. Localização: Ramal da Lomba dos Gagos [37.834612, -25.836407]
- 6.4. Proprietário: Privado
- 6.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 6.6. Utilização atual: Devoluto

7. CARACTERIZAÇÃO

7.1. Descrição arquitetónica

Chafariz parietal colocado na via pública, junto a uma habitação abandonada. Este fontenário está sustentado por duas consolas que encimam duas pilastras. O remate superior contém uma cornija que coroa um frontão contracurvado caracterizado por ornamentos de flor que coroa duas volutas. Na base do frontão, está uma placa com a inscrição de “1816”, em formato similar a um coração que contém dois ornamentos iguais em cima e em abaixo, similares e invertidos, caracterizados pequeno círculo numa ponta e a uma seta noutra. A base do corpo do chafariz contém duas pilastras, iniciadas sob duas bases triangulares esculpidas na cornija até a uma laje de pedra que tem nas extremidades os cantos arredondados. Abaixo está uma outra base de cantaria maior caracterizada por ser reta na zona superior e contém ambos os lados inferiores arredondados e ligados à bacia. Na face desta base estão dois buracos onde estariam as antigas bicas, colocados numa moldura esculpida, em relevo, de cantos arredondados. Dentro desta, o buraco à direita está colocado numa pequena moldura em relevo mais alta que moldura da esquerda e ambas contém os quatro cantos, sendo interligadas por dois ornamentos de formato de quadrado invertido em relevo. A bacia é suportada por uma consola de pedra de formato contracurvado e de base quadrangular.

Todo o fontanário é pintado de branco com cantaria à vista.

7.2. Época de Construção: Século XIX

7.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido

7.4. Bens Móveis associados: Não possui

8. HISTORIAL

8.1. Bibliografia: Não possui

8.2. Historial: Este fontanário foi construído no ano de 1816, provavelmente pela família Raposo de Amaral que tinha o terreno em sua posse.

9. CONSERVAÇÃO

9.1. Estado de Conservação: Devoluto

9.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: A pedra apresenta sinais de forte descoloração derivada à chuva e ao sol, sendo particularmente difícil visualizar a sua data.

9.3. Data: 22/10/2020

10. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 48: Placa datada do Fontanário da Lomba dos Gagos
Créditos fotográficos de José Frias
2020

11. INVENTÁRIO

11.1.Responsável: José Frias

11.2.Observações:

11.3.Data de registo: 22/10/2020



Figura 49- Bebedouro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Bebedouro
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Ramal da Lomba dos Gagos [37.834612, -25.836407]
- 1.4. Proprietário: Sunset Azores
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica:

O bebedouro encontra-se dentro da propriedade da Sunset Açores. A construção está encimada por uma grande base de pedra que contém, a meio, o bebedouro. O edifício possui o formato de arco ogival contendo cantaria na zona inferior e nas laterais do arco. Na base do edifício, a bica está colocada sobre uma moldura de ferro em formato de estrela de 12 pontas.

O edifício é pintado de branco, excetuando a base, a zona inferior do fontenário e as laterais do arco que são em cantaria à vista.

- 2.2. Época de Construção: Século XIX
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Nicolau Maria Raposo de Amaral
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Este bebedouro foi construído dentro dos terrenos da Casa do Monte por Nicolau Maria Raposo de Amaral, em 1858.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O bebedouro não apresenta problemas de conservação.

4.3. Data: 20/10/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 50 - Placa datada do bebedouro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 22/10/2020



Figura 51 - Lavatório da sacristia da Igreja de São Sebastião
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Lavabo da sacristia da Igreja de São Sebastião
- 1.2. Tipo: Lavabo
- 1.3. Localização: Estrada Regional, Ginetes [37.847965, -25.838927]
- 1.4. Proprietário: Diocese de Angra do Heroísmo
- 1.5. Utilização inicial: Lavabo
- 1.6. Utilização atual: Lavabo

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

Lavabo dentro da sacristia da Paróquia de São Sebastião. O corpo do fontenário encontra-se ladeado por duas pilastras que encimam duas capitéis triangulares. O coroamento é enquadrado por dois grandes “S” invertidos e contém, na base, uma gota esculpida e flanqueada por um cordão de pedra com dois círculos nas pontas. O espaldar da fonte termina num lintel curvo, que liga as pilastras, e na base do corpo contém diversos ornados em cantaria contracurvados com as pontas enroladas sendo dois de formato contracurvado, dois motivos em “S” e dois em formato de C. Possui, também, quatro pequenos círculos de pedra em cada lado e, no topo central do corpo, encontra-se uma concha de pontas enroladas esculpida. Contém ainda a data “1955” a dourado e uma bica. A zona inferior feita em cantaria à vista sustenta a bacia de porcelana.

- 2.2. Época de Construção: Século XVII/XVIII. Remontado no século XX.
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados:

3. HISTORIAL

3.1. Bibliografia: Desconhecida

3.2. Historial: Segundo uma placa de azulejo, patente na sacristia, foram realizadas obras de restauro nesta igreja durante os anos de 1953 e 1955.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O fontenário não apresenta quaisquer problemas.

4.3. Data: 19/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 52: Placa de azulejo azul presente na sacristia
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 19/01/2020



Figura 53: Fonte do Sapateiro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Fonte do Sapateiro
- 1.2. Tipo: Abastecimento de Água
- 1.3. Localização: Entre as Cumeeiras e a Várzea [37.858113, -25.827928]
- 1.4. Proprietário: Desconhecido
- 1.5. Utilização inicial: Abastecimento de Água
- 1.6. Utilização atual: Devoluto

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

A fonte do Sapateiro é acedida através de um caminho terreiro situado entre Rua da Canada e do lugar da Várzea. É acedida por um aqueduto feito em pedra lavrada com a entrada em formato de arco perfeito que contém a inscrição de “1638” encimada. Dentro da área há dois bebedouros em cantaria à vista, organizados em L invertido, com duas bacias retangulares em cada extremidade de lavar a roupa sem bicas. O chão é pavimentado por uma laje de pedra.

- 2.2. Época de Construção: Século XVII
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes

3.2. Historial: O Arco que constituía a ligação entre a Fonte e as restantes ligações está datado para o ano de 1638, sendo certo que os bebedouros terão sido feitos em data muito posterior. Entre os anos de 1981-1988, a Junta de Freguesia de Ginetes removeu duas outras pias que ali estavam erguidas, ficando somente duas no local. No século XXI, foi removida uma pia que foi recolocada num dos locais de lazer da freguesia.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Devoluto

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: A Fonte do Sapateiro está abandonada e apoderada pela vegetação. O chão apresenta a presença musgo e as pedras apresentam claros problemas de humidade relativas ao ambiente da nascente.

4.3. Data: 03/07/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 54: Data gravada no topo do arco de entrada da Fonte do Sapateiro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 03/07/2020



Figura 55: Lado norte do Farol da Ponta da Ferraria
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Farol da Ponta da Ferraria
- 1.2. Tipo: Imóvel Civil-Militar
- 1.3. Localização: Rua do Farol [37.85352, -25.84993]
- 1.4. Proprietário: Autoridade Marítima Nacional
- 1.5. Utilização inicial: Sinalização Marítima
- 1.6. Utilização atual: Sinalização Marítima

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

O Farol da Ferraria está situado na Rua do Farol, pouco distante do centro da freguesia de Ginetes, numa zona junto ao mar caracterizada pelos longos campos verdes agrícolas. Possui três diferentes edifícios no seu terreno: o Farol, uma Casa das Máquinas e a habitação dos faroleiros.

O Farol é composto por um corpo principal constituído por uma planta retangular com uma torre prismática quadrangular integrada e dois corpos retangulares mais baixos e laterais.

O edifício possui a fachada de dois pisos, virada para sudoeste, rebocada e pintada exceto a cornija retilínea, cunhais apilastrados e no embasamento de cantaria ornamentando um denteado decorativo no corpo principal. Tem duas portas de acesso central, uma sul e a outra norte do edifício, emoldurada em cantaria com caracterizadas pelo remate superior retilíneo, mais grosso, com a transição ondulada para as laterais menos grossas. As janelas do primeiro piso, que percorrem o corpo principal, possuem uma moldura com a lateral recortada junto ao remate superior em formato de semicírculo e uma base de pedra saliente. As catorze janelas do segundo piso, sete em cada lado da fachada, possuem molduras com o remate superior retilíneo com as ombreiras recortadas sem qualquer peitoril e distribuídas por três em cada lado e uma na zona central. As fachadas laterais

do Farol possuem seis janelas: uma no alçado lateral do corpo lateral, duas no primeiro piso e três no segundo piso, sendo estas últimas caracterizadas por duas janelas comuns que ladeiam uma janela menor.

Os corpos laterais são idênticos e contém vãos com o perfil do lintel de arco abatido encimado pelo telhado de três águas e anexam-se ao piso superior do corpo principal. Contêm quatro janelas emolduradas, em cantaria, com o mesmo formato das janelas superiores, sendo que duas ladeiam o portal e duas ficam nas lateais. O corpo lateral oeste possui um pequeno escritório e o corpo lateral leste uma oficina.

A torre é acedida por duas portas, uma do lado sul e outra no lado norte. Interiormente, possui uma escadaria em caracol, que contém uma pequena sala, a meio do caminho, e acede ao sistema luminoso. O corpo da torre possui uma janela, em cada alçado lateral, com o mesmo formato de molduras do piso superior do corpo principal e duas outras mais pequenas com molduras mais grossas e de remate superior retilíneo na sua fachada frontal. O topo é caracterizado pela guarda de cantaria vazada e é coroada pela cobertura envidraçada pintada de vermelho que tem um catavento. A torre encontra-se adiantada em relação ao corpo principal e tem 18 metros de altura.

Toda o farol é pintado de branco excetuando o soco, os cunhais e as molduras são em cantaria á vista.

2.2. Época de Construção: Século XX

2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido

2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

3.1. Bibliografia: Revista da Armada, Publicação Oficial da Marinha, Nº 382, Ano XXV. Ponta Delgada: Direcção de Faróis. Janeiro de 2005/ Canto, Ernesto do. 1983. “Pharoes em São Miguel” in *Arquivo dos Açores*, Vol. XII. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. / SIPA da Direcção-Geral do Património Cultural: Farol da Ferraria, IPA.00015920/ Furtado. Eduardo Carvalho Vieira. 2005. *Guardiães do Mar dos Açores: uma viagem pelas ilhas do Atlântico*. [Ponta Delgada, Nova Gráfica], D.L.

3.2. Historial: O surgimento do Farol da Ferraria partiu da necessidade relatada no início do século XIX pelos pescadores regionais às autoridades competentes. Em 1883, acabaria por fazer parte do aprovado Plano Geral de Aluminação e Balizagem, como farol de 2º ordem. Foi fundado a 22 de outubro de 1901 com um aparelho lenticular dióptrico girante de 3º ordem com um candeeiro de nível constante posteriormente substituído por vapor de petróleo para criar luminosidade com rotação ótica a funcionar com máquina de relojaria. Em 1946, o sistema ótico foi substituído por um similar, mas com características diferentes. Em 1957, o Farol é eletrificado com montagem de grupos eletrogéneos e passou a ser iluminado por uma lâmpada de 3000 *watts*. No ano de 1974, foi criado um motor elétrico para dar corda à máquina de relojoaria da autoria do Chefe dos Farol, Bettencourt Leça. A rede elétrica pública é colocada no Farol em 1988 que permitiu a instalação de uma lâmpada de 1000 *watts* e 120 *volts* com o sistema ótico a ser alterado para motores de rotação elétricos. Atualmente, é automatizado com um sistema módulo DF características de 3 relâmpagos luminosos agrupados num período de 20 segundos com alcance de 27 milhas.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito Bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O Farol não apresenta quaisquer problemas de conservação.

4.3. Data: 28/06/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 56: Lado sul do Farol da Ponta da Ferraria
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data de registo: 29/06/2020



Figura 57: Ponte pedonal
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Ponte Pedonal
- 1.2. Tipo: Imóvel Civil-Militar
- 1.3. Localização: Rua do Farol [37.85352, -25.84993]
- 1.4. Proprietário: Autoridade Marítima Nacional
- 1.5. Utilização inicial: Passagem Pedonal
- 1.6. Utilização atual: Passagem Pedonal

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição arquitetónica

A ponte encontra-se junto à casa dos Faroleiros e está a leste do Farol, ligando as duas construções. Composta por um tabuleiro plano, em cimento, com um guarda-corpos arredondado pintado de branco. É sustentada por um arco abatido de pedra emparelhado por onde passava a água decorrente de uma ribeira. Contém um túnel em pedra emparelhada de água localizado a sul da ponte.

- 2.2. Época de Construção: Desconhecido
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: SIPA da Direção-Geral do Património Cultural: Farol da Ferraria, IPA.00015920
- 3.2. Historial: Desconhecida

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito Bom

4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: A ponte não apresenta quaisquer problemas de conservação.

4.3. Data: 28/06/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data de registo: 29/06/2020



Figura 58: Túnel
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Designação: Túnel de passagem de água
- 1.2. Tipo: Passagem de água
- 1.3. Localização: Estrada Regional [37.847748, -25.837991]
- 1.4. Proprietário: Junta de Freguesia de Ginetes
- 1.5. Utilização inicial: Passagem de água
- 1.6. Utilização atual: Passagem de água

2. CARACTERIZAÇÃO

- 2.1. Descrição arquitetónica

Túnel em pedra emparelhada em formato de arco abatido para passagem de água.

- 2.2. Época de Construção: Desconhecido
- 2.3. Arquiteto/Construtor/Autor: Desconhecido
- 2.4. Bens Móveis associados: Não possui

3. HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Desconhecida

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito Bom
- 4.2. Especificações/Descrição do Estado de Conservação: O Túnel não apresenta quaisquer problemas de conservação.

4.3. Data: 03/07/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data de registo: 03/07/2020

5. INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO MÓVEL



Figura 59: Imagem de São Sebastião
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São Sebastião
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Compra, conforme escrito em *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de São Sebastião, entalhado de pé, a olhar em frente. A cabeça possui a representação do cabelo castanho e ostenta uma coroa de prata e tem olhos castanhos feitos de cristal. O braço direito está à altura da cabeça e contém uma flecha no antebraço. A mão direita está fechada e segura uma pena prateada. O braço esquerdo está estendido pelo corpo e a mão está aberta. O tronco apresenta duas flechas cravadas. Enverga uma faixa de tecido vermelho sobre a zona do tronco que contém decorações de ramos e flores com pétalas brancas, o símbolo do infinito com um vidro azul na zona central, três flechas na zona inferior, uma voluta completa à direita e uma outra à esquerda que incluem ramificações, um triângulo com interior quadriculado que contém diversas pedras douradas e, por fim, a zona superior possui uma pedra azul que está ladeada de

três folhas douradas. A zona abdominal está coberta com um cendal branco, talhado em madeira. A perna direita tem outra flecha cravada, enquanto a da esquerda apresenta apenas um orifício. O corpo está sobre uma base de madeira similar a terra. Atrás da figura há dois troncos de árvore: o da esquerda é mais alto que a imagem possuindo um ramo que sobressai à altura do abdómen e o da direita fica pela altura do joelho.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Contém os nomes e telefones dos restauradores do lado esquerdo da imagem.
- 2.3. Época / Período Cronológico: 1806. Conforme escrito na *Monographia dos Ginetes* da autoria do Padre António Lopes da Luz
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 124 cm x 74 cm x 34 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001, *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes. / Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense, Nº 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia
- 3.2. Historial: A atual imagem de São Sebastião foi adquirida no século XIX, após a perda da anterior em abalos sísmicos. A imagem possui uma Festa a si dedicada em janeiro, onde sai em procissão pelas ruas da freguesia.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 60: Base do plinto da imagem de São Sebastião
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião sendo que esta imagem está listada com o número “020”. / Durante o ano de 2015, a imagem foi enviada para a empresa de restauro Domingos Rodrigues da Silva – Arte Sacra, LDA, onde foi alvo de restauro.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 61: Imagem de São João Batista
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São João Batista
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecida
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecida

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de São João Batista, entalhada em pé a olhar de frente. Enverga um resplendor sobre a representação de cabelo castanho ligeiramente longo e barba da mesma cor. Traja uma túnica com padrão tigrado, entalhado em madeira, que cobre o tronco. Sobre o ombro esquerdo, suporta o manto vermelho, entalhado, decorado com vários elementos florais pintados a dourado. O braço direito está ligeiramente curvado e todos os dedos estão arqueados, excetuando o indicador e o anelar superficialmente esticados. O braço esquerdo está esticado e a mão segura um bordão prateado, feito de ferro, com o formato de cruz no topo. O plinto tem um pequeno cordeiro deitado sobre um livro à esquerda da imagem.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Contém os nomes e telefones dos restauradores do lado esquerdo da imagem.
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 140 cm x 36 cm x 30 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e Bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes.
- 3.2. Historial: Não sabemos em que época foi comprada a imagem de São João Batista, porém, devido à ausência do seu nome num inventário de 1939 e por constar primeira localização na Igreja na obra de António Leite, de 2001, supõe-se que terá sido doada ou adquirida na segunda metade do século XX. Esteve localizada no Batistério, tendo sido posteriormente colocada no seu atual local no altar-mor. É figura central na Festa de São João realizada no dia 24 de junho de cada ano.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “010”. / Entre 2014 e 2019, a Imagem de São João Batista foi enviada para restauro, devido a uma queda do seu altar. A informação foi passada de forma oral pela Comissão Fabriqueira da Igreja de São Sebastião.
- 5.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 62: Imagem de Jesus Cristo Crucificado
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Jesus Cristo Crucificado
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecida
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecida

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de Jesus Cristo Crucificado, entalhado em madeira, a olhar para em frente. A imagem tem a representação de cabelo e barba castanha. Possui uma coroa de espinhos, na cabeça, que está caída para a direita com os olhos fechados. O corpo está sobre uma grande cruz. Ambos os braços estão estendidos, com lesões nos pulsos e pregos nas palmas das mãos. O torso, cintura e joelhos apresentam feridas. O cendal branco sobre a cintura, com relevo a induzir movimento, possui marcas de sangue pintadas. O pé direito está sobreposto ao esquerdo e estão pregados contra a cruz. No topo da cruz encontra-se uma inscrição em formato de pergaminho. A base da imagem possui três formatos: o primeiro tem um formato quadrangular com os cantos recortados e as bordas douradas, o segundo é um cubo com os cantos recordados e as bordas inferiores e superiores douradas e contém quatro molduras quadriculares douradas, em cada lado,

com a representação de uma flor dourada ao centro e, por fim, uma base poligonal com uma fina borda dourada superior.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Possui no topo a inscrição “J.N.R.I”.
- 2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 240 cm x 74 cm x 46 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Desconhecida

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: Foi alvo de restauro no ano de 2015, segundo documentação da paróquia. / Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S.Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “011”.
- 5.3. Data do registo: 5/06/2020



Figura 63: Imagem de São Pedro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São Pedro
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Retábulo na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Compra
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação de uma imagem escultórica de São Pedro, entalhada de pé, a olhar para a frente. Contém um solidéu sobre a cabeça e possui a representação de barba acastanhada. A capa magna entalhada, que enverga, cobre-lhe as costas, ornamentada com decoração dourada, estando presa por um medalhão ao peito e sobrepõem-se nos ombros e está atada pela cintura ao lado do direito. Por baixo, veste uma túnica branca ornada com elementos dourados na zona inferior. Os braços estão ligeiramente curvados. A mão direita segura uma fita vermelha e a da esquerda apoia um bastão com uma cruz pastoral do Papa.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: 1867. Conforme escrito na *Monographia dos Ginetes* da autoria do Padre António Lopes da Luz

- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 105 cm x 32 cm x 27 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Fábrica Maior - Comprador
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista *Michaelense*, N°2. Ponta Delgada, Ayres Jayme Correia/ “Livro da Fábrica” [1671-1828] in Documentos dos Ginetes. Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.
- 3.2. Historial: De acordo com documentação mais antiga, sempre houve uma imagem de São Pedro adquirida, primariamente, pela Confraria de São Pedro e depois pela Fábrica Maior. A imagem foi colocada no seu altar, em 1867, para substituir antigas imagens que foram destruídas em eventos sísmicos sentidos na freguesia.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Regular
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A escultura apresenta problemas no estado de conservação da policromia na zona do peito, com algum desgaste da tinta dourada que está sobre a zona vermelha.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 64: Alguns problemas de policromia da imagem de São Pedro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S.Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “016”.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 65: Imagem de Nossa Senhora do Rosário
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora do Rosário
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Retábulo na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, entalhada de pé, a olhar em frente. Ostenta uma coroa prateada sobre a cabeça. A mão e braço esquerdo seguram um Menino que possui uma coroa sobre a cabeça e traja um vestido branco. A mão direita da figura feminina e a mão direita do menino seguram um terço branco. A representação mariana apresenta-se com um manto azul, com detalhes em dourado. Por baixo do manto, está a representação de um vestido rosa. A imagem está sobre a representação de uma nuvem que contém a figuração da cabeça de três anjos e assenta sobre uma base de madeira, pintada a dourado com uma cruz, em relevo, ao centro.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

- 2.3. Época / Período Cronológico: 1867. Conforme escrito na “Monographia dos Ginetes” da autoria do Padre António Lopes da Luz
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 124 cm x 37 cm x 31 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense, N°2. Ponta Delgada, Ayres Jayme Correia
- 3.2. Historial: De acordo com documentação mais antiga, sempre houve uma imagem de Nossa Senhora do Rosário adquirida, primariamente, pela Confraria do Rosário e depois pela Fábrica Maior. A atual imagem foi colocada no seu altar, em 1867, para substituir as antigas imagens que foram destruídas em eventos sísmicos sentidos na freguesia.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Deficiente
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A escultura apresenta problemas na policromia em várias zonas, sendo a maior parte deles a perda de pedaços de madeira frontal do manto azul.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO

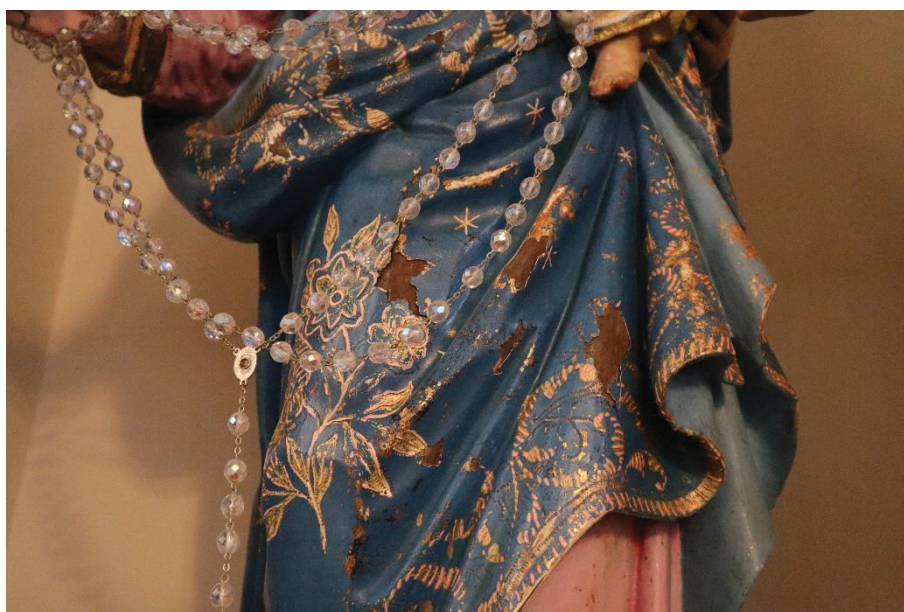


Figura 66: Percas de policromia na imagem de Nossa Senhora do Rosário
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 67: Costas da imagem de Nossa Senhora do Rosário
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “019”.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 68: Imagem de Coração de Jesus
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Coração de Jesus
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Retábulo na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica do Coração de Jesus, entalhada em madeira, olhando de frente. Sobre a representação do cabelo castanho ostenta um resplendor. A face é caracterizada pela representação da barba castanha. Uma túnica branca, talhada em madeira, cobre todo o corpo, excetuando o peito que alberga o coração exposto e a ponta dos pés. O manto vermelho está sobre os ombros tapando completamente as costas e fica pela zona abdominal. A mão esquerda está colocada junto ao peito. A mão direita está levantada com todos os dedos curvados, excetuando o indicador e o polegar.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 132 cm x 33 cm x 30 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: A imagem de Coração de Jesus não é registada num inventário datado em 1939 e é mencionada em documentação do século XXI. Terá sido incorporada durante a segunda metade do século XX nesta Igreja.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Em termos da policromia, a escultura não apresenta nenhum problema. Em termos de estrutura, a zona esquerda do manto apresenta um buraco e duas fissuras na madeira.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 69: Visão parcial das costas de Coração de Jesus
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “015”.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 70: Imagem de Nossa Senhora da Boa Hora
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora da Boa Hora
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Retábulo na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Doação de Manuel Correia dos Reis
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Nossa Senhora da Boa Hora, entalhada em madeira, a olhar para a frente. A representação do cabelo castanho curto encima uma coroa, de quatro aros com uma pequena pomba, e está coberta pela representação do véu branco. Traja um vestido rosa que lhe cobre todo o corpo, excetuando a ponta dos pés que estão calçados por uma representação de chinelos castanhos. A gola contém uma ornamentação caracterizada por diversas volutas a dourado. A representação do manto azul está colocada sobre o ombro esquerdo e cobre a cintura e a perna direita da imagem, contendo a mesma decoração dourada. A imagem está sobre a representação de uma nuvem onde está a representação de três cabeças de anjos. O plinto é pintado de verde, dourado e cinzento.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
 - 2.3. Época / Período Cronológico: 1892. Conforme escrito na “Monographia dos Ginetes” da autoria do Padre António Lopes da Luz
 - 2.4. Materiais: Madeira
 - 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
 - 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 132 cm x 33 cm x 30 cm
 - 2.7. Autor | Fabricante: Manuel Correia dos Reis - Doador
 - 2.8. Local de fabrico: Desconhecido
-

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes. /Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in *Revista Michaelense*, Nº2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia
 - 3.2. Historial: Em 1892, foi erguido o altar a Nossa Senhora da Boa Hora, no Batistério, por Manuel Correia dos Reis através das doações recebidas no Império de Espírito Santo do qual é mordomo.
-

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Deficiente
 - 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem tem problemas de policromia um pouco por todo o corpo, em especial no manto azul que já possui a madeira por baixo exposta.
 - 4.3. Data: 18/01/2020
-

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 71: Problemas na policromia de Nossa Senhora da Boa Hora
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 72: Costas da imagem de Nossa Senhora da Boa Hora
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “018”.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 73: Imagem de Nosso Senhor dos Passos
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nosso Senhor dos Passos
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Imagem de Vestir de perfil anatómico
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Capela de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição pela população
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação de uma representação de Nosso Senhor dos Passos. Estamos na presença de uma Imagem de Vestir de tipologia anatómica, entalhada em madeira, em pé. A face da imagem é caracterizada pelo cabelo verdadeiro e a representação da barba castanha. Possui uma túnica roxa, com listras douradas na manga e na cintura, que o cobre até ao tornozelo e veste um camiseiro branco por baixo. A cabeça enverga o resplendor prateado com uma pedra vermelha circular central. O corpo encontra-se curvado, sobre a base de madeira entalhada em formato de rocha, e ambas as mãos carregam a parte superior da cruz que está sobre as costas. O corpo contém na zona do abdominal, das nádegas e das pernas um tratamento policromático azul.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época/ Período Cronológico: 1924, segundo documentação no Dossiê “Algumas Importâncias recebidas e despesas em 1922” guardado no Arquivo da Igreja Paroquial de Ginetes.

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 205 cm x 84 cm x 204 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Dossiê “Algumas Importâncias recebidas e despesas em 1922”. Arquivo da Igreja de São Sebastião de Ginetes.

3.2. Historial: Entre 1922 e 1926, foram recolhidas esmolas para a aquisição desta peça para a recém-construída Capela de Nosso Senhor dos Passos. Em 1926, esta imagem foi colocada na sua edícula.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

6.4. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação. Para registo, o pé direito da imagem possui algumas rachaduras que foram coladas.

4.2. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO

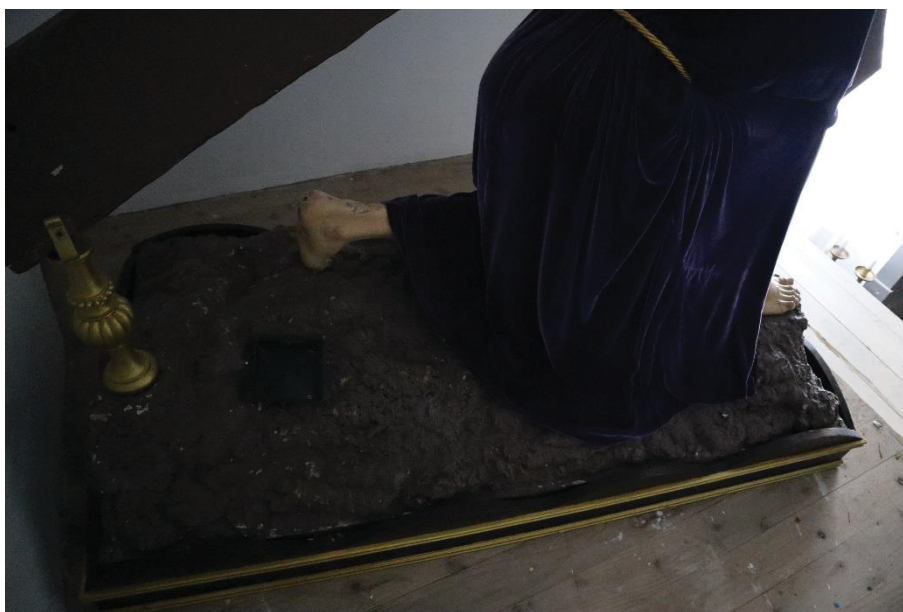


Figura 74: Representação do chão de pedra do plinto de Nosso Senhor dos Passos
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 75: Tratamento de policromia azul de Nosso Senhor dos Passos
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “025”.

6.3. Data do registo: 22/01/2020



Figura 76: Imagem de Nossa Senhora das Dores
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora das Dores
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Imagem de Vestir de perfil anatómico
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Capela de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1 Descrição técnica

Representação escultórica de Nossa Senhora das Dores. Estamos na presença de uma Imagem de Vestir de tipologia anatómica, entalhada em pé. A cabeça possui um resplendor de prata dourado e, sob ele, possui cabelo verdadeiro negro. Traja um manto azul com as bordas brancas, com diversas pedras costuradas desde a cabeça até ao chão, tapando as costas e um vestido roxo, por baixo, atado na cintura. A cara contém uma feição de dor e tristeza. As mãos da imagem estão estendidas para a frente, com a mão esquerda à altura do peito e a da direita um pouco abaixo, segurando um pano branco com detalhes dourados nas bordas. A parte interior do corpo possui na zona das pernas a coloração azul do tratamento policromático.

- 2.1. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.2. Época / Período Cronológico: 1924, segundo documentação no Dossiê “Algumas Importâncias recebidas e despesas em 1922” guardado no Arquivo da Igreja Paroquial de Ginetes.
- 2.3. Materiais: Madeira
- 2.4. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.5. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 188 cm x 47 cm x 64 cm
- 2.6. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.7. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Livro “Algumas Importâncias recebidas e despesas em 1922”
- 3.2. Historial: Entre 1922 e 1926, foram recolhidas esmolas para a aquisição desta peça para a recém-construída Capela de Nosso Senhor dos Passos. Em 1926, esta imagem foi colocada na sua edícula.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 77: Tratamento de policromia azul de Nossa Senhora das Dores
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “025”.

6.3. Data do registo: 21/05/2020



Figura 78: Imagem de Santo Antão
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santo Antão
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Capela de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecida
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Pequena imagem escultórica de Santo Antão, entalhada em madeira, virada para a frente. Possui uma auréola sobre a cabeça e representação de uma longa barba. Veste uma capa negra talhada em madeira, com diversos elementos decorativos a dourado, com a touca a cobrir a cabeça. Traja uma túnica negra amarrada no peito. A mão direita da imagem segura uma bengala enquanto a esquerda descansa sobre a barriga. A base de madeira contém um porco preto, à direita, e uma vaca, à esquerda.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XVIII
- 2.4. Materiais: Madeira

- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 82 cm x 38 cm x 32 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: “Livro da Fábrica [1671-1828]” in Documentos dos Ginetes. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- 3.2. Historial: Apesar da existência primitiva de um altar evocado a Santo Antão, não foi possível saber ao certo quando foi esta imagem doada ou adquirida pela Paróquia. Esta representação de Santo Antão sai em procissão ao redor do Largo do Tanque, no centro da freguesia de Ginetes, em dia específico durante a Festa de São João.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação. O único problema relevante é a perda de três dedos da mão direita, onde se excetua o indicador e o polegar.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 79: Costas da imagem de Santo Antão
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S.Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “013”.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 80: Imagem de São Miguel Arcanjo
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São Miguel Arcanjo
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Capela de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Doação de um anónimo
- 1.9. Época de incorporação: Século XXI

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação de uma pequena estátua de São Miguel Arcanjo, entalhado em madeira. A representação do cabelo castanho fica pela altura dos ombros. Veste uma armadura prateada, talhada, que se sobrepõe ao vestido e saia verde, possuindo listras douradas nas bordas, e calça duas botas castanhas. Tem duas asas douradas nas suas costas. A mão direita segura uma espada e a da esquerda um escudo circular. Na base, uma imagem feminina, com a representação do cabelo castanho, encontra-se deitada e olha diretamente para a cara de São Miguel Arcanjo, tendo o pé esquerdo da figura masculina sobre a cabeça.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XXI

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 36 cm x 28 cm x 18 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: A imagem foi doada por um individuo da freguesia de Ginetes à Igreja de São Sebastião.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito Bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.

4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 81: Costas da Imagem de São Miguel Arcanjo
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 82: Imagem de Imaculado Coração de Maria
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Imaculado Coração de Maria
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Sala de arrumos adjacente à Capela de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

- 2.1. Descrição técnica:
- 2.2. Representação de uma pequena estátua do Imaculado Coração de Maria, entalhada em madeira. A representação do manto azul bebé, com uma linha dourada nas bordas, ornamentado com elementos florais, volutas e vidros da cor vermelha e azul escuro, cobre da cabeça até aos pés. Por baixo, a representação do vestido branco, em relevo, possui mesmo tipo de linha dourada na gola, nas mangas e na zona inferior que tem uma estrela de cinco pontas. Ao centro do peito está a representação do coração anatómico, com pequenos raios de luz pintados a partir dele. Um cordão dourado colocado à volta do pescoço sustenta um medalhão dourado. O braço direito está arqueado para a frente, com um terço

branco colocado sobre ele, e a palma da mão virada para baixo e aberta. O braço esquerdo está esticado para a frente com a palma da mão virada para baixo e aberta. Possui a uma auréola partida colocada sobre os ombros.

2.3. Marcas ou Inscrições: Tem a inscrição de “FÁTIMA” emplacada no plinto.

2.4. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.5. Materiais: Madeira

2.6. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.7. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 81 cm x 20 cm x 18 cm

2.8. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.9. Local de fabrico: Fátima

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Desconhecido

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A escultura não apresenta problemas de conservação da policromia ou da madeira.

4.3. Data: 14/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 83: Costas de Imaculado Coração de Maria
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: A matéria de construção desta imagem é desconhecida devido a não ser possível tocá-la por estar dentro do retábulo de vidro.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 84: Imagem de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora de Fátima
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Sala de arrumos adjacente à Capela de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação de uma pequena estátua de Nossa Senhora de Fátima, entalhada em madeira, a olhar para a frente. Uma coroa de seis aros prateada na cabeça que uma cruz no topo. Um manto azul e branco cobre as costas e contém decoração dourada, com meias volutas e volutas completas desenhadas, e uma linha dourada na borda. Traja, por baixo, um vestido rosa com um medalhão à volta do pescoço, uma representação de um filete dourado pouco abaixo do peito, um cordão dourado que sustenta uma borla na cintura e uma estrela de doze pontas na parte inferior da veste. O corpo está ligeiramente reclinado para a frente, com as mãos juntas e as unhas pintadas de branco, que sustentam um terço branco e os pés estão nus e as unhas igualmente pintadas de branco. A imagem está

sustentada na representação de uma nuvem azul e rosa que possui três pássaros: um à frente, outro na direita e outro à esquerda.

2.2. Marcas ou Inscrições: Possui a inscrição de “FÁTIMA” emplacado no seu plinto.

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 36 cm x 28 cm x 18 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Fátima

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Desconhecido

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito Bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.

4.3. Data: 18/01/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “020”.

5.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 85: Imagem da Rainha Santa Isabel
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Rainha Santa Isabel
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Base de pedra na nave da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Oferta por parte do Exército português
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação de uma imagem escultórica da Rainha Santa Isabel, entalhada em madeira, a olhar em frente. A imagem possui uma auréola por trás da cabeça que enverga uma coroa dourada com pedra verde ao centro e um véu que cobre a face. Traja a representação hábito cinzento, que lhe cobre a representação do cabelo e a totalidade dos braços. Tem a representação de uma capa castanha, com as bordas douradas e pedras de diversas cores bordadas, que cobre as costas e está abotoado no ombro esquerdo. Esconde outra representação de uma capa laranja que também lhe cobre as costas. As suas mãos estão estendidas para a frente e seguram um terço.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Possui uma placa de ferro com a síntese histórica à direita do plinto. Contém uma inscrição na zona traseira do plinto que indica o restauro de 2018.

- 2.3. Época / Período Cronológico: 1942, segundo a placa do plinto
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 105 cm x 33 cm x 33 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: De acordo com a inscrição da placa colocada na imagem, esta foi uma “Oferta do 1º Batalhão Expedecionário do R.I 12, à Paróquia/de S. Sebastião dos Ginetes em comemoração do 1º anivers/ário do seu acantonamento nesta Freguesia / MCMXLI-MCMXLII”.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A escultura não apresenta problemas de conservação da policromia ou da madeira.
- 4.3. Data: 22/02/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 86: Costas da imagem da Rainha Santa Isabel
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 87: Placa de ferro lateral com inscrição
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “017”. / Entre 2014 e 2019, a imagem de Rainha Santa Isabel foi enviada para restauro. A informação foi passada de forma oral pela Comissão Fabriqueira da Igreja de São Sebastião.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 88: Imagem de São José
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São José
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Base de pedra na nave da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de São José, entalhada em madeira, virada para a frente. A imagem contém a representação de cabelo e de barba castanha. A representação do manto castanho, com a parte interior castanho claro, está colocado sobre a cintura e sobre o braço esquerdo tapando a mesma área das costas. Traja uma túnica castanha escuro que não cobre a ponta dos pés. O braço esquerdo segura ao colo um Menino trajado com uma túnica branca, talhada em madeira, que cobre o corpo. A mão esquerda deste segura a representação de uma orbe caracterizada por estrelas. A imagem está sobre uma base de madeira grossa.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 79 cm x 21 cm x 19 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Não apresenta qualquer problema de conservação da policromia e na madeira.

4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 89: Costas da imagem de São José
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S.Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por Jovens do OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião sendo que esta imagem está listada com o número “012”.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 90: Imagem da Sagrada Família
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Sagrada Família
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica da Sagrada Família, feito em porcelana, a olhar em frente. O conjunto contém três figuras: São José à esquerda, Virgem Maria à direita e o Menino Jesus Cristo ao centro. São José possui a representação de cabelo e a barba castanha, traja uma túnica roxa, com um traço dourado nas bordas superiores e inferiores, e um manto castanho sobreposto. A representação de uma flor branca é segurada pela mão direita, que está sobre o peito, e a mão esquerda dada à mão direita do Menino. O Menino Jesus Cristo traja uma túnica branca e a mão esquerda carrega uvas roxas contra o peito. Virgem Maria tem um véu branco sobre a cabeça e um vestido de cor avermelhada, que lhe cobre o corpo, e sobre ele um manto azul que vai dos ombros até aos tornozelos, contendo detalhes dourados nas bordas. A cabeça está ligeiramente inclinada e as mãos estão juntas em sinal de prece.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Possui a seguinte inscrição na parte de trás do plinto: “RESTAURADO EM 2018 POR: Jaime/ ESTADUARTE - FÁTIMA”
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI
- 2.4. Materiais: Porcelana
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 66 cm x 46 cm x 19 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.
- 4.3. Data: 18/01/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 91: Costas da imagem da Sagrada Família
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Em 2002, foi realizado um inventário intitulado “Inventário da Igreja de S. Sebastião-Ginetes” sem bases metodológicas por jovens do programa OTL. Apenas listaram numericamente e de forma ascendente cada objeto presente na Igreja de São Sebastião, sendo que esta imagem está listada com o número “014”. / Entre 2014 e 2019, a Imagem da Sagrada Família foi enviada para restauro A informação foi passada de forma oral pela Comissão Fabriqueira da Igreja de São Sebastião.

6.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 92: Imagem de Nossa Senhora das Candeias
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora das Candeias
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Sacristia da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Nossa Senhora das Candeias, entalhada em madeira, a olhar em frente. A figura tem a representação de cabelo castanho e um resplendor sobre a cabeça. Traja a representação de um vestido branco e, pela zona da cintura, tem um manto azul, em relevo, amarrado. Ambas as vestimentas possuem decorações florais douradas pintadas. O braço e mão esquerda estão apoiados sobre a barriga e contém o dedo indicador e médio esticados e os restantes fechados. O braço e mão direita sustentam um Menino nu que possui o braço direito esticado, acima do peito da figura feminina, e a mão esquerda segura uma orbe verde.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido

- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 91 cm x 33 cm x 21 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Deficiente
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura apresenta diversas rachaduras na policromia, por todo o corpo, deixando à mostra vários pedaços de madeira subjacente.
- 4.3. Data: 18/05/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: A denominação da imagem é referente à identificação que a população lhe dá. Através de investigação e consulta de bibliografia específica e dos orientadores chegou-se à teoria que, iconograficamente, parece uma Nossa Senhora do Ó. Ressalve-se a necessidade de, futuramente, haver uma pesquisa mais aprofundada.
- 5.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 93: Imagem de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora de Fátima
- 1.2. Instituição: Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.8. Forma de incorporação: Compra pela Comissão Organizadora
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica da Nossa Senhora de Fátima, feito em porcelana, a olhar em frente. Enverga uma grande coroa dourada com diversos aros na cabeça, ornamentada com detalhes similares a folhas, e contém numerosas pedras azuis nos arcos superiores e inferiores e uma cruz encimada. O véu bege cobre a cabeça e contém diversas volutas e decorações florais pintadas a dourado. Em ambos lados da zona inferior da vestimenta, possui um vidro prateado e duas coroas pintadas, com a representação de vários raios luminosos. No topo de cada coroa está um vidro azul. Debaxo do véu, existem dois vestidos de cor azul bebé, com as bordas do tecido e das mangas a dourado, que cobrem o corpo e deixam os dedos nus dos pés a aparecer. A cabeça da imagem está ligeiramente inclinada para a esquerda e ambas as mãos estão juntas à altura do peito, sustentando um terço. Por fim, a imagem está colocada numa base com a representação de uma nuvem rosa.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
 - 2.3. Época / Período Cronológico: 1936, conforme escrito na obra “*Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*” do Pároco António Leite.
 - 2.4. Materiais: Porcelana
 - 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
 - 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 114 cm x 35 cm x 24 cm
 - 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
 - 2.8. Local de fabrico: Desconhecido
-

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes.
 - 3.2. Historial: A imagem chegou à Ermida aquando o dia de abertura do edifício, no ano de 1936, vinda de barco de Lisboa.
-

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
 - 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.
 - 4.3. Data: 21/02/2020
-

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: Durante o ano de 2015, a imagem foi enviada para a Domingos Rodrigues da Silva – Arte Sacra, LDA onde foi alvo de restauro.
- 5.3. Data do registo: 21/02/2020



Figura 94: Imagem de São Francisco Marto
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São Francisco Marto
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação de uma escultura de São Francisco, feita em gesso, a olhar em frente. Tem um lenço negro amarrado sobre o cabelo. Veste um casaco castanho, com botões negros, que se sobrepõem à camisa bege e têm calças cinzentas e sapatos castanhos. Ao lado esquerdo do peito, possui uma sovadeira branca e vermelha. A mão esquerda está sobre o peito e a direita está alinhada com o corpo e segura um pau.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Tem “S.FRANCISCO” na base de madeira
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI
- 2.4. Materiais: Gesso
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 49 cm x 14 cm x 13 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.

4.3. Data: 21/02/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações: Uma fonte oral informou que esta pequena escultura foi uma substituição de uma outra que tinha sido furtada.

5.3. Data do registo: 21/02/2020



Figura 95: Imagem de Santa Jacinta Marto
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santa Jacinta Marto
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de Santa Jacinta, feita em gesso, a olhar para a frente. Possui um véu cinzento sobre a cabeça que deixa à mostra a representação do cabelo castanho. Veste uma camisa bege que têm a gola e ambas as mangas com bordas brancas. Usa uma saia preta com flores brancas pintadas e calça sapatos acastanhados. A mão esquerda está sobre a direita junto ao peito.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Tem “S^{TA} JACINTA” na base de madeira
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI
- 2.4. Materiais: Gesso
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 44 cm x 15 cm x 12 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta qualquer problema de conservação.

4.3. Data: 18/01/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações: Uma fonte oral informou que esta pequena escultura foi uma substituição de uma outra que tinha sido furtada.

5.3. Data do registo: 21/02/2020



Figura 96: Imagem de São Francisco Marto
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São Francisco Marto
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Sala das Esmolas da Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de São Jacinto, entalhado em madeira, a olhar em frente. A imagem possui um gorro sobre a cabeça, um camiseiro com um fato sobreposto, calças e sapatos. Segura uma sovadeira por um cordão que passa pelas costas e ombro esquerdo. As vestes estão pintadas de branco, excetuando a parte inferior do gorro, as bordas laterais, os botões do camiseiro e os sapatos pintados a dourado. Na base, sustentada por aros metálicos, estão duas ovelhas. A ovelha da direita está levantada e inclinada para a esquerda. A ovelha da esquerda está deitada e a olhar para a direita. Sob os seus pés, no formato de tarja, está escrito “FRANCISCO”.

2.2. Marcas ou Inscrições: Tem “FRANCISCO” inscrito na base

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 41 cm x 14 cm x 13 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Historial: Desconhecido

3.2. Fontes e bibliografia: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Regular

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem apresenta alguns problemas na policromia, designadamente o desgaste da cor branca e o aparecimento da cor acastanhada, principalmente em zonas de maior relevo.

4.3. Data: 21/06/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO

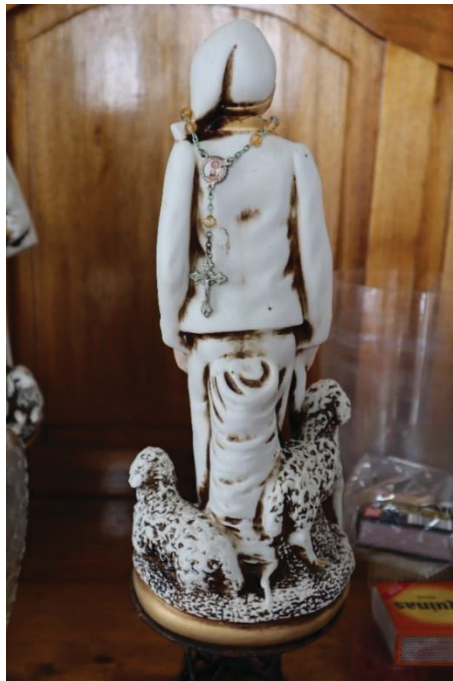


Figura 97: Costas da imagem de São Francisco Marto
Créditos fotográficos de José Frias

2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Uma fonte oral informou-me que esta pequena escultura foi uma substituta de uma outra que tinha sido furtada.

6.3. Data do registo: 21/06/2020



Figura 98: Imagem de Santa Jacinta Marto
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santa Jacinta Marto
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Sala de esmolas da Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Santa Jacinta, entalhado em madeira, a olhar para a frente. As vestes estão pintadas de branco excluindo as mangas, cinto e sapatos pintados a dourado. A imagem possui um véu sobre a cabeça, um vestido com duas listras douradas pintadas na zona do peito, da gola e uma saia. A cara e as mãos apresentam o tom de pele ligeiramente rosado com os lábios pintados. A mão direita está sobre a cintura enquanto a esquerda está estendida ao longo do corpo. No plinto, sustentado por aros metálicos, estão duas ovelhas, pintadas a preto e branco, sendo que a do lado direito está deitada com a cabeça a tocar na saia e a olhar para a direita e a da esquerda está de pé a olhar em frente. No centro da base está uma inscrição no formato de uma tarja com o nome de “JACINTA”.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Tem “JACINTA” na base de madeira
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 34 cm x 14 cm x 14 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Regular
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem apresenta alguns problemas na policromia, designadamente o desgaste da cor branca e o aparecimento no seu lugar da cor acastanhada, principalmente nas zonas de maior relevo.
- 4.3. Data: 21/06/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 99: Costas da imagem de Santa Jacinta Marto
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações:

6.3. Data do registo: 21/06/2016



Figura 100: Grupo Escultórico representando as Aparições de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Grupo Escultórico não agregado de Imagens com Nossa Senhora de Fátima, de São Francisco, de Santa Lúcia e de Santa Jacinta
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Adro da Ermida de Nossa Senhora de Fátima
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição pela Paróquia de São Sebastião
- 1.9. Época de incorporação: Século XXI

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de grupo escultórico não agregado, representando a “Aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos na Cova da Iria em 1917” compostas figurações de Nossa Senhora de Fátima, de São Francisco, da Irmã Lúcia e de Santa Jacinta, feitas em porcelana branca, colocadas sobre pilares de pedra no exterior do edifício. A imagem de Nossa Senhora de Fátima possui um manto sobre a cabeça que ocupa a totalidade das costas e tem um vestido sobreposto que vai até a ponta dos pés. As mãos estão juntas ao peito, em sinal de prece, e seguram um terço e a representação de uma borla que ficam pela altura da cintura. A zona inferior do vestido possui uma estrela de seis pontas esculpida em relevo. A imagem está encimada na representação e uma nuvem branca que fica sobre o plinto.

À sua direita, está a imagem de São Jacinto Marto virada para Nossa Senhora de Fátima com a cabeça inclinada para cima. Contém a representação do casaco, calças e sapatos.

Ambas as mãos estão juntas sobre o lado esquerdo do peito. Possui a perna direita ajoelhada sobre o plinto e a outra ligeiramente arqueada. Contém um terço branco enrolado à volta do pescoço. Atrás dele, temos a imagem de uma ovelha que está a olhar em direção à sua esquerda.

À esquerda da imagem de Nossa Senhora de Fátima, encontram-se as idênticas imagens de Santa Jacinta Marto e Irmã Lúcia. Possuem a representação do véu, vestido, saia e sapatos. Estão ambas com as mãos juntas, em sinal de prece, junto ao peito. Encontram-se ajoelhadas sobre os dois joelhos e ambas as imagens estão a olhar para cima em direção a Nossa Senhora de Fátima. À volta do pescoço, contêm dois terços brancos enrolados. A ovelha está de pé a olhar para a esquerda e encontra-se ao lado de São Francisco Marto.

2.2. Marcas ou Inscrições: Tem “ESTADUARTE DE FÁTIMA” inscrito no canto superior direito do plinto da figura de Nossa Senhora de Fátima.

2.3. Época / Período Cronológico: Século XXI

2.4. Materiais: Porcelana

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade) - Nossa Senhora de Fátima: 102 cm x 23,5 cm x 18 cm / São Francisco: 43 cm x 14 cm x 20 cm / Santa Jacinta e Santa Lúcia: 42 cm x 14 cm x 19 cm / Ovelha: 26 cm x 12.5 cm x 25 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Segundo placa colocada ao centro do pilar de pedra de Nossa Senhora de Fátima, estas imagens foram compradas pela Paróquia de São Sebastião e são colocadas durante o ano do Centenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, no dia 12 de maio de 2007.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: As imagens, apesar de estarem expostas ao tempo, não apresentam problemas de conservação visíveis.

4.3. Data: 21/06/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data do registo: 21/06/2016



Figura 101: Imagem de Santo Amaro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santo Amaro
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Base de pedra na Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Santo Amaro, entalhada em madeira, a olhar em frente. A imagem possui um resplendor de prata sobre a cabeça. Veste uma túnica preta, pintada sobre a madeira, decorada com cruces douradas, que possui uma capa curta com capuz sobre os ombros e costas. A mão direita está aberta e à altura do ombro. O braço esquerdo segura um livro fechado contra o corpo. A mão esquerda segura um bastão com o topo em formato de flor-de-lis. O plinto verde contém uma mitra branca do lado direito.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX
- 2.4. Materiais: Madeira

- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 59.5 cm x 17 cm x 12,5 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 4.1. Fontes e bibliografia: “Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Addicionaaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos. Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.
- 3.2. Historial: A incorporação desta imagem ocorreu entre o período de 1907 e 1916. É parte ativa da tradição que compõe a Festa de São Lázaro.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Regular
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Esta imagem não possui problemas visíveis a nível de estrutura. A nível da policromia apresenta alguma perda de tinta por toda a figura.
- 4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 102: Costas da imagem de Santo Amaro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 103: Imagem de Santo Antão
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santo Antão
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Base de pedra na Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de Santo Antão, entalhada em madeira, a olhar para a frente. Possui um grande resplendor na cabeça com a representação de cabelo branco e de uma longa barba branca na face. A túnica preta, com detalhes dourados pintados, cobre todo o corpo. Tem uma capa negra, sobreposta à túnica, com a mesma ornamentação dourada, a cobrir os ombros e as costas. A mão direita está aberta e à altura do ombro, enquanto a esquerda segura a Sagrada Escritura aberta. No lado direito do plinto verde está um porco rosa deitado.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 57 cm x 17 cm x 12.5 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: A incorporação desta imagem ocorreu entre o período de 1907 e 1916. É parte ativa da tradição que compõe a Festa de São Lázaro.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Regular

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Esta imagem possui diversos problemas. A nível da policromia apresenta várias lascas na tinta com maior preponderância na zona das mangas, torso e costas. Também não possui parte da madeira que sustenta o plinto. Por fim, têm a diversos buraquinhos nas costas feitos por insetos.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 104: Costas da imagem de Santo Antão
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 105: Perca de madeira no plinto da imagem de Santo Antão
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 106: Imagem de Nossa Senhora da Apresentação
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora da Apresentação
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Nossa Senhora da Apresentação, entalhada em madeira, a olhar para a frente. A representação de um véu azul marinho, com uma linha dourada pintada na borda e com diversos relevos em formato de estrelas, cobre a cabeça. Os braços sustentam a representação do manto azul escuro que cobre as costas e cintura, feito em relevo que induz movimento, possuindo uma ornamentação composta por volutas douradas, padrões florais pintados e a colocação de vidros circulares de diversas cores. A parte interior do manto é pintada em azul bebé. Por baixo, traja um vestido rosa, em relevo, com ornamentação a dourado à volta da gola e contém a pintura de um colar dourado. A cabeça da imagem está inclinada para baixo e tem uma coroa prateada de cinco aros. Ambos os braços e mãos seguram a representação de um pano branco com um Menino deitado de cabelo castanho. Os dois pés de Nossa Senhora da Apresentação

estão calçados com chinelos. A figura está sustentada numa base com o formato de nuvem azul, com listras douradas pintadas, e contém duas cabeças de anjos. O plinto tem uma base circular pintada a dourado.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 80 cm x 24.5 cm x 18 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Regular

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Em geral, a imagem apresenta alguns problemas no seu estado de conservação, nomeadamente a presença da perda de lascas de madeira, a representação do pano branco contém uma fratura, tem diversos buraquinhos na zona do plinto feita por insetos e, por fim, a perda de parte da madeira do suporte.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 107: Fratura da representação do pano branco
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 108: Costas da imagem de Nossa Senhora da Apresentação
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 109: Imagem de Santa Teresinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santa Teresinha
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Santa Teresinha, feita em gesso, a olhar para a frente. O véu negro cobre a cabeça. Traja uma capa amarela com gola castanha, em relevo, que sobrepõe o vestido negro decorado com elementos dourados. O braço esquerdo está colocado sobre o peito e a mão esquerda segura um ramo de flores. O braço direito é suportado por uma pequena imagem de Jesus Cristo na cruz. O mesmo braço está curvado sobre a barriga e contém a mão direita com a palma para baixo e aberta. Por fim, tem a representação de calçado preto sobre o plinto verde e vermelho, que possui a representação de uma flor rosa e outra verde.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Gesso

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 42.5 cm x 10.5 cm x 10 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura apresenta poucos problemas de conservação. Ao nível da policromia, tem poucas percas de cor na zona do véu, face, vestido negro e da zona vermelha da base. O maior problema são as rachaduras que apresenta na zona dos antebraços.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 110: Costas de figurinha de Santa Teresinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 111: Perca de tinta na face de Santa Teresinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 112: Imagem de Santo António
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santo António
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Santo António, entalhada em madeira, a olhar para a frente. A figura tem a representação da cabeça rapada e o cabelo acastanhado em formato circular com uma auréola sobre a cabeça. Traja uma capa castanha, em relevo, que contém na gola, no peito, nas bordas das mangas e na borda inferior uma listra dourada pintada. Por baixo, contém uma túnica cinzenta com a mesma listra na borda inferior. As mãos estão à altura do peito e seguram a Bíblia. Sobre ela, está pousado um Menino nu com a representação de cabelo castanho. Os pés nus estão sobre o plinto negro.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido
- 2.4. Materiais: Madeira

- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 75 cm x 20 cm x 15 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: “Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Addicionaaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- 3.2. Historial: É desconhecida a forma e época de incorporação desta imagem. Porém, creio que é a mesma imagem de Santo António inserida no Inventário de 1939 à Ermida da Várzea.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Deficiente
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Esta imagem apresenta problemas na policromia. Apresenta uma policromia superior, preta com detalhes a dourado, que deixa sobreposta a pintura negra original. Apresenta algumas lascas de perca de tinta na túnica, na zona frontal e traseira, no vestido e na base. O Menino já não está preso à base e, também, apresenta perca de tinta.
- 4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 113 : Costas da imagem de Santo António
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 114: Imagem do Menino de Santo António solta
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 115: Imagem de Menino Jesus de Praga
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Menino Jesus de Praga
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de um Menino Jesus de Praga, feito em gesso, a olhar para a frente. A imagem enverga uma coroa real, pintada a vermelho e dourado, na cabeça. Traja uma túnica vermelha e branca que cobre o corpo todo. A zona branca da veste apresenta volutas e detalhes negros, pintados nas laterais e zona inferior, e uma flor dourada ao centro do peito com a inscrição “JHS”. Os braços estão curvados à altura do peito, a mão direita tem o dedo indicador e anelar abertos e os restantes curvados e a da esquerda segura um globo azul, com listras douradas, que representa o mundo. Um pequeno terço com a ponta em formato de cruz está sustentado no braço direito. A figura tem a ponta dos dedos dos pés nus e está sustentada num plinto verde claro e negro que possui, em relevo, a representação de duas meias volutas douradas que ladeiam uma maçã com uma cruz da mesma cor.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: “JHS” no centro do peito.
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI
- 2.4. Materiais: Gesso
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 43.5 cm x 11 cm x 10 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito Bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta problemas de conservação.
- 4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 116: Costas da imagem de Menino Jesus de Praga
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 117: Imagem de Santa Luzia
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santa Luzia
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Santa Luzia, feita em gesso, a olhar para a frente. A figura tem a representação de cabelo castanho comprido com uma coroa de flores à volta da cabeça. Possui um manto vermelho e bege sobre o ombro esquerdo, que cobre esse lado do corpo até à cintura na zona frontal e tapa a totalidade das costas. Traja o vestido azul escuro seguro por um cordão na cintura. No pescoço, encontra-se a auréola com sete estrelas de sete pontas. O braço direito está esticado sobre o corpo com a mão a segurar a ponta inferior do manto e o braço esquerdo encontra-se curvado e a mão esquerda está aberta e sobre o peito. A imagem está sobre um plinto verde.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Gesso

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 67 cm x 16,5 cm x 15 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Regular

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta graves problemas de conservação. Possui algumas perdas de tinta na zona inferior da veste azul, na mão direita e no plinto. A auréola está partida e sobre o pescoço.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 118 - Costas da imagem de Santa Luzia
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 119 - Coroa de estrelas solta da imagem de Santa Luzia
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 120: Imagem de Santa Teresinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Santa Teresinha
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Santa Teresinha, feita em porcelana, a olhar para a frente. A figura tem a cabeça coberta pelo véu negro e bege. As costas possuem um manto bege e, por baixo, traça um vestido acastanhado. O corpo está levemente virado para a esquerda. Ambas as mãos estão junto ao peito, sendo que a da esquerda segura uma pequena imagem de Jesus na cruz e a da direita um buquê de rosas vermelhas. Os pés da imagem possuem a representação de calçado preto sobre o plinto verde.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Porcelana

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 51,5 cm x 16,5 cm x 16 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem não apresenta graves problemas a nível de conservação. Porém, destaca-se o começo de pequenas perdas de tinta no véu, nas costas da túnica e na base.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 121: Costas da imagem de Santa Teresinha
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 122: Imagem de Coração de Jesus
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Coração de Jesus
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Coração de Jesus, entalhada em madeira, a olhar em frente. Possui a representação do cabelo castanho e de barba castanha com um resplendor encimado sobre a cabeça. Contém a representação de um manto vermelho e branco que cobre as costas e a cintura. Por baixo, traça uma túnica branca com a gola, o cordão na zona da cintura e a borda inferior de cor dourada. Ambas as representações das vestes são em relevo. A mão esquerda está sobre o peito com o indicador a apontar para a representação do coração anatómico que tem uma artéria verde representada, uma cruz no topo e a representação de luz dourada ao redor. O braço direito está contracurvado e a mão está aberta com a palma para cima. Ambas as mãos têm a marca de buracos pintados de vermelho. As pontas dos pés estão nuas sobre o plinto preto.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 114 cm x 32 cm x 26 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Regular
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A imagem apresenta alguns problemas a nível de conservação. A policromia apresenta perda superficial por todo o corpo. O problema mais grave é a perda do polegar e indicador da mão direita.
- 4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 123: Costas da imagem de Coração de Jesus
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 124: Perca do polegar e indicador na mão direita
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 125: Imagem de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora de Fátima
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Nicho do Corpo Principal da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação da imagem de Nossa Senhora de Fátima, entalhada em madeira, a olhar para a frente. Enverga sobre a cabeça, ligeiramente inclinada para a esquerda, uma coroa com uma cruz encimada. Um manto branco, ornamentado com elementos dourados, cobre todo o corpo até à altura dos tornozelos. Por baixo, traja a representação de um vestido branco que deixa ver a ponta dos dedos do pés nus. As mãos estão juntas, em sinal de prece, e seguram um cordão que possui uma borla na ponta que fica junto à barriga. A imagem está sustentada na representação de uma nuvem sustentada numa base de madeira.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 91 cm x 16 cm x 16 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Não possui
- 3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: Não possui qualquer problema relevante.
- 4.3. Data: 01/10/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 126: Costas da imagem de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

- 6.1. Responsável: José Frias
- 6.2. Observações: A imagem esteve em restauro, em Braga, no mês de maio de 2020. /Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.
- 6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 127: Imagem de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora de Fátima
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Batistério da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Nossa Senhora de Fátima, feita de porcelana, a olhar para a frente. A figura possui a representação de um véu azul claro, com elementos decorativos dourados e vidros azuis e vermelhos, que a cobre da cabeça aos pés. Traja um vestido azul e, por baixo, uma túnica branca. A cabeça está ligeiramente inclinada para a esquerda encimando uma grande coroa dourada de seis aros, com diversos elementos em formato lunar, e uma cruz no topo. Ambas as mãos estão junto ao peito e um terço rosa, suportado pelos pulsos, tem ponta em forma de coração. Os pés descalços estão sobre a representação de uma nuvem colocada num suporte em madeira.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX/XXI

2.4. Materiais: Porcelana

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 86 cm x 26,5 cm x 15 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: Não possui

3.2. Historial: Não possui

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura não apresenta qualquer problema de conservação.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 128: Costas da imagem de Nossa Senhora de Fátima
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 129: Imagem de Coração de Jesus
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Coração de Jesus
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Base de madeira na Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Doação de Manuel dos Reis
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica de Coração de Jesus, entalhada em madeira, a olhar para a frente. Tem a representação de cabelo longo castanho e barba castanha. Sobre a cabeça possui uma grande auréola. A representação da túnica branca, e, relevo a induzir movimento, cobre todo o corpo excetuando a ponta dos dedos dos pés. O manto vermelho representado cobre as costas e é suportado pela dobra do cotovelo direito e pelo ombro esquerdo, contendo uma listra dourada nas pontas. Tem a representação do coração anatómico vermelho com a representação de luz, ao centro do peito. Possui buracos negros na face das mãos e as palmas estão apoiadas sobre o peito. Está sobre uma orbe negra sustentada por um plinto de madeira circular.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

- 2.3. Época / Período Cronológico: Século XX
 - 2.4. Materiais: Madeira
 - 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
 - 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 111 cm x 37 cm x 30 cm
 - 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
 - 2.8. Local de fabrico: Desconhecido
-

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Recolha de testemunho de Luís Cordeiro
 - 3.2. Historial: Em 1958, foi oferecida por Manuel dos Reis, emigrante dos Estados Unidos, que queria erguer uma Ermida no Pico da Várzea. Após uma grande festa em sua honra, realizada em julho desse ano, a obra acabou por não avançar. Derivado a isso, a imagem acabou por ser oferecida à Igreja de Jesus Maria José.
-

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
 - 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura não apresenta qualquer problema de conservação.
 - 4.3. Data: 19/05/2020
-

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: Foi alvo de restauro em 2018, segundo informação cedida pelo padre Marco Tavares.
- 5.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 130: Imagem do Imaculado Coração de Maria
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Imaculado Coração de Maria
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Base de madeira na Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Doação de Manuel dos Reis
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica do Imaculado Coração de Maria, entalhada em madeira, a olhar para a frente. Uma grande auréola está sobre a cabeça coberta pelo manto branco, em relevo, que cobre as costas. Por baixo, a representação do vestido branco cobre o corpo, excetuando a ponta dos pés descalços. Possui os braços e as mãos abertas que seguram um terço branco e deixam à mostra o coração anatómico avermelhado. Contém um cordão dourado à volta do seu pescoço com um coração dourado na ponta. A imagem está sobre a representação de uma nuvem rosa e azul sustentada por um plinto retangular.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX

- 2.4. Materiais: Madeira
 - 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
 - 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 110 cm x 37 cm x 30 cm
 - 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
 - 2.8. Local de fabrico: Desconhecido
-

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: Recolha de testemunho de Luís Cordeiro
 - 3.2. Historial: Em 1958, foi oferecida por Manuel dos Reis, emigrante dos Estados Unidos, que queria erguer uma Ermida no Pico da Várzea. Após uma grande festa em sua honra, realizada em julho desse ano, a obra acabou por não avançar. Derivado a isso, a imagem acabou por ser oferecida à Igreja de Jesus Maria José.
-

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
 - 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura não apresenta qualquer problema de conservação.
 - 4.3. Data: 19/05/2020
-

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: Foi alvo de restauro em 2018.
- 5.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 131: Imagem de São Lázaro Bispo
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: São Lázaro Bispo
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Peanha do Retábulo-mor na Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Século XX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de São Lázaro, entalhada em madeira, a olhar para a frente. A imagem tem uma mitra branca sobre a cabeça. Traja um pluvial vermelho ornamentado com vários elementos dourados. Está paramentado de batina rosácea com uma sobrepeliz branca com detalhes em roxo sobreposta. Ambas as mãos contêm luvas brancas. A mão direita está acima do ombro e possui o polegar, indicador e médio abertos e os dois restantes fechados. O braço direito sustenta um báculo. O braço esquerdo curvado para dentro e a mão aberta com a palma para baixo. A imagem encontra-se sustentada num plinto de madeira retangular pintado de verde e dourado.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XX

- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 72 cm x 22 cm x 16 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Comprado por Teodomiro Tavares
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: “Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Addicionaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos. Biblioteca Pública e Arquivo Regional. / Recolha de testemunho de Luís Cordeiro.
- 3.2. Historial: Esta imagem terá sido comprada no início da Festa de São Lázaro efetuada no lugar da Várzea que já ocorria em 1920. Terá sido doada à Igreja em data posterior a 1939. É uma das imagens que saem durante a Quinta Semana da Quaresma em procissão na Festa de São Lázaro.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Regular
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura não apresenta qualquer problema de conservação. Apenas o plinto apresenta problemas na policromia com lascas de madeira visíveis.
- 4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 132: Costas de São Lázaro Bispo
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 133: Imagem de Nossa Senhora da Conceição
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Nossa Senhora da Conceição
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica:

Representação escultórica de Nossa Senhora da Conceição, feita de porcelana, a olhar para a frente. Possui a representação de cabelo castanho e traja um vestido branco com um manto azul e vermelho sobreposto, com elementos decorativos em dourado, que cobre as costas e o braço esquerdo. Ambas as mãos estão apoiadas no peito e cobertas pelo manto. A imagem está apoiada numa nuvem onde estão representadas três cabeças de anjos, num plinto circular cilíndrico.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido
- 2.4. Materiais: Porcelana

2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno

2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade): 72, 5 cm x 28 cm x 21 cm

2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Fontes e bibliografia: “Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Addicionaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos.

3.2. Historial: Desconhece-se o ano e forma da sua incorporação, mas sabemos através do inventário de 1939 que já se encontrava no templo.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Regular

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura não apresenta qualquer problema de conservação de maior. Referencio apenas alguma perda de tinta dourada na figuração da nuvem e a visão de uma antiga rachadura na cabeça.

4.3. Data: 19/05/2020

5. ANEXO FOTOGRÁFICO



Figura 134: Costas da imagem de Nossa Senhora da Conceição
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 135: Rachadura na cabeça de Nossa Senhora da Conceição
Créditos fotográficos de José Frias
2020

6. INVENTÁRIO

6.1. Responsável: José Frias

6.2. Observações: Nenhuma das imagens da Igreja de Jesus Maria José possui documentação na sacristia, segundo informou o Padre Marco Tavares.

6.3. Data do registo: 19/05/2020



Figura 136: Imagem da Sagrada Família
Créditos fotográficos de Luís Cordeiro
2018

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Sagrada Família
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José - Várzea
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura de Vulto
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Imaginária
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Representação escultórica da Sagrada Família, entalhada em madeira, a olhar para a frente. A imagem contém a representação de São José à esquerda, da Virgem Maria à direita e do Menino Jesus Cristo ao centro. São José possui a representação do cabelo e a barba castanha e enverga o resplendor sobre a cabeça. Traja uma túnica azul com o manto dourado e vermelho sobreposto desde ombro direito à cintura do lado esquerdo. A mão direita segura um ramo de flor, enquanto a esquerda está pousada. O Menino Jesus Cristo tem um resplendor sobre a cabeça e veste uma túnica rosa que cobre o corpo. O braço direito está estendido com a palma da mão aberta e a mão esquerda está pousada sobre a cintura. A Virgem Maria contém um véu azul sobre a cabeça, com elementos decorativos

dourados, que cobre as costas e parcialmente o peito, a barriga e o abdómen. Por baixo, tem um vestido branco, em relevo, que cobre o corpo. A cabeça está ligeiramente inclinada para a direita e encima uma coroa prateada de quatro aros. Os braços estão contracurvados e direcionados para a esquerda em direção ao Menino Jesus com a palma da mão direita virada para baixo e a da mão esquerda para baixo. As imagens estão sobre um plinto de madeira em forma de rocha.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Técnicas: Imagem de Vulto pleno
- 2.6. Dimensões gerais (Altura x Largura x Profundidade); 132 cm x 108 cm x 45 cm
- 2.7. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.8. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Fontes e bibliografia: “Ilhas de Sam Miguel – Administração do Concelho de Ponta Delgada – Autos Adicionaaes e Inventário dos Bens da Parochia dos Ginetes” in Autos de avaliação dos bens e rendimentos. / Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes. / Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense. N^o 1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia.
- 3.2. Historial: O altar-mor evocado a esta imagem foi feito durante o ano de 1755. Posteriormente, não sabemos se a imagem ali se manteve durante os diversos abalos que a localidade sofreu ao longo do período. Sabemos que, provavelmente, é uma das duas imagens da Sagrada Família inseridas no inventário de 1939.

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Muito bom
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: A figura não apresenta qualquer problema de conservação.
- 4.3. Data: 19/05/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações: Segundo o Padre Marco Tavares, a imagem foi para restauro no ano de 2018. / A fotografia utilizada de 2018 foi derivado ao difícil acesso ao altar devido à sua elevada altura.
- 5.3. Data do registo: 19/05/2020

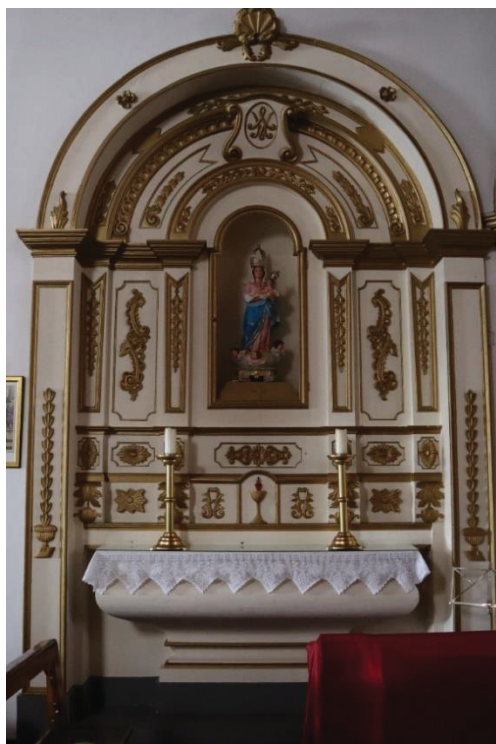


Figura 137: Retábulo de Nossa Senhora do Rosário
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Denominação: Retábulo de Nossa Senhora do Rosário

1.2 Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes

1.3 Categoria: Escultura

1.4 Subcategoria: Escultura de baixo-relevo

1.5 Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Retábulo

1.6 Número de inventário: Não possui

1.7 Localização atual: Lateral esquerda ao altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes

1.8 Forma de incorporação: Aquisição

1.9 Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1 Descrição técnica

Retábulo inserido no recesso de um arco. O arco externo possui no remate a reprodução de uma concha e é decorado por ornado vegetalista, como folhas e flores, sendo suportado por duas pilastras, ornadas com representações de um cálice e festões, que terminam numa cornija saliente e reentrante contínua e contém dois festões decorativos.

O ático composto por duas arquivoltas ostenta no remate superior uma cartela de perfil contracurvado onde se pode ler o monograma “L M” com ornados vegetalistas.

O corpo encontra-se separado do ático e é composto por três tramos. A tribuna é caracterizada pelo formato retangular coroado pelo remate em semicírculo e contém a moldura de janela do mesmo formato. Esta possui uma base de madeira com uma cruz

em relevo, onde fica a imagem de Nossa Senhora da Boa Hora, encontrando-se ladeado por duas pilastras. O corpo central contém molduras retangulares, que delimitam os tramos laterais, com a zona superior em forma de seta com ornamentação vegetalista relevada. Entre as duas pilastras, existem duas molduras recortadas e ornamentadas com motivos recortados em asa de morcego em recorte rocaille.

O banco é composto por duas secções divididas por duas faixas horizontais sobrepostas. A primeira secção denominada de predela contém um grupo de três rosáceas em cada tramo lateral. Na zona central, encontra-se uma moldura maior e igual ornamentada por um par de volutas em cada lado e a reprodução de uma flor em motivos em ferragem.

A segunda secção do banco possui quatro mísulas com flores de acanto que delimitam os dois tramos laterais e, entre elas, está uma rosácea. Na zona central, a ladear um cálice em relevo, estão dois ornamentos em voluta com folhagens.

O retábulo assenta sobre o sotobanco. Há frente do altar, está a urna com um tampo de vidro sobreposto.

Todo o retábulo é pintado de branco excetuado as molduras e as ornamentações em talha dourada.

2.2 Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3 Época / Período Cronológico: Século XIX

2.4 Materiais: Madeira

2.5 Autor | Fabricante: Confraria de Nossa Senhora do Rosário

2.6 Local de fabrico: Desconhecido

3 HISTORIAL

3.1 Historial: O altar de Nossa Senhora do Rosário foi edificado em 1730 e consertado em 1733, 1795 e 1882. Durante os séculos XX e XXI, foram apenas repintados algumas vezes sem terem sido realizadas obras à sua estrutura. O último repinte conhecido foi realizado em 2003.

3.2 Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes/ Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense. Nº 1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia.

4 CONSERVAÇÃO

4.1 Estado de Conservação: Razoável

4.2 Especificações/Descrição geral do estado de conservação: O retábulo não apresenta problemas estruturais graves visíveis. Porém ressalve-se a perda do dourado da purpurina, a presença de diversos buraquinhos efetuados por insetos em diversos locais do altar e da oxidação dos pregos que apresentam uma camada azul.

4.3 Data: 22/06/2020

5 INVENTÁRIO

5.1 Responsável: José Frias

5.2 Observações:

5.3 Data do registo: 14/05/2020



Figura 138: Retábulo de Coração de Jesus
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Retábulo de Coração de Jesus
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura arquitetónica
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Retábulo
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Retábulo em formato de arco côncavo. O arco externo é decorado por dois festões, no remate superior, que descrevem um semicírculo e ladeiam a cartela de perfil contracurvado com um monograma de perfil de vegetalista. Este é suportado por pilastras laterais ornado com dois festões que findam numa cornija reentrante e contínua.

O coroamento possui um segundo semicírculo de festões e, por baixo destes, uma forma amendoada branca sobre uma glória dourada flanqueada pela representação de feixes de luz ladeado por dois ornados vegetalistas de recorte assimétrico.

O corpo separado pela cornija é composto por três tramos e uma tribuna. As laterais que antecedem os tramos laterais contem um ornado vegetal de recorte assimétrico e, por baixo, um ornado vegetalista. Os tramos laterais são simétricos e delimitados por duas colunas torsas. A primeira é completamente dourada. A segunda é pintada de branco e ornada com parras e uvas. Cada coluna forma um arco, com o remate superior colocado no ático, e a envolver a tribuna. Esta está ao centro do corpo e salvaguarda a imagem de Coração de Jesus, contendo a moldura de uma janela, em formato retangular com um semicírculo superior, e possui a decoração interior de raios de luz.

O banco é separado por duas secções. A primeira secção é a predela e é composta por quatro mísulas ornamentadas com flores de acanto. Na zona central, estão três molduras que contêm três ornados de inspiração em flores de acanto e duas pequenas mísulas acantonadas que ladeiam a moldura central.

A segunda secção contém a continuação das seis mísulas. As duas mísulas com flores de acanto que são a base da coluna dourada caracterizam-se por um ornado floral e pela cobertura de talha dourada na zona inferior. As duas mísulas com flores de acanto assentam na coluna branca, caracterizam-se pelas volutas nas laterais. O sacrário contracurvado é ornamentado pelo par de duas volutas invertidas com a representação de folhagens, em cada lado, e por dois pequenos festões que ladeiam a porta do sacrário, em formato de arco, que contem a reprodução de um resplendor com uma cruz no topo.

A mesa do altar possui diferentes suportes de velas. A urna contém um tampo envidraçado sobreposto e caracteriza-se pelo formato ondulado de base retangular.

Todo o retábulo é pintado de branco excetuado as molduras e as ornamentações em talha dourada.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XIX

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Autor | Fabricante: Junta da Paróquia

2.6. Local de fabrico: Desconhecido

3. HISTORIAL

3.1. Historial: É provável, devido à semelhança dos elementos, que este retábulo seja o altar de Santo Antão que foi reedificado no ano de 1882. Foi repintado pela última vez em 2003.

3.2. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001 *Um olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes/ Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense. Nº 1 e 2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia.

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: O retábulo não apresenta problemas estruturais graves visíveis. Porém ressalve-se a perca do

dourado da purpurina, a presença de diversos buraquinhos efetuados por insetos em diversos locais do altar e da oxidação dos pregos que apresentam uma camada azul.

4.3. Data: 22/06/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 139: Retábulo de São Pedro
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Retábulo de São Pedro
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura arquitetónica
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Retábulo
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Retábulo em formato de arco côncavo. O arco externo é decorado por dois festões, no remate superior, que descrevem um semicírculo e ladeiam a cartela caracterizada pelas volutas laterais e a representação de uma concha com um ornado vegetalista. Este é

suportado por pilastras laterais ornado com um festão que findam numa cornija reentrante e contínua.

O ático é delimitado pelo arco exterior e por uma arquivolta espiralada tendo no intradorso elementos decorativos de que sobressai a forma oval branca sobre uma glória dourada flanqueada pela representação de feixes de luz ladeado por dois ornados vegetalistas de recorte simétrico.

O corpo está separado pelas cornijas contínuas e reentrantes sendo composto por três tramos com uma tribuna. Os tramos laterais contêm um ornado vegetalista de recorte simétrico e por baixo, outro pequeno ornado floral. Contém duas colunas que delimitam os tramos laterais. A primeira delas é completamente dourada e a segunda é pintada de branco e ornada por parras e uvas. Cada coluna forma um arco, com o remate superior presente no ático, que envolvem a tribuna. Esta está ao centro do corpo e salvaguarda a imagem de São Pedro, contendo a moldura de uma janela, em formato retangular com um semicírculo superior, e possui a decoração interior de feixes de luz.

O banco é separado por duas secções. A primeira secção é a predela composta por seis mísulas com flores de acanto. No espaço entre cada mísula encontra-se um ornado com inspiração em flores de acanto. Na zona central, contêm uma moldura de cantos recortados com o fundo branco ladeado por duas pequenas mísulas acantonadas.

A segunda secção contém a continuação das seis mísulas. As duas mísulas acantonadas que são a base da coluna dourada caracterizam-se pela cobertura de talha dourada na zona inferior. As duas mísulas centrais onde assenta a coluna branca caracterizam-se pelas volutas nas laterais. A porta do sacrário, em formato de arco, está ladeada por duas mísulas em formato de voluta e contém no interior um hostiário.

A mesa do altar possui grandes suportes de velas. A urna contém um tampo envidraçado sobreposto e caracteriza-se pelo formato ondulado de base retangular.

Todo o retábulo é pintado de branco excetuado as molduras e as ornamentações em talha dourada.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XIX

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Autor | Fabricante: Junta da Paróquia

2.6. Local de fabrico: Desconhecido

3. HISTORIAL

3.1. Historial: O altar de São Pedro foi edificado em 1725 e foi destruído. O atual retábulo foi edificado em 1882. Posteriormente, durante o século XX e XXI, foi apenas repintado sendo a sua última vez em 2003.

3.2. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001, *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes/Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in *Revista Michaelense*, Nº2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: O retábulo não apresenta problemas estruturais graves visíveis. Porém ressalve-se a perca do

dourado da purpurina, a presença de diversos buraquinhos efetuados por insetos em diversos locais do altar e da oxidação dos pregos que apresentam uma camada azul.

4.3. Data: 22/05/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 140: Retábulo de Nossa Senhora da Boa Hora
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Retábulo de Nossa Senhora da Boa Hora
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião de Ginetes
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura arquitetónica
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Retábulo
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de São Sebastião dos Ginetes
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição
- 1.9. Época de incorporação: Século XIX

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Retábulo em formato de arco convexo. O arco externo é composto por molduras douradas com o fundo branco presente no remate superior e nas pilastras que estão separadas por uma cornija contínua e reentrante.

O ático é formado por três arquivoltas espiraladas e ornadas com espigas unidas por três mísulas em leque cobertas por flores de acanto. O corpo é composto por três tramos tendo ao centro uma tribuna. Os tramos laterais são delimitados pelas duas colunas torsas e contém uma moldura vertical com fundo branco. A tribuna é delimitada por uma fina moldura de uma janela de formato retangular com o remate superior semicircular, albergando no interior a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Abaixo dela, está um pequeno nicho com abertura retangular com uma moldura dourada do mesmo formato. O banco do retábulo possui as quatro mísulas de flores de acanto onde assentam as colunas. Este contém duas pequenas molduras douradas laterais com o fundo branco e uma maior ao centro.

Todo o retábulo é pintado de branco excetuando as molduras e as ornamentações em talha dourada.

- 2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui
- 2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido
- 2.4. Materiais: Madeira
- 2.5. Autor | Fabricante: Desconhecido
- 2.6. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

- 3.1. Historial: Este retábulo foi construído aquando a oferta da imagem de Nossa Senhora da Boa Hora no Século XIX. Segundo fontes populares, estava localizado no Batistério e foi posteriormente substituído para o local atual.
- 3.2. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes/Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in *Revista Michaelense*, Nº2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia

4. CONSERVAÇÃO

- 4.1. Estado de Conservação: Razoável
- 4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: O retábulo não apresenta problemas estruturais graves visíveis. Porém ressalve-se a perda do dourado da purpurina, a presença de diversos buraquinhos efetuados por insetos em diversos locais do altar e da oxidação dos pregos que apresentam uma camada azul.
- 4.3. Data: 22/06/2020

5. INVENTÁRIO

- 5.1. Responsável: José Frias
- 5.2. Observações:
- 5.3. Data do registo: 14/05/2020



Figura 141: Retábulo do altar-mor da Igreja de São Sebastião
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Retábulo do altar-mor de São Sebastião
- 1.2. Instituição: Igreja de São Sebastião
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura arquitetónica
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Retábulo
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor de São Sebastião
- 1.8. Forma de incorporação: Desconhecido
- 1.9. Época de incorporação: Desconhecido

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Retábulo em arco de volta perfeita presente na capela-mor. O ático é composto por três arquivoltas caracterizadas pela presença de duas colunas torsas que ladeiam a arquivolta principal e seis mísulas douradas que atravessam verticalmente o arco e dividem, entre cada espaço, um ornamento com detalhes vegetalistas, semicírculos, florais e uma concha ao centro sendo, ao todo, seis ornamentos dispostos na arquivolta principal.

No topo do ático está um símbolo heráldico de São Sebastião composto com duas volutas superiores e inferiores que albergam quatro flechas douradas a atravessar uma luz sobre um fundo vermelho.

O corpo está separado pelas cornijas contínuas e reentrantes sendo composto por três tramos e uma tribuna. Os tramos laterais são enquadrados por uma moldura na extremidade, duas colunas torsas a ladear grandes ornamentos vegetalistas e as peanhas.

Cada tramo lateral, contém, para além das peanhas, imenso ornado vegetalista como festões e outros tipos de ornamentos a cobrir todos os elementos, em talha dourada. A tribuna em arco, emoldurada pelas colunas torsas e detalhes de madeira em formato de semicírculo, alberga uma base de madeira, pintada de branco, com bordas douradas e a imagem de Jesus Cristo Crucificado. O banco, sem predela, é composto por seis mísulas, três em cada lado, que assentam sobre o sotobanco que possui a continuação das mesmas. A mesa do altar está revestida em talha dourada possuindo, sobre o tampo, uma toalha branca com renda à volta e, na zona frontal, uma toalha roxa com decorações a dourado e em cima da mesma estão velas e o sacrário caracterizado pela porta prateada.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Desconhecido

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.6. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Historial: A informação que há sobre este altar é do seu douramento, pintura e restauro em 1843.

3.2. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001, *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes/ Luz, António José Lopes da. 1918. “Monographia dos Ginetes” in Revista Michaelense, Nº2. Ponta Delgada, Ayres Jácome Correia

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Razoável

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: O retábulo não apresenta problemas estruturais graves visíveis. Porém ressalve-se a perda do dourado da purpurina, a presença de diversos buraquinhos efetuados por insetos em diversos locais do altar e da oxidação dos pregos que apresentam uma camada azul.

4.3. Data: 9/11/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data do registo: 17/12/2020



Figura 142: Retábulo do altar-mor da Igreja de Jesus Maria José
Créditos fotográficos de José Frias
2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação da peça: Retábulo da Sagrada Família
- 1.2. Instituição: Igreja de Jesus Maria José
- 1.3. Categoria: Escultura
- 1.4. Subcategoria: Escultura arquitetónica
- 1.5. Descritores: Património Cultural; Património Móvel; Arte Sacra; Retábulo
- 1.6. Número de inventário: Não possui
- 1.7. Localização atual: Altar-mor da Igreja de Jesus Maria José
- 1.8. Forma de incorporação: Aquisição
- 1.9. Época de incorporação: Século XVIII

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1. Descrição técnica

Retábulo terminando em arco abatido localizado na capela-mor. O ático é composto por duas arquivoltas estreitas e pintadas de cor beje contendo quatro festões, dois em cada lado. A chave e aduela do arco estão ladeada por ambas e está pintada de azul bebé contendo, em ambos os lados, um ornamento vegetalista. No intradorso no ático inscrevem-se ornamentos vegetalistas e nos tramos laterais do corpo do retábulo duas peanhas douradas e baldaquino. A meio do ático está um monograma contracurvado com um ornamento similar a ramos que aparentam ter a forma de uma coroa. O sotobanco contém apenas a madeira pintada de azul.

O corpo está separado pelas cornijas contínuas e reentrantes sendo composto por três tramos com uma tribuna ao centro. Os tramos laterais são caracterizados por quatro pilastras ornamentadas por bordas douradas que ladeiam as peanhas. As pilastras das extremidades possuem um festão e as pilastras centrais um ornamento vegetalista com

um losango maior que alberga outro mais pequeno. Cada tramo lateral, pintado de azul, contém, para além das peanhas, molduras retangulares douradas com a zona inferior em arco e uma borda em formato de arco côncavo.

O centro do retábulo é composto por uma tribuna em arco, emoldurada por um rendilhado em madeira, e alberga um trono de três andares, pintado de branco, com ornamentos retangulares dourados com fundo azul. O banco, sem predela, é pintado de azul com remates dourados e tem ao centro o sacrário branco e dourado.

A mesa do altar, quase da mesma altura do banco, é revestida de talha dourada e tem uma toalha branca com renda sobre o tampo.

2.2. Marcas ou Inscrições: Não possui

2.3. Época / Período Cronológico: Século XVIII

2.4. Materiais: Madeira

2.5. Autor | Fabricante: Desconhecido

2.6. Local de fabrico: Desconhecido

3. ORIGEM / HISTORIAL

3.1. Historial: Este retábulo foi comprado pelo Cura João Francisco Rebelo, no ano de 1785, ao Vigário da Matriz de Ponta Delgada, por vinte e cinco mil reis.

3.2. Fontes e bibliografia: Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes

4. CONSERVAÇÃO

4.1. Estado de Conservação: Muito bom

4.2. Especificações/Descrição geral do estado de conservação: O retábulo não apresenta problemas estruturais graves visíveis.

4.3. Data: 9/11/2020

5. INVENTÁRIO

5.1. Responsável: José Frias

5.2. Observações:

5.3. Data do registo: 17/12/2020

6. INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMATERIAL

IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação: As festas de São Lázaro
- 1.2. Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos
- 1.3. Categoria: Festividades cíclicas
- 1.4. Localização: Lugar da Várzea, freguesia de Ginetes, concelho de Ponta Delgada

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

- 2.1. Contexto Social: A Festa de São Lázaro é organizada pela comunidade cristã que frequenta a Igreja de Jesus Maria José. A participação na festa é, normalmente, de pessoas entre os quarenta e os oitenta anos.
- 2.2. Contexto Territorial: O contexto desta tradição alberga somente o lugar da Várzea, que sita a três quilómetros da freguesia de Ginetes.
- 2.3. Contexto de Produção: 1920 – 2017
- 2.4. Data de realização: Quinto domingo da Quaresma
- 2.5. Transmissão: De forma oral entre a comunidade local.

3. ESTADO

- 3.1. Atividade: Inativa
- 3.2. Períodos de interrupção ou cessação: Interrompida entre 2017 e 2020

4. CARACTERIZAÇÃO

- 4.1. Caracterização detalhada

A Festa de São Lázaro é uma tradição religiosa que se realiza no quinto domingo da Quaresma, quinze dias antes da Páscoa. Nas duas semanas anteriores à Páscoa, a Comissão Organizadora, antigamente, percorria a freguesia para solicitar a oferenda de ingredientes para as massas. Para além dos ingredientes doados, o restante em falta é adquirido

Na terça-feira da semana da festa, em casa disponibilizada por residentes do lugar da Várzea, reúne-se um grupo de cozinheiras, lideradas pela dona da habitação, que executam a confeção dos *carrilhos*, massas que são cozidas com diversos formatos como estrelas até à quinta-feira. Na sexta-feira, cozinham massas em formato de membros humanos e de animais reproduzidos manualmente. As formas dos membros humanos são solicitadas pelas pessoas à cozinheira organizadora para a cura de maleitas que a aflijam, a outrem ou a algum dos seus animais. Durante este período são realizadas cerca de quarenta cozeduras.

No domingo, a comunidade reúne-se à frente da casa, que serviu para a confeção, e a massa é benzida pelo pároco. Posteriormente, é levada para a Igreja de Jesus Maria José, em procissão, realizando-se a eucaristia da Festa de São Lázaro após a chegada. No final desta, os presentes escolhem entre os diversos formatos de massa anatómica e elevam-nas às imagens de São Lázaro, Santo Amaro e Santo Antão a pedir a cura das doenças. Durante a tarde, decorre a *arrematação* da massa onde se pode comprar a massa produzida. Basicamente, uma pessoa pode comprar a massa e levá-la consigo ou dar o

seu valor em dinheiro sem a levar, o que permite que seja novamente comprada. O valor acumulado monetariamente é dado à Igreja.

5. ASSOCIAÇÃO

- 5.1. Património Material associado: Imagem de São Lázaro Bispo, imagem de Santo Amaro e imagem de Santo Antão
 - 5.2. Comunidades abrangidas: Comunidade cristã do lugar da Várzea
 - 5.3. Indivíduos/Instituições envolvidas: Comissão Paroquial da Igreja de Jesus Maria José
-

6. HISTORIAL

- 6.1. Historial: A festa de São Lázaro iniciou-se no fim da segunda década do século XX, devido a uma queda que originou ferimentos graves a uma menina, que seria filha ou afilhada, do residente e lojista do lugar da Várzea, Teodomiro Sousa Tavares, que era natural da Ribeira Grande. Por vontade dele, comprou a atual imagem de São Lázaro Bispo, que se encontra na Igreja, de forma a pedir a cura da criança. Após isso, ofereceu a sua residência para a confeção das massas. Depois dele, várias outras pessoas ofereceram as suas casas: a sua vizinha Maria Filomena de Jesus e seguiu-lhe Rosa Correia e Marino Correia, Maria José e Adelino Trindade e, por fim, Natália Oliveira e Manuel Oliveira.
 - 6.2. Fontes e bibliografia: Pavão, Rubens. 1987 No 1º centenário da criação das escolas Várzea / Sete Cidades. Ponta Delgada, Direcção Escolar de Ponta Delgada./ Recolha de testemunho de Luís Cordeiro/ *Diário dos Açores* de 20 de março de 1920: Série 4º. N°8443
-

7. AMEAÇAS

- 7.1. Considerações: A principal ameaça à realização das festividades em honra a São Lázaro está associada ao menor interesse pelos fenómenos de devoção religiosa, manifestado por parte das camadas mais jovens da comunidade residente no lugar da Várzea. Este desinteresse, articulado com condicionantes de ordem logística, foram a razão da interrupção da festa nos últimos anos.
-

8. DIVULGAÇÃO

- 8.1. Práticas: A Festa de São Lázaro possui uma divulgação nas redes sociais, por meio da página de Facebook e *website* “Várzea dos Açores” ministrada por Luís Cordeiro. Para além disso, a festa é divulgada de forma oral pelo pároco da Igreja de Jesus Maria José.
-

9. ANEXO AUDIOVISUAL

- 9.1. Vídeo “Festa de São Lázaro do lugar da Várzea”, em apêndice
- 9.2. Registo fotográfico



Figura 143: Massas em formato de animais
Créditos fotográficos de Luís Cordeiro
2016



Figura 144: Arrematações após a Eucaristia da festa de São Lázaro
Créditos fotográficos de Luís Cordeiro
2015

10. INVENTÁRIO

10.1. Coletor: José Frias

10.2. Observações: Apesar de termos colocado a tradição em estado inativo, nos dois últimos anos, a festa não se realizou devido à indisponibilidade logística de oferecimento de uma casa para a confeção das massas. No ano de 2020, a Comissão Organizadora tinha conseguido a logística doada por uma família, sendo a realização certa. Devido ao contexto de pandemia de COVID-19 e de confinamento obrigatório, esta foi cancelada.

10.3. Data de Registo: 12/07/2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação: Os fenómenos devocionais dos Romeiros da Várzea
 - 1.2. Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos
 - 1.3. Categoria: Rituais coletivos
 - 1.4. Localização: Lugar da Várzea, freguesia de Ginetes, concelho de Ponta Delgada
-

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

- 2.1. Contexto Social: Toda a população masculina a partir dos 8 anos.
 - 2.2. Contexto Territorial: O contexto desta tradição alberga o lugar da Várzea da Freguesia de Ginetes, pertencente ao concelho de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel.
 - 2.3. Data de Realização: Durante as semanas da Quaresma.
 - 2.4. Contexto Temporal da Produção: 1962 – 2020
-

3. ESTADO

- 3.1. Atividade: Ativa
 - 3.2. Períodos de interrupção ou cessação: Não conhecido
-

4. CARACTERIZAÇÃO

4.1. Caracterização detalhada

O rancho de Romeiros da Várzea incorpora a tradição religiosa das romarias quaresmais que decorre em toda a ilha de São Miguel. Os Romeiros da Várzea têm saído, habitualmente, na primeira semana da Quaresma. O rancho é composto somente por homens, a partir dos oito anos e de qualquer localidade, sendo mais comum albergar indivíduos das freguesias de Ginetes e Mosteiros e da localidade da Várzea. Estes homens possuem um código de vestuário e acessórios próprios: um colete impermeável sobre os ombros e tronco, um lenço ao pescoço, uma cevadeira de pano para armazenar roupa e comida, um terço ao pescoço e outro na mão direita e um bastão de madeira com ponta de ferro na mão esquerda.

Cada romeiro ingressa por motivos pessoais, que vão do agradecimento pela sua vida ao cumprimento de promessas pessoais. Nestes termos, existe a promessa a pão e água que consiste em comer apenas pão de qualquer variedade em todas as refeições durante a semana.

A romaria é a execução de uma caminhada, no sentido do relógio, durante uma semana pelas casas de Nossa Senhora e templos de outras divindades da ilha de São Miguel. Durante a marcha de penitência, o grupo canta e reza por si, pelos seus e por quem lhes pede na rua. As salvas são executadas pelo alembrador das almas para solicitar a entrada e saída de um templo. Pernoitam nas casas dos residentes ou nos salões da freguesia, dando graças pela comida e conforto oferecido na forma de oração, em cartões de lembrança e, por vezes, em pequenos objetos construídos pelos próprios.

Os Romeiros da Várzea possuem três salvas específicas realizadas em honra dos padroeiros das Igrejas de São Sebastião dos Ginetes, de Nossa Senhora da Conceição dos Mosteiros e de Jesus Maria José da Várzea.

5. ASSOCIAÇÃO

- 5.1. Património Material associado: Não possui
- 5.2. Comunidades abrangidas: Comunidades da Várzea, de Ginetes e de Mosteiros
- 5.3. Indivíduos/Instituições envolvidas: Irmão Mestre Adelino Trindade e Contramestre Nuno Medeiros / Igreja de Jesus Maria José

6. HISTORIAL

- 6.1. Historial: O rancho de Romeiros da Várzea iniciou-se em 1962, após o término do rancho dos Ginetes que durou pouco tempo. Albergou durante algum tempo as comunidades de Ginetes, Várzea, Mosteiros e Sete Cidades e, atualmente, comporta apenas as três primeiras. O primeiro mestre foi Manuel Pavão Trindade seguindo-lhe no cargo Manuel de Medeiros Júnior, José Maria Carreiro Pereira, Luís Manuel Correia de Melo e Eduardo Garcia Oliveira. Atualmente, o Irmão Mestre é Adelino Garcia Trindade.
- 6.2. Fontes e Bibliografia: Leite, António. 2001. *Um Olhar de observação sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia da Junta de Freguesia de Ginetes / Recolha de testemunho de Adelino Trindade / Recolha de testemunho de José Rui

7. AMEAÇAS

- 7.1. Considerações: Uma das principais ameaças à atividade desenvolvida pelo rancho de Romeiros da Várzea é o seu pequeno número de integrantes que constitui, anualmente, o núcleo principal do grupo. Esse pequeno número faz com que seja difícil encontrar um substituto jovem ao Mestre, essencial à organização futura do rancho. A este problema anexam-se os compromissos laborais e escolares que, aliados à falta de tempo, tornam bastante difícil que algum homem assuma a responsabilidade no futuro. Por fim, o distanciamento religioso das gerações jovens é outro problema anexo que dificulta cada vez mais o rejuvenescimento do rancho.

8. DIVULGAÇÃO

- 8.1. Práticas: O rancho de Romeiros possui divulgação nas redes sociais, por meio da página de Facebook e *website* “Várzea dos Açores” ministrada por Luís Cordeiro. Para além disso, a transmissão da sua existência é feita de forma oral pela comunidade de Ginetes, Várzea e Mosteiros.

9. ANEXO AUDIOVISUAL

- 9.1. Vídeo “Rancho de Romeiros do Lugar da Várzea “, em apêndice
- 9.2. Registo Fotográfico



Figura 145: Saída do rancho de Romeiros da Várzea em Romaria
Créditos fotográficos de José Frias
2020



Figura 146: A fé na romaria
Créditos fotográficos de José Frias
2020

10. INVENTÁRIO

10.1.Coletor: José Frias

10.2.Observações: A primeira semana de romaria, na qual saiu o rancho de Romeiros da Várzea, procedeu-se antes da data de confinamento obrigatório devido à pandemia de COVID-19.

10.3.Data de Registo: 10/06/2020

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação: A festa da Banda Filarmónica Minerva
 - 1.2. Domínio: Expressões artísticas e manifestações de carácter performativo
 - 1.3. Categoria: Manifestações musicais e correlacionadas
 - 1.4. Localização: Freguesia de Ginetes, concelho de Ponta Delgada
-

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

- 2.1. Contexto Social: A comunidade dos Ginetes e a Banda Filarmónica Minerva.
 - 2.2. Contexto Territorial: O contexto desta tradição alberga a freguesia de Ginetes, concelho de Ponta Delgada.
 - 2.3. Data de realização: Primeiro fim de semana de agosto
 - 2.4. Contexto Temporal da Produção: 1968 – 2019
-

3. ESTADO

- 3.1. Atividade: Ativa
 - 3.2. Períodos de interrupção ou cessação: Interrompida em 2020
-

4. CARACTERIZAÇÃO

- 4.1. Caracterização detalhada

A Festa da Banda Filarmónica Minerva realiza-se no primeiro fim de semana de agosto. Inicia-se na quinta-feira, com uma exibição de um conjunto musical ou um concerto de uma outra Banda Filarmónica. A sexta-feira, ligada à juventude, contém a vinda de um DJ externo. No sábado, ocorrem as tradicionais cantigas ao desafio. No domingo, ocorre a eucaristia em memória aos músicos falecidos e o cortejo etnográfico, composto por carros alegóricos organizados e realizados pela vontade da comunidade da freguesia dos Ginetes, e pela atuação da Banda Filarmónica Minerva. Depois do cortejo, decorre uma ida ao cemitério para prestar mais uma homenagem aos músicos falecidos. Na segunda-feira, a tarde é dedicada às crianças e, por fim, decorre o concerto à noite da Banda Filarmónica Minerva.

5. ASSOCIAÇÃO

- 5.1. Património Material associado: Instrumentos
 - 5.2. Comunidades abrangidas: Comunidade de Ginetes
 - 5.3. Indivíduos/Instituições envolvidas: Banda Filarmónica Minerva
-

6. HISTORIAL

- 6.1. Historial: A Banda Filarmónica Minerva é uma instituição criada por volta de 1905 e 1906, com ajuda de José Maria Raposo de Amaral. Desde a fundação, terá participado nos diversos serviços internos, tais como os Impérios do Divino Espírito e procissões, bem como idas a convite a outras ilhas do Arquipélago dos Açores, a Portugal Continental e à Diáspora. A Festa surgiu em 1968 mantendo,

aparentemente, o mesmo programa desde a sua criação. Ganhou especial relevo durante a primeira década do século XXI, com a vinda de diversos grupos filarmónicos das restantes ilhas açorianas, do continente e da Diáspora com receção do Governo Regional dos Açores em algumas ocasiões.

- 6.2. Fontes e Bibliografia: Livros de Atas de Assembleia e Atas da Direção de [1939-2020] / Leite, António Ferreira. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia de Freguesia de Ginetes. / Ponte, Alberto. “António Costa: O Presidente da Filarmónica Minerva”. *Correio dos Açores*: 2 de agosto de 2020, Ano 100 número 32197.

7. AMEAÇAS

- 7.1. Considerações: As principais ameaças à Festa da Banda são as mesmas que afligem o próprio grupo filarmónico que consiste na perda de interesse dos jovens, derivado ao surgimento de outros afazeres nos tempos livres como a *Internet* e videojogos. A imposição parental para a desistência dos filhos devido a problemas na vida escolar é um outro grande problema. Anexo à dificuldade em manter os membros jovens, o grupo apresenta problemas em possuir músicos adultos pelas responsabilidades laborais.

8. DIVULGAÇÃO

- 8.1. Práticas: A Banda Filarmónica Minerva, para além da divulgação oral comunitária, utiliza as redes sociais com o seu nome para comunicar a sua existência e a o programa da festa. Também faz uso das presenças em serviços comunitários e nas Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada para promover-se.

9. INVENTÁRIO

- 9.1. Coletor: José Frias
- 9.2. Observações: Devido à pandemia de COVID-19, a Festa da Banda foi cancelada e não decorreu no ano de 2020. Tirando este período de interrupção, é provável que a Festa nunca tenha tido outro período de interrupção, mesmo durante a paragem de atividade da Banda entre o fim dos anos 60 e virada para os anos 70, já que a tradição surgiu durante este período.
- 9.3. Data de Registo: 10/06/2020

10. ANEXOS AUDIOVISUAIS

- 10.1. Vídeo “Banda Filarmónica Minerva”, em apêndice

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Denominação: As práticas sociais do Espírito Santo
- 1.2. Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos
- 1.3. Categoria: Festividade Cíclica
- 1.4. Localização: Freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, concelho de Ponta Delgada

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

- 2.1. Contexto Social: Comunidade da freguesia de Ginetes e lugar da Várzea
- 2.2. Contexto Territorial: Freguesia de Ginetes e lugar da Várzea
- 2.3. Data de realização: Do domingo de Pentecostes ao domingo de São Pedro
- 2.4. Contexto de Produção: Século XVI - 2019

3. ESTADO

- 3.1. Atividade: Ativo
- 3.2. Período de interrupção ou cessação: Desconhecido

4. CARACTERIZAÇÃO

- 4.1. Caracterização detalhada

O Império do Divino Espírito Santo possui duas formas de organização denominadas de Império Grande, descrita abaixo, a Compostura. Esta contém apenas os mesmos procedimentos religiosos realizados no segundo fim de semana e um pequeno almoço nesse sábado com pessoas próximas em sua casa.

O mordomo é escolhido por nomeação com autorização prévia. Nesse mesmo evento, que ocorre no fim do Império vigente um ano antes, são retiradas as sortes para as seis Domingas que correspondem às pessoas que querem albergar uma Bandeira e uma Coroa durante uma semana em sua casa. A única exceção é a primeira pessoa nomeada que fica com a Bandeira e Coroa do Espírito Santo durante todo o ano até à sétima ou sexta semana anterior ao início do Império. A partir daí a cada domingo, os objetos passam pelas cinco pessoas seguintes. Quinze dias antes do Império, tradicionalmente, o mordomo vai buscar a Coroa e a Bandeira para rezarem o terço durante toda a semana antes do Império ou, no caso irem buscar na semana da festividade, rezam-na durante aquela semana.

A organização do Império inicia-se com a procura de criadores a dinheiro, que pagam 125 euros ao mordomo, e criadores de gado, que tem a função de criar os animais adquiridos pelo mordomo nas suas terras durante o ano. Ambos os criadores recebem uma pensão de carne, massa e vinho durante semana do Império. Também existem os irmãos que pagam metade do valor de criador a dinheiro e recebem metade da pensão. Por fim, existem as esmolas que consistem em doações das pensões, durante a semana do Império, por parte do mordomo para os casos mais carenciados da freguesia.

A segunda fase da organização passa por contratar cantadores e um cozinheiro iniciando a preparação dos diversos elementos necessários à efetuação do Império. Em fevereiro e março decorre o Dia das Achas e o Dia das Varas. O primeiro corresponde à busca de madeira para a confeção da comida e o segundo à madeira de criptoméria para construir o edifício que alberga a festa. Este edifício é conhecido por caramanchão e deve ocupar uma área grande o suficiente para conter uma grande área de refeição para centenas de

pessoas, a cozinha e, se possível, o altar para as Coroas e Bandeiras denominado Quarto do Espírito Santo. No lugar da Várzea decorre, dois meses antes do Império, o Tirar à Bandeira que consiste na ida do mordomo pelas residências da localidade em busca de doações de géneros ou dinheiro para o Império.

A semana da festividade inicia-se num domingo onde decorre a abertura do Quarto do Espírito Santo. No mesmo dia, durante a tarde, acontece a Recolha do Gado que consiste na busca do gado decorado pela freguesia, acompanhados pela folia para agradecer aos criadores até ao adro da Igreja de São Sebastião. Depois disso, os animais são levados ao matadouro e voltam em arcas congeladoras na terça-feira. Na quarta-feira ocorre um almoço para crianças, professores e idosos da comunidade e a bênção da carne e da massa pelo padre e inicia-se a sua distribuição até ao sábado. Nesse sábado, efetua-se a entrega das esmolas e dá-se a Ceia dos Criadores e Irmãos no caramanchão. No domingo, sucede a procissão rumo à missa, que sai do local de onde se encontra o Quarto do Espírito Santo, sendo acompanhada pela Banda Filarmónica Minerva. Nela ocorre a coroação na Igreja de São Sebastião, O coroadado, normalmente, é um menino ou menina com ligações familiares ao mordomo e, tradicionalmente, são coroadas diversas crianças mediante as Coroas presentes no evento. Após isso, sucede um almoço apenas com os presentes da eucaristia. Ao final da tarde de domingo, o mordomo declara o nome do próximo organizador e retiram-se as sortes para as Domingas do ano seguinte.

No Império de São João, que ocorre uma semana antes da Festa de São João, ocorre uma nova coroação durante a missa no Pico das Camarinhas com a presença do novo mordomo do ano seguinte ou, em caso de não haver um novo organizador, com o antigo.

5. ASSOCIAÇÃO

- 5.1. Património Material associado: Igreja de São Sebastião, Teatros do Espírito Santo, Bandeiras do Espírito Santo e Coroas do Espírito Santo
- 5.2. Comunidades abrangidas: Comunidade dos Ginetes e Várzea
- 5.3. Indivíduos/Instituições envolvidas: Comunidade dos Ginetes/ Mordomos nomeados

6. HISTORIAL

6.1. Historial

Os Impérios ao Divino Espírito Santo, nos Ginetes e na Várzea, foram provavelmente criados durante o século XVI. Existem cinco impérios nesta localidade: o Império de Pentecostes, na Lomba de Cima e de Baixo e no lugar da Várzea; o Império de São Pedro na Rua do Moio; o Império da Trindade na Rua da Canada e, por fim, o Império de São João no centro de Ginetes.

O Império de Pentecostes decorreu durante algum tempo nas terras da família Raposo de Amara, conhecidas como Casa do Monte, passando, durante o Século XX, para a Lomba de Cima e Lomba de Baixo que usam um Teatro edificado por um antigo Império de rapazes. Antigamente, albergava o centro dos Ginetes nas suas festividades.

O Império da Trindade ocorreu, primariamente, como um Império de crianças. Depois, um residente adulto da rua pegou no Império, comprou uma Coroa e mandou edificar um Teatro defronte à sua casa. Durante o Século XX, esteve parcialmente interrompido, com a sua Coroa salvaguardada na Igreja e foi levantado em 1997 após a pretensão de um residente que recuperou a Coroa e fez um peditório pela rua com intuito de comprar uma nova Bandeira. Mais tarde, a Junta de Freguesia reconstruiu o Teatro no mesmo lugar do primitivo.

O Império de São João terá sido iniciado após os terramotos de 1811, que se sentiram na região. Segundo a Lenda de São João, após a promessa realizada junto ao Pico das Camarinhas, ergueu-se um Teatro na Rua do Moio e houve Império nesse mesmo ano. Atualmente, o seu “Teatro” é o edifício da Junta de Freguesia de Ginetes e pode ser realizado por residentes da zona descrita por centro dos Ginetes.

O Império de São Pedro iniciou-se após os residentes da Rua do Moio, fartos de suportar economicamente o Império de São João, comprarem uma Coroa e uma Bandeira e usufruem do Teatro construído na rua.

- 6.2. Fontes e Bibliografia: Leite, António. 2001. *Um Olhar de Observação Sobre os Ginetes*. Ponta Delgada, Assembleia da Junta de Freguesia de Ginetes. / Testemunho Audiovisual de Ricardo Diógenes e Leopoldo Pavão

7. AMEAÇAS

- 7.1. Considerações: O crescente desinteresse por manifestações religiosas por parte das gerações mais jovens da freguesia de Ginetes e lugar da Várzea, em conjunto com os elevados custos económicos associados à tradição tem feito com que se realize cada vez menos Impérios Grandes.

8. DIVULGAÇÃO

- 8.1. Práticas: Os Impérios do Divino Espírito Santo são divulgados de maneira oral nas Freguesias. Os mordomos, a cada ano, realizam um pequeno folheto com o agendamento do seu Império.

9. ANEXO AUDIOVISUAL

- 9.1. Vídeo “Festas de Divino Espírito Santo nos Ginetes e Várzea”, em apêndice

- 9.2. Registo Fotográfico



Figura 147: Zona exterior do caramanchão
Créditos fotográficos de José Frias
2019



Figura 148: Gado decorado para a Recolha do Gado
Créditos fotográficos de Ricardo Diógenes
2015

10. INVENTÁRIO

10.1 Coletor: José Frias

10.2 Observações: Devido à pandemia COVID 19, todos os Impérios do Divino Espírito Santo foram cancelados em 2020.

10.3 Data de Registo: 12/07/2020

ANEXO FOTOGRÁFICO

—Amanhã 21 do corrente, haverá a costumada romaria de S. Lazaro á Igreja da Varzea, havendo de tarde arrematação e pratica quaresmal pelo cura rev.º sr. Francisco Xavier d'Aguiar Vaz Pacheco de Castro pelas 4 horas.

Figura 149: Celebração da festa de São Lázaro em 21 de março de 1920
Fonte: Diário dos Açores

—Foi criada canonicamente uma nova paróquia no lugar da Varzea ficando anexa a esta o povoado das Sete Cidades; para festejar este fato prepararam-se ali, grandes festejos no dia 25 do corrente, tendo já começado a novena, prégando 6 dias o rev.º cura proprio sr. Francisco Xavier Vaz P. de Castro e nos 3 dias ultimos o rev.º sr. José Gomes, havendo no dia 25 festa solene em que prégará aquele sr., e na vespera á noite arraial, fogo preso, sermão e benção solene do Santissimo.

Figura 150: Criação da Paróquia na Várzea a 25 de janeiro de 1920
Fonte: Diário dos Açores



Figura 151: Antiga placa de Azulejo do Teatro da Lomba de Cima
Fonte: Google Maps
2010



Figura 152: Antigo Teatro do Monte
Créditos fotográficos de Isabel Albergaria
2000

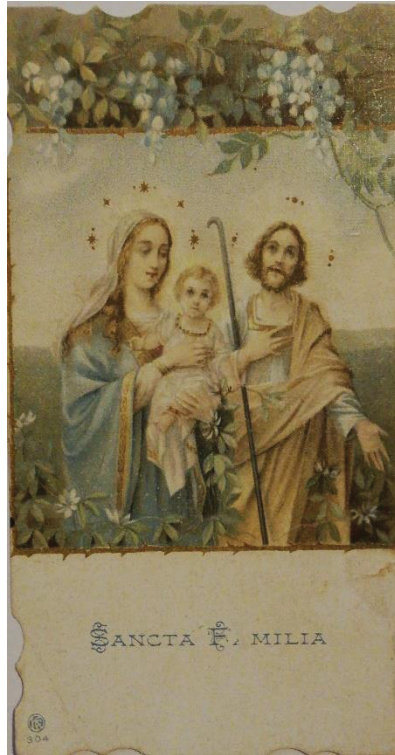


Figura 153: Capa da pagela da elevação da Paróquia da Várzea
Créditos fotográficos de Luís Cordeiro
2020

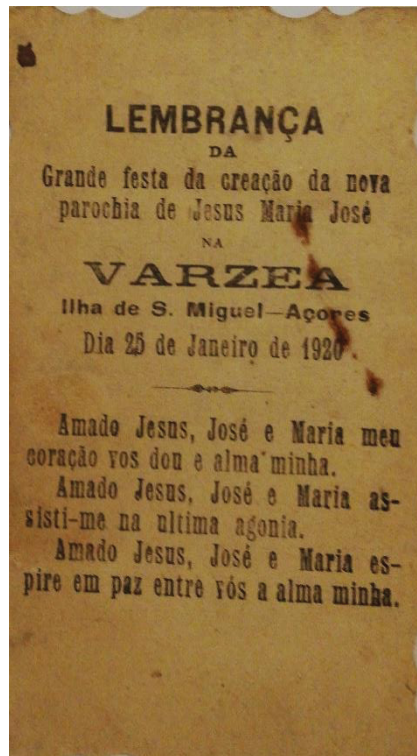


Figura 154: Verso da pagela da elevação da Paróquia de Jesus Maria José
Créditos fotográficos de Luís Cordeiro
2020

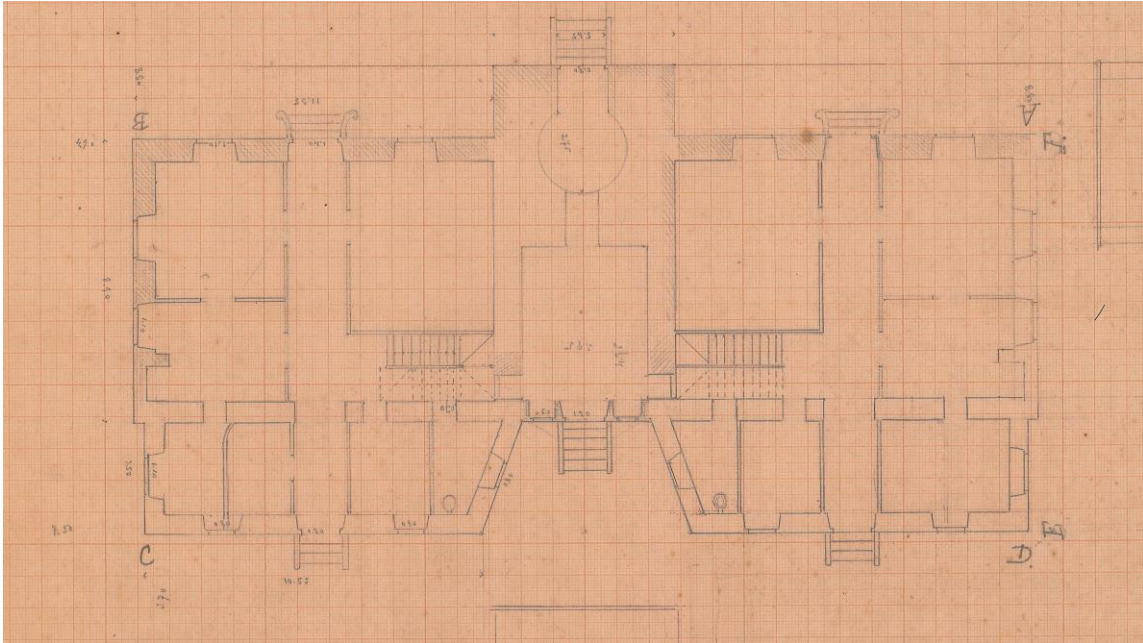


Figura 155: Rascunho do 1º andar do Farol da Ferraria
Créditos fotográficos de Secretaria Regional de Obras Públicas e Transportes
Ano desconhecido

SALVA DE NOSSA SNHORA DA CONCEIÇÃO

1ª

Senhora da Conceição Rainha e Sobrana
Que antes de ser nascida
Fostes virgem e concebida
Do ventre ditoso de Ana
Mais castra que Susana
Mais santa que Isabel
Não á outra que te imite
Mais forte que Judite
Mais santa que Raquel

2ª

Salva ó grande anunciação
Que o anjo vos veio trazer
Que mãe avias de ser
Do Deus da salvação
Com esta anunciação
Vos disse o anjo santo
És a beleza és o encanto
És um vidro que nunca embaças
Vós sois mãe por graça
Por obra do espirito santo

3ª

No vosso divino colo
Nos mostrastes o resplendor
Mais brilhante que o sol
Um luminoso farol
Das trevas ás escuras
Assim como das nuvens pura
Sois a divina aurora
Bendita sejais senhora
Entre todas as criaturas

4ª

Salva ó grande virginal
Filha do pai querida
A onde foi nascida
Sem pecado original
Vaso espiritual
Fonte da santidade
És a mãe da humanidade
És a pureza és o exemplo
És do sagrado templo
Da santíssima trindade

5ª

Ó virgem da santidade
Que no céu foi parecida
Do sol vinha vestida
Da lua vinha calçada
Por doze estrelas vinha croada
Dos mais bonitos arranjos
Pelos santos e arcanjos
Estais sendo louvada
Á direita de Deus pai
Como a rainha dos anjos

6ª

Pelo vosso poder infinito
Peditu ao filho bendito
Pelos pecadores e por mim
Para termos a feliz vitória
Gozando a interna glória
Por todos os séculos sem fim

Figura 156: Salva de Nossa Senhora da Conceição
Fonte: Livro de Orações do rancho de Romeiros da Várzea
2020

SALVA DE SÃO SEBASTIÃO

1ª

Salva o grande militar
Senhor são Sebastião
Dei alma e coração
De pela pátria lutar
Sem nunca vos faltar
As vitórias que nos mostrais
Porque és a luz que brilhais
Guerreiro e triunfante
Capelão e comandante
Das tropas imperiais

2ª

A Deus pai e rei sobrano
Sua doutrina cumpriste
Tantos índios destruistes
No império romano
Mas de ano para ano
Os pagões vos odiaram
Contra vós se revoltarem
Grandes martírias vos derem
Iresias que vos fizeram
Que até por morto vos deixaram

3ª

Mas tornastes a ressuscitar
Como um acto milagroso
Nosso corpo glorioso
Sem as forças vos faltar
E tornastes a ir lutar
Pelos pagões fostes visto
E no estado mais triste
A uma laranjeira vos amarraram
Setas vos atiraram
Morrestes por amor a Cristo

4ª

São Sebastião tanto passou
Tanta dor tanto martírio
Dando o último suspiro
Sua alma ao céu voou
Aonde Deus levou
Naquele tão ditoso dia
Alma de tanta valia
Que dos céus fostes herdeiro
Também és o padroeiro
Desta nobre freguesia

Figura 157: Salva a São Sebastião
Fonte: Livro de Orações do rancho de Romeiros da Várzea
2020

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal